

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
MESTRADO EM GEOGRAFIA

A ATIVIDADE DE CONFECÇÃO ARTESANAL DE
REDES-DE-DORMIR — COMO ESTRATÉGIA DE
SOBREVIVÊNCIA — E A ORGANIZAÇÃO DO
ESPAÇO EM PEDRO II.



José Luis Lopes Araújo

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

RECIFE
1985

A ATIVIDADE DE CONFECCÃO ARTESANAL DE
REDES-DE-DORMIR - COMO ESTRATÉGIA DE
SOBREVIVÊNCIA - E A ORGANIZAÇÃO DO
ESPAÇO EM PEDRO II

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
MESTRADO EM GEOGRAFIA

A ATIVIDADE DE CONFECCÃO ARTESANAL DE
REDES-DE-DORMIR - COMO ESTRATÉGIA DE
SOBREVIVÊNCIA - E A ORGANIZAÇÃO DO
ESPAÇO EM PEDRO II

José Luis Lopes Araújo

Dissertação apresentada ao curso de
Mestrado em Geografia da UFPE, para
obtenção do título de Mestre em Geo
grafia.

ORIENTADORA: Drª Tânia Bacelar de Araújo

Recife

1985

910.133 081 22

APADJO, José Luis Lopes

A atividade de confecção artesanal de redes-
-de-dormir.- como estratégia de sobrevivência -
e a organização do espaço em Pedro II. Recife,
UFPe, 1985.

291 p.

Tese - Mestrado

1. GEOGRAFIA ECONÔMICA - PIAUI

I. Título.

Dedico este trabalho:

aos pais *Zê Joca e Francisca;*

aos irmãos *Rozilda, Maninha, Diassis, Adrualdo ,
Lourival, Oswaldo, Hermes, Francisqui
nha, Socorrinha, Joãozinho e Lucinha;*

aos avôs *Chiquinha e Joca (in memória)*

ã tia *Dodô, madrinha Neide* e ao meu primeiro so
brinho *Eduardo;*

ã futura companheira *Teresinha;*

ao Sr. *Agapto Viana e Família;*

às *tecelas de Pedro II.*

A G R A D E C I M E N T O S

À Profª Tânia Bacelar de Araújo, da Universidade Federal de Pernambuco, pela orientação segura e incentivo que tornaram possível a concretização deste trabalho.

Ao Prof. Fernando Dib Tajra, da FUFPI, e, a Profª Rosa Ester Rossini, da USP, pelas valiosas sugestões quando da elaboração do projeto inicial.

Ao Prof. Manoel Correia de Andrade, pelo estímulo sempre presente, desde o início do curso à realização do presente trabalho.

À Sileide Maria Falcão de Oliveira, Estatística da SUDENE, pela contribuição no desenho da amostragem para a pesquisa de campo.

A Paulo Afonso Mendes de Alencar e Herbert Menezes dos Santos, do Núcleo de Processamento de Dados da FUFPI que, com rara dedicação profissional, deram valiosa contribuição para este trabalho na elaboração do questionário, na programação e resultados finais da pesquisa de campo.

À Profª Maria de Lourdes Pereira Dourado Magalhães, do Colégio Estadual "Belvídio Nunes", pelas valiosas críticas e revisão final desta dissertação.

À Antonia Maria Melo Cunha, Bibliotecária da FUFPI, pela organização das referências bibliográficas.

À Mariazinha Santos, pelos trabalhos datilográficos e a Afonso Cezar, pela reprodução, em papel vegetal, das figuras elaboradas.

Aos ex-alunos Teresinha Santos e José Antonio Neto, pela organização e tabulação de dados colhidos junto aos Censos da Fundação IBGE.

Ao Sr. Francisco Barros, ex-prefeito de Pedro II, que no exercício do cargo em 1982, prestou valiosa colaboração ao financiar as viagens durante a pesquisa de campo.

Aos ex-colegas do curso de Mestrado em Geografia da UFPe, e aos amigos e colegas de trabalho do Departamento de Geografia e História da FUFPI, pelo incentivo, apoio e sugestões no decorrer da realização deste trabalho.

Ao amigo Milcíades Cândido dos Santos, pelo valioso apoio durante a realização deste trabalho.

Ao Sr. Agapto Viana e família, pelo apoio logístico, afetivo e as ricas informações oferecidas, durante todos esses anos.

A todos - órgãos e pessoas - que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

E, finalmente a cada um dos membros da família, pelo efetivo e decisivo apoio, não só afetivo, mas também na dedicação de horas e dias de trabalho em torno dessa dissertação, fato que permitiria caracterizá-la como um "produto artesanal".

S U M Á R I O

| | Pág. |
|--|------|
| AGRADECIMENTOS | 03 |
| LISTA DE FIGURAS | 06 |
| LISTA DE FOTOGRAFIAS | 08 |
| LISTA DE TABELAS | 10 |
| LISTA DE ANEXOS | 15 |
| RESUMO | 16 |
| MOVIMENTO DAS TECELÃS DE REDE DE NOSSA TERRA | 17 |
| INTRODUÇÃO | 23 |
| ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA | 33 |
| PRIMEIRA PARTE - ESTRUTURA DA ATIVIDADE DE CONFECÇÃO DE REDES EM PEDRO II | |
| CAPÍTULO I - PROCESSOS DE PRODUÇÃO DE REDES EM PEDRO II | 43 |
| 1. INSTRUMENTOS DE TRABALHO | 46 |
| 2. MATÉRIAS-PRIMAS | 50 |
| 3. PROCESSOS TÉCNICOS | 51 |
| 4. FORÇA DE TRABALHO | 58 |
| CAPÍTULO II - O GRUPO FAMILIAR (DOMÉSTICO) COMO U NIDADE DE PRODUÇÃO DE REDES, EM PEDRO II | 73 |
| 1. ESTRUTURA DEMOGRÁFICA | 73 |
| 1.1. Estrutura por sexo e idade..... | 74 |

| | |
|--|-----|
| 1.2. Composição do grupo familiar... | 78 |
| 2. ESTRUTURA ECONÔMICA | 80 |
| 3. ESTRUTURA EM TORNO DA ATIVIDADE DE TECELAGEM | 85 |
| 4. UTILIZAÇÃO DE FORÇA DE TRABALHO <u>ES</u> TRANHA AO GRUPO FAMILIAR | 91 |
| CAPÍTULO III - PROCESSOS DE COMERCIALIZAÇÃO NA ATIVIDA <u>A</u> DE DE CONFECÇÃO DE REDES EM PEDRO II... | 99 |
| 1. FORNECIMENTO DAS MATÉRIAS-PRIMAS.... | 100 |
| 2. COMERCIALIZAÇÃO DAS REDES | 111 |
| 2.1. Principais formas | 111 |
| 2.2. Lucratividade ao nível do produ <u>tu</u> tor | 121 |
| SEGUNDA PARTE - A ATIVIDADE DE CONFECÇÃO DE REDES-DE- DORMIR E A DINÂMICA DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO EM PEDRO II | |
| CAPÍTULO IV - FUNDAMENTOS DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NO PIAUI | 142 |
| CAPÍTULO V - FUNDAMENTOS DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO EM PEDRO II | |
| 1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCES <u>S</u> SO DE OCUPAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E CONSO <u>L</u> LIDAÇÃO DO MUNICÍPIO | 154 |
| 2. PARTICIPAÇÃO DOS ELEMENTOS DO QUADRO NATURAL | 159 |
| 3. PARTICIPAÇÃO DOS ELEMENTOS DA DINÂMI <u>C</u> CA POPULACIONAL | 163 |

| | |
|--|-----|
| 3.1. Distribuição territorial..... | 163 |
| 3.2. Crescimento | 164 |
| 3.3. Movimentos migrat6rios | 167 |
| 3.4. Estrutura et6ria | 171 |
| 3.5. Popula76o economicamente ativa. | 172 |
| 4. PARTICIPA76O DOS ELEMENTOS CARACTERI ZADORES DAS CONDI76OES DE VIDA DA PO PULA76O | 178 |
| 5. PARTICIPA76O DOS ELEMENTOS CARACTERI ZADORES DAS ATIVIDADES ECON6MICAS TRADICIONAIS | 202 |
| 5.1. Produ76o agropecu6ria e extrat ⁱ va vegetal | 203 |
| 5.1.1. Valor da produ76o ...:... | 203 |
| 5.1.2. Estrutura fundi6ria..... | 209 |
| 5.1.3. Utiliza76o da terra | 220 |
| 5.1.4. Condi76o do produtor.... | 223 |
| 5.2. Ind ^u stria, com6rcio e outros ser vi76os | 226 |
| 6. PARTICIPA76O DA ATIVIDADE DE CONFEC 76O ARTESANAL DE REDES-DE-DORMIR.... | 230 |
| CONCLUS6ES | 248 |
| ANEXOS | 251 |
| REFERENC ⁱ AS BIBLIOGR6FICAS | 284 |

LISTA DE FIGURAS

| | pág. |
|--|------|
| 1. Estado do Piauí - Mapa de localização do município de Pedro II | 24 |
| 2. Primeira divisão do município de Pedro II, para a efetivação da pesquisa de campo | 35 |
| 3. Divisão do município de Pedro II em quadrículas numeradas para fins de sorteio das áreas a serem visitadas | 36 |
| 4. Localizações das áreas do município de Pedro II, visitadas na realização da pesquisa de campo... | 37 |
| 5. Determinação de faixas no município de Pedro II, por ordem de afastamento da zona urbana..... | 40 |
| 6. Distribuição territorial dos grupos familiares (pesquisados) produtores de rede, em Pedro II, conforme o tipo de rede produzida | 59 |
| 7. Discriminação das fases do processo de confecção artesanal de rede-de-dormir em Pedro II ... | 60 |
| 8. Distribuição da população ocupada na atividade de confecção de redes, em Pedro II, segundo o sexo, conforme participação total, nas diferentes tarefas e número de horas de trabalho / semana | 87 |
| 9. Distribuição territorial dos grupos familiares (pesquisados) produtores de rede, em Pedro II, | |

| | Pág. |
|---|------|
| segundo as formas de venda | 115 |
| 10. Fluxograma da produção x comercialização, na <u>a</u> atividade de confecção artesanal de redes-de-dor mir, em Pedro II | 133 |
| 11. Distribuição territorial da população do municí pio de Pedro II, em 1980 | 165 |
| 12. Distribuição da população economicamente ativa, ocupada, em 1980 por setores de atividade, se gundo o sexo: Piauí e Pedro II, em 1980..... | 174 |
| 13. Distribuição da população de 10 anos e mais , por sexo, segundo principal atividade econômica, no município de Pedro II | 181 |
| 14. Distribuição territorial dos grupos familiares (pesquisados) produtores de rede, em Pedro II, conforme a importância econômica que atribuem a essa atividade | 190 |
| 15. Valor da produção animal e vegetal: Piauí e Pe dro II - 1970, 1975 e 1980 | 204 |
| 16. Distribuição territorial dos títulos de proprie dades territoriais rurais em Pedro II (1978)... | 219 |
| 17. Utilização da terra: Piauí e Pedro II - 1970, 1975 e 1970 | 221 |
| 18. Identificação das áreas de efetiva ocorrênci da atividade de confecção de redes | 234 |

LISTA DE FOTOGRAFIAS

| | Pág. |
|---|------|
| 1. Capa | |
| 2. Tear de parede: Destaque para a grade principal | 61 |
| 3. Tear de parede: Destaque as demais peças | 61 |
| 4. Tear de pé | 62 |
| 5. Tear de pê | 62 |
| 6. Viramundo de desenovelar fio - modelo composto | 63 |
| 7. Viramundo de desenovelar fio - modelo com carre tel | 63 |
| 8. Panela de ferro | 64 |
| 9. Tear de fazer franja | 64 |
| 10. Viramundo de desmanchar meadas | 65 |
| 11. Viramundo de desmanchar meadas | 65 |
| 12. Carretel de fazer punho | 66 |
| 13. Carretel de fazer punho | 66 |
| 14. Fuso manual | 67 |
| 15. Suporte para fazer grade à mão | 67 |
| 16. Almofada de bilros | 68 |
| 17. Grade para encher "grade" | 68 |
| 18. Agulhas de crochê | 69 |
| 19. Agulhas de crochê | 69 |

| | |
|---|-----|
| 20. Lançadeiras | 70 |
| 21. Canelinha | 70 |
| 22. Como chega o fio na cidade | 134 |
| 23. Maneira mais comum, como as teceloas levam o fio para casa | 134 |
| 24. Detalhes da feira | 135 |
| 25. Detalhe da feira | 135 |
| 26. Vendedor de peças para o tear de pê | 136 |
| 27. Vendedeira de grade | 136 |
| 28. Teceloas a caminho da feira | 137 |
| 29. Teceloas retornando da feira | 137 |

LISTA DE TABELAS

| | Pág. |
|--|------|
| 1. ESTRUTURA DOS GRUPOS DE IDADE, POR SEXO, SEGUN <u>D</u> DO SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO (Percentagens)..... | 76 |
| 2. ESTRUTURA ETÁRIA POR SEXO, SEGUNDO SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO (Percentagens) | 77 |
| 3. DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS FAMILIARES, SEGUNDO O NÚMERO DE MEMBROS COM 18 ANOS E MAIS (Percenta <u>g</u> ens) | 78 |
| 4. POPULAÇÃO MASCULINA: ESTRUTURA ECONÔMICA DE CA <u>D</u> A FAIXA ETÁRIA, SEGUNDO A ATIVIDADE PRINCIPAL. | 82 |
| 5. POPULAÇÃO FEMININA: ESTRUTURA ECONÔMICA DE CADA FAIXA ETÁRIA, SEGUNDO A ATIVIDADE PRINCIPAL.... | 83 |
| 6. DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS DOMÉSTICOS, PRODUTORES DE REDE SEGUNDO A RELAÇÃO ENTRE O NÚMERO DE PES <u>S</u> SOAS OCUPADAS POR ATIVIDADE E O NÚMERO DE MEM <u>B</u> BROS COM 5 ANOS E MAIS (Percentagens)..... | 92 |
| 7. DISTRIBUIÇÃO DOS PRODUTORES DE REDE, QUE CONTRA <u>T</u> TAM SERVIÇOS DE TERCEIROS, SEGUNDO CLASSES DE QUANTIAS PAGAS/TAREFA | 96 |
| 8. ENTRADA DE FIO DE ALGODÃO EM PEDRO II, DE JAN/ 77 A MAR/82 POR COMERCIANTES (Percentagens).... | 102 |
| 9. ENTRADA DE LINHA, EM PEDRO II, DE JAN/77 A MAR/ 82, POR COMERCIANTES | 103 |

| | |
|--|-----|
| 10. DISTRIBUIÇÃO DOS PRODUTORES DE REDE EM PEDRO II, SEGUNDO VOLUME DE AQUISIÇÃO SEMANAL DE FIO | 105 |
| 11. DISTRIBUIÇÃO DOS PRODUTORES DE REDE EM PEDRO II, SEGUNDO VOLUME DE AQUISIÇÃO SEMANAL DE LINHA... | 105 |
| 12. DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS FAMILIARES PRODUTORES DE REDE EM PEDRO II, SEGUNDO FORMAS DE PAGAMENTO DE INSUMOS | 107 |
| 13. DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS PRODUTORES DE REDE EM PEDRO II, CONFORME A PRINCIPAL FORMA DE VENDA.. | 112 |
| 14. DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS FAMILIARES PRODUTORES DE REDE, SEGUNDO FORMAS DE VENDA E REMUNERAÇÃO POR TIPO DE REDE CONFECCIONADA COM FIO..... | 123 |
| 15. DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS FAMILIARES PRODUTORES DE REDE "DE LINHA" E "SOL A SOL" (DE BRINS), SEGUNDO FORMAS DE VENDA E REMUNERAÇÃO | 124 |
| 16. EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE FUMO, AGUARDENTE E RAPADURA DE 1940 a 1980 | 157 |
| 17. POPULAÇÃO TOTAL E POR SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO DO PIAUÍ E PEDRO II - 1970 e 1980 | 166 |
| 18. POPULAÇÃO RESIDENTE, POR MIGRAÇÃO NO MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA ATUAL - PIAUÍ E PEDRO II - 1980.. | 169 |
| 19. NÃO NATURAIS DO MUNICÍPIO POR SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO ANTERIOR - PIAUÍ E PEDRO II - 1980..... | 170 |
| 20. NÃO NATURAIS DE PEDRO II, CONFORME ORIGEM E SITUAÇÃO ATUAL DO DOMICÍLIO (Percentagens)..... | 170 |

| | |
|--|-----|
| 21. DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO - PIAUÍ E PEDRO II - 1980 | 171 |
| 22. POPULAÇÃO DE 10 ANOS E MAIS E POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA - PIAUÍ E PEDRO II - 1980..... | 172 |
| 23. TOTAL DE POPULAÇÃO OCUPADA E POPULAÇÃO OCUPADA EM INDÚSTRIAS, EM PEDRO II E NOS MUNICÍPIOS QUE POSSUEM OS PRINCIPAIS CENTROS URBANOS DO PIAUÍ, EM 1980 | 177 |
| 24. DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS FAMILIARES, SEGUNDO O TEMPO DE FORMAÇÃO E FORMAS DE COMPOSIÇÃO..... | 181 |
| 25. DISTRIBUIÇÃO DAS PESSOAS DE 10 ANOS E MAIS, SEGUNDO CLASSES DE RENDA MENSAL - PIAUÍ E PEDRO II, 1980 (Percentagens) | 185 |
| 26. DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS FAMILIARES, SEGUNDO CLASSES DE RENDA MENSAL COM REDE E OUTRAS FONTES (declaradas) POR ZONA | 186 |
| 27. DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS FAMILIARES, CONFORME SUA VINCULAÇÃO A SEGUROS SOCIAIS (Percentagens) | 191 |
| 28. DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS FAMILIARES, SEGUNDO AS CONDIÇÕES DA CASA DE RESIDÊNCIA | 194 |
| 29. DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS FAMILIARES, SEGUNDO CONSUMO SEMANAL DE CARNE E TIPO CONSUMIDO (Percentagens) | 195 |
| 30. DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS FAMILIARES, SEGUNDO A POSSE DE BENS IMÓVEIS POR ZONA (Percentagens).. | 196 |
| 31. DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS FAMILIARES, SEGUNDO A | |

| | |
|---|-----|
| POSSE DE BENS DE CONSUMO DURÁVEIS | 197 |
| 32. DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS FAMILIARES, SEGUNDO POSSES EM CADA TIPO DE REBANHO | 198 |
| 33. PERCENTAGENS DOS GRUPOS QUE AUFERIAM ALGUMA RENDA COM PRODUTOS EXTRATIVOS VEGETAIS E IMPORTÂNCIA DO SETOR | 199 |
| 34. VALOR DA PRODUÇÃO DE ORIGEM VEGETAL - PIAUÍ E PEDRO II, 1970; 1975 E 1980 | 207 |
| 35. PRINCIPAIS REBANHOS DO PIAUÍ E PEDRO II, 1970 ; 1975 E 1970 | 209 |
| 36. DISTRIBUIÇÃO DOS IMÓVEIS RURAIS, E DOS SEUS PROPRIETÁRIOS SEGUNDO GRUPOS DE ÁREA | 212 |
| 37. DISTRIBUIÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS AGRÍCOLAS, SEGUNDO GRUPOS DE ÁREA, PIAUÍ E PEDRO II, 1970 ; 1975 E 1980 | 213 |
| 38. DISTRIBUIÇÃO DA TERRA UTILIZADA COM LAVOURAS , NAS SAFRAS 1980/81 E 1981/82, SEGUNDO CLASSES DE ÁREA (Percentagens) | 216 |
| 39. DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS AGRICULTORES, SEGUNDO PRESENÇA E PARTICIPAÇÃO NAS CLASSES DE QUANTIDADE DE PRODUZIDA, NOS PRINCIPAIS PRODUTOS CULTIVADOS NA SAFRA 1980/81 | 217 |
| 40. CONDIÇÃO DO PRODUTOR SEGUNDO ESTABELECIMENTO E ÁREA - PIAUÍ E PEDRO II - 1970; 1975 e 1980.... | 225 |
| 41. DISTRIBUIÇÃO DAS TERRAS CULTIVADAS SEGUNDO CONDIÇÃO LEGAL NA SAFRA 1981/82 (Percentagens).... | 226 |

| | |
|--|-----|
| 42. GRUPOS DE PESSOAL OCUPADO NAS ATIVIDADES AGRO PASTORIS - PIAUÍ E PEDRO II: 1970; 1975 e 1980 (Percentagens)..... | 228 |
|--|-----|

LISTA DE ANEXOS

| | Pág. |
|---|------------------|
| ANEXO 1 - QUESTIONÁRIOS E ROTEIROS PARA PREENCHIMENTO | 2 ^o |
| ANEXO 2 - RELAÇÃO DE LOCALIDADES PESQUISADAS DO MUNICÍPIO DE PEDRO II | 2 ^o 3 |

RESUMO

A confecção artesanal de redes-de-dormir em Pedro II, é uma atividade que vem sendo praticada, com caráter comercial, desde fins do século passado. Tendo em vista observação de que considerável parcela da população do município, sobretudo do mulheres, dedica-se a tal atividade diuturnamente, procurou-se realizar o presente trabalho, visando avaliar sua importância econômico-social para o município, assim como a que tipo de organização espacial está associada. No estudo em apreço faz-se uma descrição das técnicas de trabalho utilizadas para a confecção das redes, de onde se depreende o caráter rudimentar dessa atividade, que remonta a séculos e a milênios. Isto implica na utilização de elevado contingente de força de trabalho cuja qualificação é efetuada nas próprias residências, vez que as unidades de produção são exclusivamente domésticas. As explicações para o surgimento e persistência dessa atividade, até os dias atuais, são procuradas ao longo do trabalho, quando se analisam as condições e os processos históricos por que tem passado o município. Analisa-se dessa forma, a estrutura do grupo familiar em torno das atividades produtivas, assim como a dinâmica da população do município, e, dos demais setores de produção, sobretudo o agropecuário, constatando-se que há uma "convivência" da rede com esses outros, configurando-se essa atividade como de grande importância para expressiva parcela da população ali residente.

MOVIMENTO DAS TECELÃS DE REDES DE NOSSA TERRA

I

Desde quando eu me entendi
foi vendo minha mãe e tias
trabalhando sobre redes
já com tantas garantias
como mesmo até agora
as mulheres de hoje em dia

II

começaram sem porfia
desde a desdobração
mas nas pernas de uma cadeira
posso provar com razão
e depois de amsdeuração
ia pra tinturação

III

Depois da tinturação
posso dizer sem perca
botavam as minhadadas nos braços
e imovelavam ali
depois de imvelação
começavam a urdir

IV

E depois dele urdido
eu digo e porei não minto
pois era no tiã grande
qui não sai do meu instinto
passando o facão um ao outro
formavam seus labirintos

V

Eu digo com meu instinto
isso ninguém me reclama
e lutavam na cozinha
pois era todo esse drama
lulavam e tecia a rede
e chamava tapuerama

VI

Assim formando esse drama
de menino eu pude ver
uma enchia o caribito e aprontava
e outra era pra tecer
e depois de todas prontas
elas começavam a vender

VII

Como todo mundo vê
eu digo sem ter engano
até qui elas conseguiram
usar de outro bom plano
formando um tiã pequeno
para tecer as de três panos

VIII

Então ali sem engano
com pensamento profundo
trabalhando nesse tiã
digo dentro de um segundo
deixaram as pernas das cadeiras
passaram pra viramundo

II

O primeiro viramundo
 é aquele de disdobrar
 então porem o segundo
 é o de enovelar
 como até agora mesmo
 todos pudemos afirmar

X

Mas ainda quero falar
 isso ninguém me quizi-la
 os filhos das mãe brincando
 i ela pra proibi-la
 dizendo minhas filhas agora
 venham encher as canilac

XI

A mãe pega a canela
 i sobe nas pisadeiras
 ai ela pega a canela
 i bota nas lançadeiras
 passando uma pela outra
 i lece a semana inteira

XII

I chama dessa maneira
 o seu filhinho fiél
 i ele pra lhe ajudar
 não manda o seu papel
 pega o fio vai ordi
 e torce no carritél

XIII

I depois do punho feito
 a mãe com muito cuidado
 mete os punhos nas tranças
 depois de tudo puxado
 tira uma perna de punho
 e deixa encunilado

XIV

I depois de terminado
 assim eu posso dizer
 bôtam elas na sabeça
 como todo mundo vêr
 leva o mercado da feira
 ai começa a vender

XV

Assim eu posso dizer
 i não perco o meu valôr
 as mulheres pra cima e pra baixo
 como o raio abrasador
 delas pelejam de mais
 qui adula até o comprador

XVI

O pobre do comprador
 no meio do pessual
 porem querendo comprar
 uma quantia sem igual
 as compra pouquinhas
 com medo ali do fiscal

XVII

O comprador diz pra elas
 eu estou aqui suposto
 porque o fiscal está vendo
 ali com os olhos do rôsto
 compro se vocês retirarem
 pra me livrar do imposto

XVIII

Ali num u suor no m̄sto
 elas faz a garantia
 com isto o comprador
 compra uma certa quantia
 entāo as pobres mulheres
 vendem sua mercadoria

IXX

Eu digo sem garantia
 esclarecendo a verdade
 se nāo fosse a fiscalizaçāo
 fōra e dentro da cidade
 aumentavam mais o produto
 e compravam por quantidade

XX

É pura realidade
 digo pra populaçāo
 começaram esse drama
 do tempo da fiação
 é o ramo das mulheres de nossa terra
 da cidade ao certāo

XXI

Tem a corru de matōes
 digo porque n̄ a corru
 fabricam a tapuerāna
 aivejada e roa di lina
 qui os compradores gostam delas
 porque é muito bonitinas

XXII

Tem outras transformadinhas
 se nāo for do meu engenho
 é a rede arua
 que tam̄m é sō de garo
 mais eje as qui existe mais
 sō as redes de três garos

XXIII

É pede este veterano
 desculpas dos erros encontrados
 pois fiz estas poucas linhas
 aqui deu por terminaçāo
 disponha do seu amigo
 muito sincero e criado.

CHICO ALBERTO^(*)

(*) Poeta popular, cantador de viola: filho, irmão, marido e pai de toce
 loas. Pedro II, 1982.

I N T R O D U Ç Ã O

O presente trabalho trata da atividade de confecção de artesanal de redes-de-dormir, no município de Pedro II, localizado no nordeste do Piauí (figura 01) abarcando uma área de 3.019 km², limitando-se ao norte com o município de Domingos Mourão; ao sul com o município de Castelo do Piauí; a oeste com os municípios de Piripiri, Capitão de Campos e Campo Maior, e a leste com o Estado Ceará.

Em Pedro II, expressiva parcela da população, constituída sobretudo de mulheres, dedica-se à atividade de confecção artesanal de redes para venda, cujo volume de produção motivou até a existência semanal de uma "feira de redes", fato único no Estado, característica esta que motivou a realização do presente trabalho. Tendo efetuado visitas ao município com o fim de colher subsídios para avaliar a dimensão do fenômeno, submeteu-se tal material à apreciação da Professora Tânia Bacelar de Araújo, a qual aprovou a idéia, passando, a partir daí, a ser orientadora dos trabalhos que culminaram com essa dissertação.

Quando das sondagens iniciais, evidenciou-se o fato de que a atividade ocorria não só na zona urbana, mas sobretudo em áreas rurais onde havia fortes adensamentos populacio

ESTADO DO PIAUÍ
 MAPA DE LOCALIZAÇÃO
 DO MUNICÍPIO DE PEDRO II



ESCALA



LEGENDA

- LIMITE INTERESTADUAL ———
- LIMITE INTERMUNICIPAL - - - - -
- LIMITE EM LITÍGIO - · - · - ·
- CAPITAL DO ESTADO ■
- CIDADES ●

FONTE: Fundação CEPRO ed.
 Estrutura espacial do Piauí, um modelo de política
 regional e urbana. Teresina, 1976.
 120 f. (Relatório de Pesquisa, 1)

nais e onde eram ausentes atividades extrativas vegetais, vi vendo tais populações, principalmente à custa de pequenas lavouras. Diante de tais circunstâncias, elegeu-se a seguinte hipótese de trabalho:

- . a atividade de confecção artesanal de redes-de-dormir é um importante elemento para a compre ensão da organização do espaço nas áreas do município de Pedro II, onde é exercida, na medida em que se constitui em fonte de renda adicional para a população, funcionando como agente para sua retenção e reprodução, embora mantendo-se em níveis de subsistência.

A adoção de tal hipótese decorreu da noção de que somente as explicações clássicas sobre adensamentos populacio nais em áreas rurais do Nordeste, como em KELLER (1958), KELLER (1970) e em MELO (1958), não seriam suficientes para justificar o caso de Pedro II, merecendo, portanto, uma investigação.

Tendo em vista as observações precedentes, partiu-se para empreender o presente trabalho dentro de uma linha de pensamento que procurasse explicações mais abrangentes sobre certos fenômenos qualificados de "geográficos" pois tais fenôme nos não se explicam por si mesmos.

Assim é que, para a elaboração da presente disser tação, admite-se, como ANDRADE (1977), que o objeto da Geogra fia é o estudo da organização do espaço geográfico, e que este se constitui em porção da superfície terrestre que traz as mar cas da intervenção do homem, decorrente de sua ação no intuito de produzir bens e/ou serviços para a satisfação de suas neces

sidades, sendo que tal organização espacial tem relação direta com as formas como os homens se organizam em sociedade, portanto, com as formas de relações que estabelecem entre si e com a natureza, estando aí incluídas também as relações entre sociedades diferentes. Atribui-se, assim, ao espaço geográfico um caráter dinâmico, pois sua organização acompanha a divisão social do trabalho que, por sua vez, é engendrada nas transformações ocorridas no seio da sociedade. Com efeito, conforme assinala SANTOS (1979),

A cada nova divisão do trabalho ou a um seu novo momento decisivo, a sociedade conhece um movimento importante, assinalado pela aparição de um novo elenco de funções e, paralelamente, pela alteração qualitativa e quantitativa das antigas funções. A sociedade se exprime através de processos que, por sua vez, se desdobram através de funções, enquanto estas se realizam mediante formas.

Tais formas, sem as quais nenhuma função se perfaz, são objetos, formas geográficas, mas podem também ser formas de outra natureza, como por exemplo, as formas jurídicas. No entanto, essas formas sociais não geográficas terminam por especializar-se, geografizando-se, como é o caso da propriedade ou da família. Assim, as funções se encaixam, direta ou indiretamente, em formas geográficas.

A cada movimento social, possibilitado pela divisão do trabalho, uma nova geografia se estabelece, seja pela criação de novas formas para atender a novas

funções, seja pela alteração funcional das formas já existentes. Daí a estreita relação entre divisão social do trabalho responsável pelas movimentações da sociedade e a sua repartição espacial [...]

A cada momento da divisão do trabalho, a sociedade total se redistribui, através de suas funções novas e renovadas, no conjunto de formas pré-existentes ou novas. A esse processo pode chamar-se de geografação da sociedade. (p. 39-40)

O fenômeno que se pretende estudar ocorre em uma área que, embora pertença (e dela participa em certas funções), é porção do Estado tradicionalmente considerada como de economia baseada em atividades agropastoris e extrativistas vegetais, tem mesmo o município incluído na porção nordestina classificada por MELO (1978) como "Área Agropastoril Extrativista". Daí a necessidade de se procurar identificar quais os processos que comandam a organização espacial da área e a sua posição em um contexto mais amplo onde, na divisão social do trabalho, vem desempenhando, também, a tarefa de produzir redes-de-dormir, produto que se constitui como um bem essencial na vida de grande parte da população nordestina.

Nesse contexto, tem-se pois, para o presente trabalho, que o espaço geográfico e sua organização são produtos e condição das transformações por que passa a realidade social. Como diz CORREIA (1982),

O espaço não atua passivamente no processo de sua constante organização pelo homem (e este posicionamento não significa um retorno ao determinismo ambiental) (p.31).

A que tipo de organização espacial estaria associada, então, a atividade de confecção artesanal de redes-dormir em Pedro II, na intensidade que ocorre com as técnicas ali utilizadas? Para se buscar respostas a tal questão, além do que já se adiantou tem-se a considerar ainda que, conforme SANTOS (1979),

... o movimento do espaço, isto é, sua evolução é ao mesmo tempo um efeito e uma condição do movimento de uma condição do movimento de uma sociedade global. Daí, decorre, também, que conforme SANTOS (1979), Em cada caso, o valor de cada subespaço se transforma com relação a outros subespaços dentro do espaço nacional. Cada um dos subespaços é submetida a uma série de impactos de natureza diversa, que diferenciam das demais, mas sua explicação deve ser buscada numa dinâmica global que é a mesma para todos. Se cada porção de espaço controla alguns aspectos de sua evolução, a evolução de suas estruturas dominantes - população, emprego, inversões, etc. - não são controladas localmente (p. 16).

Ainda em Santos (1979), tem-se que,

As mudanças de valor de cada subespaço não se explicam por sua própria história. Trata-se de uma verdadeira e mais ampla reorganização induzida por fatores externos e internos. Qualquer que seja o caso, mudanças verificadas numa porção do espaço repercutem nas outras porções do todo, o qual foi - ele próprio - modificado. Desta forma a definição de cada é em cada período o resultado de um grupo de relações cuja escala não é a mes

ma do subsistema e coincide, no mais das vezes, com a escala do Estado-Nação. (p. 34)

Assim, fica evidenciado que para se explicar a existência da atividade de confecção de redes em Pedro II, com fins comerciais, desde fins do século passado, faz-se necessário procurar identificar os processos espaciais a que se tem submetido a área onde se situa o município de Pedro II. Isto não significa uma abordagem detalhada da história econômica e social do Piauí, nem um amplo diagnóstico do seu quadro natural, mas sim uma tentativa de identificar em tais contextos os elementos para as prováveis explicações do fenômeno em estudo.

Assim, para a fundamentação teórica, foram consultadas obras não só de geógrafos, mas também de sociólogos, historiadores e economistas, que tratassem do tema e/ou da área, quer em aspectos particulares, quer em aspectos gerais, ressaltando-se, porém, que a maior parte dos trabalhos desses estudiosos sobre a pequena produção, doméstica ou não, de bens essenciais à população, como é o caso da rede-de-dormir, tratam, não raro, da realidade urbana, sobretudo das metrópoles do Terceiro Mundo.

Pela escassez e quase inexistência de fontes de pesquisa sobre o fenômeno em estudo, empreende-se uma pesquisa de campo, onde se procurou captar, através de questionários e entrevistas, as diferentes facetas de como se organiza a atividade e suas relações com as demais existentes no município. A pesquisa em fontes primárias compreendem, também, o levantamento em fontes como Notas Fiscais de Compra (nos comerciantes intermediários de matérias-primas), Recadastramento Rural (Instí-

tuto Nacional de Colonização e Reforma Agrárias) e Relação de Localidades do Município de Pedro II (elaborada pela Superintendência de Campanhas de Saúde Pública - SUCAM).

Conforme já se mencionou, nas visitas preliminares a Pedro II, ficou evidenciado o fato de que em localidades rurais, a atividade de confecção de redes manifestava-se com relativa intensidade. A parte do município que apresentava maior número de localidades rurais onde a atividade se manifestava com certa intensidade, era o quadrante noroeste, o que motivou a consideração do município, para efeito de análises, - dados os fins desta dissertação -, como compreendendo três áreas: Zona Urbana, Zona Rural I e Zona Rural II, sendo nas duas primeiras onde o fenômeno se manifesta. (1)

Procurando sistematizar o trabalho no sentido de fornecer elementos para respostas às indagações iniciais, dividiu-se o mesmo em duas partes. Na primeira, constituída de três capítulos, procede-se a uma abordagem do que poderia ser denominado de "elementos internos" da atividade, procurando-se demonstrar sua estruturação e formas de articulação nos diversos momentos por que passa o processo produtivo - compreendendo os instrumentos de trabalho e técnicas utilizadas, e ainda a força de trabalho empregada -, e a comercialização tanto das matérias-primas, como do produto final, no caso, a rede-de-dormir.

A segunda parte, dividida em dois capítulos, trata do que poderia ser denominado de "elementos externos" da atividade, vez que se procura analisar como se criaram as condições para o uso desse bem, assim como as que induzem a maior parte das pessoas dedicadas ao ramo, em Pedro II, a se empenha-

rem intensamente na produção do mesmo.

Na conclusão, procura-se inferir como se combinam os elementos referidos acima, possibilitando, assim, a persistência da atividade no município de Pedro II.

NOTAS

- (1) Quando da referência a uma das áreas definidas ao longo do trabalho, serão grafadas com maiúsculas, enquanto que, quando se estiver referindo-se a aspectos diversos relativos à zona rural como um todo, assim como sobre a zona urbana, estes serão grafadas com minúsculas.

ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A elaboração do presente trabalho exigiu que se empreendesse uma série de levantamentos sobre o município em estudo, buscando dados tanto em fontes secundárias como em fontes primárias, dado o fenômeno a ser examinado.

Devido às características de que se reveste a atividade de confecção de redes-de-dormir em Pedro II, poucas informações existem a respeito, e menos ainda sobre a possível interrelação dessa atividade com as demais verificadas ali, sobre tudo as agropastoris, tidas como as principais atividades econômicas do município.

Por essa razão fêz-se necessária uma pesquisa de campo, onde se procurou levantar dados não só sobre a atividade de confecção de redes, mas também sobre os aspectos sôcio-econômicos dos grupos familiares e o envolvimento desses grupos com outras atividades econômicas. Para tanto, foram aplicadas 257 questionários (anexo 01) assim distribuídos: 50 na Zona Urbana; 157 na Zona Rural I e 50 na Zona Rural II.

A divisão do município em "zonas", decorreu de uma sondagem preliminar, quando se procurava detectar as localidades da zona rural onde era exercida aquela atividade. A partir dessa constatação é que se fez a divisão do município nas

referidas zonas, conforme consta na figura 02, correspondendo as Zonas Urbana e Rural I às áreas "com rede" e a Zona Rural II a área "sem rede".

Para o desenho da amostra que determinou a quantidade de questionários aplicados nas áreas rurais procurou-se fazer uma adaptação do que preceituam BERRY & BAKER (s.d.:1-15), resultando no que se poderia denominar uma amostragem ALEATÓRIA-EXTRATIFICADA.

Tendo em vista que, inicialmente, a aplicação de questionários estava prevista apenas na zona rural de ocorrência da rede, com base na observação da distribuição territorial das localidades, de acordo com o mapa do município elaborado pela SUCAM, dividiu-se a área em 75 quadriculas (figura 03) das quais foram sorteadas 38. Após essa escolha, as quadriculas foram dispostas em ordem crescente, conforme o número recebido. A partir dessa disposição, ficaram definidas as quadriculas a serem visitadas através de uma escolha alternada com NÃO e SIM, sendo a PRIMEIRA NÃO, a SEGUNDA SIM, a TERCEIRA NÃO, a QUARTA SIM, e assim sucessivamente. Dessa maneira, chegou-se à determinação de 19 quadriculas a serem visitadas (figura 04), tendo sido eliminada uma quadricula por se constituir em vazio demográfico.

Com a decisão de, também incluir a área "sem rede" na pesquisa, vez que se propunha investigar a que tipo de organização espacial, no município, estaria ligada a atividade de confecção de redes, manteve-se o mesmo tipo de amostragem. A diferença verificada no número final de quadriculas a serem visitadas, apenas 15, quando deveriam ser 27, é devida à elimi

FIGURA 2
PRIMEIRA DIVISÃO DO MUNICÍPIO DE PEDRO II*, PARA A EFETIVAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO.

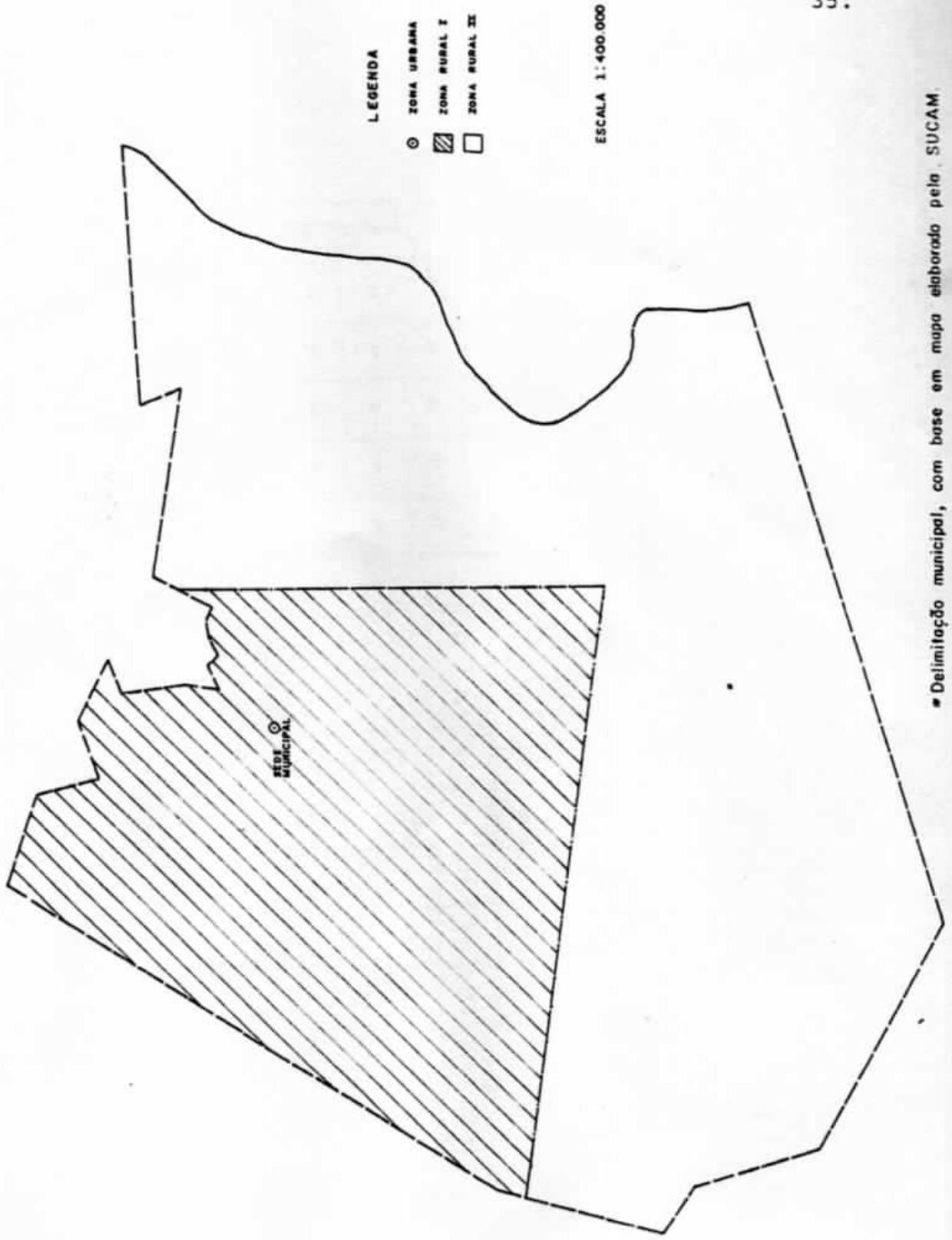
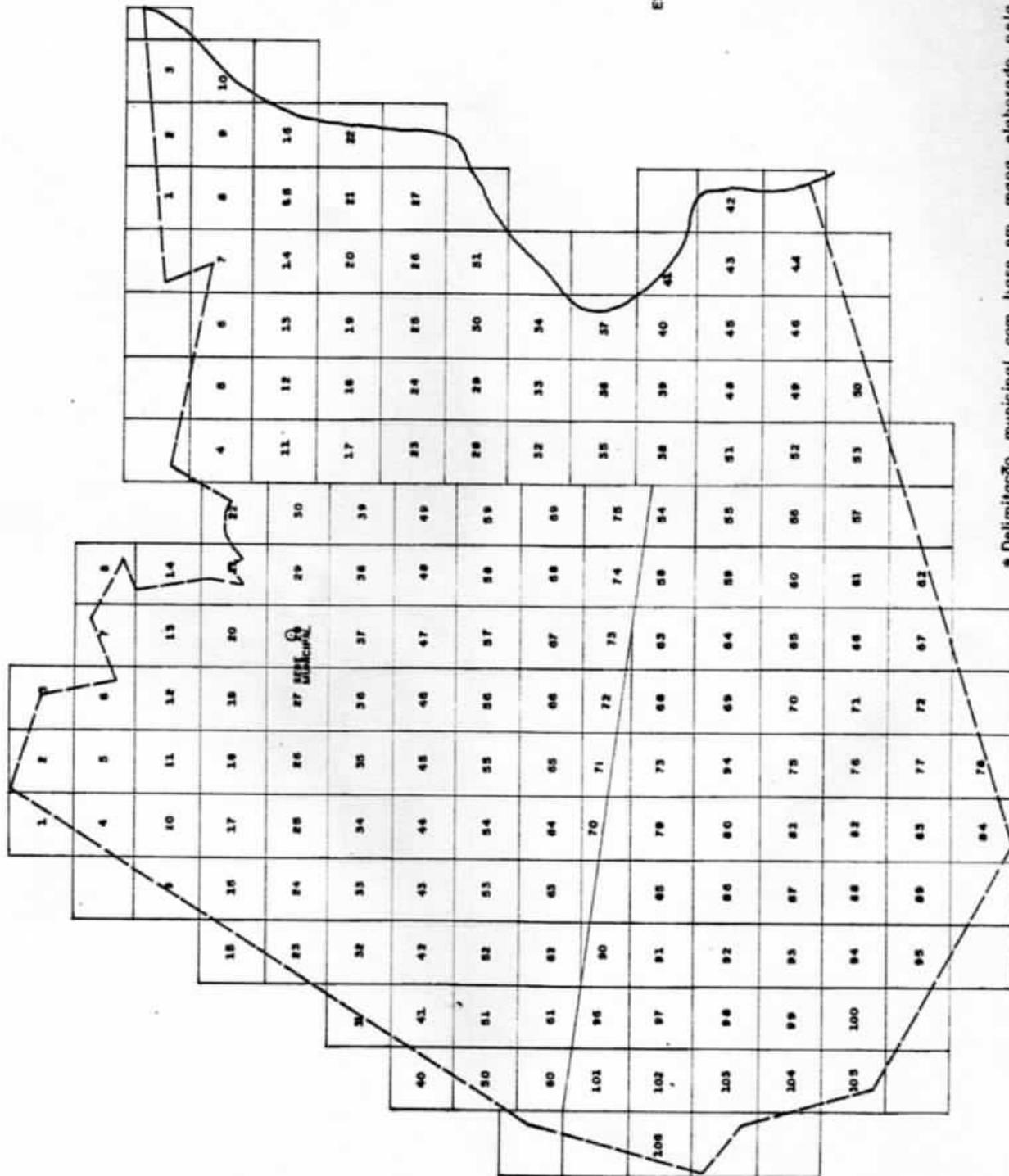
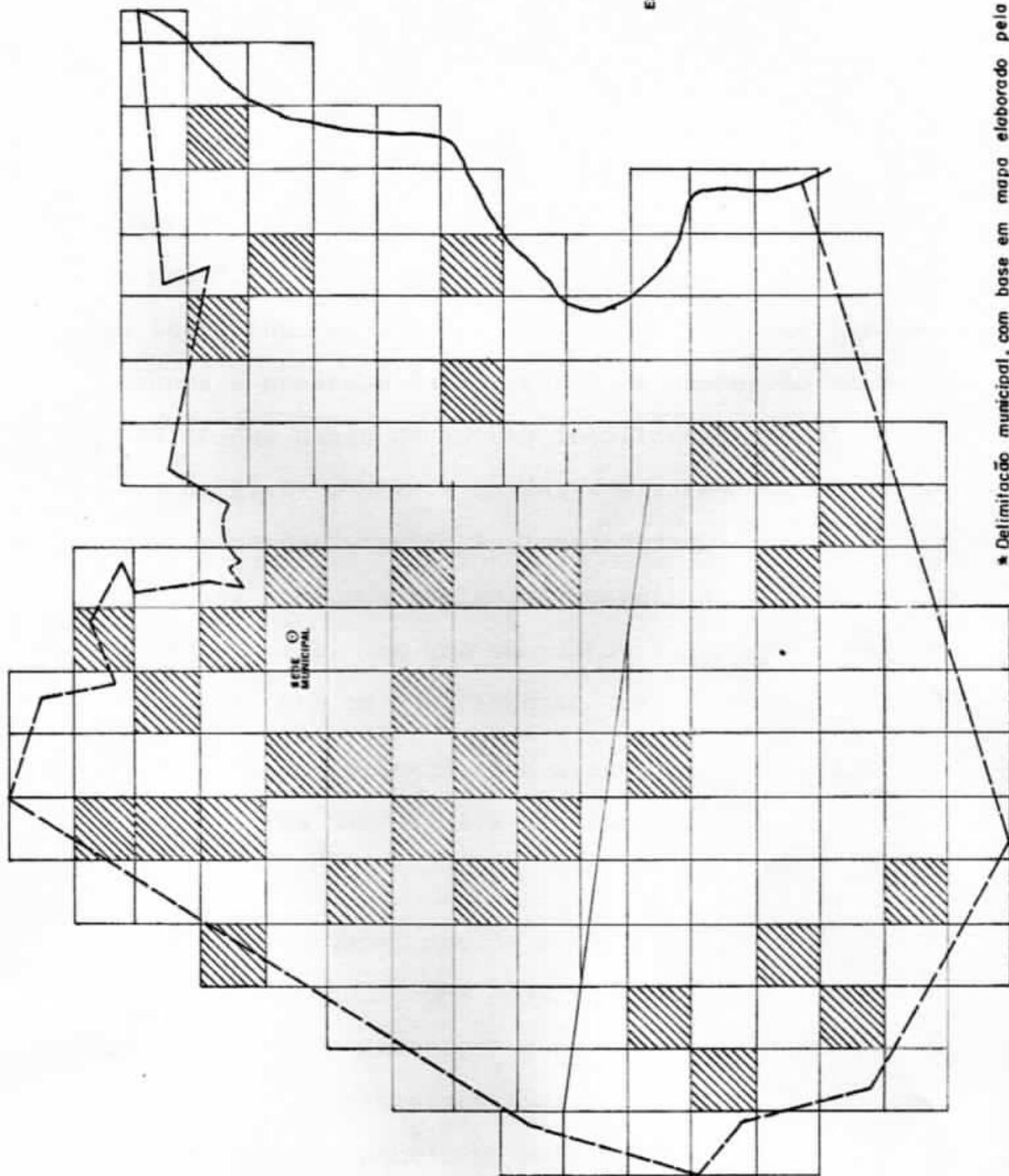


FIGURA 3
 DIVISÃO DO MUNICÍPIO DE PEDRO II^o EM QUADRÍCULAS NUMERADAS PARA FINS DE SORTEIO DAS ÁREAS
 A SEREM VISITADAS.



* Delimitação municipal, com base em mapa elaborado pelo SUCAM.

FIGURA 4
LOCALIZAÇÕES DAS ÁREAS DO MUNICÍPIO DE PEDRO II*, VISITADAS NA REALIZAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO.



* Delimitação municipal, com base em mapa elaborado pelo SUCA M.

nação de 12 quadriculas que, ou não tinham nenhuma localidade, ou o número de casas era suficiente para a aplicação de questionário, em face da amostragem estabelecida.

Tendo em vista o processo de escolha das quadriculas, a verificação de que no final do ano de 1980 havia 1.496 casas nas quadriculas a serem visitadas na área "com rede" (dados com base nas "Fichas de Localidades" da Superintendência de Campanhas da Saúde Pública - SUCAM), e as informações iniciais que faziam supor a presença da atividade de confecção de redes em cerca de 90,0% das casas de muitas localidades de tal área, estabeleceu-se em 10,0% o número de casas a serem visitadas, percentagem que se estendem, também às localidades. Assim, uma quadricula para ser visitada teria que possuir pelo menos uma localidade com cinco casas, vez que se adotou o intervalo de cinco a quatorze casas para um questionário (relação anexa).

No ato da aplicação dos questionários nas localidades rurais, era feita uma escolha aleatória dos grupos familiares.

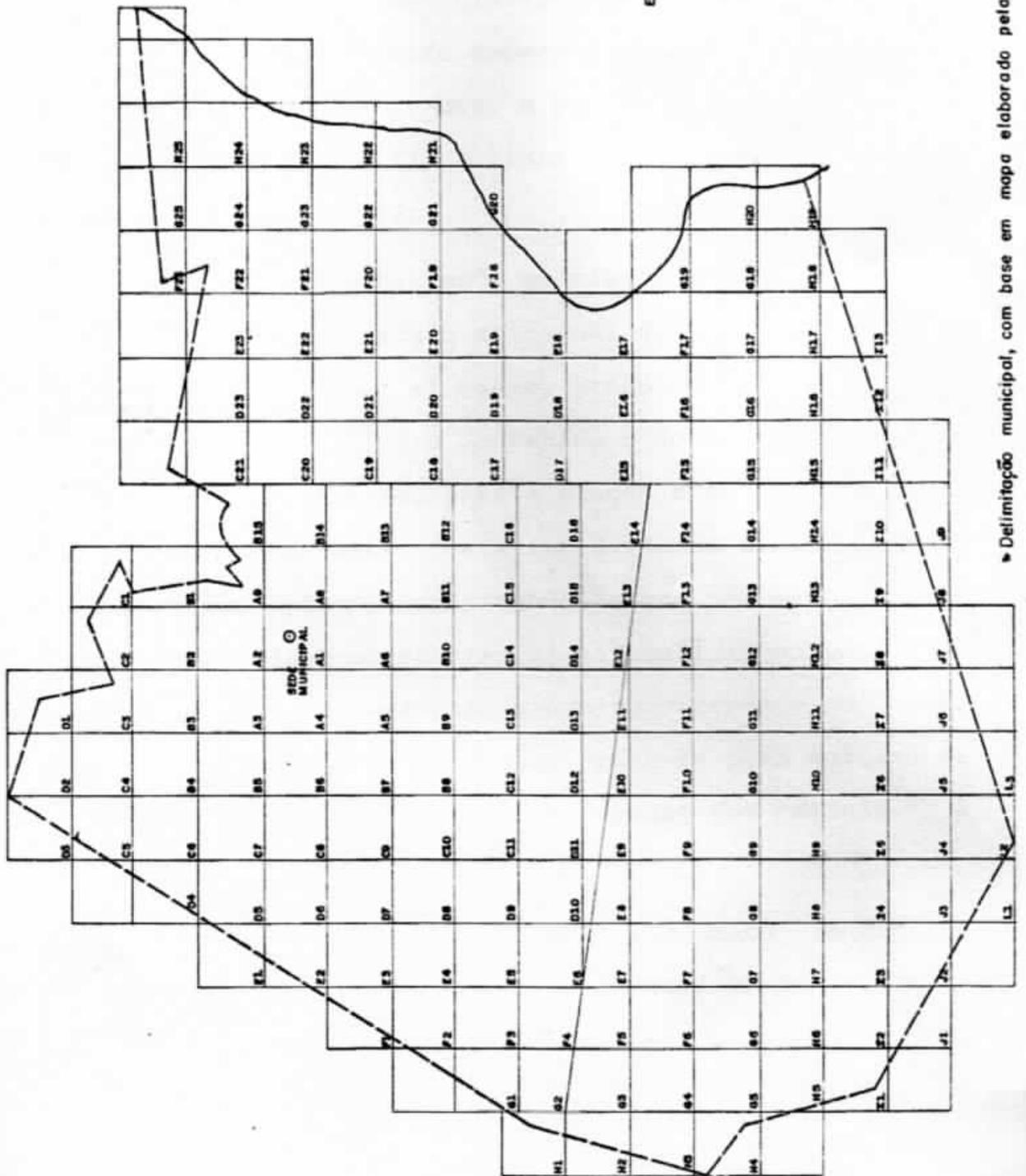
Na zona urbana, devido a dificuldades na aplicação dos questionários segundo uma escolha aleatória, em face da recusa no fornecimento de informações por parte dos grupos familiares sorteados, (pois precisavam tratar-se de fiscalização para cobrança de impostos), partiu-se para a aplicação somente em grupos ligados ao ramo e que se dispusessem a prestar as informações solicitadas, procurando-se, porém, aplicar questionários nos diversos pontos da cidade. Entretanto, tal procedimento foi adotado em decorrência do conhecimento que se tem da área, pois é certo que mais da metade dos grupos familiares ali resi-

dentes, têm algum tipo de ligação com a atividade. Devido a tal procedimento, foram aplicados apenas 50 questionários nessa área. A tabulação dos dados obtidos, bem como os cruzamentos de algumas informações, foram efetuados, em sua maior parte, pelo Núcleo de Processamento de dados da FUFPI.

Para determinar a distribuição territorial da população e dos títulos de propriedade territorial rural, utilizou-se a divisão inicial do município em quadriculas, partindo-se, porém, para a determinação de "faixas de afastamento" da quadricula onde se situa a sede municipal (figura 05). Fez-se inicialmente, em ambos os casos, a média aritmética de cada quadricula, e a partir daí a média da faixa (A, B, ... L). Os dados de distribuição da população foram obtidos através da "Relação de Localidades do Município de Pedro II", elaborada pela SU CAM. Para a localização dos títulos de propriedade rural, com base nas informações do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, foi solicitada a colaboração dos donos daquelas terras bem como de outros informantes, em face da existência de diversas localidades com a mesma denominação (Ex. Gamelera, 4 localidades; Ingazeira, 5 localidades; Olho D'água, 9 localidades; Tucuns, 7 localidades; além de outros).

Ainda na pesquisa de campo foram incluídas entre vistas gravadas com teceloas e ex-viajantes, tendo sido também, tiradas fotografias, documentando os diversos momentos da atividade, dentre as quais foram selecionadas as que constam ao longo do trabalho. Com viajantes atuais não foi possível entrevista gravada nem aplicação de questionários, em face do receio existente entre aqueles profissionais quanto ao fisco. Dessa

FIGURA 5
 DETERMINAÇÃO DE FAIXAS NO MUNICÍPIO DE PEDRO II, POR ORDEM DE AFASTAMENTO DA ZONA URBANA



forma, a conversa informal foi o recurso utilizado na obtenção de informações junto aos viajantes de rede. Procedimento igual foi adotado em relação aos comerciantes de matérias-primas, embora nenhum deles tenha colocado empecilho quanto ao fornecimento de suas Notas Fiscais de compra, a partir de onde se efetuou o levantamento do volume de fio e linha que adentrou no município, de janeiro/77 a março/82.

Por outro lado, tendo em vista que a atual ocorrência da atividade de confecção artesanal de redes-de-dormir em Pedro II, não se explica por si mesma, procurou-se fazer um retrospecto da evolução histórica do Estado e do município, com o fim de encontrar explicações para a origem e a persistência da atividade até nossos dias. Para tanto, foram consultados compêndios de conteúdos afins, constatando-se que não se registraram nas últimas décadas ocorrências significativas no município. Assim, quando se procurou examinar a evolução recente de suas estruturas de população e de produção, optou-se pela análise de dados, com maior volume de informações, apenas com relação à década de setenta.

Tendo em vista que Pedro II é o único município do Estado onde a confecção de redes assume caráter de atividade econômica para considerável parcela da população, procurou-se fazer comparações entre o município e o Estado, naqueles aspectos considerados convenientes aos propósitos do presente trabalho, vez que se parte do pressuposto de que a referida atividade de concorre para singularizar o município no contexto do Estado.

PRIMEIRA PARTE

ESTRUTURA DA ATIVIDADE DE CONFECÇÃO DE REDES EM PEDRO II

CAPÍTULO I

PROCESSOS DE PRODUÇÃO DE REDES EM PEDRO II

Entende-se aqui por "processos de produção" o conjunto de operações utilizando força de trabalho, meios de produção, (compreendendo os instrumentos de trabalho, as matérias-primas e instalações físicas) e as técnicas adotadas, com o fim de produzir um bem. No presente capítulo pretende-se explicar como e de que forma se combinam esses meios, para a produção de redes-de-dormir, em Pedro II.

O traço mais marcante quando se observa o processo de confecção de redes em Pedro II, é o seu caráter ARTESANAL. Com exceção das matérias-primas, agulhas para fazer crochê e panelas de ferro, que também são utilizadas no processo de confecção das redes, tudo o mais ali, a partir dos outros instrumentos de trabalho rudimentares, tendo como local de trabalho a própria casa de morada. A força de trabalho empregada é composta principalmente de mulheres e crianças, como se verá adiante.

A classificação da atividade como sendo ARTESANAL,

baseia-se no fato de a mesma estruturar-se com características do período pré-industrial, conforme pretende-se demonstrar ao longo do trabalho.

Como é sabido, toda a literatura que aborda problemas relativos à produção de bens, no período pré-industrial, nas diferentes partes do mundo, coloca-se como sendo proveniente de PRODUÇÃO ARTESANAL. Como revela HUBERMAN (1976), ao produtor de bens de consumo da Idade Média:

Não era necessário muito capital. Uma sala da casa em que morava servia ao artesão como oficina de trabalho [...] E não só esse mestre artesão produzia os artigos que tinha de vender, como também era ele mesmo que realizava a venda [...] As mercadorias [...] eram feitas por artesões profissionais, donos tanto da matéria-prima como das ferramentas utilizadas para trabalhá-las, e vendiam o produto acabado. (p. 62-3)*

Mesmo quando a organização da produção de bens dava os primeiros passos para a Revolução Industrial na Europa, o termo artesão continua a qualificar os que estão diretamente ligados à sua produção. É quando, como salienta HUBERMAN (1976),

A ampliação do mercado criou o intermediário que chamou a si a tarefa de fazer com que as mercadorias produzidas pelos trabalhadores chegassem ao consumidor, que podia estar a milhares de quilômetros de distância [...] A tarefa do mestre artesão passou a ser simplesmente

* sem grifo no original

produzir mercadorias acabadas, tão logo receba a matéria-prima. Esse método pelo qual o intermediário emprega certo número de artesãos para trabalhar seu material em suas respectivas residências, é denominado sistema de produção doméstica. (p. 119-20)*

O termo ARTESANATO, ficou, assim, caracterizando aquelas formas de produzir bens com estrutura semelhante ao período pré-industrial europeu, ou seja, atividades normalmente desenvolvidas em ambiente doméstico, apoiadas em técnicas e instrumentos de trabalho rudimentares com largo emprego de força de trabalho familiar. Na época atual, tais formas de produzir bens continuam a existir, embora com algumas diferenças. Das tentativas de se conceituar o que seria ARTESANATO, hoje. Para o caso do Brasil, LIMA (1982), traz interessante contribuição sobre o assunto, já que fez um trabalho para uma instituição de crédito⁽¹⁾ que pretende amparar o setor, necessitando, pois, adotar critérios para selecionar os beneficiários. Depois de analisar vários conceitos de diferentes estudiosos, inclusive os critérios para a identificação do artesanato adotado pelo Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato⁽²⁾, emitiu o seguinte conceito, com o qual se está concordando no presente trabalho;

Artesanato é a atividade predominantemente manual de produção de bens, exercida em ambiente doméstico ou pequenas oficinas, postos de trabalho ou centros associativos, com equipamento rudimentar, na qual se admite a

* sem grifo no original.

utilização de máquinas e ferramentas desde que não dependem a criatividade ou habilidade individual e em que o agente produtor participa, diretamente de todas ou quase todas as etapas de elaboração do produto. (p.12-8)

A fim de demonstrar esse "caráter artesanal" de que se reveste a atividade de confecção de redes em Pedro II, e para maior clareza do que se pretende analisar, considerou-se melhor dividir essa parte do trabalho em quatro pontos, a saber:

1. Instrumentos de trabalho;
2. Matérias-primas;
3. Processos técnicos;
4. Força de trabalho.

1. INSTRUMENTOS DE TRABALHO

Para a confecção de uma rede, o instrumento de trabalho básico é o tear, no qual se tece o "pano de rede".

Em Pedro II, são utilizados dois tipos de tear:

- "Tear de pê" ou "Tear de macaco", e o
- "Tear de parede", "de mão" ou "de grade".

Um tear completo inclui, além de sua estrutura, uma série de acessórios que são utilizados nas diferentes etapas de confecção das redes.

A estrutura física dos modelos de tear utilizados em Pedro II, é bastante simples pois são herança de práticas de tecelagem dos primeiros colonizadores do Brasil e até mesmo de nativos do período pré-colombiano. CASCUDO (1959), conta que:

Jean Lery que residiu no Rio de Janeiro de março de

1557 a janeiro de 1558, fixa rapidamente o tear de ma
deira utilizado pelos indígenas.

Era perpendicular e não horizontal como os europeus, e da altura da tecedeira, na média de 1,60m. Ali dispu
nha-se o fio de algodão, fiado em fuso rústico, e a ta
refa começa de baixo para cima, da parte inferior para a superior.

Esse tear pertence ao tipo que Nordeskiöld, apoiado em Max Schmidt, indicava como pertencente e divulgado pe
los Aruaques, espécimen legítimo da Aruakkultur, não existente no Peru e que não poderia ter sido introduzi
do pelos Brancos e nem pelos Negros. (p. 146)

As referências anteriores são a respeito do "tear de parede", o mais simples, porém, o que propicia a confecção das melhores redes, dos dois modelos utilizados em Pedro II (fotos 2 e 3). Tal modelo propicia a confecção de redes de um pã
no sí⁽³⁾ as quais são denominadas de: "caroã", "de ramo", ou "tapuerana", "olho de pombo", etc., conforme seja o entrelaç
amento do fio ou linha e combinação das cores utilizadas, com o fim de se "imprimir" figuras geométricas.

Em Cuiabá, conforme HOLANDA (1975), existia mode
lo semelhante, com suporte próprio, não sendo necessário nenhum encosto.

O "tear de pé", (fotos 04, 05 e capa) onde se tecem os panos para as redes do tipo "três panos", devido à sua capacida
de de produzir panos com, no máximo, 60 cm de largura, é de ori
gem européia, mas de modelo bastante simplificado em relação a outros tipos com funcionamento semelhante⁽⁴⁾. Sua denominação

se deve ao fato de a teceloa ter que ficar pulando, com os pês apoiados sobre dois paus, que funcionam como pedais, para fazer o mesmo funcionar. Dada a sua simplicidade acredita-se ser dos primeiros a serem introduzidos no Brasil, pelos europeus, com o fim de confeccionar panos grosseiros para sacaria e/ou roupas de escravos. Como afirma HÖLANDA (1975):

[...] os teares horizontais da procedência europeia - teares de tecer pano - pelo menos desde 1678, o ano em que os tecelões e tecedeiras começaram a ser mencionados nas atas da Câmara, são também os únicos a que expressamente se referem, durante o século XVII, os documentos paulistanos conhecidos. (p. 296)

Quanto ao início da confecção de redes a partir da emenda de panos estreitos, obtidos no tipo de tear referido, não se sabe precisar ao certo quando e onde isso começou, pois a fabricação inicial de redes e a sua vulgarização, parecem estar muito mais ligadas ao outro tipo de tear que já era utilizado pelos nativos, com tal fim. Depois de exaustivo trabalho de pesquisas sobre o assunto, CASCUDO (1959) afirma que:

O tear perpendicular aruaque foi responsável pela indústria das redes-de-dormir. Recebeu pequenas modificações pelo contato com os teares de Portugal. Já na primeira metade do século XVII as mulheres portuguesas teciam redes e por elas tivemos os acréscimos nas hemacas tradicionais. (p. 147)

Todavia, é de se supor que os europeus, quando aqui chegaram, não devem ter demorado muito a utilizar os panos tecidos em teares por eles trazidos com o fim de, também, con

feccionarem redes. Como bem afirma HOLANDA (1975),

Pode-se alegar que muitas redes seiscentistas seriam talvez de pano grosso, pano de duas varas, fabricados em teares horizontais de modelo europeu, e é este provavelmente o caso das redes atalhadas e de picote que aparecem em certos inventários da época. Mas não se conclua, sem maior exame, que eram inexistentes no século XVII, entre os moradores brancos de São Paulo, os teares especiais para a confecção de redes, que os colonos e os filhos dos colonos adotaram ao contato com a primitiva população indígena. É o próprio fato de se esclarecer, a respeito de muitos dos teares inventariados, que são "de tecer pano", é a prova de que existiam outros, no caso, os "de tecer rede". (p. 297)

O "tear de pê" utilizado em Pedro II, foi, também, longamente utilizado ali, com o fim de confeccionar panos para vestimenta, mas sendo sua principal função, tecer panos para rede, conforme atestam pessoas idosas ali residentes.

Os demais instrumentos de trabalho utilizados em Pedro II, no processo de confecção de redes, são mostrados em diversas fotografias ao longo do trabalho.

Um tear completo - estrutura principal mais os acessórios - custava em março de 1982 cerca de Cr\$ 5.500 (cinco mil e quinhentos cruzeiros) o modelo de pê; e Cr\$ 5.000 (cinco mil cruzeiros) o de parede. Ressalte-se que sua durabilidade se prolonga em várias décadas. Todas as peças de madeira, são confeccionadas por marceneiros locais, a partir de madeiras adquiridas na vegetação circunvizinha, sendo que seu trabalho se

inicia a partir da derrubada das árvores, principalmente para os residentes na zona rural.

1. MATÉRIAS-PRIMAS

As matérias-primas utilizadas para a confecção de redes em Pedro II, são, basicamente, o fio, a linha de algodão e a tinta (anilina). Assim como a linha para a confecção de redes consideradas de luxo, conforme será demonstrado adiante, tem sido crescente a utilização de tecidos resistentes, no caso, "brins".

A atual procedência dessas matérias-primas é variada: o fio vem de modernas fiações estabelecidas no Maranhão, Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte. A linha vem de Santa Catarina, a tinta e os tecidos resistentes vêm de São Paulo.

Deve-se salientar, contudo, que durante muito tempo as matérias-primas eram totalmente locais. O fio era obtido através de fiação em fusos manuais com algodão produzido ali mesmo. A tinta era retirada de cascas de diversos vegetais⁽⁵⁾.

Embora o fio industrializado tenha começado a penetrar, em Pedro II, já em 1907, só ganhou relevância a partir da década de quarenta, conforme salientavam diversos informantes. Atualmente, a atividade é totalmente dependente de matérias-primas produzidas em outras Unidades da Federação.

A aquisição dessas matérias-primas, é efetuada a comerciantes locais em quantidade e formas de pagamento que serão analisadas no capítulo III desta primeira parte.

3. PROCESSOS TÉCNICOS

Conforme já se evidenciou no primeiro item desse capítulo, o que escapa ao caráter artesanal nos processos de confecção das redes em Pedro II é a elaboração das matérias-primas e de agulhas grossas para costura à mão e de fazer crochê, já que estas são originárias de indústrias modernas situadas em outros Estados do País.

Assim, observa-se ali que cada passo na preparação da matéria-prima, com o fim de produzir uma rede, obedece a técnicas rudimentares, que remontam há séculos, compatíveis com os instrumentos de trabalho que, como se viu no item 1, são de padrões técnicos do período pré-industrial.

A energia utilizada para a transformação das matérias-primas em redes, é, única e exclusivamente a força humana⁽⁶⁾. Em todas as etapas de transformação das matérias-primas com o fim de produzir as redes, quer seja necessária a utilização de instrumentos de trabalho ou não, as mãos e/ou os pés de quem desempenha alguma tarefa, são fundamentais para sua execução, seja acionado algum instrumento de trabalho ou trabalhando diretamente a matéria-prima. Daí dizer-se que em Pedro II, as redes são "feitas à mão".

A confecção de uma rede de fio ou de linha, compreende três fases distintas: na primeira, prepara-se a matéria-prima, dando-lhe as condições para ser transformada em redes; a segunda é caracterizada pela operação de tecelagem do pano de rede⁽⁷⁾ e a terceira compreende as operações de acabamento ou "aprontar"⁽⁸⁾ a rede. Cada uma dessas fases compõem-se de diversas operações, cujo processamento é descrito, como segue:

PRIMEIRA FASE - Preparação das matérias-primas

A preparação das matérias-primas para a confecção de redes em Pedro II, compreende a seguinte ordem de tarefas:

1. desnovelar o fio e/ou a linha desmanchando os novelos que vêm da fábrica, a fim de fazer meadas para tingir⁽⁹⁾. (fotos 6 e 7)
2. tingir o fio. Esta operação é feita, cozendo-se o fio com a tinta, tendo como recipiente uma panela de ferro. Nem sempre, todo o fio é tingido, pois é costume combinar as outras cores com o branco, não sendo dispensado, porém o cozimento. (foto 8)
3. pôr o fio tingido para secar. Consiste em colocar as meadas, dependuradas, normalmente, nas cercas vizinhas à casa, a fim de perderem a água⁽¹⁰⁾ usada no processo de tingimento.
4. desmanchar as meadas de fio tingido ou não (fotos 10 e 11). A partir dessas meadas, pode-se:
 - a) fazer novelos, a partir dos quais se pode utilizar o fio ou linha para diversos fins, sobretudo para o urdimento e confecção de cordões para os punhos;
 - b) encher canela (fotos 20 e 21) para uso em tear de pê e/ou bilros (foto 3) para tear de parede, a partir de onde sai o fio ou a linha com o fim de fazer o entrelaçamento, do processo de tecelagem com o fio urdido.

Devido à pouca capacidade desses instrumentos em receber esses materiais, essa é uma operação que se repete várias vezes, no decorrer do processo de tecelagem do pano, operação em que é utilizado, sobretudo, o trabalho das crianças e dos homens.

SEGUNDA FASE - Confeccão do pano de rede e acessórios.

A confecção do pano de rede (excetuando-se as de brins), em Pedro II, compreende dois momentos: urdimento do fio ou da linha e tecelagem propriamente dita.

O urdimento consiste em dispor o fio ou a linha no tear, com todas as pernas em um mesmo sentido, com comprimento e quantidade conforme as dimensões do pano que se quer obter. Também nesse sentido é feita a programação do entrelaçamento das pernas do fio ou da linha, conforme seja a combinação das cores e o tipo de pano desejado (foto 5).

A programação de como deve ser o entrelaçamento do material utilizado, para formar o pano, também é diferente, conforme o tipo de tear. No tear de pé, por já possuir peças fixas para tal fim - o pente e os liços - tal operação é mais fácil, já que no próprio ato de dispor os fios, tal programação é feita concomitantemente; no tear de parede, depois que as "pernas" de fio ou linha são dispostas é que a teceloa vai colocar os liços, um a um (seiscentas e mais pequenas argolas de cordão de fio ou linha, que depois são amarrados em feixes de cinco a seis, a fim de facilitar o trabalho no momento da tecelagem. Um

cordão passando por dentro de todas as argolas - liços - de um extremo ao outro na largura do tear, coloca todas em um mesmo plano).

A tecelagem consiste em fazer o entrelaçamento do fio ou linha que está urdido no tear, com o (a) que se encontra na canelinha da lançadeira (para o caso do tear de pê) ou nos bilros (para o caso do tear de parede), com o fim de obter o pano.

Como é de se supor, cada tipo de tear implica em processo de tecelagem diferente. No tear de pê a teceloa tem que usar pés e mãos com o fim de fazê-lo funcionar. Ficando em pê sobre os pedais (ou pisadeiras, como dizem), movimenta os mesmos com a força do corpo, em movimentos alternados, os quais acionam os liços para obter a separação dos fios⁽¹¹⁾, urdidos em duas camadas que trocam de posição a cada vez que os pedais são movimentados. Concomitantemente, conjugando-se com o movimento dos pés, as mãos vão sendo utilizadas para passar a lançadeira (foto 20) de um lado para o outro, que vai soltando o fio que se encontra na canelinha a fim de se entrelaçar com o que está urdido. Cada vez que a lançadeira atravessa os fios urdidos, a teceloa puxa, em sua direção, o pente do tear a fim de prensar a perna de fio que ficou, com as que já se encontram ali. Desta forma, os movimentos de pernas e braços continuam até atingir o tamanho desejado para o pano.

No tear de parede, também trabalhado sempre em pê, a teceloa executa sua tarefa utilizando seus braços e mãos que aqui funcionam, em dados momentos, como se fossem peças do tear. Enquanto no tear de pê e em outros semelhantes, a lançadeira a

travessa o fio ou linha urdido (a) de uma só vez, no tear de pa rede tal operação é executada em, no mínimo, duas vezes. Com uma das mãos, a teceloa vai fazendo movimentos com os feixes de liços, que separar as camadas de fio ou linha, enquanto o outro braço vai "abrindo caminho" entre essas camadas cujo espaço é logo em seguida ocupado pelo facão, o qual permite a passagem do bilro que vai soltando o fio ou linha que será entrelaçado com o (a) que está urdido (a). Logo após a passagem do bilro, a teceloa utiliza o facão que permitiu a passagem do fio ou da linha por entre as camadas urdidas, e bate-o com força, de encontro à perna de fio ou linha que ficou, a fim de pressionar a mesma com as que já se encontram ali. Feito tudo isso em uma faixa dos fios ou linha urdido (a) a teceloa repete o mesmo processo na faixa seguinte, até chegar ao fim da largura programada para o pano. E assim terá que preceder todas as vezes que for passar o fio ou a linha de um extremo ao outro da largura em que se encontra o urdume, até completar o comprimento desejado.

Os acessórios que complementam a rede são os punhos⁽¹²⁾ (cordões), as franjas e as grades⁽¹³⁾ (varandas), cujas confecções independem de estar pronto ou não o pano de rede. São confeccionadas conforme demonstram as fotos 12 a 14, para os punhos; foto 09, para as franjas e fotos 15 a 19, para as grades.

TERCEIRA FASE - Acabamento da rede.

Este é o momento em que se realizam as operações para "aprontar" a rede. Consiste em fazer algumas operações de

conclusão do pano da rede, já que no tear não é possível deixá-lo completo, e acoplar ao mesmo as outras partes da rede, confeccionadas através da utilização de outros instrumentos. Por isso a ordem de tarefas dessa fase, como está a seguir, obedece muito mais ao momento de montagem de rede que de confecção dessas outras partes, já que algumas podem ser executadas simultaneamente por diferentes pessoas. Em Pedro II, é a seguinte a ordem de tarefas para o acabamento de uma rede, ressaltando-se que tudo é feito à mão:

1. fazer tranças. Quando da tecelagem do pano, cerca de 20 cm, em cada extremidade do comprimento do fio ou linha urdido (a) fica sem sofrer o processo da tecelagem. A partir desse material "solto" são confeccionadas (com as mãos) várias tranças, a mais ou menos 5 cm uma da outra, com pequenas argolas em suas extremidades, através das quais passarão os cordões dos punhos⁽¹⁴⁾.
2. costurar os panos. Consiste em emendar os panos, no caso da rede de três panos, para o que é utilizada agulha grossa de costura à mão.
3. perfilar⁽¹⁵⁾. Costura feita nas extremidades do comprimento do pano passando pela base das tranças, para evitar que se desmanche o entrelaçamento do mesmo. É utilizado o mesmo instrumento do caso anterior.
4. passar mamucaba. Tecer uma cinta que "amarra" todas as tranças, guardando as devidas distâncias.

cias entre si, vez que esta passa em sentido transversal, pela metade das mesmas. Há casos de se passarem mais de uma mamucaba.

5. colocar os punhos. Juntar ao pano da rede, a través das tranças os cordões que servirão de suporte para a rede.
6. fazer o carelo. Consiste em unir os punhos com o fim de elaborar uma argola que se constitui na extremidade da rede, por onde a mesma é "armada" para o uso.
7. colocar grades. Conforme já foi dito antes, em outros lugares são conhecidos como varandas. São enfeites laterais, com cerca de 25 cm de largura, estendidas ao longo do pano da rede. Existem diversos tipos de feitios, sendo, hoje o mais comum o feitio ao estilo do "crochê" devido à facilidade de sua confecção.
8. colocar franjas. São enfeites laterais colocados nas bases das grades. Consiste em unir feixe de pedaços de fio ou linha - cada um com cerca de 5 cm de comprimento - estendido ao longo das laterais do pano da rede.

Fica, pois, caracterizado que a atividade de confecção de redes em Pedro II, baseia-se na utilização de instrumentos de trabalho, cuja característica marcante é a rusticidade, o que implica na adoção de técnicas de trabalho (descritas no item 3 deste capítulo) que remontam a séculos, e até mesmo a milênios. Tal situação tem relação direta com o volume de

força de trabalho a ser utilizado - vez que tudo ali é "feito à mão" - fato que suscitou, inclusive, que se dedicasse um capítulo para tratar desse assunto (capítulo II).

Através da figura 06, tem-se uma visão sobre a distribuição especial dos diversos tipos de rede produzidas em Pedro II, assim como sobre os mais produzidos.

Sumariamente pode-se demonstrar as fases por que passa a confecção de uma rede, conforme consta da figura 07.

4. FORÇA DE TRABALHO

Da forma como se apresenta a atividade de confecção de redes em Pedro II, com os tipos de instrumentos de trabalho e as técnicas utilizadas, a força de trabalho utilizada para tal, assume características peculiares à realidade sócio-econômica local. Com efeito, conforme MARX (1982),

*Os meios de trabalho servem para medir o desenvolvimento da força humana de trabalho e além disso, indicam as condições sociais em que se realiza o trabalho** (p. 204)

Assim deixou-se a análise desse fator para o momento em que se for estudar o comportamento do grupo familiar como unidade de produção de rede, no capítulo II. Deve ser ressaltado no momento, apenas o fato de que a qualificação para a execução das tarefas, é obtida no próprio lar, já que é aí onde se desenvolvem todas as atividades, o que facilita a assimilação das técnicas concomitantemente ao crescimento dos indivíduos.

* sem grifo no original

FIGURA 6
DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL DOS GRUPOS FAMILIARES (PESQUISADOS) PRODUTORES DE REDE, EM PEDRO
II, CONFORME O TIPO DE REDE PRODUZIDA.

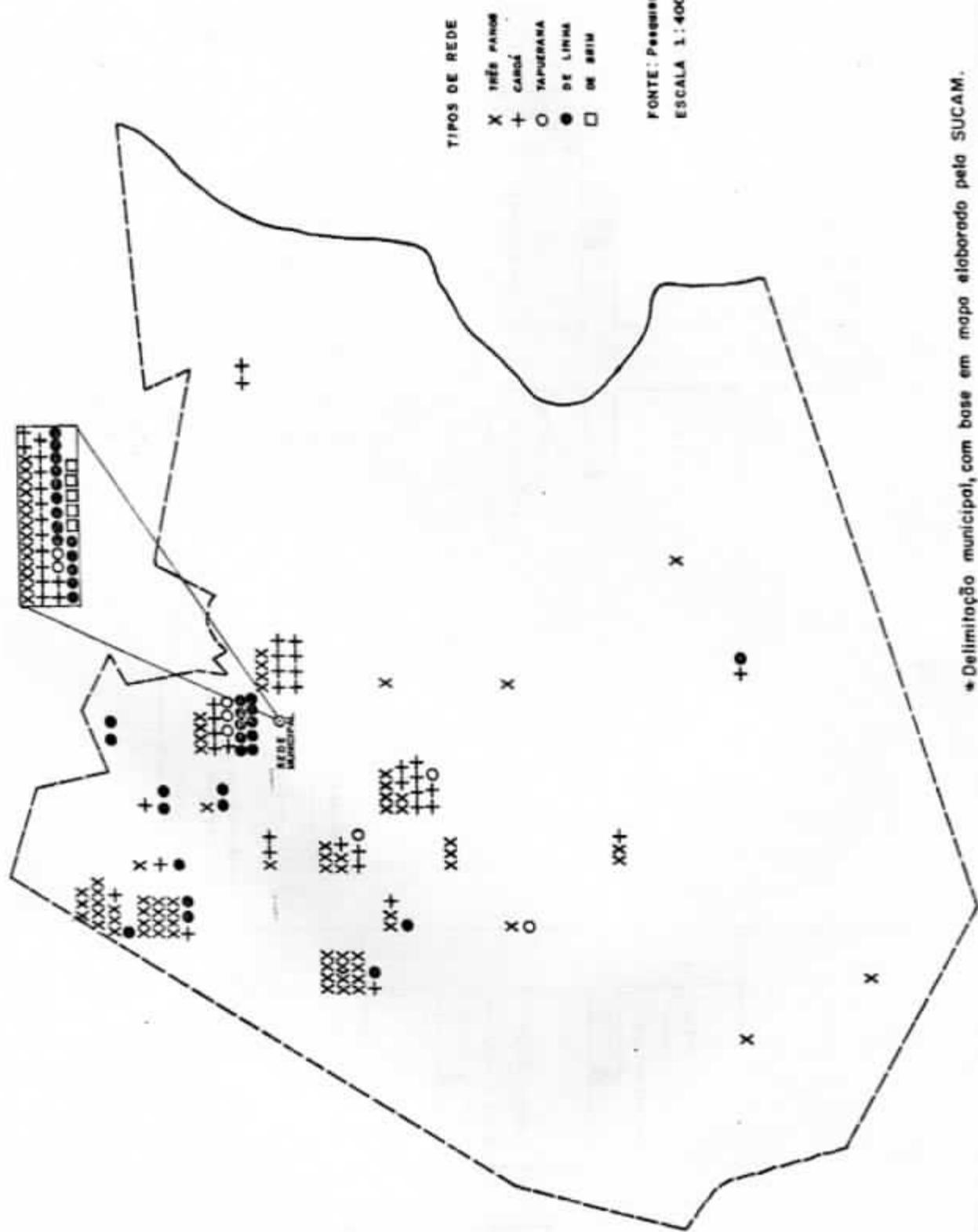
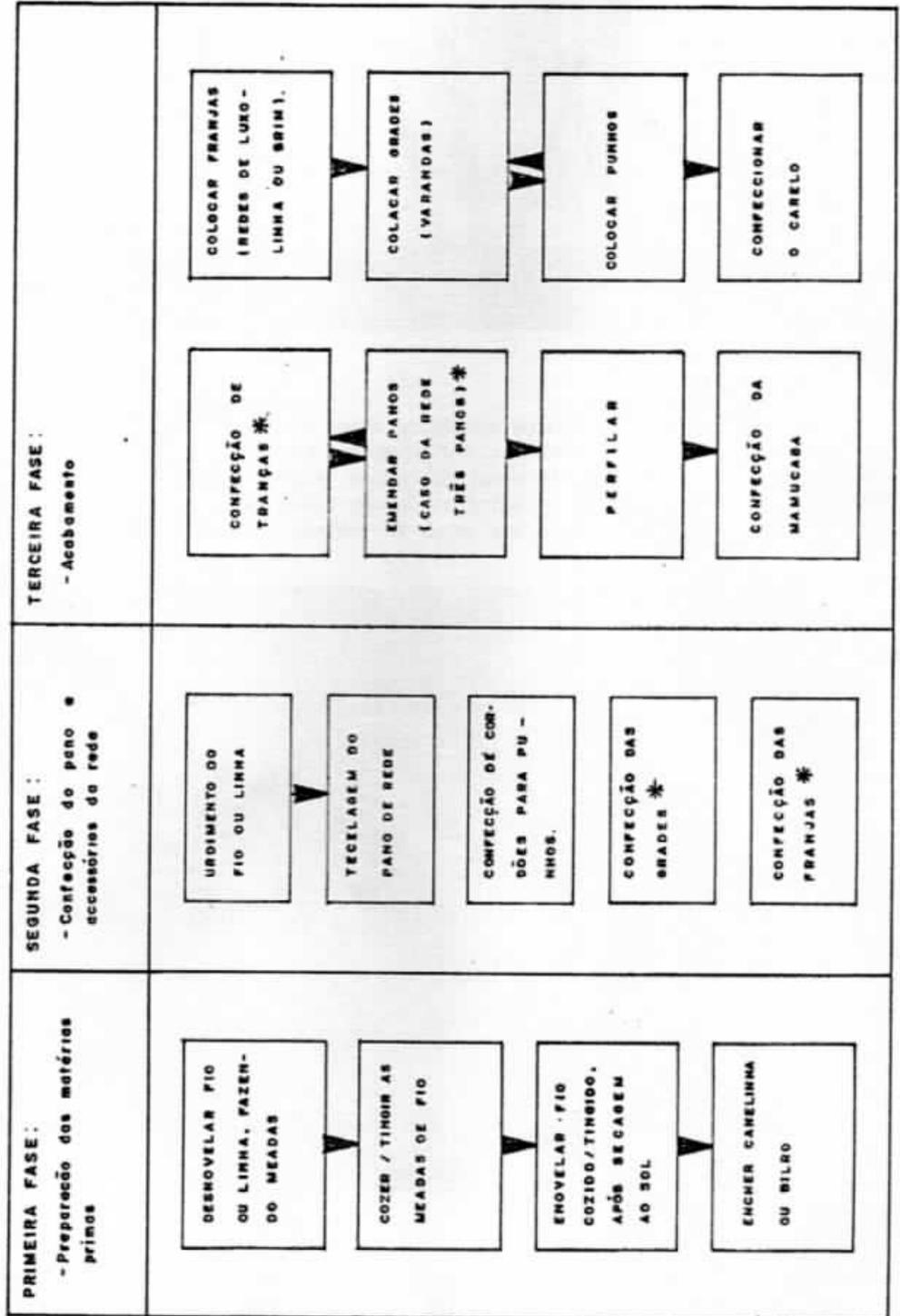


FIGURA 7
DISCRIMINAÇÃO DAS FASES DO PROCESSO DE CONFEÇÃO ARTESANAL DE REDES-DE-DORMIR EM PEDRO II.



* Podem ser confeccionados concomitante a outras operações.

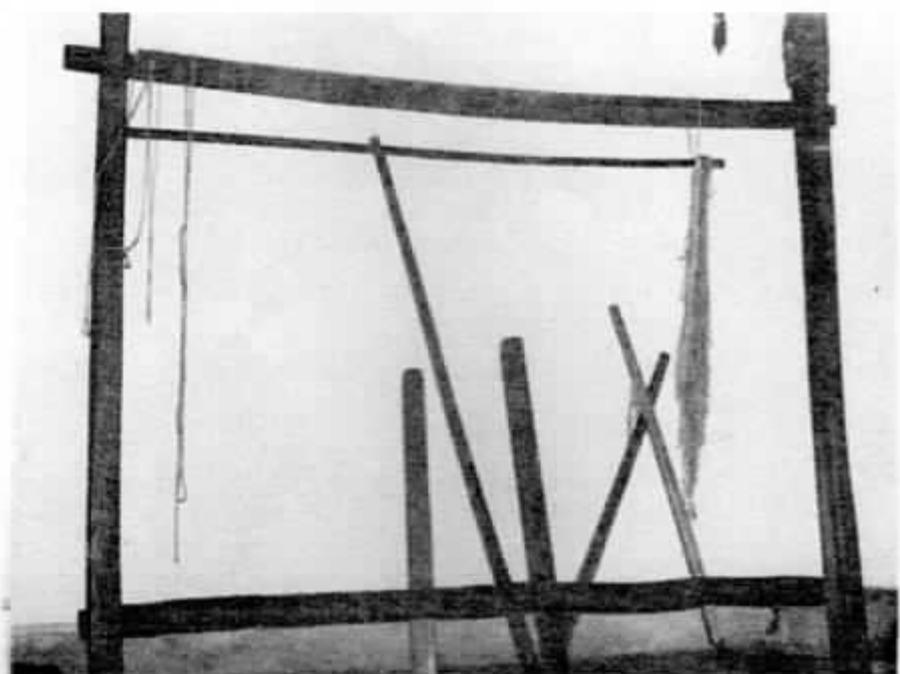


Foto n.º 2

Tear de parede. Destaque para a grade principal composta por quatro peças - a horizontal inferior varia a distância da superior conforme o comprimento que se deseje para o pano da rede. As demais peças soltas no meio do quadro principal, facões (os dois mais largos em pé); espichadeira (duas peças amarradas uma a outra, para variar o distanciamento de suas extremidades), e barras (as duas compridas e finas) e liços (feixes de cordões dependurados).



Foto n.º 3

Tear de parede. Destaque para as demais peças, que "só fazem parte do tear" quando o mesmo está sendo operado. Na mão direita da teceloa está o bilro "carregado", com linha.

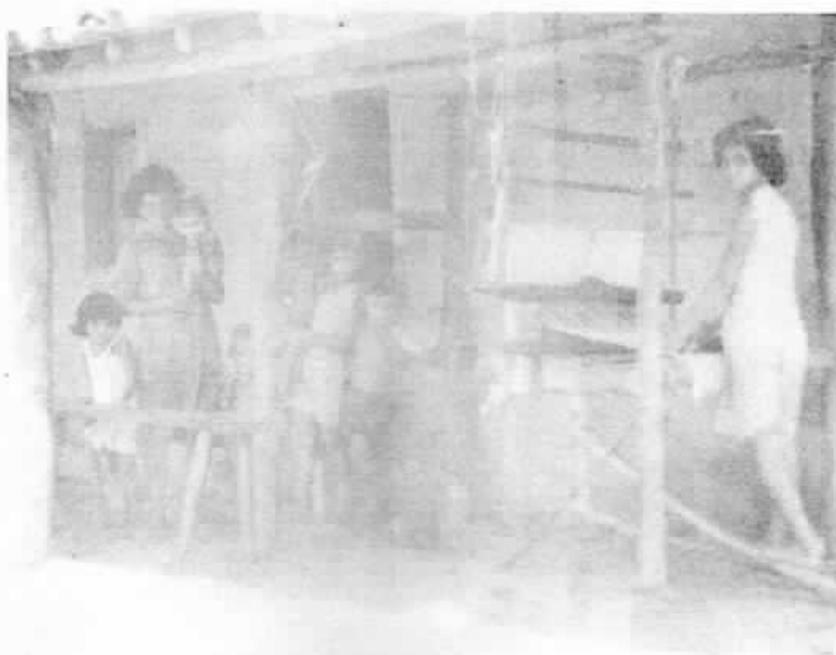


Foto n.º 4

Tear de pé (vide foto n.º 1). Na parte central estão os liços (cordões brancos na vertical, os quais programam o tipo de entrelaçamento dos fios e a combinação de cores) e o "pente" (feito com talos de palmeira - babaçu ou buriti - com cerca de 20 cm de comprimento, presas nas extremidades por barras de madeira, com o fim de manter as pernas de fio, separadas entre si).



Foto n.º 5

Tear de pé. Em fase de urdimento do fio.



Foto n.º 6

Viramundo de desenovelar fio - modelo compacto: instrumento de fazer meadas de fio para o tingimento. As próprias pernas das pessoas, também são utilizadas com o mesmo fim.



Foto n.º 7

Viramundo de desenovelar fio - modelo com carretel separado da base (duas forquilhas fixas no chão) e do comando de distância entre as meadas.



Foto n.º 8

Panela de ferro utilizada para o tingimento do fio. O forno é o mesmo onde se cozinham as refeições, ou uma simples trempe formada com pedras.



Foto nº 9

Tear de fazer franjas.



Foto nº 10

Viramundo de desmanchar meadas - instrumento utilizado após o tingimento do fio, a partir do qual se enchem as canelinas (caso da foto nº 21) ou se fazem novos novelos para usos diversos.



Foto nº 11

Viramundo de desmanchar meadas. Destaque para eixo diferente do anterior, vez que o mesmo galho de árvore que serve de base, também, é o eixo.

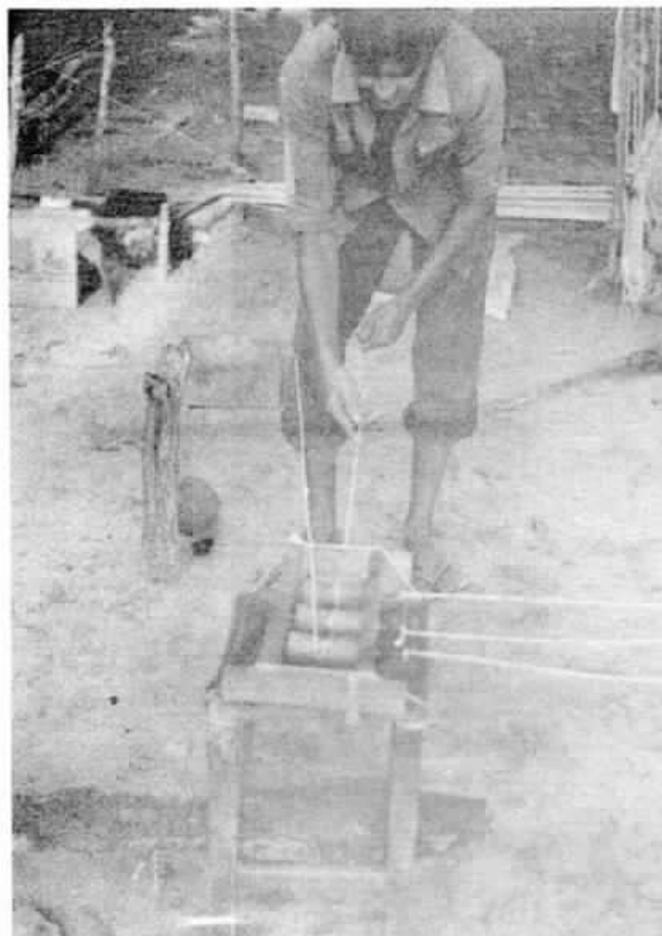


Foto n.º 12

Carretel de fazer punho. Destaque para o corpo principal e forma de funcionamento. Uma das pernas da pessoa que o opera funciona como se fosse uma de suas partes.



Foto nº 13

Carretel de fazer punho. Destaque para suportes - tamborete e tronco de árvore para prendê-lo ao solo. Veja-se ao fundo pequenas forquilhas que sustentam o fio estendido para ser torcido, cujas extremidades encontram-se amarradas em outro suporte situado a cerca de 15 metros do carretel.



Foto nº 14

Tear de pé sendo operado pela filha, enquanto a mãe faz punhos, utilizando um fuso manual, que também serve para fiar algodão.

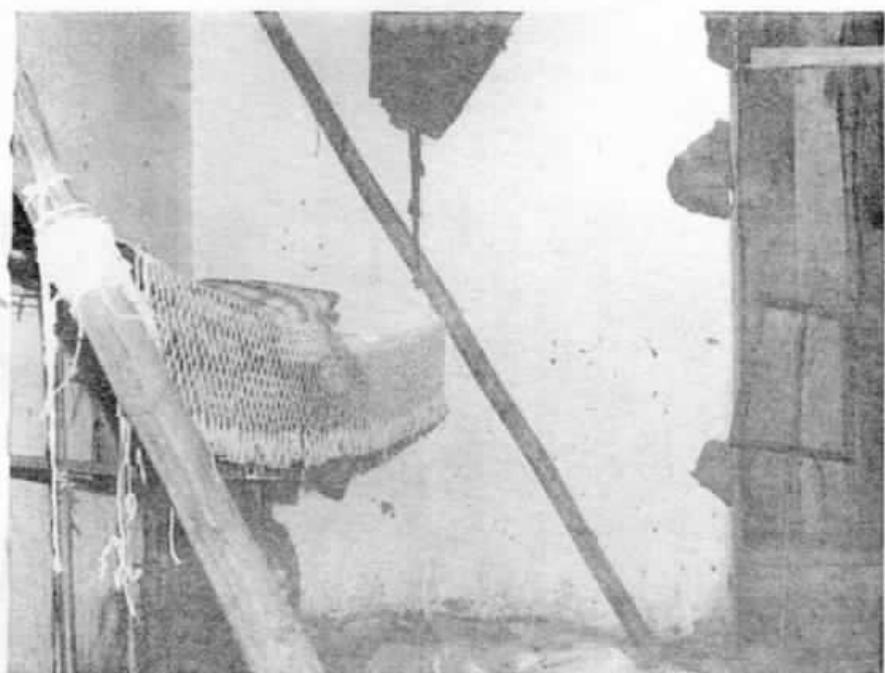


Foto n.º 15

Suportes para fazer grades (varandas) à mão - aqui dois troncos de madeira não fixos. Pregos em paredes, pernas de mesa e outros objetos também são utilizados para tal fim.



Foto nº 16

Almofada de bilros. Serve para confeccionar "grades" para posterior preenchimento.



Foto nº 17

Grade de madeira para encher "grade" Após a confecção na almofada a grade é colocada nesta peça para ser "preenchida" conforme o desenho que se quer obter.



Foto n.º 18

Grupo de moças fazendo varandas, utilizando agulha de crochê.

Menina andando pela rua,
mas fazendo varanda uti-
lizando agulha de crochê.



Foto nº 19



Foto n.º 20

Lançadeira - peça de madeira com uma escavação onde é colocado a canelinha carregada com o fio que vai fazer a trama do tecido com o que se encontra urdido.



Foto n.º 21

Canelinha (em primeiro plano na mão da criança) - pequeno cilindro de madeira com um orifício no centro por onde passa um arame preso pelas extremidades na lançadeira com cera de abelha (vide foto n.º 20).

NOTAS

- (1) - Banco do Nordeste do Brasil.
- (2) - O PNDA foi criado a 08.08.77, conforme Decreto 80.098.
- (3) - Outros modelos de tear manuais e teares mecânicos, conforme ROCHA (1979:28-30), permitem a confecção de redes de um pano só. Nestes, a tecelagem é em sentido horizontal e a produtividade é muitas vezes superior, porém a qualidade do produto é inferior. Enquanto no "batelão", de uma vez pode-se urdir fio para até setenta redes, no "tear de parede" só se pode urdir para uma de cada vez.
- (4) - O tipo de batelão é um doles. Assim como o "tear de parede", o "tear de pê", existente em Pedro II, só permite urdir material para um pano de cada vez, o que torna necessário urdir fio três vezes para tecer os panos de uma só rede, processo que só pode ser feito quando terminar de tecer cada pano, implicando em baixíssima produtividade em relação ao tipo "batelão".
- (5) - Jatobã = marrom; Tatajuba = amarelo; Aroeira = violeta; Taçuna = azul; Anil Bravo = azul; Ameixa = para fixar as cores.
- (6) - No início de 1982, esboçava-se a implantação de uma pequena indústria, com máquinas elétricas, para a fabricação de um dos componentes da rede, no caso o cordão para punhos. Deve-se ressaltar, contudo, que, embora já existissem à venda no comércio este tipo de produto, a maio

ria dos produtores preferia continuar fazendo tais cordões pelo processo caseiro, utilizando o "carretel" de fazer punhos.

- (7) - A rede feita a partir de tecidos resistentes provenientes de fábricas modernas, dispensa tal fase.
- (8) - Termo comumente utilizado naquele município.
- (9) - A linha dispensa o tingimento, pois já vem colorida.
- (10) - Por ser utilizada em pequena quantidade, deixou-se de citar a água nas matérias-primas.
- (11) - Neste tipo de tear, em Pedro II, só se tece pano de fio.
- (12) - Em outros lugares, são denominados de cordões de trançolim.
- (13) - O mesmo que varandas, porém é o termo mais usado em Pedro II.
- (14) - No caso das redes confeccionadas a partir de brins, esta parte é obtida, ou através de se desfiar as extremidades do pano, ou introduzir faixas de fio ou linha.
- (15) - Em Pedro II pronuncia-se "prifilar".

CAPÍTULO II

O GRUPO FAMILIAR (DOMÉSTICO) COMO UNIDADE DE PRODUÇÃO DE REDES, EM PEDRO II

No presente capítulo pretende-se demonstrar como a atividade de confecção artesanal de redes, em Pedro II, tem na família, ou seja, no grupo doméstico, a unidade de produção. Deve-se ressaltar que ali, as unidades de produção são exclusivamente domésticas. O fato mais simples e aparente que demonstra tal condição, está no próprio local de trabalho, o qual se confunde com o de moradia. Para tanto, serão analisadas neste capítulo, as estruturas demográfica e econômica da população pesquisada.

1. ESTRUTURA DEMOGRÁFICA

Para se chegar ao ponto de análise da estrutura dos grupos domésticos em torno das atividades econômicas, especialmente no caso da confecção de redes, será analisada inicialmente a estrutura demográfica da população pesquisada em cada uma das áreas, compreendendo três momentos, face os objetivos do presente trabalho:

1. Estrutura por sexo, em cada faixa etária;
2. Estrutura etária por sexo;
3. Composição do grupo familiar, segundo o número de membros com 18 e mais, por sexo.

1.1. Estrutura por sexo e idade

Conforme demonstra a Tabela 1, embora em cada área haja variações na composição dos diversos grupos, no cômputo geral a maioria é do sexo feminino.

O que chama a atenção, é a expressiva maioria de mulheres, tanto na Zona Urbana como na Zona Rural I (áreas da rede), na faixa dos 15 aos 49 anos de idade, justamente na faixa de maior poder de empenho nas atividades produtivas, o que pode estar vinculado à tecelagem de redes.

Na Zona Rural II, a situação é bem diferente, havendo um certo equilíbrio entre os sexos, naquela faixa etária. Acredita-se que uma das explicações para esta situação, é o fato de tal área ser caracterizada como a "área de criação" do município, atividade que é considerada tipicamente do sexo masculino, além do que ali o homem é, praticamente, o único provedor dos meios de subsistência para o grupo familiar, já que as poucas atividades que algumas mulheres desenvolvem com o fim de obterem renda monetária, são de baixíssima remuneração. Tal circunstância pode funcionar no sentido de "prender" mais o elemento do sexo masculino em seu meio, fato que ocorre em menor escala na Zona Rural I e na Zona Urbana, onde boa parte das mulheres têm ativa participação para a formação da renda familiar, como se pretende demonstrar no presente trabalho.

ESTRUTURA DE GRUPOS DE IDADE, POR SEXO, SEGUNDO SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO (PERCENTAGENS)

| Grupos de Idade | HOMENS | | | MULHERES | | | TOTAIS (100,0%) | | |
|-----------------|--------|--------|---------|----------|--------|---------|-----------------|--------|---------|
| | URB. | RUR. I | RUR. II | URB. | RUR. I | RUR. II | URB. | RUR. I | RUR. II |
| | | | | | | | | | |
| 0 | 46,9 | 57,1 | 35,4 | 53,1 | 42,9 | 64,6 | (32) | (105) | (48) |
| 5 | 47,5 | 55,3 | 48,8 | 52,5 | 44,7 | 51,2 | (40) | (141) | (43) |
| 10 | 55,4 | 46,5 | 51,3 | 44,6 | 53,5 | 48,7 | (65) | (142) | (39) |
| 15 | 41,5 | 41,9 | 50,00 | 58,5 | 58,1 | 50,00 | (65) | (136) | (42) |
| 20 | 37,9 | 43,8 | 48,9 | 62,1 | 56,2 | 51,1 | (87) | (283) | (94) |
| 50 | 52,1 | 51,2 | 58,7 | 47,9 | 48,8 | 41,3 | (48) | (121) | (46) |
| Totais | 46,0 | 48,2 | 48,7 | 54,0 | 51,8 | 51,3 | (337) | (928) | (312) |

Fonte: Pesquisa direta, fev-mar/82

TABELA 02

Pedro II

ESTRUTURA ETÁRIA POR SEXO, SEGUNDO SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO (Percentagens)

| GRUPOS DE IDADE | HOMENS | | | MULHERES | | | GERAL |
|-----------------|--------|--------|---------|----------|--------|---------|---------|
| | URB. | RUR. I | RUR. II | URB. | RUR. I | RUR. II | |
| 0 ————— 4 | 9,7 | 13,4 | 11,2 | 9,4 | 9,3 | 19,4 | 11,7 |
| 5 ————— 9 | 12,3 | 17,5 | 13,8 | 11,5 | 19,1 | 13,7 | 14,2 |
| 10 ————— 14 | 23,2 | 14,8 | 13,2 | 15,9 | 15,8 | 11,9 | 15,6 |
| 15 ————— 19 | 17,4 | 12,7 | 13,8 | 20,9 | 16,4 | 13,1 | 15,4 |
| 20 ————— 49 | 21,3 | 27,7 | 30,3 | 29,7 | 33,1 | 30,0 | 29,5 |
| 50 e + (mais) | 16,1 | 13,9 | 17,7 | 12,6 | 12,3 | 11,9 | 13,6 |
| Totais (100,0%) | (155) | (447) | (152) | (182) | (481) | (160) | (1.577) |

Fonte: Pesquisa direta, fev-mar/82

Os dados da tabela 02 revelam que a nível de faixas etárias há, em algumas delas, significativas variações na composição da população das áreas consideradas, não só dentro de uma mesma área, mas das áreas entre si.

Na Zona Urbana e na Zona Rural I, na faixa etária de 0 a 14 anos os homens representam, respectivamente, cerca de 45,0%, enquanto as mulheres situam-se em 36,2% e 38,2%, respectivamente. Situação inversa é observada para a Zona Rural II.

Considerando o aspecto ora analisado fica evidenciado, uma maior participação relativa das mulheres nas Zonas Urbana e Rural I, na faixa dos 15 aos 49 anos de idade, fato

não observado para a Zona Rural II, onde há um certo equilíbrio entre os dois sexos. A maior presença relativa de homens na faixa dos 50 anos e mais, na Zona Rural II (17,7% contra 11,9% de mulheres), mais uma vez vem corroborar as observações anteriores.

TABELA 03

Pedro II

DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS FAMILIARES, SEGUNDO O NÚMERO DE MEMBROS
COM 18 ANOS E MAIS (Percentagens)

| Nº DE MEMBROS | Z. URBANA | | Z. RURAL I | | Z. RURAL II | |
|-----------------|-----------|----------|------------|----------|-------------|----------|
| | Homens | Mulheres | Homens | Mulheres | Homens | Mulheres |
| 0 | 12,0 | - | 5,1 | 1,3 | 2,0 | 4,0 |
| 1 | 50,0 | 40,0 | 67,5 | 61,8 | 60,0 | 64,0 |
| 2 | 26,0 | 36,0 | 19,1 | 20,4 | 20,0 | 22,0 |
| 3 e + (mais) | 12,0 | 24,0 | 8,3 | 16,5 | 18,0 | 10,0 |
| Totais (100,0%) | (50) | (50) | (157) | (157) | (50) | (50) |

Fonte: Pesquisa direta, fev-mar/82

1.2. Composição do grupo familiar

Tendo em vista as peculiaridades da atividade em estudo e o meio onde essa se insere, para a análise da composição do grupo familiar, optou-se por considerar apenas os indivíduos com 18 anos e mais, por sexo, pois supõe-se que tal composição pode fornecer pistas para se compreender a estruturação do grupo familiar em torno das atividades econômicas de uma da área, sobretudo porque pode revelar aspectos relativos à par

participação da mulher na aquisição dos bens necessários à sobrevivência do mesmo. Com efeito, conforme os dados da Tabela 03 há significativas diferenças na composição dos grupos familiares com indivíduos daquela faixa etária, entre as áreas onde se efetuam a pesquisa, podendo-se destacar:

- a) na Zona Urbana, em 12,0% dos lares pesquisados não havia um só homem com 18 anos e mais, o que significa dizer que, normalmente, nesses casos, a mulher constitui-se em chefe do grupo e, em 50,0% havia apenas um homem em tal faixa etária; por outro lado, em 60,0% dos grupos havia duas e mais mulheres, sendo que na classe de três e mais membros chega a ser o dobro dos homens;
- b) nas Zonas Rurais I e II fica bem caracterizada a forte incidência da presença dos casais com muitos filhos menores, quando se observa a existência de elevado número de grupos com um indivíduo de cada sexo, na faixa dos 18 anos e mais, aproximando-se de dois terços do total; a principal diferença entre ambas situa-se, mais uma vez, na participação relativa entre homens e mulheres no contingente populacional dessas áreas. Enquanto na Zona Rural I (assim como se verificou para a Zona Urbana), na classe de três e mais membros, com 18 anos e mais, a participação relativa das mulheres (16,5%) é o dobro da dos homens, (8,3%), na Zona Rural

II ocorre o contrário (18,0% para os homens e 10,0% para as mulheres).

O envolvimento das mulheres das Zonas Urbana e Rural I, com a atividade de confecção de redes, deve ser um dos principais elementos para a explicação de sua maior participação relativa no contingente populacional na área produtora da rede.

2. ESTRUTURA ECONÓMICA

Continuando a análise da população recenseada, verifica-se, a seguir, como se encontrava cada grupo de idade em relação às principais atividades econômicas desempenhadas pelos indivíduos nas diferentes áreas.

Pelo que consta na Tabela 04 a agricultura constitui-se na principal atividade para os homens nas três áreas consideradas e para as mulheres na Zona Rural II, enquanto a rede se constitui na principal ocupação das mulheres nas Zonas Urbana e Rural I. A pesquisa revelou também que, dos que exerciam alguma atividade secundária nas Zonas Urbana (29,3%) e Rural I (34,1%), a maioria dedica-se à atividade de confecção de redes, a qual absorvia nas respectivas áreas 58,5% e 82,6% dos que assim procedem. Acrescente-se ainda que na Zona Rural II apenas 3,7% dos homens com atividade definida, tinham uma outra atividade em caráter secundário.

Como atividade principal para homens, a tecelagem de redes, nas Zonas Urbana e Rural I absorve contingente não muito desprezível, vez que se constitui em atividade principal

para 15,7% e 10,8%, respectivamente (Tabela 04) do contingente do sexo masculino dos lares pesquisados.

É contudo, nos grupos de menor idade que há uma maior participação do sexo masculino na atividade tecelã. Entre as Zonas Urbana e Rural I há, porém, significativas diferenças, quanto à participação dos homens, podendo-se destacar:

- a) quando se observa a confecção de redes como a atividade principal, para os homens, a absorção, relativa, por grupos de idade, de crianças com 5 a 9 anos na Zona Rural I corresponde a quase o triplo da absorção da Zona Urbana (Tabela 04) enquanto que em atividades agrícolas a participação nesse grupo apresenta somente crianças da Zona Rural I o que, obviamente, deve-se à localização de suas residências. Já no contingente de 10 anos e mais a participação dos homens da Zona Urbana, nas atividades a fins à rede é em torno do dobro da Zona Rural I;
- b) quando se observa a confecção de redes como a atividade secundária para os homens, a participação dos que residem na Zona Rural I é bem superior à dos residentes na Zona Urbana, denotando a importante participação dos homens ao retornarem das lides agrícolas.

Conforme demonstram os números da Tabela 05 a grande maioria das mulheres das Zonas Urbana e Rural I têm como principal atividade econômica a confecção de redes⁽¹⁾, enquanto

TABELA 04

Pedro II

POPULAÇÃO MASCULINA: ESTRUTURA ECONÔMICA DE CADA FAIXA ETÁRIA, SEGUNDO A ATIVIDADE PRINCIPAL
(PERCENTAGENS)

| GRUPOS DE IDADE | AGRIC. | | | FEDE | | | OUTRAS | | | SEM OCUPAÇÃO | | | TOTALS (100,0%) | | |
|-----------------|--------|--------|---------|------|--------|---------|--------|--------|---------|--------------|--------|---------|-----------------|--------|---------|
| | URB. | RUR. I | RUR. II | URB. | RUR. I | RUR. II | URB. | RUR. I | RUR. II | URB. | RUR. I | RUR. II | URB. | RUR. I | RUR. II |
| | | | | | | | | | | | | | | | |
| 5 | - | 10,2 | 9,5 | 10,5 | 28,2 | - | - | - | 89,5 | 61,6 | 90,5 | (19) | (78) | (21) | |
| 10 | 13,9 | 63,6 | 75,00 | 36,1 | 15,1 | - | - | - | 50,00 | 21,3 | 25,00 | (36) | (66) | (20) | |
| 15 | 40,8 | 89,4 | 90,5 | 14,8 | 7,0 | - | 14,8 | 4,7 | 29,6 | 1,8 | 4,8 | (27) | (57) | (21) | |
| 20 | 45,5 | 86,3 | 95,7 | 6,1 | 4,1 | - | 36,4 | 4,3 | 12,0 | 3,1 | - | (33) | (124) | (46) | |
| 50 e + (mais) | 60,00 | 83,9 | 85,2 | 4,00 | 1,7 | - | 20,00 | 3,2 | 16,00 | 11,2 | 14,8 | (25) | (62) | (27) | |
| Totais | 32,9 | 67,1 | 76,3 | 15,7 | 10,8 | - | 15,00 | 2,8 | 36,4 | 19,3 | 21,5 | (140) | (387) | (135) | |

Fonte: Pesquisa direta, fev-mar/82.

TABELA 05

Pedro II

POPULAÇÃO FEMININA: ESTRUTURA ECONÔMICA DE CADA FAIXA ETÁRIA, SEGUNDO A ATIVIDADE PRINCIPAL
(PERCENTAGENS)

| | AGRIC. | | | REDE | | | OUTRAS | | | SEM OCUPAÇÃO | | | TOTALS (100,0%) | | | | | |
|---------------|--------|--------|---------|-------|--------|---------|--------|--------|---------|--------------|--------|---------|-----------------|--------|---------|-------|-------|-------|
| | URB. | RUR. I | RUR. II | URB. | RUR. I | RUR. II | URB. | RUR. I | RUR. II | URB. | RUR. I | RUR. II | URB. | RUR. I | RUR. II | | | |
| | | 2,6 | 36,9 | | 89,6 | 77,6 | | 10,5 | 4,5 | | - | 3,2 | | 46,0 | 23,8 | 4,5 | - | 76,2 |
| 5 | - | - | - | 23,8 | 46,0 | 4,5 | - | 3,2 | 46,0 | 23,8 | 4,5 | - | 76,2 | 50,8 | 95,5 | (21) | (63) | (22) |
| 10 | - | 2,6 | 36,9 | 89,6 | 77,6 | 10,5 | - | 5,3 | 77,6 | 89,6 | 10,5 | - | 10,4 | 14,5 | 47,4 | (29) | (76) | (19) |
| 15 | - | 3,8 | 28,6 | 94,7 | 92,4 | 19,0 | - | 1,3 | 92,4 | 94,7 | 19,0 | - | 5,3 | 2,5 | 28,6 | (38) | (79) | (21) |
| 20 | - | 3,1 | 39,6 | 87,0 | 79,9 | 16,7 | 7,4 | 5,0 | 79,9 | 87,0 | 16,7 | 7,4 | 5,6 | 12,0 | 22,9 | (54) | (159) | (48) |
| 50 e + (mais) | - | 5,1 | 15,8 | 100,0 | 66,1 | 21,0 | - | 1,7 | 66,1 | 100,0 | 21,0 | - | - | 27,1 | 47,4 | (23) | (59) | (19) |
| Totais | - | 3,0 | 27,1 | 83,0 | 75,0 | 14,7 | 2,4 | 3,7 | 75,0 | 83,0 | 14,7 | 2,4 | 14,6 | 18,7 | 43,4 | (165) | (436) | (129) |

Fonte: Pesquisa direta, fev-mar/82.

na Zona Rural II, para as poucas que exercem atividades, além das domésticas, as atividades agrícolas são quem absorve a maior parte.

Para as mulheres, o labor nas atividades relativas à tecelagem de redes, começa desde cedo, fato evidenciado na faixa etária dos 5 a 9 anos de idade (Tabela 05). Do total desta faixa, 23,8% das residentes na Zona Urbana e 46,0% das residentes na Zona Rural I, áreas da concentração da atividade tecelã, já se dedicam às tarefas de tecelagem. Nas demais faixas etárias a quase totalidade das mulheres das Zonas Urbana e Rural I, têm na confecção de rede sua principal atividade econômica, excetuando-se a faixa dos 50 anos e mais das residentes na Zona Rural I. Contudo, nessa mesma faixa, observa-se um alto índice de pessoas desocupadas (27,1%). Portanto, a quase totalidade das que têm uma ocupação econômica, está na tecelagem de redes (Tabela 05). Até mesmo daquelas que tinham alguma atividade secundária, a rede era a maior absorvedora.

Quanto ao exercício de outras atividades, que não as agrícolas e a tecelagem, na área urbana, pela própria natureza das condições que oferece, a maior participação relativa é de homens, com 15,0% do seu total de 5 anos e mais. Dedicam-se às atividades tipicamente urbanas; como o comércio e outros serviços. Na Zona Rural II, 14,8% das mulheres estão nesta categoria, estando aí incluídas sobretudo aquelas que confeccionam surrões de palha de carnaúba.

Ao se observar os números relativos aos que não tinham ocupação econômica, constatou-se que há significativas diferenças, não só ao nível de cada sexo, entre as diferentes á

reas pesquisadas, mas também dentro de uma mesma área, entre os sexos. Dentre as principais diferenças pode-se destacar:

- a) o maior índice de pessoas sem uma ocupação econômica corresponde às mulheres da Zona Rural II, não só no cômputo geral mas ao nível das faixas etárias, o que denota, mais uma vez, a alta absorção da força de trabalho feminina nas áreas de rede, onde tais índices são muito inferiores (Tabelas 04 e 05);
- b) na Zona Urbana, onde só se pesquisou em grupos ligados à atividade tecelã, a diferença dos índices de desocupados entre homens e mulheres, é bastante acentuada, como estas últimas apresentando índices bem inferiores. Destaca-se aí, o caso da faixa etária dos 50 anos e mais, onde, nos grupos pesquisados, se observa que 16,0% dos homens não tinham ocupação, enquanto todas as mulheres estavam na atividade tecelã de redes (Tabelas 04 e 05).

3. ESTRUTURA EM TORNO DA ATIVIDADE DE TECELAGEM⁽²⁾

Pelo que se viu no capítulo I, as técnicas utilizadas no trabalho de confecção de redes em Pedro II implicam a utilização de elevado contingente de força de trabalho, vez que todas as operações realizadas, são manuais. Também ficou evidenciado que para muitas operações não são exigidos conhecimentos especializados da parte de quem as execute.

Nesse contexto, qualquer elemento que possua um mínimo de coordenação motora em seus membros, sobretudo nas mãos, poderá desempenhar algum tipo de tarefa ligada à confecção de redes.

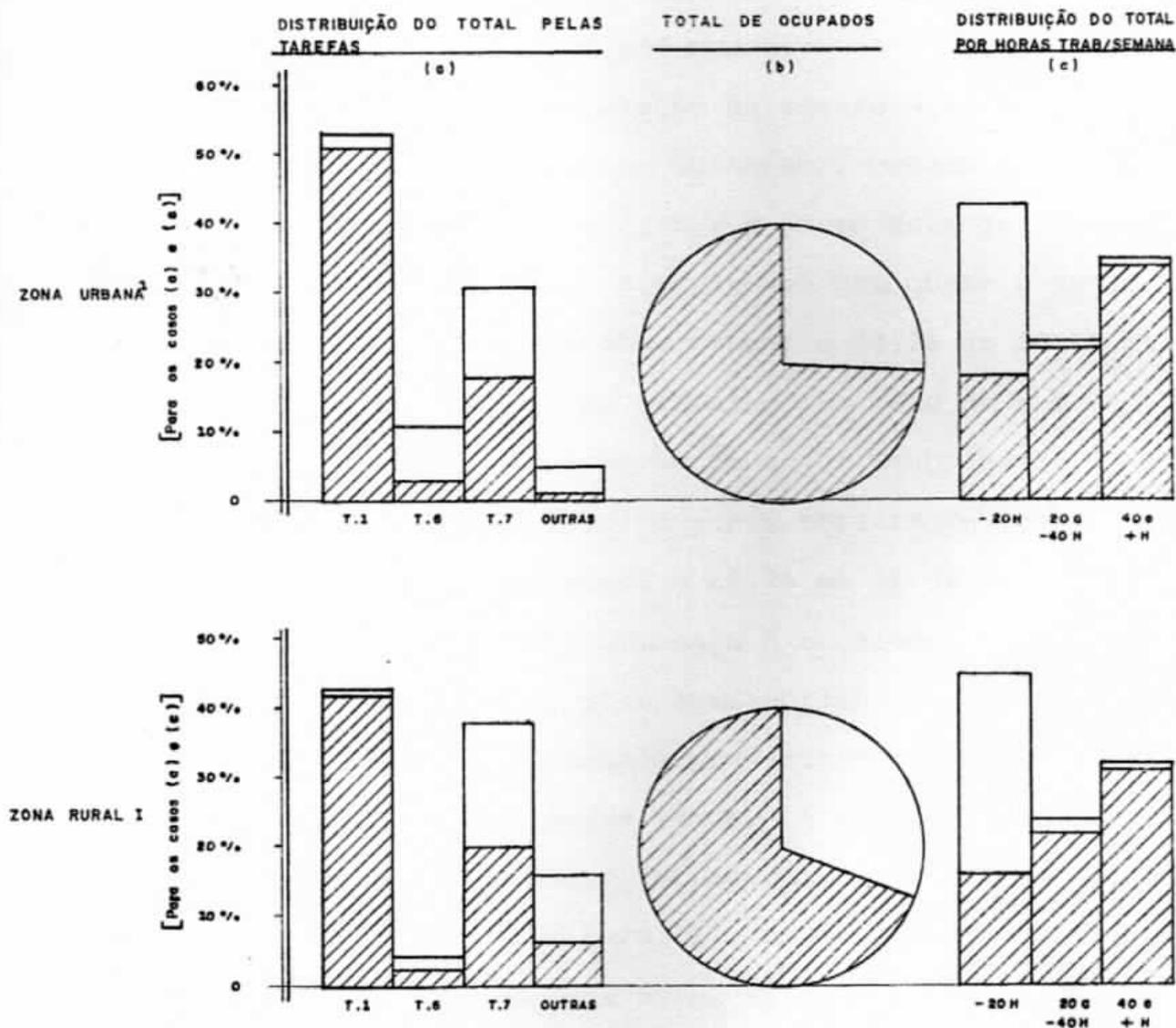
Conforme já se descreveu no capítulo anterior, as diversas operações necessárias à confecção de uma rede foram divididas em três fases. Os indivíduos ligados ao ramo, nem sempre, fazem apenas uma operação. Assim, procurou-se fazer algumas combinações entre as diferentes operações, a fim de se poder medir a distribuição da força de trabalho na atividade. Portanto, classificou-se a distribuição dos indivíduos pelas mais diferentes tarefas, conforme sua posição na atividade, segundo os seguintes momentos:

1. Quando participa de todas as fases;
2. " " somente na primeira fase;
3. " " na primeira e segunda fases;
4. " " na segunda e terceira fases;
5. " " somente na segunda fase;
6. " " somente na terceira fase;
7. " " na primeira e terceira fases;
8. " " na produção e transporte;
9. " " somente no transporte.

Considerando-se as participações mais significativas, em termos do número de pessoas envolvidas ao nível de cada tarefa e o número de horas de trabalho semanal, na atividade de confecção de redes, quer seja considerada como atividade principal, quer como secundária atividade econômica, observou-se os resultados expressos na figura 08. Os dados ali contidos vêm,

FIGURA 8

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO OCUPADA NA ATIVIDADE DE CONFEÇÃO DE REDES, EM PEDRO II, SEGUNDO O SEXO, CONFORME PARTICIPAÇÃO NO TOTAL, NAS DIFERENTES TAREFAS E NÚMERO DE HORAS DE TRABALHO / SEMANA.



LEGENDA

- HOMENS
 ▨ MULHERES

FONTE: Pesquisa direta, fev. - mar. / 82.

1. - Pesquisa efetuada somente em casas que tinham algum tipo de vinculação com atividade de confecção de redes.

mais uma vez, demonstrar o quão é importante para a tecelagem de redes, a força de trabalho feminina, e, reciprocamente para esta, a existência desta atividade que se constitui numa das poucas alternativas de ocupação econômica na Zona Urbana e na Zona Rural I. Como se viu no sub-item anterior, na Zona Rural II, onde a confecção de redes é quase inexistente, o índice de mulheres desocupadas, ou seja, sem uma ocupação econômica, é bastante alto (Tabela 05), em relação às demais áreas. Da força de trabalho dedicada ao ramo, as mulheres representam cerca de três quartos da Zona Urbana (73,3%), e pouco mais de dois terços na Zona Rural I (68,7%). Ressalte-se que quase a metade das mulheres (33,5% em 73,3% da Zona Urbana e 31,2% em 68,7% da Zona Rural I), têm uma jornada de trabalho no ramo de redes, de 40 horas e mais por semana e quase um terço trabalha de 20 a 40 horas semanais. Enquanto isso, a quase totalidade dos homens (25,1% em 26,7% da Zona Urbana e 28,7% em 31,3% da Zona Rural I) dedica menos de 20 horas semanais à tecelagem de redes. Pelo que demonstra a figura 6, fica evidenciado, pois, que tal atividade em Pedro II é desempenhada predominantemente por mulheres que, a praticam desde tenra idade. A pesquisa de campo revela também que, dos grupos que forneceram a informação (38,0% na Zona Urbana e 41,4% na Zona Rural I), em 78,9% dos situados na Zona Urbana e em 67,7% da Zona Rural I, as mães trabalham no tear, até o 9º mês de gravidez.

Observando-se a distribuição da força de trabalho pelos diferentes momentos por que passa a confecção das redes (Figura 6), pode-se destacar:

- a) a maioria das mulheres está na "tarefa 1" onde

foram incluídas as pessoas que participam de todos os momentos do processo de confecção das redes. Como mostra os dados, a maioria delas, trabalha 40 horas e mais por semana, o que revela a elevada carga de trabalho atribuída a quem desempenha, além de outros, o árduo trabalho no tear - tarefa executada por todas as incluídas, - quando em outros pontos do Nordeste, conforme LIMA (1982), e ROCHA (1979), é tarefa destinada aos homens;

- b) a atuação dos homens, dá-se, sobretudo nas fases de preparação das matérias-primas, e de acabamento das redes. A maioria deles está dedicada, sobretudo, à tarefa 7. Ajudar a urdir o fio no tear, com a mãe ou irmã, encher canelinhas, fazer punhos, etc., são tarefas confiadas freqüentemente aos garotos de 5 aos 14 anos de idade, principalmente. Já para encher canelinhas e fazer punhos, além do transporte, do fio para casa ou da rede para a feira, são as tarefas mais freqüentes desempenhadas pelos adultos. Como são tarefas simples, chegam até mesmo ao ponto de dizerem que nada fazem de rede. Mas, sem o saber, estão desenvolvendo importante trabalho, sem o qual a teceloa não poderá operar o tear. Deve-se ressaltar que há, na Zona Rural I, um bom número deles que, com a feira de redes iniciando na sexta-feira, abandona os serviços da roça naquele dia ou até

mesmo na quinta-feira à tarde, já que o trabalho de aprontar as redes requer maior número de pessoas. Um morador da Zona Rural I, chegou até mesmo a lamentar tal fato, pois, via, com isso, prejuízos para a lavoura.

Um outro ângulo que pode dar uma melhor visão do empenho dos grupos familiares em torno das atividades de tecelagem é a estrutura desses grupos, quanto à absorção de seus membros nas principais atividades econômicas, conforme consta na Tabela 06.

A classificação contida na Tabela 06 vem demonstrar a importância do trabalho familiar para a tecelagem de redes. Na distribuição dos grupos que desempenham essa atividade as maiores parcelas encontram-se na categoria de elevada utilização dos membros da família, com idade de 5 anos e mais, ou seja, onde a relação entre os que trabalham e os que têm 5 anos e mais, varia de 0,75 a 1,00. Em tal categoria encontram-se 36,0% dos grupos residentes na Zona Urbana e 52,9% dos domicílios na Zona Rural I. Se, se incorporar a categoria imediatamente anterior, ou seja, a que apresenta índices de ocupação de metade e mais dos membros com 5 anos e mais, têm-se 68,0% dos grupos urbanos e 78,1% dos rurais. Nas demais atividades, considerando-se tal agrupamento, a maioria dos grupos tem índice de ocupação inferior a 0,50, sendo a agricultura o setor que mais absorve força de trabalho após a rede. Considerando-se como são praticadas as atividades agrícolas no município (analisadas no capítulo V, item 4), pode-se afirmar que em Pedro II, ao nível dos grupos familiares que fazem roça e rede, configura-

se uma superposição dos setores "autônomos" e de "subsistência", que SINGER (1977), coloca para economias subdesenvolvidas.

4. UTILIZAÇÃO DE FORÇA DE TRABALHO ESTRANHA AO GRUPO FAMILIAR

As operações necessárias à confecção de uma rede, demandam, como já referido, elevado contingente, de força de trabalho, ainda mais quando tudo é "feito à mão", como no caso de Pedro II. Discorrendo sobre outros pontos do Nordeste onde também, se confeccionam redes, mas com técnicas mais avançadas que as utilizadas em Pedro II, LIMA (1982) afirma que, segundo informações por ele obtidas

a manufatura de uma rede constitui-se de 21 etapas, o que, por si, torna impraticável a sua confecção por uma só pessoa; há, na realidade, certo grau de especialização para cada estágio ou grupos de estágios de fabricação. (p. 28-9).

E, CASCUDO (1959) ao manifestar sua opinião sobre a importância da atividade de confecção de redes como absorvedora de força de trabalho, assim se expressa:

Ao lado do serviço no tear, o fabricante da rede não pode dispensar o auxílio de uma colaboração suplementar, tarefas especiais realizadas à parte. As varandas, as franjas, e bonecas das varandas, as mamucabas e suas borlas (bonecas), pregamento, reforço dos punhos, o delicado e paciente labor nas redes de luxo, bordados colorido [...], o desfiado das franjas, nuances, mais outros serviços, são alheios ao tear e sua manejadora. (p. 148)

Dai a indústria, mesmo mecanizada das redes exigir um número de operários bem mais vultoso que o oficialmente

TABELA 06

Pedro II

DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS DOMÉSTICOS, PRODUTORES DE REDE SEGUNDO A RELAÇÃO ENTRE O NÚMERO DE PESSOAS OCUPADAS POR ATIVIDADE E O NÚMERO DE MEMBROS COM 5 ANOS E MAIS (PERCENTAGENS)

| Atividades/zonas Classes de Relação | AGRICULTURA | | REDE | | OUTRAS | |
|--|-------------|---------|--------|---------|--------|---------|
| | Urbana | Rural I | Urbana | Rural I | Urbana | Rural I |
| 0 | 50,0 | 33,8 | 8,0 | 4,2 | 57,9 | 62,2 |
| 0,26 | 32,1 | 23,0 | 24,0 | 17,7 | 26,3 | 13,5 |
| 0,50 | 14,3 | 38,9 | 32,0 | 25,2 | 15,8 | 18,9 |
| 0,75 | 3,6 | 4,3 | 36,0 | 52,9 | - | 5,4 |
| Totais (100,0%) | (28) | (139) | (50) | (119) | (19) | (37) |

Fonte: Pesquisa direta, fev-mar/82

labelado na oficina.

Pelo visto, há de se supor que mesmo onde as unidades de produção de redes tenham caráter doméstico, fica difícil para todos os grupos possuírem membros em número suficiente para cobrir todas as operações.

Assim, verifica-se em Pedro II a existência de casos em que grupos produtores de rede contratam serviços de pessoas estranhas ao mesmo, fato que está ligado não só as razões expostas acima, mas também às condições econômicas de certos grupos, que permitem adquirir matérias-primas em volume superior ao seu potencial de produção semanal - tempo em que "regula" a produção local, - decorrendo daí a necessidade de tais contratações. Do levantamento efetuado constatou-se que dos grupos com produção própria (90,0% na Zona Urbana e 91,6% na Zona Rural I, dos grupos ligados ao ramo), contratavam serviços de terceiros:

62,2% na Zona Urbana;

38,5% na Zona Rural I.

Podem parecer relativamente elevados tais números, mas, deve-se ressaltar que, na maioria dos casos, essas contratações são para a execução de tarefas relativas ao acabamento das redes, fases que absorve maior número de pessoas, constituindo-se, portanto, em muitos casos, em contratações fortuitas. Para a tarefa de, exclusivamente tecer o pano, ou seja, operar no tear, dos totais que contratam serviços de terceiros, isso ocorre em 3,6% dos produtores da Zona Urbana e em 32,6% dos produtores da Zona Rural I.

Há, todavia, casos em que o grupo, além de produzir para si, tem membros executando tarefas para outro(s), fato que se registrou em cerca de um quarto dos mesmos, tanto na Zona Urbana (26,0%), como na Zona Rural I (25,2%). Tal fato de

ve-se, sobretudo, pela falta de condição econômica por parte de certos grupos para adquirir matérias-primas que possibilitem um aumento da sua própria produção.

A contratação de trabalho de pessoas estranhas ao grupo produtor de redes, em Pedro II, não descaracteriza a atividade como tendo na família a unidade de produção. Na maioria dos casos as pessoas que executam tarefas para grupos produtores de rede, fazem-no em suas próprias casas, trabalhando em regime igual ao do grupo contratante, além do que, quase sempre, são membros de outros grupos produtores. Como já foi visto, dos grupos envolvidos com a atividade de redes, apenas 10,0% da Zona Urbana e 8,4% da Zona Rural I, não tinham produção própria, ou seja, só trabalhavam para outros.

Na Zona Urbana: I) a aglomeração de elevado contingente de força de trabalho qualificada para o ramo⁽³⁾ - já que ali, assim como na Zona Rural I, as últimas gerações têm vivido e convivido com a produção de redes; II) O desigual poder de compra de matérias-primas, entre as famílias; e ainda III) a natureza dos processos técnicos utilizados, possibilita a utilização, no momento que se desejar, da força de trabalho disponível. Tal situação, influi para que quem tem o tear empenha-se mais em confeccionar o pano, pois para o acabamento não falta quem não queira trabalhar. É cena comum na cidade, ver-se "rodas de moças", conversando nas "calçadas" ou na "porta da rua" e, até mesmo, assistindo às novelas da TV, mas com as mãos em constante movimento em tarefas de confecção de grades de crochê, costurando panos, fazendo trança, etc. São os casos, por exemplo, de Maria da Conceição Barroso, 16 anos, que confeccionava

três pares de varanda de crochê, por semana, mesmo estudando no turno da noite, ganhando R\$ 300, (trezentos cruzeiros) por par, e, de sua colega Maria Irene Galvão Moraes, 18 anos, também estudante, que além de tecer no tear tinha que fazer varanda de crochê nas horas em que não estivesse tecendo, com o que obtinha uma renda mensal igual à de Conceição. Ambas tinham os pais residentes na Zona Rural I, estando na cidade em casa de tios.

Na Zona Rural I, a contratação de serviços de terceiros tem suas peculiaridades. Ali, na medida em que há um relativo isolamento dos grupos entre si, pela própria natureza da distribuição das casas em áreas rurais, que se caracteriza pela dispersão, associado a outros fatores, entre os quais a necessidade de tirar proveito da única atividade que pode proporcionar a obtenção de uma renda semanalmente, faz com que as pessoas - de ambos os sexos e de todas as idades - aptas a desempenhar alguma tarefa sejam requeridas para tal. Daí, ser bem inferior à percentagem de grupos que contratam serviços de terceiros em relação à Zona Urbana.

O fato da existência na Zona Rural I de maior número, relativo, de grupo que paga para a tarefa de tecer o pano, ou seja, o "teçume", em relação à Zona Urbana, pode ser explicado, em parte, por uma maior incidência da atividade em famílias com até quatro membros de 5 anos e mais nesta área (28,0% dos grupos da Zona Urbana e 43,7% dos grupos tecelões da Zona Rural I). Normalmente são grupos onde a dona de casa, por certas razões (velhice, invalidez, sem filhas - nos casos de casais novos ou com todas as filhas já casadas) encarrega-se de fazer apenas o "acabamento", ou como dizem em sua linguagem, só faz "a

prontar" as redes.

Quanto as formas de pagamento, pela própria natureza das condições de organização em que se encontra a atividade, com a execução das tarefas na própria residência de quem as executa, predomina a remuneração por tarefa, ou seja, "por produção", única prática absorvida na Zona Urbana. Na Zona Rural I, alguns grupos revelaram que pagavam por "diárias" (16,3%) , enquanto em outros praticava-se a troca de serviços (9,3%).

Quanto ao montante das quantias pagas a terceiros, por tarefa desempenhada, observou-se a seguinte distribuição dos contratados (em percentagens):

TABELA 07

Pedro II

DISTRIBUIÇÃO DOS PRODUTORES DE REDE, QUE CONTRATAM SERVIÇOS DE TERCEIROS, SEGUNDO CLASSES DE QUANTIAS PAGAS/TAREFA

| Quantias pagas Cr\$ 1,0 Situação do domicílio | 10 | 31 | 51 | 101 | 201 | 301 | Totais (100,0%) |
|--|------|-----|------|------|------|-----------|--------------------|
| | a | a | a | a | a | e mais | |
| | 30 | 50 | 100 | 200 | 300 | | |
| Zona Urbana | 21,4 | 7,2 | 10,7 | 7,1 | 14,3 | 39,3 | (28) |
| Zona Rural I | 9,5 | 7,1 | 19,1 | 40,5 | 4,7 | 19,1 | (42) |

Fonte: Pesquisa direta, fev-mar/82

A distribuição contida na Tabela 07 revela, mais uma vez a situação na Zona Urbana, onde há forte concentração de pessoas para executarem tarefas relativas ao acabamento, concentradas nos valores de remuneração mais baixos - principalmente confecção de punhos, costura dos panos, tranças, - e, mais al

tos -confecção de grades para redes de linha, ou de brins, tecu
me de redes de linha, etc., enquanto na Zona Rural I a maior
parcela de contratados rec**ce**bia de 101 a 200 cruzeiros, onde se
situavam as remunerações para redes de três panos, tipo predomin
nante no interior.

NOTAS

- (1) Não se deve esquecer o fato de que na Zona Urbana só foram visitados grupos familiares em que se desenvolvia alguma a tividade relativa ao ramo de redes, enquanto na Zona Rural I a escolha dos grupos domésticos obedeceu à amostragem a leatória. Mas é comum entre os locais a afirmativa de que, em mais da metade das residências ali situadas, há algum ti po de envolvimento com a atividade tecelã de redes.
- (2) Neste subitem deixou-se de lado a Zona Rural II devido à i nexpressividade da atividade tecelã naquela área. Ressal-te-se ainda que, segundo informações colhidas quando da pes quisa de campo, os grupos onde se exercem atividades de con fecção de redes nesta área, são em sua maioria, oriundas da Zona Rural I, onde já desempenhava tal atividade.
- (3) Estima-se que em torno de 60,0% dos domiciliados, que em 1982 situavam-se em torno de 1.800, havia pelo menos um tear, e que em um maior percentual há pessoas ligadas ao ra mo.

CAPÍTULO III

PROCESSOS DE COMERCIALIZAÇÃO NA ATIVIDADE DE CONFECCÃO DE REDES EM PEDRO II ⁽¹⁾

A viabilidade da produção de um dado bem, em um dado lugar, depende, além dos instrumentos e da força de trabalho qualificada para tal, de uma série de fatores, dentre os quais se pode destacar as condições de acesso às matérias-primas necessárias à sua elaboração, e aos consumidores do mesmo.

Como já se viu nos capítulos I e II, os instrumentos de trabalho e a força de trabalho qualificada para a atividade de confecção de redes em Pedro II, não se constituem em problemas para o setor, vez que o suprimento de tais elementos da produção é feito localmente. Por isso, neste capítulo, dar-se-á maior destaque aos problemas do acesso às matérias-primas e ao mercado consumidor.

Nestes termos, pretende-se demonstrar como as formas de acesso às matérias-primas e ao consumidor, ou melhor, como as formas de comercialização são um importante "viabilizador" da produção de redes, em Pedro II. A abordagem do problema será feita, pois, em dois momentos:

1º fornecimento das matérias-primas;

2º comercialização das redes.

1. FORNECIMENTO DAS MATÉRIAS-PRIMAS

Conforme já se viu (capítulo I, 2º item), as matérias-primas utilizadas para a confecção de redes, em Pedro II, são originárias de fora do município.

Entenda-se aqui, como matérias-primas, sobretudo o fio e/ou a linha, já que a tinta é "incorporada" ao fio, pois quem o compra "ganha" a quantidade de tinta suficiente para tingi-lo.

Pela forma como se organiza a produção de redes em Pedro II, baseada fundamentalmente nos grupos familiares, com capacidade produtiva bastante limitada, aliada à descapitalização, não há condição de um contato direto entre estes e as fábricas dos produtos utilizados como insumos. Daí surge a figura do "vendedor de fio⁽²⁾", comerciantes locais que dedicam parte de seus negócios, ou exclusivamente, à venda de fio e/ou linha. Estes adquirem direto das fábricas grandes quantidades destes produtos (foto 22) e os revendem em pequenas quantidades (foto 23) aos grupos produtores de redes.

Esta, contudo, é uma das características das unidades integrantes do setor "informal", da economia, em que se enquadra a atividade de produção de redes em Pedro II. SANTOS (1979) ao considerar essas atividades pertencentes ao "circuito inferior", coloca a presença dos intermediários atacadistas dos produtos que abastecem tal circuito como uma condição de funcionamento do mesmo, no contexto das economias subdesenvolvidas.

Condição semelhante enfrentam os produtores domésticos de redes em Fortaleza - CE, conforme SCHMITZ (1979) e em Taracatu - PE, conforme LIMA (1982).

Atualmente, em Pedro II, existem oito comerciantes que vendem insumos para a confecções de redes, além de uma Cooperativa⁽³⁾, que embora em pequena quantidade, a partir de 1982 começou a comercializar insumos para tal fim.

Informações colhidas junto a esses comerciantes sobre o tempo de dedicação à venda desses insumos, revelam que:

3 têm de 31 a 40 anos;

1 tem 16 anos;

4 têm de 01 a 06 anos.

Constatou-se também, que entre 1967 e 1981 outros comerciantes, por diversas razões, deixaram o ramo, sendo que seu tempo de dedicação variava de dez a setenta e quatro anos.

Quanto às quantidades de fio e linha que adentra ao município através desses comerciantes, foi possível colher dados relativos à entrada desses produtos, no período compreendido entre janeiro de 1977 a março de 1985.

Os dados constantes nas Tabelas 08 e 09, revelam uma nítida concentração da comercialização dos insumos para rede em Pedro II. O fio tinha sua comercialização praticamente controlada por apenas três dos oito comerciantes que o vendiam em 1981, os quais foram responsáveis por 96,38 do montante que adentrou no município. A linha, até 1980 só tinha dois vendedores, em 1981 passou a contar com mais um, mas com forte concentração nos dois já existentes. Ressalte-se que esta só começou a ser introduzida em 1977 por um dos principais vendedores de

fio, sendo que a partir de 1978 um outro comerciante, alheio ao setor, passou a vendê-la constituindo-se a partir daí, no produto responsável pela maior parte de seus negócios⁽⁴⁾.

TABELA 08

ENTRADA DE FIO DE ALGODÃO EM PEDRO II, DE JAN/77 a MAR/82
POR COMERCIANTES⁽¹⁾ (Porcentagens)

| Comerci- antes Anos | A | B | C | OUTROS | Totais em Kg (100,0%) |
|---------------------------|------|------|------|--------|--------------------------|
| 1977 | 43,5 | 43,5 | 8,2 | 4,8 | (187.234) |
| 1978 | 39,8 | 38,4 | 14,0 | 7,8 | (271.193) |
| 1979 | 33,0 | 43,9 | 15,8 | 7,3 | (308.523) |
| 1980 | 26,6 | 53,5 | 15,6 | 4,3 | (281.861) |
| 1981 | 50,4 | 34,8 | 11,1 | 3,7 | (219.517) |
| 1982 ⁽²⁾ | 52,6 | 19,5 | 23,6 | 4,3 | (49.215) |

Fonte: Notas fiscais de compra

(1) Para evitar identificação, estão indicados através de letras.

(2) Até março.

TABELA 09

ENTRADA DE LINHA EM PEDRO II DE JAN/77 A MAR/82

POR COMERCIANTES ⁽¹⁾ (Porcentagens)

| Anos | Comerci antes | A (3) | B (4) | OUTROS | Totais em Kg (100,03) |
|---------------------|------------------|-------|-------|--------|--------------------------|
| | 1977 | | 100,0 | - | - |
| 1978 | | 73,3 | 26,7 | - | (1.772) |
| 1979 | | 37,5 | 62,5 | - | (3.913) |
| 1980 | | 53,2 | 46,8 | - | (21.872) |
| 1981 | | 29,7 | 59,1 | 11,2 | (28.997) |
| 1982 ⁽²⁾ | | 46,2 | 33,1 | 20,7 | (6.487) |

Fonte: Notas fiscais de compra

(1) Idem Tabela 08

(2) Até março

(3) O mesmo "A" compra fio

(4) Não comercializa fio

Um outro aspecto que cabe ressaltar foi a enorme ascensão do uso da linha como insumo, entre 1977 e 1981 aumentou em cerca de cem vezes a quantidade adquirida pelo município, enquanto o fio não chegou nem a duplicar, observando mesmo declínio, em termos absolutos, desde 1979 (Tabelas 08 e 09). Tal fato indica um grande índice de substituição do fio pela linha, a qual, embora requeira mais tempo para a confecção de uma rede, permite obter melhores lucros. Mas esse é um assunto que será discutido em outro momento.

Feitos estes esclarecimentos iniciais sobre al

guns aspectos referentes aos comerciantes que vendem os produtos necessários à confecção das redes em Pedro II, veja-se agora como se dá o relacionamento entre tais comerciantes e os grupos produtores das mesmas.

Conforme já se evidenciou, as unidades produtoras de redes locais são exclusivamente domésticas, com baixo poder aquisitivo e capacidade produtiva bastante limitada. Essa condição, vai influenciar sobremaneira nas formas como se abastecem de insumos.

A partir de agora procura-se demonstrar como se dã o relacionamento entre grupos produtores de rede e os vendedores do fio e/ou linha quanto aos seguintes aspectos: quantidade de insumos que costumam adquirir; formas de pagamento, e situação de liberdade quanto à escolha de onde compram tais insumos.

As quantidades de insumos normalmente adquiridas pelos grupos familiares produtores de rede em Pedro II, revelam o quanto é baixa a produção semanal da maioria deles ⁽⁵⁾. A pesquisa efectuada junto a tais grupos, revelou os resultados a seguir, considerando-se os que forneceram tal tipo de informação para cada caso.

TABELA 10

DISTRIBUIÇÃO DOS PRODUTORES DE REDE EM PEDRO II, SEGUN
DO VOLUME DE AQUISIÇÃO SEMANAL DE FIO

| Kg/semana Situação do domicílio | Kg/semana | | | | Total (100,0%) |
|---------------------------------------|-----------|--------|---------|---------|-------------------|
| | Até 5 | 6 a 10 | 11 a 20 | 21 a 30 | |
| Zona Urbana | 51,4 | 28,6 | 17,1 | 2,9 | (35) |
| Zona Rural I | 51,0 | 29,6 | 16,3 | 3,1 | (98) |

Fonte: Pesquisa direta, fev-mar/82

TABELA 11

DISTRIBUIÇÃO DOS PRODUTORES DE REDE EM PEDRO II, SEGUN
DO VOLUME DE AQUISIÇÃO SEMANAL DE LINHA

| Kg/mês Situação do domicílio | Kg/mês | | | | Total (100,0%) |
|------------------------------------|--------|--------|---------|-----------|-------------------|
| | Até 5 | 6 a 10 | 11 a 15 | 16 e mais | |
| Zona Urbana | 28,6 | 21,4 | 21,4 | 28,6 | (14) |
| Zona Rural I | 72,2 | 16,7 | 11,1 | - | (18) |

Fonte: Pesquisa direta, fev-mar/82

Pelo que se pode notar, conforme dados da tabela 10, metade das unidades de produção de redes, tanto da Zona Urbana, como da Zona Rural I, adquire, no máximo 5 kg de fio por semana, o que correspondia na época da pesquisa (fev-mar/82) a um investimento mensal que variava de Cr\$ 1.140, a Cr\$ 5.600, considerando-se que a quantidade mínima adquirida por semana era de 2 kg⁽⁶⁾.

Por outro lado, não se constatou a existência de

nenhuma unidade de produção que adquirisse mais de 30kg de fio por semana, sendo pouquíssimos os casos que chegavam a tal quantidade. A grande maioria (89,0%) situa-se na faixa dos que compram, no máximo, 10kg de fio por semana.

Com relação à linha, pelo que consta na Tabela 11 há significativas diferenças na distribuição dos grupos produtores, quanto à distribuição por faixas de quantidade de material adquirido por mês. Enquanto na Zona Rural I, a maioria, quase 90%, está concentrada nas faixas de até 10kh⁽⁷⁾, (72,2% até 5kg e 16,7% adquirido de 6 a 10kg) na Zona Urbana há um certo equilíbrio quanto a tal distribuição. A disparidade da Zona Urbana em relação à Zona Rural I, nas faixas de maiores quantidades adquiridas sobretudo na de 16kg e mais, deve-se ao fato de existirem na cidade grupos que adquirem insumos e os distribuem para outras unidades de produção executarem somente a tarefa de tecelagem do pano, ficando o acabamento a cargo do grupo distribuidor. Devido ao elevado preço da linha em relação ao fio e da incerteza de vender a preço compensador uma rede de fio⁽⁸⁾, na feira, essa parece ser uma prática que está em expansão, já que muitas tecelões preferem tecer um pano de rede de linha para terceiros e receber o pagamento no ato, a tecer uma rede de fio e ir para a feira aventurar preço.

O comportamento dos grupos produtores de rede quanto às quantidades de insumos adquiridas, demonstrado acima, evidencia as limitadas condições técnico-financeiras das unidades de produção local.

Visto a estrutura dos produtores de rede de Pedro II quanto ao aspecto das quantidades de insumos adquiridas, pas-

sa-se a examinar como esses produtores se comportam quanto às formas de pagamento desses insumos.

O levantamento efetuado junto aos produtores de redes revelou a existência de três formas de pagamento dos insumos, a saber: à vista; a prazo; à vista e a prazo ⁽⁹⁾, cuja distribuição, considerando-se apenas os que forneceram tal tipo de informação (80,0% dos produtores da Zona Urbana e 93,9% dos da Zona Rural I), consta na Tabela 12.

TABELA 12

DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS FAMILIARES PRODUTORES DE REDE EM PEDREIRO II, SEGUNDO FORMAS DE PAGAMENTO DE INSUMOS

| Situação do domicílio \ Formas pagas | à vista | a prazo | à vista e a prazo | Totais (100,0%) |
|--------------------------------------|---------|---------|-------------------|-----------------|
| Zona Urbana | 75,0 | 22,2 | 2,8 | (36) |
| Zona Rural I | 89,4 | 5,8 | 4,8 | (104) |

Fonte: Pesquisa direta, fev-mar/82

Pelo que se vê na Tabela 12, a forma de pagamento predominante é à vista, correspondendo a três quartos dos que residem na Zona Urbana e 89,4% dos residentes na Zona Rural I. Eventualmente, em dias de "feira fraca", ou seja, quando a teceloa não consegue vender todas as redes, ou parte destas, que levou para a feira, não conseguindo, pois, quantia de dinheiro suficiente para comprar fio e/ou linha para trabalhar na semana seguinte, bem como alguns produtos para o consumo do grupo, os "patrões de vender fio" ⁽¹⁰⁾, ficam temporariamente com as redes em garantia do fornecimento de matérias-primas correspondentes.

Contudo, é de preferência que na semana seguinte a teceloa venda as redes e pague em "dinheiro" ao fornecedor. Essa prática, para elas, não é considerada compra a prazo.

Na compra de insumos sob a forma "a prazo", o que chama a atenção é a grande diferença de participação, nesta modalidade entre os grupos, conforme a situação do domicílio. Enquanto na Zona Urbana 22,2% das unidades de produção têm acesso às matérias-primas, por esta via, na Zona Rural I apenas 5,8% dependem da mesma. A explicação para tal disparidade deve estar na distância entre comprador e vendedor. Para um grupo residente na Zona Urbana que possua o tear mas não disponha de recursos para comprar as matérias-primas, fica mais fácil recorrer a um comerciante que, por estar mais próximo do comprador, tem mais confiança em receber a conta.

O preço dos insumos para quem compra a prazo, não é, evidentemente o mesmo do preço à vista. Alguns comerciantes só vendem se o comprador concordar em cobrir o preço do dia em que for pagar, enquanto outros sustentam o preço do dia da compra, porém cobram de 5 a 10% a mais que o preço à vista. O prazo mais freqüente é de uma semana, podendo variar até 60 dias.

Alguns comerciantes fazem muitas restrições às vendas de fio a prazo. Afirmam que já têm tido muito prejuízo com tal modalidade, pois quando uma teceloa não consegue vender suas redes a preço compensadores, e não dispõe de nenhuma reserva financeira - o que é uma de suas características - fatalmente "entrará no capital", (considerado aqui como o valor do fio ou linha), adquirindo suprimentos para a semana seguinte. Tal situação pode levar certos grupos à condição de insolvência, já

que inicialmente ele é realimentado para ver se há uma recuperação, o que nem sempre acontece⁽¹¹⁾.

Realmente, sobretudo na Zona Rural I, constatou-se casos de pessoas que sô estavam tecendo para os outros, porque, segundo diziam *nunca mais conseguí dinheiro nem para comprar dois quilos de fio, seu moço!* (comunicação pessoal, 1982)

Ainda no âmbito da comercialização das matérias-primas para rede em Pedro II, um outro aspecto que chama a atenção, é a forte ligação pessoal entre grupos compradores - nesse momento representado pelo homem chefe da família - e os comerciantes vendedores das mesmas.

Com efeito, a maioria dos grupos produtores de redes, sô compram matérias-primas de apenas um comerciante. Assim estão dois terços dos residentes na Zona Urbana e três quartos dos que moram na Zona Rural I. O que pode explicar tal fenômeno, se existem vários comerciantes no ramo, se o preço de todos eles é normalmente uniforme e a maioria dos grupos produtores compra a matéria-prima à vista?

Em primeiro lugar deve-se salientar que com exceção de apenas um, todos os demais comerciantes que vendem matérias-primas para rede, são "filhos da terra", invariavelmente filhos de tecelões, o que gera fortes relações de amizade, entre um e outro. Além disso, alguns foram comerciantes na Zona Rural I, o que contribui para "já ter uma freguesia certa desde há muito tempo". O compadrio - *sô compro no cumpade* - também contribui para tal estado, além de todo o conservadorismo característico das áreas rurais⁽¹³⁾.

Porém, o elemento ao qual se pode atribuir extrema importância para explicar tal "vínculo" é a própria fragilidade da atividade, decorrente das condições sócio-econômicas de grande parte daqueles que a exercem. Como há sempre uma expectativa de que a qualquer momento pode-se não dispor de capital para comprar matérias-primas e continuar trabalhando, é melhor que se tenha um "um patrão certo" a fim de que, em conjuntura desfavorável, etc, com o conhecimento que já tem da capacidade produtiva do grupo não tenha receio de fornecer, a prazo, as matérias-primas de que a artesã necessite, sobretudo em caso de "feira fraca".

Além dos comerciantes citados, existem casos de pequenos "bodegueiros" da Zona Rural I que sempre têm em estoque alguns sacos de fio, pois, às vezes, os produtores de redes precisam complementar a quantidade de matéria-prima adquirida na cidade.

A pequena distância e as facilidades de transporte entre a cidade e maior parte da Zona Rural produtora de rede, além da já referida condição técnico-financeira da maioria das unidades de produção, concorrem para a continuidade dessa situação.

As vendas de matérias-primas para redes, em Pedro II, são registradas como "venda para consumo" já que nenhum grupo familiar produtor de redes, existente ali, tem qualquer tipo de registro junto aos órgãos oficiais. Decorre daí uma das razões da difícil captação do fenômeno através de publicações oficiais, como a FIRGE, por exemplo.

2. COMERCIALIZAÇÃO DAS REDES

As redes produzidas em Pedro II, chegam ao consumidor através de várias formas de comercialização, vez que atingem mercados os mais variados, sendo consumidas tanto na zona rural de vários estados nordestinos, quanto em capitais como Rio de Janeiro e São Paulo. Tentar-se-á agora explicar como funciona cada um dos tipos identificados, a fim de se verificar como tal etapa da atividade concorre para a existência e persistência da mesma, bem como a lucratividade, no nível de produtor, nos diversos tipos de rede.

2.1. Principais formas

Os dados colhidos permitiram identificar a seguinte distribuição dos grupos produtores, com relação às principais formas de venda das redes, conforme tabela demonstrativa a seguir:

TABELA 13

DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS PRODUTORES DE REDE EM PEDRO II,
CONFORME A PRINCIPAL FORMA DE VENDA

| FORMAS DE VENDA | Zona Urbana | Zona Rural I |
|---|-------------|--------------|
| | % | % |
| 1º - Direta ao consumidor | 8,9 | 12,6 |
| 2º - A determinados intermediários | 17,0 | 11,7 |
| 3º - A qualquer intermediário sem sair de casa | 17,8 | 29,7 |
| 4º - Na feira | 53,3 | 42,4 |
| 5º - Sai de Pedro II para vender a intermediários de outros centros | - | 3,6 |
| 6º - Outros | 2,5 | - |
| Totais (100,0%) | (45) | (111) |

Fonte: Pesquisa direta, fev-mar/62

Como bem atestam os números acima, quase a totalidade dos grupos domésticos produtores de rede de Pedro II, têm sua produção açambarcada por intermediários, situação em que se encontram 91,1% dos residentes na Zona Urbana e 87,4% dos que têm domicílio na Zona Rural I. Porém, cada uma das formas de venda citadas na tabela contém aspectos que revelam características dos grupos que a praticam, daí se passar agora a fazer uma análise de cada uma delas:

1º - Venda direta ao consumidor - Nesta modalidade estão, sobretudo, aqueles grupos que podem fazer um certo estoque (normalmente de

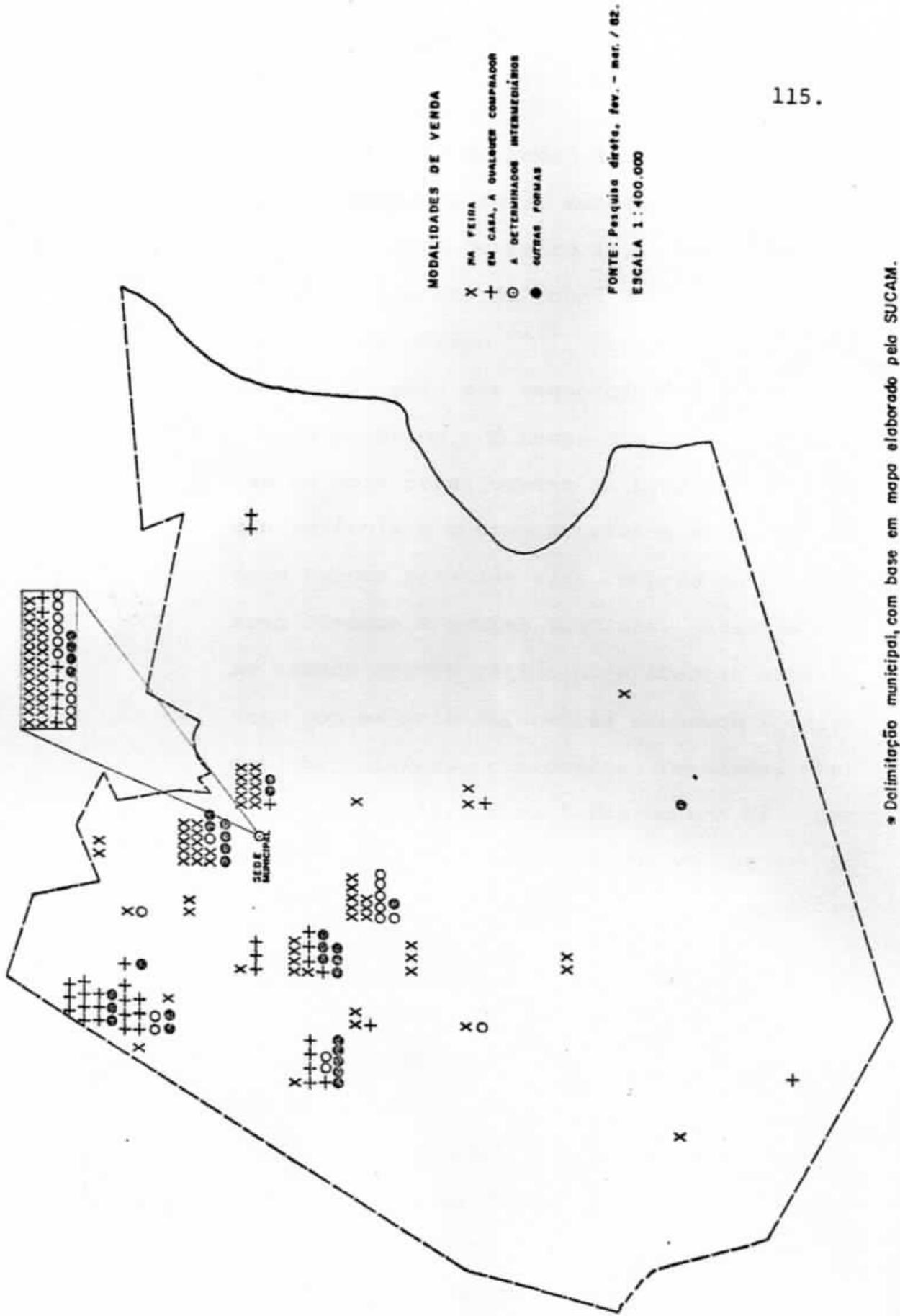
30 a 50 redes) para irem vender em outros centros, esperando, desta maneira, obter melhores lucros. Além do Piauí, viajam principalmente para o Ceará e Maranhão. Representa, contudo, pequena parcela dos produtores (8,9% da Zona Urbana e 12,6% da Zona Rural I);

29 - Venda a determinados intermediários - Se no momento de adquirir os insumos, há uma grande preocupação em firmar-se em um "patrão de vender fio", situação decorrente da fragilidade econômica dos grupos produtores de rede, vê-se aqui como determinada parcela desses grupos (Tabela 12) encontra-se na contingência de se amparar pelos dois lados, ou seja, não só é necessário fazer um "patrão de vender fio", mas também um "patrão de comprar rede". A existência dessa figura traz uma certa tranquilidade, quanto ao aspecto do escoamento de sua produção;

39 - Venda a qualquer intermediário sem sair de casa - É uma forma remanescente dos tempos em que não havia feira⁽¹³⁾. Devido à longa tradição da atividade no município, para muitos produtores, sobretudo de certas áreas da zona rural, não é necessário nem sair de casa, vez que por ali passam freqüentemente, ou mesmo residem, comerciantes de rede. Conforme a Tabela 15 os produtores que utilizam

essa forma de comercialização representam significativa parcela dos grupos. A diferença entre as participações, conforme a situação do domicílio decorre do fato de certas localidades da Zona Rural I, que têm produção relativamente alta de redes, não remeter quase nada para a feira (figura 09) . Incluem-se aqui, também, alguns grupos que têm condição de guardar as redes para vendê-las por um melhor preço. Mas, embora nem todos tenham essa condição, a maioria dos que assim vendem suas redes dizem barganhar melhor preço, frente aos intermediários. Alegam que nem todos os produtores que levam suas redes para a feira, zelam pela qualidade das mesmas, o que concorre para um relativo barateamento, que atinge a todos. Com relação a este aspecto, muitos acham que a feira vem concorrendo para uma deterioração da qualidade das famosas "redes de Pedro II". O problema é que na feira, conforme será demonstrado no próximo tópico, a elevada concorrência dos produtores entre si, faz com que se obtenha um lucro reduzido por unidade vendida. Daí, o importante é produzir o máximo de unidades possível, durante a semana, o que fatalmente irá influir na qualidade do produto;

FIGURA 9
 DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL DOS GRUPOS FAMILIARES (PESQUISADOS) PRODUTORES DE REDE, EM PEDRO II,*
 SEGUNDO AS FORMAS DE VENDA.



qui, é a "feira de rede" (fotos 24 a 27) que ocorre semanalmente no Mercado Público Municipal da cidade de Pedro II, compreendendo o período que vai da manhã de sexta-feira ao meio-dia de sábado (14). No sábado, a feira se amplia, pois são negociados os mais diferentes produtos. É nesse dia que os residentes na zona rural vendem os produtos de origem agrícola e outros artefatos artesanais, como também realizam suas compras para o consumo durante a semana seguinte. Assim é que, no sábado afluem vários comerciantes ambulantes, com os mais diferentes produtos - calçados, bijouterias, confecções, remédios, etc. - para Pedro II. Esta feira ocorre há uns 50 anos, tendo adquirido maior volume de negócios nas últimas três décadas, conforme alguns informantes.

Para a feira de redes, convergem, obviamente, os compradores e os produtores de redes, sendo que normalmente os compradores são intermediários.

Da parte dos compradores - intermediários de redes - conseguiu-se identificar, na feira, os seguintes tipos:

- a) pessoas residentes em Pedro II, tanto na zona urbana como na zona rural que compram para estocar em casa, a fim de revender o produto para outros intermediários a quem denominam de seus "viajantes de redes";

- b) pessoas residentes em Pedro II, tanto na Zona Urbana como na Rural que compram para elas mesmas viajarem;
- c) pessoas procedentes de outros centros, principalmente do Piauí e Maranhão.

No primeiro tipo incluem-se pessoas de diversas origens, destacando-se pequenos e médios proprietários rurais. Acredita-se porém, que boa parte do capital empregado por essas pessoas no negócio de redes, hoje, seja originário dele próprio. As constantes elevações dos preços dos insumos têm beneficiado aqueles que as têm em depósito, quando isto ocorre. Infelizmente, por razões relativas ao fisco, já que ninguém é registrado como possuidor de "depósito de redes", e por isso mesmo receva, dar informações, não se pôde identificar o montante de estoque desses intermediários, assim como dos outros. Entretanto, algumas informações vazadas, faz supor que há deles com cem unidades e outros com até quinhentas ou mais. Quanto aos seus viajantes, estes são, normalmente, gente de Pedro II, que eventualmente abandona seus serviços na agricultura para viajar com redes, mas também ocorre de haver pessoas de outras origens. Os negócios são realizados, normalmente, a prazo de 60 dias. Quando o viajante paga uma remessa leva outra, assim fazendo também com quem lhe compra as redes. Revendem sobretudo para outros intermediários, estabelecidos em outras áreas do Piauí, Maranhão e Ceará, principalmente.

No segundo tipo incluem-se os que estão constantemente viajando com redes para outros municípios do Piauí e/ou para o Maranhão e Ceará, com estoque em torno de 50 unidades e

os que compram para viajar periodicamente "em fins d'água"⁽¹⁵⁾. Nesta categoria estão sobretudo aqueles que ainda saem pelas áreas rurais com "cargas de rede", em lombo de animais. Estes revendem tanto para consumidores como para outros intermediários, incluindo, também, vendas a prazo.

O terceiro tipo, ou seja, os que vêm de fora, de outras cidades, principalmente do Piauí e Maranhão, são, normalmente, profissionais do ramo, e os estoques que adquirem em cada feira variam conforme suas condições econômicas, sendo que alguns deles chegam a comprar mais de quinhentas redes.

Conforme já foi referido quanto ao primeiro tipo de intermediários nos demais, também se tornou impraticável ter-se uma noção exata das quantidades de rede que adquirem, devido a tributação do Imposto de Circulação de Mercadoria - ICM, a que estão sujeitos. Como a tributação é da ordem de 16% sobre o valor das redes⁽¹⁶⁾, fazem o possível para encobrir a real quantidade que levam.

Um outro dado que deve ser evidenciado é o de que nem todos têm e, tal comércio sua atividade exclusiva, configurando-se, em muitos casos, como subsidiária.

As mulheres, também, participam da atividade de comercialização com redes, inclusive viajando para outros Estados.

Da parte dos produtores, a pesquisa revelou que a afluência à feira é elevada, o que a transforma no principal local de vendas. Conforme consta na Tabela 13, para lá convergem 53,3% dos grupos residentes na Zona Urbana e 42,4 dos que residem na Zona Rural.

Os que residem na Zona Rural I, para chegarem até à feira, dependendo da distância e das condições econômicas de cada um, enfrentam, às vezes sérias dificuldades de transporte, tendo teceloas que caminham com suas redes na cabeça⁽¹⁷⁾, distâncias que atingem até 15 km, enfrentando caminhos e veredas de difícil trajeto.

Entretanto, para a maioria das teceloas que afluem à feira, atualmente o meio de transporte predominantemente utilizado, são veículos "que fazem linha"⁽¹⁸⁾ nos dias de feira. Também animais e bicicletas são utilizados para este serviço.

Os negócios são realizados na presença de todos e, quando surge um comprador, o mesmo é assediado por muitas teceloas, cada uma querendo mostrar primeiro as suas redes. Tal situação favorece o poder de barganha do comprador, sobretudo quando ocorre de algumas chegarem ao ponto de pedirem que *ô meu fiim de Deus, compre as m̃ia!* Decorre daí o fato de que, quem tem uma certa condição, não vai vender seu produto na feira.

Na "feira de redes", existe a figura das "vendedeiras". São teceloas que, sabendo "fazer negócio", mais que as outras, recebem redes para vender, ganhando, para isso, uma comissão que varia, sobretudo, conforme o grau de parentesco e os preços alcançados. D. Maria Santos, teceloa, casada, residente na localidade Lambedor, a uns 5 km da cidade, é uma das "vendedeiras de redes". Interrogada sobre tal atividade diz:

Eu rendo as rede de m̃ia vizãia ou de m̃ias colega qui tem lá pelo sertão, qu'elas mandam as rede prã mim vender e eu rendo. As outra qui não são nada m̃ia, inda me dão

rinte cuzeiro numa rede e as qui são mãã irmã não dão nada não. Eu fico mermo só com a prática.

(comunicação pessoal, 1982).

Sobre a importância das comissões que recebe, a
firma:

Coisinha fraca mas dá sempre, né? Dá pra comprar as vez querozeno mermo, o café, qualquer, né? Tem de ajudar. De qualquer maneira dá, né? Coisa fraca mais ... e tomem num é todo sabo não purquê acurtece qu'elas rende, as vez lá prá algum viajante, num sabe? e na semana qui dá certo elas rende lá nem vem prá cá ... (aqui interfere

seu esposo para afirmar):

Tem sabo qui dá intê oitocento fora o lucro das rede de la, riu!, mais acurtece de ter sabo, longe um do outo, qui deixa essa importância, né? É de quatocentos prá ríba, nunca dá menos de quatocentos não. Isso aí vem de longe, riu. (19)

Quanto ao tempo que recebe Cr\$ 20, por rede vendida, afirma: *Agora em março vai completar um ano que rinte cuzeiro*".

Sobre o não reajuste de tal comissão afirma:

Rocê sabe como é. O fio sobe, a rede sobre e o ganho das pobe das muiê fica só dum tanto só, cristão de Deus. É o jeito qui tem eu fazer uma concessão com elas, num sabe? É o jeito qui tem a gente combinar né mermo?

(comunicação pessoal, 1982).

59 - Sai de Pedro II para vender a intermediários em outros centros - Devido ao baixo nível de

capitalização da maioria dos grupos, esta é uma modalidade restrita a uma pequena parcela (Tabela 13), reservada para aqueles poucos que podem, inclusive comprar de outros, tornando-se também, intermediários. Sobre este aspecto, conseguiu-se constatar que 4,0% dos grupos residentes na Zona Urbana e cerca de 6,0% dos rurais, compram regularmente rede para revenda. Indagados sobre se compravam de outros grupos redes para revenda, cerca de 20,0% dos grupos da Zona Urbana e 15,0% da Zona Rural I, disseram que sim. Desta maneira, esta 5ª modalidade, configura-se muito mais como uma variante das demais, dado seu baixo índice de participação;

6ª - Outras - Na categoria outras, foram identificados apenas dois casos, sendo um para a Cooperativa local e outro para comerciante de insumos, vez que, consoante algumas informações assim estão começando a proceder os comerciantes que a revendem.

2.2. Lucratividade ao nível do produtor

Os produtores de rede em Pedro II, denominam de "lucro" a diferença entre o preço do fio e/ou linha mais o de alguma tarefa paga a terceiros, quando é o caso, necessários à confecção de uma rede, e o preço por que a mesma é vendida. Como se vê, não é computado nos custos de produção das redes: a) o trabalho dispendido pelo grupo; b) o desgaste dos instrumen

tos de trabalho e c) muito menos as instalações onde tal atividade se desenvolve, pois, como já foi dito, confunde-se com a própria moradia. Nesse sentido, o que é ali qualificado como "lucro", deve ser encarado muito mais, conforme PRANDI (1978), como uma "renda-trabalho" vez que na composição dos custos de produção são considerados, essencialmente, o valor das matérias-primas, o que as tornam mais baratas, fato que, ao garantir mercado para a produção, seguramente concorre para a persistência da atividade.

Assim, o ganho obtido em uma rede pelas tecelões de Pedro II, qualificado pelas mesmas como "lucro", nada mais é que uma remuneração pelas tarefas de confecção das redes, diferente, pois, do lucro como categoria econômica, pois, conforme HOLANDA (s.d.: 854), este é um *benefício livre de despesas que se obtém na exploração de uma atividade econômica*.

Tal remuneração sofre variações conforme os tipos de rede e suas formas de comercialização.

As redes confeccionadas com o fio comum, nos modelos "três panos", "caroã", e "lapuerana", proporcionam remuneração bem abaixo das feitas com linha ou brins, o que está relacionado com o tempo e o capital empregados na confecção das últimas. Nas tabelas a seguir procura-se demonstrar a estrutura de remuneração por tipo de rede e forma de venda.

Pelo que mostram os dados, constantes nas Tabelas 14 e 15 a remuneração pela confecção de redes em Pedro II varia não só entre os diversos tipos, mas também quando se trata de um mesmo tipo, de acordo com as formas de comercialização.

Na rede "três panos", por exemplo, (Tabela 14) em

TABELA 14

Pedro II

DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS FAMILIARES PRODUTORES DE REDE, SEGUNDO FORMAS DE VENDA E REMUNERAÇÃO
POR TIPO DE REDE CONFECCIONADA COM FIO

| Tipos de rede e formas de remuneração | redes "três pavos" | | | redes "coroa" | | | redes "tapuerana" | | |
|---------------------------------------|--------------------|-------------------------|-------------|--------------------|-------------------------|-------------|-------------------|-------------------------|-------------|
| | Cr\$ até 200, 400, | Cr\$ 201, a 401, a mais | Cr\$ Totais | Cr\$ até 200, 400, | Cr\$ 201, a 401, a mais | Cr\$ Totais | Cr\$ até 200, | Cr\$ 201, a 401, a mais | Cr\$ Totais |
| Formas de venda | | | | | | | | | |
| Direta a consumidor | 5 | 3 | 9 | - | 3 | 5 | - | - | - |
| A det. intermediários | 8 | 3 | 12 | - | 7 | 8 | - | - | - |
| A div. int. em casa | 11 | 8 | 31 | 3 | 4 | 8 | - | - | - |
| Na feira | 15 | 10 | 28 | 2 | 18 | 30 | 2 | - | 7 |
| A int. em outros centros | - | 4 | 4 | - | - | - | - | - | - |
| Outros | - | - | - | - | 1 | 1 | - | - | - |
| Totais | 39 | 28 | 84 | 5 | 33 | 52 | 2 | 5 | 7 |

Fonte: Pesquisa direta, fev-mar/82.

DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS FAMILIARES PRODUTORES DE REDE "DE LINHA" E "SOL A SOL" (DE BRINS)

SEGUNDO FORMAS DE VENDA E REMUNERAÇÃO

| Tipos de rede e formas de remuneração | rede "de linha" | | | rede "sol a sol" | | | Totais |
|---------------------------------------|-----------------|--------------------|--------------------|------------------|--------------------|--------------------|--------|
| | Cr\$ até 500, | Cr\$ 501, a 1.000, | Cr\$ 1.001, a mais | Cr\$ até 500, | Cr\$ 501, a 1.000, | Cr\$ 1.001, a mais | |
| Formas de venda | | | | | | | |
| Direta a consumidor | - | 2 | 4 | - | - | 1 | 1 |
| A determinados intermediários | - | 3 | 2 | - | - | 1 | 1 |
| A div. intermed. em casa | 1 | 4 | 3 | 1 | 1 | 1 | 3 |
| Na feira | 1 | 3 | 11 | - | - | - | - |
| A interm. em outros centros | - | 1 | - | - | - | - | - |
| Outros | - | - | - | - | - | - | - |
| Totais | 2 | 13 | 20 | 1 | 1 | 3 | 5 |

Fonte: Pesquisa direta, fev-mar/82.

bora quase a metade 46,4% (39 em 84) ganhasse até Cr\$ 200,/ unidade, significava parcela, 20,2% (17 em 84) ganhava mais de Cr\$ 400,/unidade. Neste tipo, considerado como mais popular, (produzido em 53,8% dos grupos com produção própria), observa-se que à medida que aumenta a remuneração diminui a participação da feira como local para sua comercialização, sobressaindo-se, aí, a modalidade de venda a qualquer intermediário, sem sair de casa. É interessante notar que ao nível de cada forma de comercialização, a modalidade de "venda a determinados intermediários" apresenta a maior concentração da mais baixa classe de remuneração, o que demonstra a recuperação negativa da dependência do produtor para o comprador.

Para a rede "caroã", a faixa de remuneração predominante era de Cr\$ 201 a 400,/unidade, na qual se situam 63,5 % havendo considerável parte destas, 26,9% recebendo mais de 400/ unidade. A feira se constitui no seu principal ponto de venda, para onde ocorrem 57,7% dos grupos produtores. Em termos de consumo popular a "caroã" (rede de um "pano sô", de fio) vem em segundo lugar, após a "três panos", sendo, portanto, muito produzida (presente em 33,3% dos grupos com produção própria). Considerando-se a faixa de remuneração predominante, como base para esse tipo (Cr\$ 201, a 400,) observa-se aí, o mesmo que se viu para a rede "três panos", quanto à relação entre classe de remuneração e forma de venda, ou seja, na faixa mais baixa de remuneração, ao nível de cada modalidade de venda, a maior concentração está na "venda a determinados intermediários" (Tabela 14). O mesmo se dá quanto às redes de linha (Tabela 15).

Já a rede de linha (confeccionada em 22,4% dos

grupos com produção própria), apresentava uma remuneração predominantemente acima de Cr\$ 1.000,/unidade, sendo que seu principal ponto de comercialização é a feira. Em seguida destaca-se a faixa de Cr\$ 501, a Cr\$ 1.000,/unidade, com 37,1% dos produtores desse tipo. Tais discrepâncias na remuneração estão relacionadas sobretudo, com a maior ou menor complexidade no entrelaçamento e/ou combinação de cores.

Quanto aos tipos "tapuerana" e "sol a sol" (de brins), o limitado número de casos evita maiores comentários sobre seus comportamentos. Contudo, cabe lembrar, mais uma vez, que, segundo alguns informantes, há tendência de expansão na confecção do tipo "sol a sol", pois além de crescente procura, dispensa o árduo trabalho no tear.

Pelo que se viu até aqui, pode-se concluir que há uma grande variedade nas quantias recebidas pelas tecelões de Pedro II, por unidade de rede produzida. Tais variações ora podem estar ligadas às formas de venda, ora à qualidade da confecção, ora a outros fatores. Deixou-se de demonstrar a percentagem dessa remuneração em relação ao valor dos insumos, tendo em vista as diminutas quantidades adquiridas pelos produtores o que poderia concorrer para a falsa visão do problema, vez que se observou nesse "lucro" variações de 7,0% a 108,0%. Para complicar ainda mais esse lado da questão, ocorre que os compradores mais freqüentes na feira, também sabem dos preços do fio e/ou linha. Com isso, a variação de preços da rede obedece muito mais à variação nos preços dos insumos, podendo, portanto, as tecelões ganharem uma certa quantia por rede, semanas seguidas, embora os preços dos insumos aumentem. Tal fato vem reforçar o que foi dito no início desse subitem como seria encarado o "lu

cro" das tecelões de Pedro II. Com efeito, observa-se ali que o "lucro" do produtor de rede é percebido pelos intermediários de matérias-primas e de redes, o que coloca tais produtores na posição de "sanduíches" pois se as cotações das redes sobem na feira, ao fim dessa, comprarão insumos mais caros, e se há rumores de que algum comerciante está concedendo algum abatimento no preço dos insumos, caem as cotações do produto na feira. Fica assim, configurado, que tal "lucro" representa simplesmente uma remuneração pela confecção das redes.

Um outro dado que cabe destacar é o fato da tributação estadual (ICM) a que estão sujeitas as redes de Pedro II.

Tendo em vista tal imposto, muitos compradores restringem o volume de compra, pois como este é pago à vista, é forçoso diminuir o volume de compras ou tentar burlar a fiscalização, o que dá no mesmo, quanto ao aspecto da inibição para um maior desenvolvimento da atividade. Como o cálculo para a cobrança do imposto é baseada numa pauta estipulada pelo coletor local, o qual avalia as redes por um preço um pouco inferior ao vigente da feira, o imposto que é de 16,0% sobre a pauta estabelecida, termina na casa dos 12% sobre o preço real. Mas isso é suficiente para inibir uma compra maior por parte dos intermediários, além de não estimular viagens das próprias tecelões que têm verdadeiro pavor do fiscal de tributos. Segundo informações do marido de uma delas, quando esta não conseguiu vender na feira de Pedro II, ia "aventurar" em Piripiri (cidade a 46km de Pedro II), mas escondendo as redes em algumas sacolas, fazendo uma operação que, segundo ele, era como se sua mulher estivesse roubando o próprio suor.

Para ilustrar melhor como tem sido tal problema, moderado em épocas pré-eleitorais, observe-se como se manifestou um ex-comprador de redes, o Sr. Campelo, que revendia para seu viajante:

Nesse tempo (1972) eu vendia as rede. Revendia prá meu viajante. Nesse dia meu comprador de rede tava lá in casa, num sabe? Aí andava o sagento Pessoa e o Jule, soldado, cobrando o imposto assim de quem guardava rede como eu, prá revender, num sabe? Aí eles chegaram lá in casa, intê qui as rede tavam na sala, num sabe? Eu e meu comprador já tinha olhado as rede (quarenta) e tava prá li. Aí eles chegaram e foram dizer prá nóis qui aquelas rede ali precisava nóis pagar o imposto. Eu digo, não! Eu não posso pagar esse imposto, qui eu não sou viajante. Meu comprador tá olhando as rede. E aí ele não vai com essas rede viajando, prá pagar esse imposto. E ele vai exportar (pagar o imposto quando for viajar) as rede. Eles disseram: não! mais é de obrigação! É lei! Isso eles disseram prá nóis, num sabe? A gente ficou com aquele medo. E eles dizendo que era lei, né? Eles andavam cobrando mermo! O qui era qui a gente era de fazer com eles? Era pagar, num era? Aí nesse ante eu não tinha nem um tustão prá pagar o imposto. Aí eu fui, disse prá eles: pois fica prá sabo, eu levo dez rede prá apurar o dinheiro e no sabo eu lhe pago. Eles disseram: não! se ficar prá sabo é dobrado: Mais aí o Jule soldado rai e dizia pu sagento. E a gente tava lá dentro sem saber o qui fazer. Prá pagar dobrado era ruim; prá mim pagar na hora eu não tinha o dinheiro. Eu dizendo

prá eles: não tenho o dinheiro logo! E eles dizia prá mim: Não! É obrigado! Ou você paga hoje ou paga lábrado no sabo. Digo: mais eu não posso Jule! Enquanto eu ia lá dento[...] O Jule me conhece e conhecia meu povo. Faziam no finado Zé Gome e Vicente Lelua, que o sagento Pessoa não conhecia ninguém. Enquanto a gente lá! o Jule explicava pro outo: diz prá ele se o Zé Gome ou Vicente Lelua num pode emprestar esse dinheiro prá ele a Juro? Qui quando eu vim a história já tava ... eu digo: rapaz esse sagento num conhece nem esse Zé Gome nem Vicente Albino (o mesmo Lelua). Eu digo: é o Jule qui tá ensinando prá ele, pro que digamo, ele num conhece esse home e eu chego aqui e você já sabe o nome de Zé Gome e Vicente Lelua, prá me emprestar esse dinheiro? Ai nesse ente eu resolvi tomar o dinheiro emprestado, como eles tavam dizendo mérmo ao Vicente ou ao finado Zé Gome. Quando nós desremo, eu mais o outo comprador de rede - eles andavam a cavalo - aí ficaram ajreitando ali os animais prá se muntar e acompanhar nós. Ai nós desremo. Eles ficaram se muntando ali, nunca acompanharam nós. Quando nós chegemo lá na casa do Vicente Lelua e nada desses home chegar! Sabe o qui é qui eles fazem? Nós ainda inxerquemo eles. Eles já vinha perto de nós, mais desremo assim uma ladeira, eles ficaram prá trás. Voltaram lá in casa e disseram prá mulher qui eu mandava dizer prá ela qui ela fosse buscar mais rede lá dento. Qui truzesse tudim qui eles iam conferir as rede. Ai a mulher entra lá dento, não tinha nem ũa rede, num sabe? Ai vai lá fora e disse: não Jule, não tem nem ũa

rede mais não, tá tudo aí! Disseram: tem! que o Chico disse prá senhora ir buscar! Ela tornou ir oiã. Disse: num tem não, quer ver entre prá você ver cuma num tem! Aí foi qui eles acreditaram, né? Eles insistindo prá ela ir buscar sem ter mais nem uã! E eu não sabia de nada. Quando cheguei lá in casa ... aí eu paguei eles logo lá no Vicente, sabe? Quando eu chego lá in casa a Zeinha disse: Chiquinho, você é doido? Você mandou os home voltar e dizer prá mim ir buscar as rede. Já sofri aqui aporriada cum eles! Eu digo: pois se eu volto aqui nessa hora e eles tivesse aqui eu fazia uma desgraça cum eles, qui eles fizeram foi uma senvergohice.

(Comunicação pessoal, 1982).

Sobre o mesmo problema, assim expressou o Sr. Gonzaga, também ex-viajante de redes:

Eu fui, outrora eu fui vendedor de rede. Mais nessa época eu ia prá Teresina, a bem de saúde. Eu não tô é bem certo o ano (interfere um atual viajante de redes para dizer que foi no governo do Dr. Helvídio Nunes). Aí nós ... eu ia no carro (ônibus), nesse dia eu levava cinco rede dento do cochonil, prá fazer a despesa lá cum o meu tratamento de saúde. Aí quando nós chegemo lá na cancela (posto fiscal) o sagento mandô descer todo mundo de cima do carro ... o sagento Pessoa. Aí eu fiquei sentado. Confiei purquê ia quase morto mërma. Dente. Ele subiu no carro e disse: e você purquê não desce seu amarelo? Eu também fiquei ... matuto ... feito ... fiquei logo me tremendo de medo. Aí ele pegou no meu braço e puxou. Aí o João Bastião disse: Sagento! is

so é ũa perversidade você fazer isso! Esse rapaz vai quase morto! Não pode fazer isso com o rapaz! Aí ele disse: pois senta aí. Aí também eu me sentei e o João Bastião ficou tremendo de raiva, mais também ele não me xeu mais comigo não. As redinha qui eu levava deixou passar. (Comunicação pessoal, 1982)

Esse rigor do fisco para com as redes de origem artesanal em Pedro II, não se verificou em outros centros do Nordeste, que assim como ali, têm larga parcela da população empenhada na confecção de certo bem. É o caso, conforme ROCHA (1979), de São Bento, na Paraíba, também produzindo redes, e o de, conforme LIMA (1982), Santa Cruz do Capibaribe, em Pernambuco, produzindo roupas. Tal procedimento, segundo os autores citados, concorrem para o soerguimento econômico dos referidos municípios, que se constituem hoje em importantes centros de produção na Região.

Assim, são várias histórias, inclusive ameaça de tortura, como aconteceu ao Sr. Francisco da Silva do Nascimento, vulgo "Penteado", que transportava cargas de rede (em animais), através de caminhos de difícil acesso para pontos distantes, cerca de 60 km, com o fim de burlar a fiscalização.

Refletindo tal aspecto, no início da aplicação dos questionários da Zona Urbana, algumas portas foram fechadas, pois os produtores pensavam tratar-se de fiscalização (o que, como já se salientou na metodologia, motivou modificação na amostragem dessa área). Pela mesma razão, quando se procurou contato com compradores e produtores na feira, o material de pesquisa teve que ser ocultado por duas vezes. Ali os negó-

cios se retraem sempre que aparecem fiscais que trabalham em outra cidade, vez que uma figura estranha inibe os compradores que ficam com receio de serem autuados no ato da compra e terem de pagar os impostos sobre todas as redes compradas. Como os fiscais permanentes de Pedro II já são conhecidos, quando não há os de fora, há maior possibilidade de retirar uma parte sem o imposto, pois combinam com as teceloas para lhes entregarem em outro local, que não o da feira.

Na figura 10 tenta-se demonstrar a trajetória das redes confeccionadas em Pedro II, da origem das matérias-primas ao consumidor final.

FIGURA 10
 FLUXOGRAMA DA PRODUÇÃO X COMERCIALIZAÇÃO, NA ATIVIDADE DE CONFECÇÃO ARTESANAL DE REDES
 -DE- DORMIR EM PEDRO II.

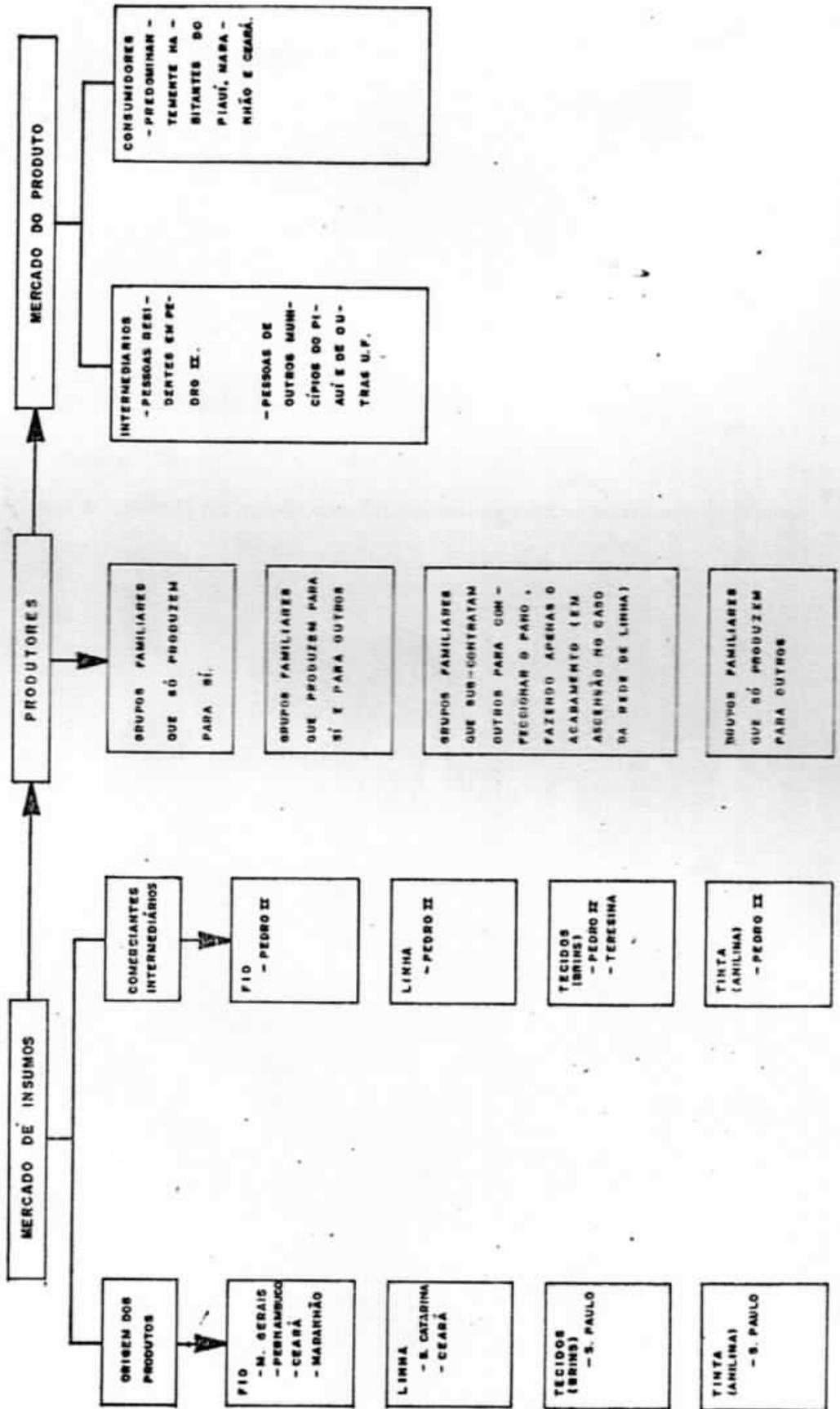




Foto nº 22

Caminhão trucado carregado com fio, destinado a um comerciante de Pedro II.



Foto nº 23

Maneira mais comum de as tecelãs levarem o fio para casa, o que também é feito em animais, bicicletas e carros que fazem linha para as localidades rurais.



Foto n.º 24

Detalhe da feira.



Detalhe da feira. Destaque para tecelões observando comprador fazer as contas.

Foto nº 25



Foto nº 26

Detalhe da feira. Em primeiro plano vendedor de peças (lançadeiras e pente) para tear de pé.



Detalhe da feira. Destaque para velhinha que faz grades em almofadas, com o fim de vendê-las a tecelões que as "enchem" conforme desejarem.

Foto n.º 27



Teceloas a caminho da feira.

Foto nº 28



Foto nº 29

Teceloas retornando da feira. Destaque para matéria-prima (saco no chão) e peça de reposição ("pente") para tear de pé (sob braço esquerdo da teceloa no centro da foto).

NOTAS

- (1) Pela mesma razão apontada no capítulo anterior, neste capítulo serão excluídas análises sobre a Zona Rural II.
- (2) Tal denominação decorre do fato de a linha ter sido introduzida só recentemente.
- (3) Fundada em 1978 por iniciativa do pároco local, mas que não consegue atrair a maioria das tecelões. Em março de 1982, das 212 inscritas, apenas 80 estavam desenvolvendo atividades junto a essa entidade, que está procurando incentivar uma diversificação na produção local, introduzindo a produção de tapetes e bolsas.
- (4) Os documentos existentes não permitiram a coleta de dados de períodos anteriores. Faz-se a contagem apenas do fio e da linha, por serem os únicos insumos que permitem uma estimativa de produção local de redes. Quanto aos tecidos industrializados adquiridos para fazer redes, tornou-se impraticável a captação de sua quantidade, pois sua aquisição é efetuada indistintamente no comércio de Pedro II, Píripiri, Teresina, etc.
- (5) Não foi possível um levantamento contábil para justificar, com dados numéricos, tal afirmação. Contudo, uma simples observação local do movimento das vendas e do estoque existente, confirmam tal afirmação. O mesmo ocorre com os principais comerciantes de fio que, embora vendam outros produtos, têm no mesmo seu principal negócio.

- (6) Quantidade que a maioria utiliza para fazer uma rede, existindo, porém, casos em que utilizem 1,5 e também 2,2 kg.
- (7) O peso das redes de linha obedece aos mesmos padrões das de fio, ou seja, a maioria é confeccionada com 2 kg de linha.
- (8) Em fevereiro/82, enquanto 1 kg de fio custava em torno de Cr\$ 350, o de linha custava de Cr\$ 850, a Cr\$ 1.200,.
- (9) Conforme LIMA (1982) em Taracatu - Pe, é comum o pagamento através de produto acabado, ou seja, o produtor dá a rede e recebe insumos em peso correspondente, além de uma quantia em dinheiro que seria o lucro; em São Bento - PB, conforme ROCHA (1979) e em Fortaleza - Ce, conforme SCHMITZ (1979). Em Pedro II, conforme alguns informantes, são raros tais casos em relação ao fio, mas parece estar em ascensão com relação à linha, justamente devido ao seu elevado preço. Porém, nos grupos pesquisados não se constatou nenhum caso.
- (10) Expressão que designa os vendedores de fio que precedem como dito.
- (11) Esta, aliás, foi uma das causas apontadas por um comerciante que vendia fio desde 1966 a deixar de fazê-lo em 1981, permanecendo porém com outras mercadorias.
- (12) Aqui válido, também, para a Zona Urbana, já que grande parte da população urbana local é oriunda de áreas rurais, conservando ainda o mesmo tipo de relacionamento daquelas áreas.
- (13) Segundo alguns informantes, a feira de rede iniciou-se na

década de trinta.

- (14) Até cerca de doze anos atrás, a feira de rede era somente na manhã de sábado, juntamente com os demais produtos locais.
- (15) Época em que cessam as chuvas e as colheitas já estão em marcha, o que contribui para "correr mais dinheiro".
- (16) Baseado no preço da feira, o agente de tributos local estipula um determinado preço em que as redes são tributadas. No final do capítulo tal problema será retomado.
- (17) O mesmo que se dá com o fio e/ou linha quando retornam da feira. O peso pode variar de 2 a 12 kg.
- (18) Muitos carros - especialmente caminhões e pickups - prestam este serviço. Colocam tábuas de madeira para servirem de bancos, nas suas carroçarias.
- (19) O que se pode estimar um ganho de Cr\$ 2.500, mensais, em média, enquanto o salário mínimo regional era de Cr\$ 9.372,.

SEGUNDA PARTE

A ATIVIDADE DE CONFECÇÃO DE REDES-DE-DORMIR E A DINÂMICA DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO EM PEDRO II

CAPÍTULO IV

FUNDAMENTOS DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NO PIAUÍ

Os processos de ocupação efetiva do território que hoje compreende o Piauí, como de resto a maior parte do sertão nordestino, têm sua gênese na evolução econômica da atividade de produção de açúcar no litoral, sobretudo em Pernambuco e Bahia, cujo dinamismo dependia da demanda européia por tal produto e da concorrência de outras áreas produtoras, fora do Brasil. Tanto a caça e guerra ao índio, o que condicionou as primeiras incursões pelo sertão, como a incorporação de novas áreas para a criação bovina - necessidade que se impôs pelo alto grau de especialização das terras próximas ao litoral - induziram a uma crescente ocupação sem descontinuidade, do sertão. Conforme afirma FURTADO (1977),

Ao expandir-se a economia açucareira, a necessidade de animais de tiro tende a crescer mais que proporcionalmente, pois a devastação das matas litorâneas obrigava a buscar a lenha a distâncias cada vez maiores. Por outro lado, logo se evidenciou a impraticabilidade de criar o gado na faixa litorânea, isto é, dentro das próprias unidades produtoras de açúcar. Os conflitos pro

vocados pela penetração de animais em plantações devem ter sido grandes, pois o próprio governo português, proibiu, finalmente, a criação de gado na faixa litorânea. E foi a separação das duas atividades econômicas - a açucareira e a criatória - que deu lugar ao surgimento de uma economia dependente na própria região nordestina. A criação de gado - na forma como se desenvolveu na região nordestina e posteriormente no sul do Brasil - era uma atividade econômica de características radicalmente distintas das da unidade açucareira. A ocupação da terra era extensiva e até certo ponto intinerante. O regime de águas e distâncias dos mercados exigiam periódicos deslocamentos da população animal, sendo insignificante a fração das terras ocupadas de forma permanente. As inversões fora do estoque de gado eram mínimas, pois a densidade econômica do sistema em seu conjunto era baixíssima. Por outro lado a forma mesma como se realiza a acumulação de capital dentro da economia criatória induzia a uma permanente expansão - sempre que houvesse terras para ocupar - independentemente das condições de procura. A essas características se deve que a economia criatória se haja transformado num fator fundamental da penetração e ocupação do interior brasileiro. ⁽¹⁾ (p. 57)

Mas a expansão da atividade criatória e consequentemente a incorporação de novas áreas do sertão, não se limitou apenas aos momentos de maior desempenho da economia açucareira e, por certo período, do surto minerador em Minas Gerais. Dada

as formas como era implantada, onde sua força de trabalho também produzia quase tudo que é necessário às suas precárias condições de vida - condicionando, pois, e sendo sustentada por uma economia de subsistência - a pecuária, mesmo nos momentos de crise na exportação de açúcar, não cessou de se expandir, também passa a se constituir em atividade de subsistência. Segundo FURTADO (1977),

Ao contrário do que ocorria na economia açucareira, a criatória - não obstante não predominasse o trabalho escravo - representava um mercado de ínfimas dimensões. A razão disto está em que a produtividade média da economia dependente era muitas vezes menor do que a da principal, sendo muito inferior seu grau de especialização e comercialização. Observada a economia criatória em seu conjunto, sua principal atividade deveria ser aquela ligada à própria subsistência de sua população. Para compreender este fato, é necessário ter em conta que a criação de gado também era em grande medida uma atividade de subsistência, sendo fonte quase única de alimentos, e de matéria-prima (o couro) que se utilizava praticamente para tudo. Essa importância relativa do setor de subsistência na pecuária⁽²⁾ será um fator fundamental das transformações estruturais por que passará a economia nordestina em sua longa etapa de decadência.

(p. 59-60)

(*) sem grifo no original

Na área que hoje compreende o Piauí, o quadro natural favoreceu, nos moldes como era praticada, a exploração da atividade criatória. Segundo MARTINS e outros (1979) tal quadro caracterizava-se, em linhas gerais, pelos seguintes aspectos:

- existência de densos recursos hidrográficos, com grandes rios perenes e importantes lagoas, coexistindo com áreas tocadas pela seca;
- graduação climática, situada entre semi-aridez quente do Nordeste Oriental e a umidade quente da Amazônia;
- associação de vegetais que correspondia à zona de transição definida: extensos pastos naturais, importantes cocais e numerosas várzeas, algumas delas de grande fertilidade, situados entre caatingas arbóreas e arbustivas, cerrados [...] (p.12)

Pode-se acrescentar, ainda, a configuração do relevo, que não possuindo grandes elevações, permitia livre trânsito, praticamente em todas as direções, para os rebanhos procurarem novos pastos.

Um outro fato relevante a ser considerado, conforme assinala MARTINS e outros (1979), é de que o início da ocupação do que hoje é o Piauí, com criação de gado, deu-se justamente

numa época em que a zona açucareira se debatia com a expulsão dos holandeses e com a crise gerada a partir daí. Representou, pois, não um resultado direto do consumo da zona açucareira, mas sim, a expansão linear da pecuária nordestina, que implicou na aneção, em apenas al

gumas dezenas de anos, de uma vasta área. Isto signifi-
cou um maior distanciamento dos centros consumidores ou
piores condições de comercialização. Mas o que é funda-
mental, é que essa invensibilidade às crises⁽³⁾, gerou
a necessidade de se recorrer a formas de produção econô-
mica ainda mais primitivas que a de outras zonas do Nor-
deste pecuário. (p.22)

Com efeito, na atividade criatória, conforme FURTADO (1977),

A expansão do sistema era, aí, um processo engôgeno, re-
sultante do aumento vegetativo da população animal. Des-
sa forma, sempre havia oportunidade de emprego para a
força de trabalho que crescia vegetativamente, e também
para elementos que perdiam sua ocupação no sistema açu-
careiro em lenta decadência. Sem embargo, se a procura
de gado na região litorânea não estava aumentando num
ritmo adequado, o crescimento do sistema pecuário se
fazia através do aumento relativo do setor de subsistên-
cia [...] A redução relativa da renda monetária teria
de repercutir no grau de especialização da economia e
no sistema de divisão do trabalho dentro da mesma. Mu-
tos artigos que antes se podiam comprar nos mercados do
litoral - e que eram importados - teriam agora de ser
produzidos internamente. Essa produção, entretanto, li-
mitava-se ao âmbito local, constituindo uma forma rudi-
mentar de artesanato [...] Esse atrofiamento da econo-
mia monetária se acentua na medida em que aumentam as
distâncias do litoral, pois dado o custo do transporte
de gado, em condições de estancamento do mercado de ani-

mais, os criadores mais distantes se tornavam submarginais [...]*

Fudo indica que ao longo do período que se estende do último quartel do século XVII⁽⁴⁾ aos começos do século XIX, a economia nordestina sofreu um lento processo de atrofiamento, no sentido de que a renda real per capita de sua população declinou secularmente. É interessante observar, entretanto, que esse atrofiamento constituiu o processo mesmo de formação do que no século XIX viria a ser o sistema econômico do Nordeste brasileiro, cujas características persistem até hoje. (p.62-3)

O Piauí, formou-se, pois, sob o signo da atividade de pecuária associada à agricultura de subsistência. Conforme SANTANA (1964),

A fazenda foi o núcleo fundamental da ocupação humana e, dentro embora de estrutura tipicamente de subsistência, o principal foco de vida e formação da sociedade. Prolongando-se sobre esse sistema, formou-se, mais tarde, a família. Quando na primeira metade do século XIX, o poder civil se apresenta com alguma consistência ou se institucionaliza, é através do patriarcalismo familiar e do latifúndio. Desse modo, a fazenda de criar, por muito tempo, no Piauí, constitui-se em estabelecimento único de exploração econômica, em base da sociedade em formação e centro de relações étnicas e de cultura.

(p. 17-8)

(*) sem grifo no original

Até o final do século XVIII, quando da formação da economia de subsistência, observa o Pe. Manoel Carvalho, citado em SANTANA (1964),

Não se produzia no mercado. Não havia outro objetivo senão assegurar a satisfação das necessidades dos que viviam na fazenda. Era uma economia de necessidades. O mercado se limitava às fronteiras marcadas pela agregação. O princípio do comércio de redes, pano e algodão e cujas que nesta povoação trocam por vacas com intenção de as levarem para as terras do Maranhão, era de pouca importância, mesmo porque representava somente uma forma particular de crescimento da expansão da economia dominante. Mais tarde, o coronel, quanto à organização social, surgia como expressão humana de domínio. Dispondo dos meios de produção, exercia amplos direitos sobre as pessoas e decidia da repartição do produto. Proprietário secular dos campos, através das famosas sesmarias, reúne nos dilatados latifúndios algumas dezenas de agregados, a quem permite o usufruto de pequenos traços de terra para roçado e facilita o material para a construção das palhoças. (p. 29-30)

A atividade criatória no sertão, na forma como era levada a efeito supunha, porém, grandes extensões de terra⁽⁵⁾, para cada proprietário de rebanho. Decorrente de tal aspecto, os primeiros colonizadores obtinham a posse das mesmas através da doação governamental que estabeleceu o sistema de sesmarias, como forma de apropriação legal da terra. Mas como nem todos tinham acesso a tais doações, travaram-se intensas lutas entre

sesmeiros e posseiros⁽⁶⁾ com o fim de garantir a propriedade de extensas áreas⁽⁷⁾. A consequência de tal situação foi a formação de um quadro fundiário caracterizado pela concentração da terra. De acordo com SANTANA (1979),

A sesmaria representou a concessão de terras para a implantação de uma atividade econômica. No Piauí, a pastoril. Porque o sesmeiro não foi o povoador, mas o posseiro, poderia parecer que a grande propriedade não se constituiu no vínculo de ocupação da terra. Se os titulares viveram perto das cidades e dos governos longânimos, isso se deu porque a pecuária, no Piauí, caracterizou-se como fenômeno induzido. Terras de carga extremamente baixa não despertariam a cobiça de ninguém. A persistência dos povoadores efetivos decorreu do próprio processo de expansão da pecuária, que se deu através do aumento relativo dentro do próprio setor de subsistência. Finalmente, do ponto de vista da economia, o desfecho do prélio entre sesmeiros e posseiros pouco interessa, pois em nada alteraria a estrutura da propriedade. Nas mãos dos sucessores de sesmeiros e posseiros, o latifúndio não muda de natureza e suas consequências políticas e sociais são as mesmas. A insignificante proporção de sesmarias doadas aos povoadores efetivos da terra não impediu que eles realizassem o devassamento e o povoamento do Piauí, aparecendo mais tarde o coronel senhor de terras e gados, cuja influência se exerceu sobre os vaqueiros, agregados, finalmente todos os dependentes das atividades de que era dono, de modo a criar um sistema especial de relações inter

nas, na fazenda de criação, que se sobreponha ao pró
prio governo, dispondo de código inteiramente pessoal.*

(p. 19-20)

Devido a composição florística de boa parte do seu território possuir espécies vegetais de onde se extrai pro dutos de interesse no mercado externo, além da produção de al godão, desde o século passado, o Piauí experimentou, sobretudo na sua porção centro-norte, uma diversificação em suas atividades mas sem muitas repercursões no quadro sócio-econômico, fun damentado na pecuária e agricultura de subsistência. Conforme assinala MARTINS e outros (1979) para decorrer do século XIX e primeira metade do século atual.

[...] o caráter de subsistência da economia foi marcan te, apesar da ocorrência de situações em que esteve vol tada para o exterior, como foi o caso dos períodos mate intensos de exportação algodoeira e dos produtos do ex trativismo vegetal. Porém estas situações foram episo dicas, circunstâncias, espacialmente limitadas e, estru turalmente, foram atividades acopladas à base da econo mia, que era a pecuária extensiva. Apesar de seus efe tos conjunturais retumbantes, as exportações não impuse ram transformações estruturais na economia e em seu con junto e particularmente na pecuária. Objetivamente não definiram um período histórico novo. (p. 41)

A extração vegetal, acrescenta MARTINS e outros

(*) sem grifo no original

(1979) combinou-se,

pacificamente com a estrutura agrária piauiense. Significou uma atividade complementar à criação extensiva do gado e à agricultura de subsistência, sem modificar o caráter destas. (p. 57)

Sobre os efeitos do extrativismo, MARTINS e outros (1979) afirma que,

Em termos de mercado interno seu crescimento pouco expressivo não levou à abertura/consolidação de novos setores econômicos. Tratou-se de um crescimento profundamente orientado para as mesmas oligarquias agrárias e para os grandes exportadores. (p. 59-60)

Os principais produtos do extrativismo vegetal no Piauí, que alcançaram projeção no mercado internacional, foram o látex de maniçoba, a cera de carnaúba e coco babaçu. A área de ocorrência de maniçoba com maior intensidade compreendia a porção centro-sul do Estado, enquanto os outros dois produtos concentravam-se mais na porção centro-norte.

Observa-se, pois, que o território piauiense experimentou, praticamente, em toda a sua extensão e ao longo de sua história, os mesmos padrões de organização espacial, vez que nos fundamentos de sua evolução econômica e social estão as fazendas de criar gados, sobretudo, o bovino, combinado com lavouras de subsistência, portanto com baixos padrões técnicos, característica que se estendem às demais atividades econômicas surgidas posteriormente, como foi o caso do extrativismo vegetal. Essa última atividade, embora tenha imprimido um certo dinamismo nas áreas de ocorrência, nos momentos de grande

procura pelos produtos (caso da carnaúba, do babaçu, da maniçoba, entre outros), em nada contribuiu para mudança das estruturas vigentes, chegando mesmo a contribuir para a cristalização das mesmas. Portanto, ao se estudar qualquer porção do território piauiense, necessário se faz que se procure identificar como essas determinações gerais do processo de organização do espaço no Estado se reproduziram na porção considerada, e em que escala tal reprodução ocorreu. Esta busca será objeto de estudo no capítulo seguinte.

NOTAS

- (1) Ver, ainda, ANDRADE (1979:37 e 1980:169-70), LIMA SOBRINHO (1946:46-9), MARTINS e outros (1979:15).
- (2) Segundo SINGER (1979) "na economia de subsistência [...] o emprego sempre corresponde à oferta total de força de trabalho. O indivíduo se engaja na divisão social do trabalho como consequência direta ao fato de ser membro da sociedade. Isto é, possível porque na economia de subsistência a finalidade da produção é o consumo, e é óbvio que cada novo trabalhador é um novo consumidor, de modo que nem se coloca a hipótese de insuficiência de procura para o produto do trabalhador adicional" (p. 9).
- (3) Característica que está na sua gênese, adotada para sobreviver e se consolidar.
- (4) Quando se inicia a ocupação do Piauí.
- (5) Ver PRADO JÚNIOR (1977:188 e seq.)
- (6) Aqueles que se estabeleciam com fazendas de gado, sem a posse legal da terra.
- (7) Para maiores informações, ver LIMA SOBRINHO, Barbosa. op. cit., especialmente capítulo X; MARTINS e outros (1979:27-9) e ainda SANTANA (1964:17).

CAPÍTULO V

FUNDAMENTOS DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO EM PEDRO II

1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE OCUPAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO MUNICÍPIO

Em fins do século XVIII, a ocupação da área que hoje compreende o município de Pedro II, obedeceu aos mesmos padrões de incorporação de terra verificados para o Estado. Conforme ANDRADE (1979), a parte Norte do Estado onde se situa Pedro II, foi ocupada pelo povoamento vindo do Ceará, destinando-se à criação de gado. (p. 78) Assim, viu-se reproduzir ali, nas devidas proporções, o mesmo processo histórico por que passou o restante do território piauiense, ou seja, um município fundado em área com atividade econômica baseada na exploração agropecuária, com o agravante de tal ocorrer no período em que se verificava um prolongado período de recessão econômica na região nordestina. Conforme atesta FRANCO,

O povoado que deu origem à vila de Matões tem sua origem no século XVIII, quando no lugar Piquizeiro, foi fundada uma fazenda por João Alves Pereira, seus irmãos e os amigos Abel Pereira dos Santos e Antonio Pereira da Silva, todos de origem portuguesa. De início, leva

dos pela religião de que eram possuídos, edificaram uma pequena capela dedicada ao culto de Nossa Senhora - Virgem Santíssima, que se tornou a padroeira do lugar.

João Alves Pereira, o mais abastado de todos, doou um e meio quilômetro de terra. Estava assim constituído o patrimônio da hoje cidade de Pedro II.* (p. 83). Segundo

o mesmo autor, cronologicamente Pedro II recebeu as seguintes denominações:

Piquizeiro → Matões (povoado, desmembrado de Piracuruca, 1851) → Pedro II (vila, 1854) → → Matões (1889) → Itamarati (1891) → Pedro II (1911).

Entretanto, pelas condições ambientais existentes no território pedrossegudense e as oportunidades que se oferecem, no final do século passado a meados do atual, alguns bens oriundos do beneficiamento de certos produtos agrícolas, tiveram ali, um caráter de produção comercial, como foi o caso do fumo, da aguardente de cana e da rapadura, produtos esses de largo consumo regional.

Do último quartel do século passado, em relatório apresentado ao Ministério da Justiça em 1883/1884, pela Secretaria da Província, sobre o município de Pedro II, constata-se o seguinte:

A villa de Pedro 2º [...] está situada em terreno acidentado, e se acha cercada de serrotes e outeiros pedregosos, e de algumas serras frescas, pouco extensas, o

(*) sem grifo no original

que faz constituir a variedade do seu clima, em geral muito ameno e agradável. O solo por conseguinte, divide-se em duas partes distintas: montanhosa e sertaneja, sendo aquela muito fresca, productiva e coberta de matos, e esta cortada de ribeiros que só correm pelo inverno, de taboleiros e serrotes, e de excellentes pastagens. A serra dos Mattões, mais conhecida pelo nome de Caranguejã, e sobre a qual se estende a circunscrição da villa é, de uma fertilidade prodigiosa, e muito salubre, prestando-se ao cultivo de todos os productos tropicaes; goza de uma temperatura amena e agradável, e não se experimenta em tempo algum os effeitos da estação calmosa. O cultivo da canoa de assucar, cuja fabricação é feita em sessenta engenhos e onze alambiques, constitue a principal indústria do município, seguindo-se-lhe immediatamente a do fumo, em grande escala, e muito adiantada, e depois a da mandioca, milho, feijão e arroz, e extração da cêra de carnaúba, cuja palmeira abundantemente vegeta [...] A criação de gado é feita na zona sertaneja, em pequena escala, e dá para manter com pequeno commercio de couros e solla. Todo commercio de importação e exportação do município, ainda em condições muito acanhadas, é feito com a cidade de Parnaíba, e com a provincia limitrophe do Ceará, pela cidade de Sobral, ponto terminal da via-férrea do Camocim.*

(*) sem grifo no original

Ressalvou-se acima que os produtos referidos ti veram importante papel para o município até meados do século a tual, porque os mesmos vêm perdendo seus mercados (principalmente porção centro-norte do Piauí e Maranhão), para concorrentes provenientes de outros Estados, beneficiados com a modernização do sistema de transporte regional, além de outros fatores, como a falta de investimento no setor, que paulatinamente vem sendo abandonado no município. Para se ter uma idéia da evolução na produção desses produtos em Pedro II, veja-se a tabela a se guir:

TABELA 16

Pedro II

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE FUMO, AGUARDENTE E RAPADURA,
DE 1940 a 1980

| Produtos | 1940 | 1950 | 1960 | 1970 | 1975 | 1980 |
|--|------|------|------|------|------|------|
| Fumo folha (t) | * | 173 | 223 | 103 | * | * |
| Fumo corda (t) | 114 | 46 | * | 73 | 18 | 0 |
| Aguardente de cana (mil litros) | 34 | 72 | * | 0 | 19 | 11 |
| Rapadura (t) | 412 | 468 | * | 448 | 369 | 66 |

IBGE, Recenseamento Geral do Brasil; 1940, Parte V - Piauí.

IBGE, Recenseamento Geral do Brasil; 1950, vol. XIII - Piauí.

FUNDAÇÃO IBGE, Censo Agrícola; Maranhão e Piauí, 1960.

FUNDAÇÃO IBGE, Censo Agropecuário; Piauí, 1970.

FUNDAÇÃO IBGE, Censo Agropecuário; Piauí, 1975.

FUNDAÇÃO IBGE, Censo Agropecuário; Piauí, 1980

(*) sem indicação na fonte

Os dados da tabela acima evidenciam uma tendência decrescente na produção dos produtos em apreço, sobretudo para

o caso do fumo, justamente o produto mais valorizado e de produção mais disseminada pelos grupos familiares, em face de maiores facilidades em sua obtenção, frente à aguardente e rapadura que requerem, além do plantio da cana, instalações especiais para sua elaboração.

Sobre a importância do fumo em Pedro II, cujo volume de produção o colocou entre os principais produtores do Estado, assim se expressa Tomaz Costa, 43 anos, filho de tece-loa, ex-viajante de redes de Pedro II, hoje com depósito de redes em Teresina: ⁽¹⁾

Eu acho que era a estimulação do lavrador. Porque todos os lavradores como nós fomos - somos cinco irmãos, quatro homens, todos foram lavradores - e o fumo daquela época era ... como dizer... era a salvação do lavrador. Enquanto hoje eu sei que foi desativado. Hoje não existe mais. Nem os próprios amigos e meus tios que lavravam em alta escala... E nós não fomos grandes lavradores de fumo, mas fazia o bastante ... Mantinha aquilo como uma reserva. O legume de caroco; feijão, arroz ... era pra o consumo e realmente o fumo era aquele que nós tínhamos como uma reserva para os custos das despesas. Era quem aguentava as despesas.. As mulheres viviam daqueles pequenos lucros de rede, que toda vida foi ... e o homem do fumo. Fazer o fumo era que era a reserva. A mulher ajudava muito, mas a maior parte era o esforço do homem. Mas não vamos dizer que a mulher também ficasse lá atrás. Ela dava a sua parcela muito grande. Assim como o homem ajudava na rede. Era dividida as tarefas. E era aquele negócio tão bom que a pessoa passava

dias e dias, entrava semana e saía semana naquela rotina muito boa. A safra do fumo era só uma época.

(Comunicação pessoal, 1982).

A situação descrita acima, embora seja feita por uma pessoa relativamente jovem, não contradiz ao que se ouve pela cidade, com relação a tal assunto, da parte de pessoas idosas, como é o caso do Sr. Sotero Gomes de Sousa (vulgo Sotero Antonio, com 89 anos de idade) que já em 1914, era viajante de fumo e redes vendendo-os pelo Piauí e Maranhão.

Verifica-se, pois, que concomitantemente às atividades agropastoris de subsistência, ao extrativismo vegetal, à elaboração da aguardente e rapadura de cana, e do fumo, verificou-se, sobretudo a partir de fins do século passado, a atividade de confecção de redes para venda, cuja área de ocorrência só não coincide com a de maior atividade criatória de bovinos e do extrativismo da carnaúba, área essa qualificada no relatório da Secretaria da Província de "sertaneja" e hoje denominada "sertão".

Mas, para que se tenha mais elementos para uma melhor compreensão da organização do espaço no município, tentar-se-á mostrar, a seguir, embora de maneira suscinta, como se estruturam e/ou se apresentam ali elementos relativos ao quadro natural à população e à economia.

2. PARTICIPAÇÃO DOS ELEMENTOS DO QUADRO NATURAL

Pela própria natureza do presente trabalho, não se descerá a níveis de detalhamento dos aspectos físicos de Pe

dro II.

Serão abordados tão somente, aspectos de natureza geral visando fornecer elementos para a compreensão da distri buição da população e das atividades econômicas desenvolvidas no município. Daí a abordagem ser empreendida associando-se os dois aspectos: condições naturais e ocupação do território.

Pedro II situa-se em área de clima semi-árido, com pluviosidade que varia de 600 a 1000mm anuais a uma tem peratura bastante amena, sobretudo na sede municipal e áreas circunvizinhas, onde a população, em certas épocas do ano (ju nho/ju lho) chega a usar agasalho de frio, vez que a tempe ratura chega em torno dos 15°C.

Pelo que foi visto acima distinguem-se, no municípi o, duas áreas distintas que foram muito bem caracterizadas no relatório citado.

Com efeito, a configuração do relevo, da vegeta ção, a distribuição da população etc., conforme caracteres que tornam essas áreas bastantes diferentes entre si.

A zona da "serra", onde fica situada a sede muni cipal e concentra a maior parte da população rural do municípi o ⁽²⁾ localiza-se no quadrante noroeste do município, área considerada como de ocorrência da atividade de confecção de re de (figura 02). Apresenta altitudes que variam de mais de 300m até 880m, com extensas chapadas cobertas com vegetação que va ria da caatinga, em menos proporção, ao cerrado, separados por vales onde se verificam intensas atividades agrícolas. Em tais vales, por onde correm riachos, denominados localmente por "cog os", situa-se a maior parte da população rural dessa área, ve

rificando-se ai grande número de minifúndios. Além dos produtos agrícolas tradicionais - milho, arroz, feijão, cultivam-se nessas áreas a cana-de-açúcar - para a produção de aguardente e rapadura, - fumo e frutas, produtos que, como já se viu, vêm perdendo sua importância. A mandioca é cultivada nas chapadas, consorciada com milho e feijão. Na pecuária, dedicam-se mais a animais de pequeno porte (caprinos, ovinos, suínos), enquanto no extrativismo vegetal observou-se apenas pequenas manchas de babaçu. e, no mineral a extração, em pequena escala da opala.

A zona do "sertão" compreende os outros três quadrantes do município, com suas características penetrando até a porção sudoeste do quadrante caracterizado anteriormente. Embora presente alguns pontos com altitudes em torno de 400 a 600m, denominados localmente de "serras", são bastante diferentes dos verificados no quadrante noroeste, pois são de pequenas áreas, recobertas por vegetação escassa, e até sem essa, e geralmente, distantes entre si. A vegetação predominante é a caatinga, cujo porte e densidade dos vegetais variam conforme as condições microclimáticas, sendo porém, na maior parte arbustiva. É a área de pecuária do município com ênfase, além dos outros rebanhos, no gado bovino, porém com práticas de criação extensiva, o que, como já é sabido, compromete a produtividade no setor. Além da agricultura, também praticada com técnicas rudimentares, com ênfase na produção do feijão e do milho, encontra-se nessa parte, o extrativismo da carnaúba, cuja maior concentração situa-se ao longo do vale do rio Capivara, compreendendo os quadrantes nordeste e sudeste do município, e em parte do quadrante sudoeste no vale do rio Corrente, onde também

se observa a ocorrência do extrativismo de tucum. Como já foi definido, esta é a área onde não tem importância a produção de redes. Verifica-se, em alguns povoados, a confecção de surrões de palha de carnaúba, tarefa afeta às mulheres.

De uma maneira geral, poder-se-ia resumir estas breves considerações, com as palavras de MELO (1983), que ao referir-se à porção do Piauí onde fica situado Pedro II, afirma que,

[...] as grandes diferenças dos quadros ecológico e a grogeográfico ocorrem sobretudo em escala local. Os topos das elevações tubiliformes e subtabuliformes possuem solos fracos, arenosos e concrecionais. O caráter intermitente da hidrografia ali deve-se mais ao fator edáfico e à estrutura litológica do que ao fator climático. Assim também a pobreza da vegetação de cerrados que reveste os amplos topos planos das cuevas e chapadas. Todavia, como se sabe, a existência desse tipo de revestimento florístico também se relaciona com um clima de pluviosidade média e de estação seca já da ordem de cinco a seis meses. Seja como for, trata-se de condições ecológicas pouco propícias às atividades de lavoura. Além disso, a penúria d'água de superfície e a pobreza da pastagem nativa respondem por uma atividade pastoril de baixa produtividade. Já nos fundos dos vales, as várzeas e baixios, com seus solos aluvionais e hidromórficos, condicionam em seus exíguos espaços, uma vegetação primitiva do tipo florestal e a presença mais constante de atividades agrícolas. (p. 63)

3. PARTICIPAÇÃO DOS ELEMENTOS DA DINÂMICA POPULACIONAL

O estudo da dinâmica populacional de um dado lugar constitui-se em importante elemento para a compreensão dos problemas sócio-econômicos e espaciais relativos ao mesmo. Como o presente trabalho ocupa-se de problema diretamente ligado à força de trabalho, já que esta se constitui num dos principais fatores que viabilizam a atividade tecelã de redes em Pedro II, necessário se faz que se procure analisar como se comporta, nos diversos aspectos, a população ali residente.

Devido ao fato de o trabalho que ora é realizado ter por base, principalmente, a pesquisa de campo efetuada em fevereiro/março de 1982, optou-se examinar quais as transformações por que passou a população pedrossegudense na década de setenta, recorrendo-se, pois, nesta parte, também a dados contidos nos Censos Demográficos de 1970 e/ou 1980, conforme seja o caso. O fato da análise restringir-se ao período 1970/1980 é devido a não se ter observado ali, nada de excepcional nas décadas anteriores. Serão abordados aspectos relativos à distribuição da população pelo território, seu crescimento, sua estrutura etária, sua ocupação e condições de vida, comparando-se, sempre que possível e conveniente, à realidade estadual.

3.1. Distribuição territorial

Conforme foi mencionado em páginas precedentes, a população de Pedro II concentra-se mais no quadrante noroeste do município, considerada como área serrana, enquanto no restante, o chamado "sertão", apresenta escassa população. No quadrante

noroeste as localidades e/ou povoados encontram-se bem próximos uns dos outros. No restante do município há um maior espaçamento entre os mesmos, observando-se extensas áreas desabitadas, o que vai refletir-se na densidade populacional, a qual como se pode notar na figura 11, apresenta maiores valores no quadrante noroeste, predominando ali 16 e mais hab/km², enquanto nos demais, compreendendo mais da metade do município, predomina a faixa de 5 a 9 hab/km². Nessa área, destacavam-se apenas dois povoados (Retiro e São Gonçalo) no extremo sul do município, distante cerca de 30 km da sede, com cerca de 500 habitantes cada, os quais tiveram na extração da carnaúba o principal fator da concentração populacional ali verificada.

Considerando-se a distribuição por quadro domiciliar em 1980, 3/4 da população habitava os quadros rurais.

3.2. Crescimento

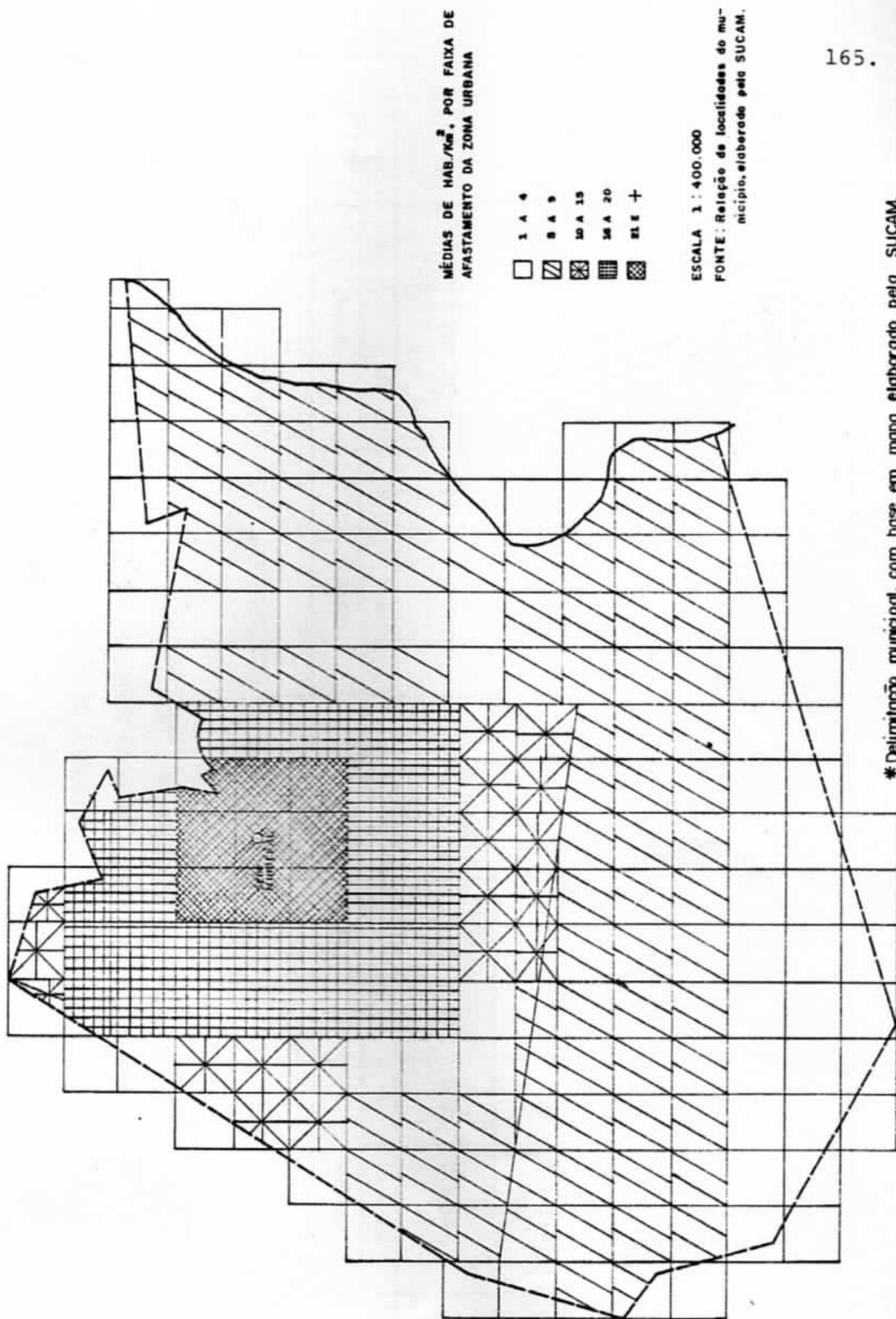
Para a análise do crescimento populacional em Pedro II, veja-se a tabela 17, onde se procura comparar sua situação com a do Estado.

Pelos dados da tabela 17, obtêm-se as seguintes taxas de crescimento geométrica anual para a década de 70:

| | PIAUI | PEDRO II |
|--------|-------|----------|
| Urbana | 5,1% | 8,2% |
| Rural | 0,8% | 0,9% |
| Total | 2,4% | 2,3% |

Os números acima indicam que Pedro II acompanhou as tendências gerais quanto ao aspecto do crescimento da população no Estado do Piauí na década de 70, afastando-se deste apenas

FIGURA 11
DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL DA POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PEDRO II*, EM 1980.



* Delimitação municipal, com base em mapa elaborado pela SUCAM.

TABELA 17

POPULAÇÃO TOTAL E POR SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO DO PIAUÍ E PEDRO II
1970 e 1980

| Anos | P I A U Í | | | | P E D R O I I | | | | |
|------|-----------|------|-----------|------|-----------------|------|--------|------|--------|
| | Urbana | | Rural | | Urbana | | Rural | | Total |
| | nº | % | nº | % | nº | % | nº | % | |
| 1970 | 536.612 | 31,9 | 1.143.961 | 68,1 | 4.353 | 14,0 | 26.688 | 86,0 | 31.041 |
| 1980 | 879.994 | 41,1 | 1.241.027 | 58,9 | 9.603 | 24,7 | 29.208 | 75,3 | 38.811 |

FUNDAÇÃO IBGE, Censo Demográfico; Piauí. 1970.

FUNDAÇÃO IBGE, Censo Demográfico, Dados distritais, Piauí. 1980.

no que diz respeito à população urbana. Enquanto no Estado a população cresceu à taxa anual de 5,1% na década de setenta, em Pedro II essa taxa foi de 8,2%, o que implicou em mais que duplificar o contingente da sede municipal (Tabela 17). No entanto, esse expressivo crescimento da população urbana decorreu não somente da migração campo-cidade - fenômeno em marcha no Estado - mas, supõe-se também que esteja associado a mudanças nos critérios de determinação dos limites urbanos da sede municipal. É que ali houve alguns bairros que até 1970 foram incorporados à área urbana. Observa-se, in loco, que durante a década de setenta, a ampliação de alguns serviços, como a rede elétrica e abertura de novas ruas podem ter concorrido para tal. Um dado que reforça essa observação, é o fato de que na década, apenas 3.446 pessoas mudaram de situação domiciliar (3.259 naturais e 207 não naturais do município), conforme revela o Censo Demográfico de 1980, quando trata das migrações, o que inclui os que se mudaram antes de 1970. Ora, se a população urbana passou de 4.353 em 1970, para 9.603 habitantes, em 1980, sendo ampliada, portanto, em 5.250 pessoas, claro está que deve ter havido a modificação suposta acima, quanto aos limites urbanos da sede municipal, de 1970 a 1980.

3.3. Movimentos migratórios

No que diz respeito aos movimentos migratórios, Pedro II apresenta algumas particularidades dignas de nota, em relação ao que ocorre no Estado.

Pelos dados da tabela 18, constata-se que no Estado 21,2% da população é de migrantes enquanto em Pedro II tal

cifra é de apenas 7,1%. Por outro lado, enquanto no contingente dos migrantes do Estado há apenas cerca de um terço oriundo de outras U.F., em Pedro II essa participação atinge a 74,4 % sendo a quase totalidade composta por cearenses, os quais correspondem a 68,3% daquele contingente (Tabela 20). Segundo alguns informantes, em épocas de seca Pedro II tem acolhido muitos migrantes daquele Estado. A localização do município em área limítrofe ao Ceará facilita tal transferência, constituindo-se na primeira alternativa que se oferece aos emigrantes daquele Estado, oriundos daquelas proximidades. O que consta na tabela 20, vem corroborar tais afirmações, merecendo destaque para os que se instalaram na Zona Rural I, a qual abriga 51,0% dos cearenses no município. Outro fator a destacar nos dados da tabela 18, é o de cerca de dois terços dos não naturais do município no conjunto do Estado, são piauienses que mudaram de município o que corresponde a 15,0% do seu total, enquanto em Pedro II, esse mesmo aspecto (movimento intra-território), envolve apenas 9,0% de sua população original.

A situação de domicílio atual e anterior dos migrantes, contidas nas tabelas 19 e 20, é outro aspecto em que Pedro II se diferencia bastante da situação estadual. Com efeito, enquanto no Estado 69,5% dos não naturais do município estão em áreas urbanas, em Pedro II essa percentagem é de apenas 29,0%. O contrário verifica-se para os residentes em áreas rurais onde estão 71,0% dos que emigraram para Pedro II. Desses, 94,4% (67,0% em 71,0%) são oriundos de outras áreas rurais (tabela 19), com forte participação de cearenses, dado o volume desse contingente que adentra no município (tabelas 19 e 20).

TABELA 18

POPULAÇÃO RESIDENTE, POR MIGRAÇÃO NO MUNICÍPIO DE
RESIDÊNCIA ATUAL

PIAUI E PEDRO II - 1980

| PROCEDÊNCIA | PIAUI | PEDRO II |
|---------------------------------|------------------------|----------------------|
| Naturais do município | 1.686.603 | 36.051 |
| . não mudou situação domiciliar | 1.533.808 | 32.722 |
| . já mudou situação domiciliar | 150.445 | 3.259 |
| . sem declaração | 2.350 | 70 |
| Não naturais do município | 452.593 ⁽¹⁾ | 2.765 ⁽²⁾ |
| . não mudou situação domiciliar | 422.062 | 2.529 |
| . já mudou situação domiciliar | 29.402 | 207 |
| . sem declaração | 1.129 | 29 |
| T o t a i s | 2.139.196 | 38.816 |

(1) 34,1% de outras U.F., e 0,1% de estrangeiros;

(2) 68,3% de Cearenses e 25,6% de outros municípios piauienses.

FUNDAÇÃO IBGE, Censo Demográfico; Piauí, 1980.

Quanto ao tempo de residência no município, deve ser ressaltado o fato de 59,6% dos que se encontravam em Pedro II já haverem chegado lá até 1970, enquanto no Estado essa porcentagem era de 46,5%, o que denota uma maior retenção de imigrantes em Pedro II que no Estado.

TABELA 19
 NÃO NATURAIS DO MUNICÍPIO POR SITUAÇÃO DO DOMÍ-
 CÍLIO ANTERIOR - PIAUÍ E PEDRO II - 1980
 (Percentagens)

| Situação do domicílio atual e anterior | PIAUÍ | PEDRO II |
|---|-----------|----------|
| URBANA | 69,5 | 29,0 |
| proc. urb. | 34,2 | 17,0 |
| proc. rur. | 35,3 | 12,0 |
| RURAL | 30,5 | 71,0 |
| proc. urb. | 2,6 | 4,0 |
| proc. rur. | 27,9 | 67,0 |
| T o t a i s (100,0%) | (450.482) | (2.736) |

FUNDAÇÃO IBGE, Censo Demográfico; Piauí, 1980.

TABELA 20
 NÃO NATURAIS DE PEDRO II, CONFORME ORIGEM E
 SITUAÇÃO ATUAL DO DOMICÍLIO
 (Percentagens)

| ORIGENS | Urbana % | Rural I % | Rural II % | Total % |
|-------------------------|-------------|--------------|---------------|------------|
| Outros mun. Piauí | 13,3 | 40,9 | 22,2 | 31,2 |
| Ce, mas já resid. Piauí | 6,7 | 18,2 | - | 11,7 |
| Ce, direto Pedro II | 66,7 | 40,9 | 77,8 | 54,5 |
| Outras U.F. | 13,3 | - | - | 2,6 |
| Totais (100,0%) | (15) | (14) | (18) | (77) |

Fonte: Pesquisa direta, fev-mar/82.

3.4. Estrutura Etária

No capítulo II, item 1, se tratou da estrutura e tária da população de Pedro II, quando se procurou ver a situação em cada uma das áreas em que foi dividido o município, constatando-se significativas diferenças entre as áreas consideradas.

Como no presente capítulo procura-se em alguns pontos, comparar a situação de Pedro II com a do Estado, mas o que era de maior interesse para este trabalho quanto à estrutura etária da população já foi analisado, neste momento pretende-se mostrar, que, considerando-se três grandes grupos etários (com idade variando de 0 a 19; 20 a 49 e 50 e mais anos), Pedro II e Piauí apresentavam em 1980, conforme o Censo, uma estrutura etária bastante semelhante, vez que sua população distribuía-se pelos grupos de idade citados, da seguinte maneira⁽³⁾.

TABELA 21
DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA ESTRUTURA ETÁRIA DA
POPULAÇÃO - PIAUÍ E PEDRO II - 1980

| Grupos de idade | PIAUI | PEDRO II |
|-----------------|-------|----------|
| 0 a 19 anos | 57,3 | 58,5 |
| 20 a 49 anos | 32,0 | 31,3 |
| 50 e (+) mais | 10,7 | 10,2 |

FUNDAÇÃO IBGE, Censo Demográfico; Piauí, 1980.

O Piauí contava com 2.139.021 habitantes e Pedro II com 38.811 habitantes.

3.5. População economicamente ativa

No capítulo II item 1.3. já se adiantaram detalhes sobre o envolvimento da população de Pedro II em atividades econômicas, quando se procurou ver a estrutura ocupacional de cada faixa etária, por sexo, nas três áreas em que foi dividido o município. Ficou evidenciado o alto engajamento da população pedrossegundense em torno da atividade de confecção de redes, sobretudo das mulheres residentes nas zonas "Urbana" e "Rural I".

Assim como no sub-item anterior, neste item serão utilizados dados que permitem comparar as situações do Piauí e de Pedro II no aspecto ora em análise.

Conforme os critérios da FIBGE para qualificar a "População Economicamente Ativa"⁽⁴⁾, no Piauí e em Pedro II a situação, em 1980, era o que consta na Tabela 22.

TABELA 22

POPULAÇÃO DE 10 ANOS E MAIS E POPULAÇÃO
ECONOMICAMENTE ATIVA
PIAUI E PEDRO II - 1980

| Unidade política | População de 10 anos e mais | | | | Pop. ec. ativa/pop. de 10 anos e mais |
|------------------|-----------------------------|----------------------|---------|----------------|---------------------------------------|
| | TOTAL | Economicamente ativa | | | |
| | | Total | Ocupada | proc. trabalho | |
| Piauí | 1.466.522 | 659.830 | 649.509 | 10.321 | 45,0 |
| Pedro II | 26.347 | 13.416 | 13.193 | 223 | 50,9 |

FUNDAÇÃO IBGE, Censo Demográfico; Piauí, 1980.

Pelo que demonstram os dados da Tabela 22, Pedro II tem uma taxa específica de atividade (50,9%) superior à do Estado (45,0%), fato que pode denotar o alto envolvimento da população local na atividade tecelã. Na pesquisa direta levada a efeito em fev.mar/82, considerando os que estavam engajados em alguma atividade econômica naquele momento, a taxa acima referida era de 84,9%.

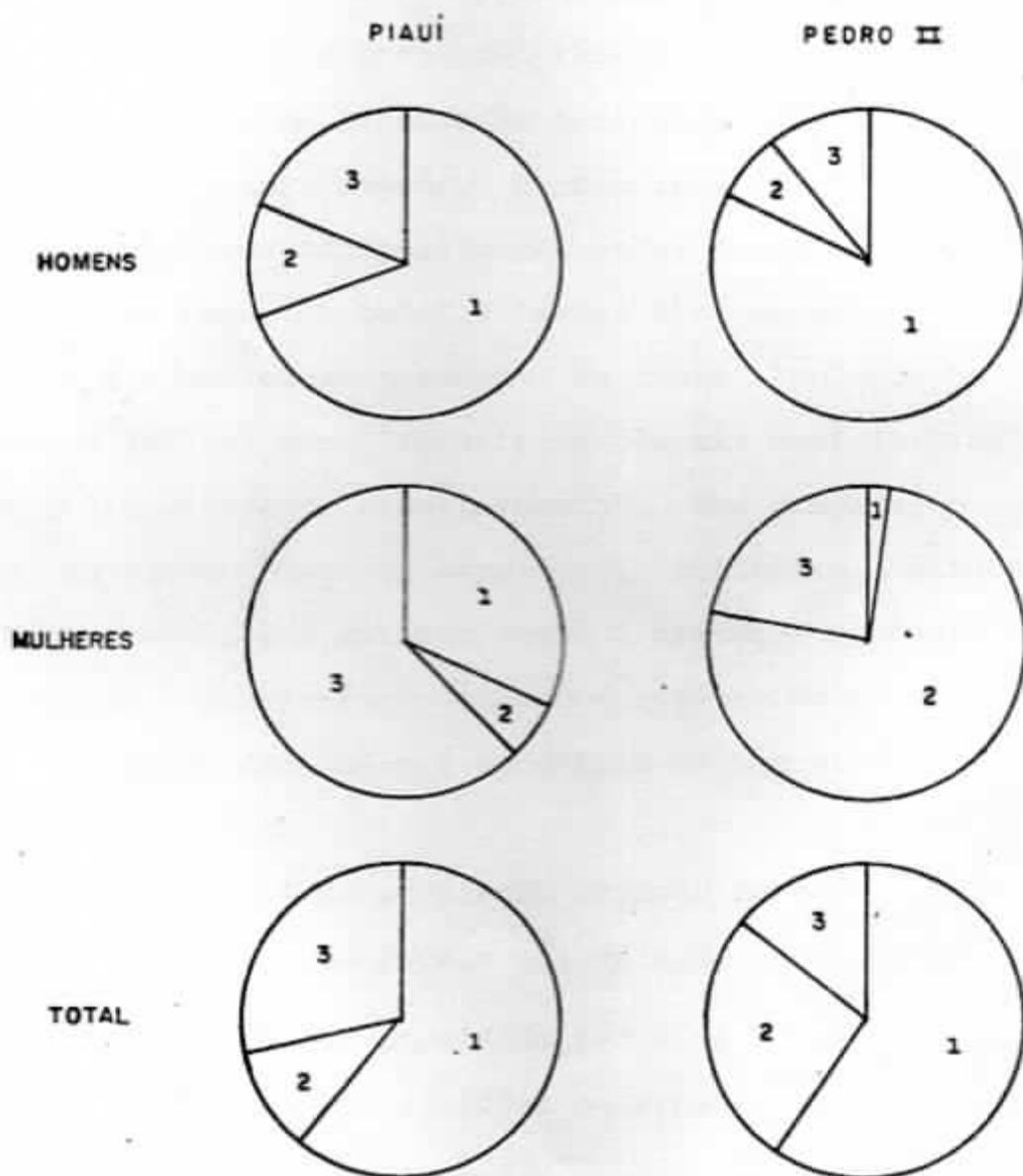
Examinando-se o que revela o Censo Demográfico sobre a distribuição da população ocupada, por setores de atividade (figura 12) constata-se, mais uma vez, significativas diferenças entre a realidade piauiense e a de Pedro II, as quais resultam do alto envolvimento das mulheres de Pedro II, na atividade de confecção das redes.

Pelo que demonstram os dados da figura 12, pode-se destacar:

- a) mais de um quarto da população do município (26,5%) está no setor secundário, enquanto no Estado essa percentagem é de apenas 10,6%;
- b) no município, o setor primário absorve apenas 1,9% das mulheres, contra 31,6% no Estado;
- c) o setor secundário absorve 75,6% das mulheres em Pedro II e apenas 5,9% no Estado; ressalte-se que as mulheres vinculadas a tal setor em Pedro II (2840), estão todas incluídas como atuantes na indústria de transformação.⁽⁵⁾

Pode-se acrescentar ainda o fato de que as mulheres de Pedro II ocupadas nos setores primário e terciário, não representam sequer 1,0% dos respectivos contingentes do Estado,

FIGURA 12
DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA, OCUPADA, EM 1980 POR SETORES DE ATIVIDADE, SEGUNDO O SEXO: PIAUÍ E PEDRO II, 1980.



LEGENDA

- 1 SETOR PRIMÁRIO
- 2 SETOR SECUNDÁRIO
- 3 SETOR TERCIÁRIO

| | NÚMEROS ABSOLUTOS | |
|----------|-------------------|----------|
| | PIAUÍ | PEDRO II |
| HOMENS | 504.324 | 9.454 |
| MULHERES | 148.182 | 3.758 |
| TOTAL | 648.508 | 13.193 |

enquanto no setor secundário sua participação corresponde a 32,9% do contingente estadual (2.840 em 8.632).

A revelação de que 75,6% das mulheres ocupadas em Pedro II, concentra-se no setor secundário, reveste-se de especial importância para o presente trabalho, principalmente quando as mesmas fontes de informação indicam que todas elas estão na indústria de transformação. A principal atividade que se verifica ali praticada intensivamente pelas mulheres (sobretudo as residentes nas zonas "Urbana" e "Rural I"), em suas próprias residências, é a confecção artesanal de redes, incluída no Censo Demográfico de 1980 como "indústrias têxteis domiciliares" na categoria "indústria de transformação". Uma comparação com a situação do Estado e outros aspectos do município contidos no mesmo Censo revela com maior clareza a situação de Pedro II em tal atividade. Considerando-se o contingente do município ,
(6)
2.840 mulheres dedicadas à indústria de transformação em 1980, vê-se que representam:

- . 21,2% da população ocupada no município (13.193);
no Estado tal relação é de apenas 12,5%;
- . 75,6% da população feminina ocupada no município (3.759); no Estado tal relação foi de apenas 5,9%;
- . 92,6% de todos os ocupados (inclusive homens) em indústria de transformação no município (3.066);
- . 35,6% das mulheres ocupadas em indústria de transformação no Estado (7.960);

- . 9,5% de todos os ocupados (inclusive homens) em indústria de transformação no Estado (29.888);
- . 32,9% de todas as mulheres ocupadas em indústria no Estado (8.632);
- . 89,7% das mulheres redeiras do Estado (3.166);
- . 87,8% de todos os redeiros (inclusive homens) do Estado (3.236);
- . 59,8% de todas as mulheres em indústria de transformação por conta própria no Estado (4.753);
- . 23,5% de todos os que trabalham em indústria de transformação por conta própria (inclusive homens), no Estado (12.109);
- . 64,8% das mulheres ocupadas em indústrias têxteis domiciliares no Estado (4.381);
- . 63,4% de todos os ocupados (inclusive homens) em indústrias têxteis domiciliares no Estado (4.484);
- . . 4,1% de todos os ocupados em indústria em geral, no Estado (69.037).

Os números da figura 13, revelam a importância que deve ter para o município a atividade de confecção de redes. Considerando apenas a absorção da força de trabalho como indicador do grau de industrialização para um dado lugar, Pedro II despontaria como altamente "industrializado" em comparação com a média do Estado. Tal aspecto fica mais evidente ainda quando se

compara a percentagem da força de trabalho ocupada no setor secundário nos principais centros urbanos do Estado onde, presume-se, sejam as atividades que compõem esse setor mais diversificadas, e em Pedro II (Tabela 21), conforme demonstra a tabela abaixo:

TABELA 23

TOTAL DE POPULAÇÃO OCUPADA E POPULAÇÃO OCUPADA EM INDÚSTRIAS, EM PEDRO II E NOS MUNICÍPIOS QUE POSSUEM OS PRINCIPAIS CENTROS URBANOS DO PIAUÍ, EM 1980

| Municípios | População ocupada | Ocupados na indústria | Percentagem de ocupados na indústria |
|-------------|-------------------|-----------------------|--------------------------------------|
| Teresina | 114.454 | 25.696 | 22,5 |
| Parnaíba | 26.148 | 5.427 | 20,7 |
| Floriano | 12.330 | 2.301 | 18,7 |
| Picos | 24.032 | 3.217 | 13,4 |
| Campo Maior | 20.820 | 2.417 | 11,6 |
| Piripiri | 15.465 | 2.300 | 14,8 |
| Pedro II | 13.193 | 3.497 | 26,5 |

FUNDAÇÃO IBGE, Censo Demográfico; Piauí, 1980.

Portanto, conforme demonstraram os dados da tabela 23 pela percentagem de ocupação em indústrias, Pedro II supera todos os municípios que possuem os principais centros urbanos do Estado, inclusive a Capital. Mas, como já se afirmou, predominam ali as indústrias têxteis domiciliares, com a confecção de redes-de-dormir, cuja dinâmica de organização e suas repercussões locais motivaram a realização do presente trabalho.

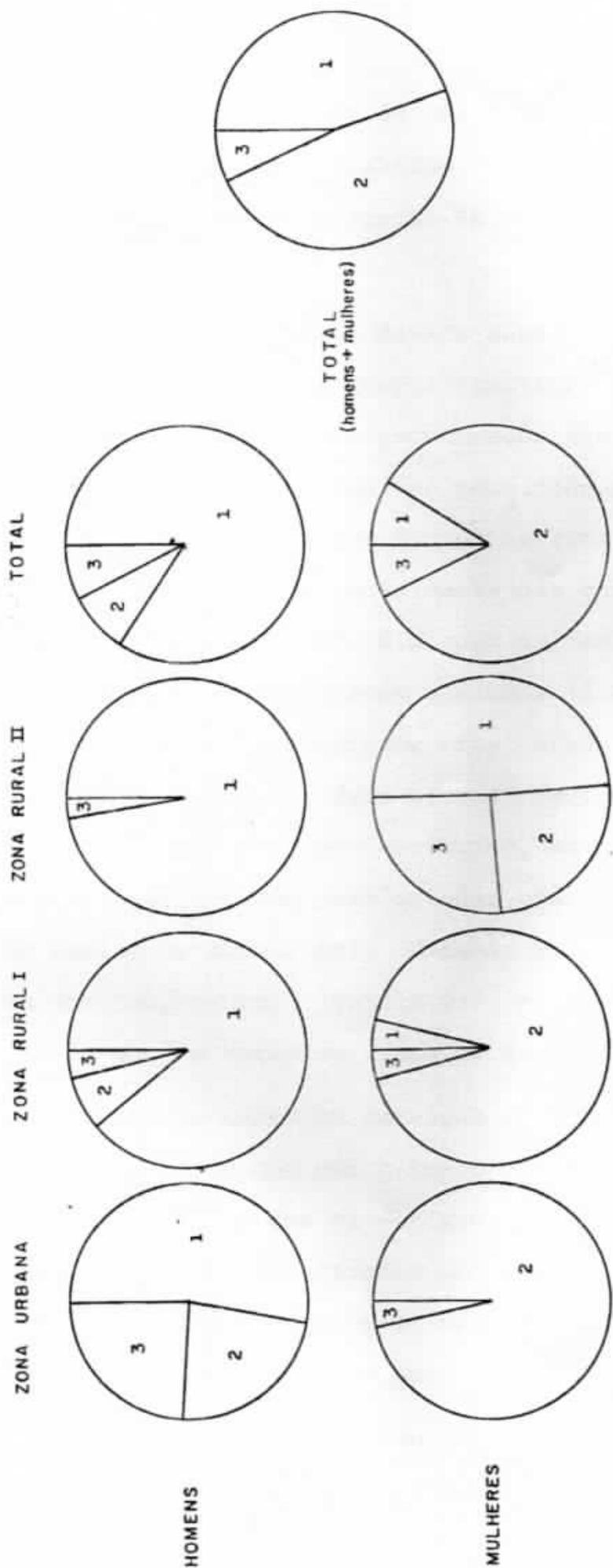
Supondo-se que a coleta de dados dos recenseados do IBGE, pode não ter abarcado na devida proporção os envolvidos no ramo de confecção de redes, até mesmo pela negativa de alguns informantes ou a pouca importância que o recenseador pode dar ao caso, bem como a situação diferenciada das áreas em que se dividiu o município para efeito do presente trabalho, a apresenta-se, para as devidas considerações, os dados que se obteve sobre a ocupação da população de 10 anos e mais abarcada pela pesquisa de campo (figura 13).

Como já foi evidenciado antes, capítulo II, item 1.3., quando se analisou a ocupação da população nas três áreas, ao nível de cada faixa etária, a estrutura ocupacional da população no município é caracterizada por uma significativa diferença entre a estrutura ocupacional das mulheres da Zona Rural II e as outras áreas, o que vai se refletir no cômputo geral do sexo feminino, onde os dados do IBGE, assim como no sexo masculino, assemelham-se aos da pesquisa direta. As diferenças no total geral entre os dados da pesquisa direta e os do IBGE (figuras 12 e 13), devem estar associados aos problemas referidos acima, além do fato da quantidade de homens nos dados do IBGE ser muito superior ao das mulheres, dada a maior facilidade de inserção daqueles, sobretudo quando se trata de considerá-los como agricultores.

4. PARTICIPAÇÃO DOS ELEMENTOS CARACTERIZADORES DAS CONDIÇÕES DE VIDA DA POPULAÇÃO

São múltiplos os aspectos que se pode analisar,

FIGURA 13
 DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO DE 10 ANOS E MAIS, POR SEXO, SEGUNDO PRINCIPAL ATIVIDADE ECONÔMICA,
 NO MUNICÍPIO DE PEDRO II.



| NÚMEROS ABSOLUTOS | | | | |
|-------------------|---------|------------|-------------|-------|
| | Z. URB. | Z. RURAL I | Z. RURAL II | TOTAL |
| HOMENS | 87 | 293 | 104 | 474 |
| MULHERES | 136 | 325 | 112 | 553 |

LEGENDA
 1 AGRICULTURA
 2 CONFEÇÃO DE REDES
 3 OUTRAS ATIVIDADES

FONTE: Pesquisa direta fev. - mar. / 82.

para avaliar as condições sociais de uma dada população. Em face dos objetivos do presente trabalho, deu-se prioridade à análise dos aspectos que dizem respeito às condições de vida dos grupos familiares.

Iniciando a análise desses aspectos pelo tempo de formação e composição atual dos grupos familiares, de uma maneira geral não surpreendem os dados encontrados (tabela 24), considerando-se que se está estudando uma população predominantemente rural, onde, até mesmo a que reside na área urbana ainda não se desvinculou econômica e socialmente das condições gerais das populações daquele meio, como é o caso de famílias com elevado número de membros. Verifica-se que mais da metade dos grupos familiares possuem seis e mais membros, sendo que a Zona Urbana atinge mesmo os 64,0%. Esse elevado percentual de famílias numerosas na cidade pode ser atribuído, em parte, à agregação de parentes que ali vêm para estudar, face às precárias condições de ensino na zona rural. Note-se que no item "Outros" da "Natureza dos Componentes" (Tabela 24), a Zona Urbana apresenta o dobro do que se verifica, para as demais áreas.

Quanto ao tempo de formação do casal (tabela 24), chama a atenção o fato de que com o tempo de até 5 anos, a Zona Urbana apresenta metade do que se verifica para as outras áreas o que, de certa maneira, pode revelar que ali esteja havendo menor afluência ao casamento, fato que, nesse aspecto, já revela mudanças de comportamento entre os dois meios - urbano e rural.

O outro aspecto contido na tabela 24 que não deixa de ser bastante ilustrativo da situação, sobretudo econômica dos grupos pesquisados é o de que cerca de um quarto desses

TABELA 24

Pedro II

DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS FAMILIARES, SEGUNDO TEMPO DE
FORMAÇÃO E FORMAS DE COMPOSIÇÃO

| Tempo de formação/ formas de composição | URB. % | RUR. I % | RUR. II % | TOTAL % |
|---|-----------|-------------|--------------|------------|
| Tempo de formação | | | | |
| menor de 2 anos | 2,0 | 2,5 | 6,0 | 3,1 |
| 2 — 5 " | 4,0 | 9,6 | 6,0 | 7,8 |
| 6 — 10 " | 14,0 | 10,8 | 12,0 | 11,7 |
| 11 — 20 " | 14,0 | 24,9 | 28,0 | 23,3 |
| 21 — 30 " | 28,0 | 28,0 | 20,0 | 26,5 |
| 31 e + (mais) " | 38,0 | 24,2 | 28,0 | 27,6 |
| Natureza dos componentes ⁽¹⁾ | | | | |
| Chefe (casal) | 27,3 | 35,2 | 32,3 | 33,0 |
| filhos(a) | 60,5 | 59,4 | 61,5 | 60,0 |
| Outros | 12,2 | 5,4 | 6,2 | 7,0 |
| Número atual de membros | | | | |
| 1 — 2 | 10,0 | 10,8 | 8,0 | 10,1 |
| 3 — 5 | 26,0 | 38,2 | 38,0 | 35,8 |
| 6 — 9 | 48,0 | 40,1 | 36,0 | 40,8 |
| 10 e + (mais) | 16,0 | 10,8 | 18,0 | 13,2 |
| Contém pessoa que já saiu p/trabalhar fora de Pedro II | 28,0 | 27,3 | 22,0 | 26,5 |

Fonte: Pesquisa direta, fev-mar/82.

(1) Valores em relação ao total de indivíduos.

grupos contém pessoa que já saiu de Pedro II à procura de trabalho em outros centros. Nessa condição estão sobretudo homens solteiros da faixa etária de 19 a 40 anos que saem à procura de algum outro trabalho nos períodos em que estão desimpedidos das lides da roça. É comum encontrar-se indivíduos que já estiveram no Centro-Sul, ou em áreas de garimpagem de ouro nas regiões Norte e Centro-Oeste.

Os níveis da renda mensal, com base no salário mínimo regional, foi outro aspecto que se procurou levantar, com o fim de se dispor do máximo de elementos para a avaliação das condições de vida da população em estudo.

Além dos dados colhidos junto às fontes oficiais (IBGE) que propiciamos conhecimento dos níveis de renda somente no plano individual, utilizam-se dados da pesquisa de campo, vez que esta permite avaliar, mesmo com certas falhas, (não se pôde computar os fanhos com a safra agrícola), a renda mensal dos grupos familiares que se constitui no elemento mais importante para os fins do presente trabalho.

Observando-se os dados da distribuição da população de 10 anos e mais por classes de renda mensal em 1980 (tabela 25), com dados do IBGE, pode-se destacar os seguintes pontos:

- a) elevada percentagem de homens sem rendimentos em Pedro II (67,0%) enquanto no Estado essa percentagem é de apenas (39,5%);
- b) enquanto no Estado o número relativo de mulheres sem remuneração aproxima-se do dobro do de homens, em Pedro II, praticamente, não há diferença entre os sexos, revelando, pois um alto

engajamento das mulheres locais nas atividades produtivas, o que evidencia a elevada absorção desse contingente pela atividade tecelã de redes;

- c) maior número relativo de mulheres sem remuneração no Estado (76,8%) que em Pedro II (68,7%), o que, mais uma vez evidencia a influência da atividade tecelã ali desenvolvida;
- d) mais de dois terços da população remunerada em Pedro II (22,5% em 32,2%) recebia até 1/2 salário mínimo, enquanto no Estado 41,9% dos remunerados (17,3% em 41,3%) estavam nessa faixa; observa-se, também, que a situação de Pedro II é fortemente influenciada pela participação das mulheres em tal faixa salarial, o que evidencia a baixa remuneração a que estão sujeitas na sua principal atividade, que é a tecelagem de redes;
- e) significativa diferença entre o Estado e Pedro II, quanto às mulheres em relação aos homens, nas faixas de até um salário mínimo, denotando a influência da atividade tecelã de redes em tal estrutura. Com efeito, observa-se que na faixa de até 1/4 de salário mínimo, enquanto no Estado homens e mulheres têm participação relativa praticamente iguais, em Pedro II as mulheres apresentam três vezes mais que os homens; na faixa de + 1/4 a 1/2 salário mínimo,

enquanto no Estado as mulheres representam cerca de metade dos homens, em Pedro II quase não há diferença na participação de ambos os sexos; na faixa de + 1/2 a 1 salário mínimo, as mulheres no Estado representam em termos relativos, cerca de um quarto dos homens, enquanto em Pedro II correspondem a mais de um terço.

Pelo que se acaba de verificar, no que concerne aos níveis de renda mensal, com base no salário mínimo regional, as populações piauienses e pedrossegundense, no plano individual, caracterizam-se pelo baixo nível de remuneração, o que, dado a falta de trabalho remunerado para a maioria dos indivíduos que as compõem, vai influir na renda mensal dos grupos familiares, vez que é comum existir entre eles, ínfimo número de membros com alguma remuneração, quando não se restringe apenas ao pai de família.

Como já foi salientado, para os propósitos deste trabalho, achou-se por bem procurar identificar a renda mensal ao nível do grupo familiar, partindo do pressuposto de que a atividade de confecção de redes é importante elemento complementar da renda necessária à manutenção dos grupos que a praticam.

Considerando-se as diferentes áreas em que se dividiu o município de Pedro II, organizou-se a tabela 26, a fim de oferecer uma visão da situação em cada área, em relação às fontes de renda dos grupos familiares. Não foi possível avaliar a renda gerada com as atividades agropastoris, mas, como se poderá notar mais adiante esta não é significativa, por se tratar de pequenos produtores, na sua grande maioria, como também

DISTRIBUIÇÃO DAS PESSOAS DE 10 ANOS E MAIS, SEGUNDO CLASSES DE RENDA MENSAL

PIAUI E PEDRO II, 1980 (PERCENTAGENS)

| Classes de renda mensal (sal.mín. = Cr\$) | PIAUI | | | PEDRO II | | |
|---|-----------|-----------|-------------|----------|----------|----------|
| | Homem | Mulher | Total | Homem | Mulher | Total |
| 1/4 | 6,3 | 6,1 | 6,2 | 5,2 | 15,2 | 10,3 |
| + 1/4 | 14,7 | 7,7 | 11,1 | 12,9 | 11,5 | 12,2 |
| + 1/2 | 21,6 | 5,2 | 13,2 | 8,1 | 3,0 | 5,6 |
| + 1 | 7,9 | 1,6 | 4,7 | 3,2 | 0,7 | 1,9 |
| + 1 1/2 | 3,0 | 0,7 | 1,8 | 0,7 | 0,3 | 0,5 |
| + 2 | 4,7 | 1,3 | 2,9 | 1,6 | 0,3 | 0,9 |
| + (mais) de | 2,0 | 0,4 | 1,2 | 0,5 | 0,0 | 0,2 |
| sem rendimento | 39,5 | 76,8 | 58,7 | 67,0 | 68,7 | 67,8 |
| sem declaração | 0,3 | 0,2 | 0,2 | 0,8 | 0,3 | 0,6 |
| Totais (100,0%) | (710.643) | (756.152) | (1.466.795) | (13.011) | (13.334) | (26.345) |

FUNDAÇÃO IBGE, Censo Demográfico - Piauí, 1980.

DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS FAMILIARES, SEGUNDO CLASSES DE RENDA MENSAL COM REDE E OUTRAS FONTES (DECLARADAS), POR ZONA
(PERCENTAGENS)

| Classes de renda mensal (Salário Cr\$ 9.372,) | COM REDE | | | COM OUTRAS FONTES (2) | | | | REDE COM OUTRAS FONTES (3) | | | TOTAL POR ZONA | | | TOTAL GERAL | | | |
|---|----------|---------------------|---------------------|-----------------------|--------|--------------|--------|----------------------------|--------|---------|---------------------|--------------------|---------|--------------------|------|--------|---------|
| | URB. | RUR. I | RUR. II | Faz rede | | Não faz rede | | URB. | RUR. I | RUR. II | URB. | RUR. I | RUR. II | | URB. | RUR. I | RUR. II |
| | | | | URB. | RUR. I | RUR. II | RUR. I | | | | | | | | | | |
| 1/4 | 22,0 | 34,4 | 8,0 | - | 0,8 | 7,9 | 9,5 | - | - | - | - | - | 10,0 | 20,3 | 12,0 | 16,7 | |
| + 1/4 | 34,0 | 18,5 | 8,0 | - | 0,8 | - | - | - | 1,7 | - | - | - | 12,0 | 10,2 | 4,0 | 9,4 | |
| + 1/2 | 14,0 | 12,7 | - | 28,0 | 37,0 | 37,5 | 40,5 | 10,0 | 15,5 | 25,0 | 16,0 | 23,0 | 12,0 | 23,0 | 34,0 | 23,7 | |
| + 3/4 | 2,0 | 3,8 | - | 2,0 | 0,8 | - | 2,4 | 20,0 | 32,8 | 50,0 | 20,0 | 15,9 | 12,0 | 15,9 | 6,0 | 13,2 | |
| + 1 | 14,0 | 1,9 | - | 14,0 | 8,4 | 12,5 | 7,2 | 20,0 | 31,0 | - | 20,0 | 13,4 | 14,0 | 13,4 | 6,0 | 12,1 | |
| + 1 1/2 | 6,0 | 4,5 | - | 2,0 | 0,8 | - | 9,5 | 16,7 | 10,4 | 25,0 | 12,0 | 7,6 | 12,0 | 7,6 | 10,0 | 8,9 | |
| + (mais) de 2 | 8,0 | - | - | 10,0 | - | - | - | 33,3 | 8,6 | - | 24,0 ⁽⁴⁾ | 3,2 ⁽⁵⁾ | - | 3,2 ⁽⁵⁾ | - | 6,6 | |
| sem indicação | - | 24,2 ⁽¹⁾ | 84,0 ⁽¹⁾ | 40,0 | 51,4 | 50,0 | 30,0 | - | - | - | - | 6,4 | - | 6,4 | 28,0 | 9,4 | |
| Total (100,0%) | (50) | (157) | (50) | (50) | (119) | (8) | (38) | (42) | (58) | (4) | (30) | (157) | (50) | (157) | (50) | (257) | |

Fonte: Pesquisa direta, fev-mar/82.

(1) não fazem rede

(2) Inclui emergência da seca e pensões

(3) Somente os casos com informação positiva de outras fontes

(4) Máximo = 5,8 salários mínimos

(5) Máximo = 2,5 salários mínimos

por se estar atravessando um longo período de estiagem. Contudo, o elevado número de grupos sem indicação de outras fontes de renda deve-se não só ao fato referido acima, mas também, em muitos casos à falta mesmo de um trabalho definido, ficando as pessoas, sobretudo os homens, à mercê de um ou outro dia de serviço prestado a terceiros. Dessa situação decorrem certas afirmativas de que em Pedro II "a mulher mantém o marido na roça", vez que com seu ganho semanal na rede vai adquirindo o mínimo essencial à manutenção do grupo. A "mulher" aí, representa o indivíduo repositório da atividade tecelã, mas como já se procurou demonstrar, essa é uma atividade que envolve, não raro, praticamente todos que compõem o grupo, revertendo-se pois, seu resultado, em benefício de todos, mesmo quando há usufruto por parte de apenas alguns membros que se mantêm à custa de tal atividade, pois esse elemento não vai representar um peso a mais nos poucos recursos que o grupo obtém com outras fontes.

Considerando-se, pois, a renda familiar, por suas diferentes fontes, conforme dos dados da tabela 35 pode-se destacar os seguintes pontos:

- a) na renda mensal com redes, a maioria dos grupos familiares das áreas produtoras, Urbana com 70,0% e Rural I com 65,6%, situa-se na faixa de até 3/4 do salário mínimo. Ressalte-se que na Zona Urbana, considerável parcela (28,0%) ganhava mais de um salário mínimo;
- b) na renda mensal com outras fontes, quer os grupos façam ou não rede, destaca-se a concentração, nas diferentes áreas, na faixa de 1/2 a

3/4 do salário mínimo. Isso deve-se, sobretudo, ao que os homens ganhavam em trabalhos da emergência da seca, que se constituía, praticamente, na única possibilidade de um trabalho remunerado naquele período (dos homens com 15 anos e mais, cerca de um sexto dos residentes na Zona Rural I e um quinto dos residentes na Zona Rural II encontravam-se em obras emergenciais no período 1981/1982);

- c) na renda mensal resultante da junção de ganhos com rede e outras fontes, fica evidenciado que em mais da metade dos grupos assim considerados na Zona Urbana (60,0%) e em metade dos grupos da Zona Rural I, situam-se na faixa de mais de um salário mínimo;
- d) na renda mensal geral das diferentes áreas, a Zona Urbana sobressai-se com maior nível, vez que 60,0% dos grupos ali residentes ganhavam mais de um salário mínimo. Veja-se ali, com outras fontes de renda, somente 26,0% dos grupos situam-se em tal faixa salarial. Nas áreas rurais, a maior parte dos grupos situa-se na faixa de até um salário mínimo (69,4% na Zona Rural I e 56,0% na Zona Rural II). Porém, enquanto na Zona Rural I 24,2% situam-se na faixa de mais de um salário mínimo, na Zona Rural II apenas 16,0% encontrava-se em tal faixa. Resalte-se ainda, que, na Zona Rural II não ha

via nenhuma parcela com mais de dois mínimos.

Estes destaques das Zonas Urbana e Rural I, com considerável parcela dos seus grupos familiares ganhando mais de um salário mínimo, revelam a importância da atividade têxtil de redes ali desenvolvida. Com efeito, os graus de importância para a manutenção geral do grupo, atribuída a essa atividade pelos que a praticam espelham tal situação, vez que somente 18,0% dos grupos da Zona Urbana e 15,9% da Zona Rural I atribuíram pequena importância à mesma (figura 14). Na Zona Rural II, o baixíssimo número de casos não permite uma avaliação nesse sentido.

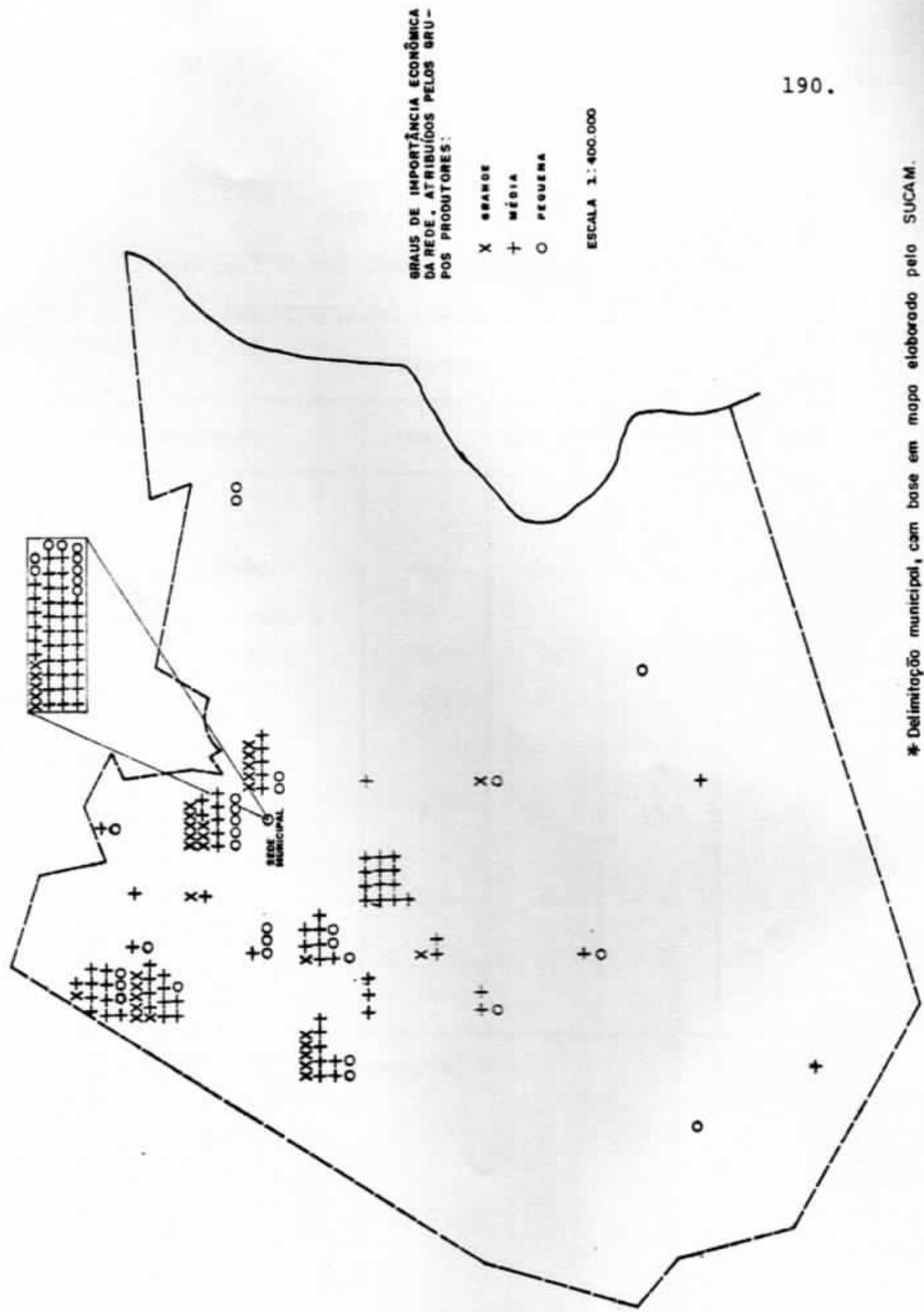
A respeito de alguma vinculação com seguros sociais, cerca de três quartos dos grupos, em cada uma das áreas (tabela 27), têm algum tipo de ligação com o INPS/IAPAS (FUNRURAL) ou com o INPS/IAPAS (empregado ^{em} outros casos), ou com o IAPEP, destacando-se o fato de que quase um quinto dos residentes na Zona Rural II são beneficiários do INPS.

As facilidades para vinculação do trabalhador rural ao Sindicato local, o que leva a um vínculo com o IAPAS (FUNRURAL), supunham uma maior parcela de grupos, sobretudo das áreas rurais. No entanto, alguns grupos alegaram não o haverem feito por recomendação dos seus "patrões", pois parte desses não via com bons olhos tal organização. A sindicalização poderia acarretar a perda do local para morar e trabalhar.

Quanto às condições gerais da casa de morada, organizou-se a tabela 28, onde se pode notar sua distribuição de acordo com cada um dos aspectos considerados. Revelando as precárias condições de habitação da população local, fato que foge

FIGURA 14

DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL DOS GRUPOS FAMILIARES (PESQUISADOS) PRODUTORES DE REDE, EM PEDRO II,
CONFORME A IMPORTÂNCIA ECONÔMICA QUE ATRIBUEM A ESSA ATIVIDADE.



* Delimitação municipal, com base em mapa elaborado pelo SUCAM.

TABELA 27
 DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS FAMILIARES, CONFORME
 SUA VINCULAÇÃO A SEGUROS SOCIAIS
 (Porcentagens)

| Vínculo-Seguro | URB. | RUR. I | RUR. II | TOTAL |
|----------------------------|------|--------|---------|-------|
| Contribui | | | | |
| IAPAS (FUNRURAL) | 48,0 | 65,0 | 56,0 | 59,9 |
| IAPAS (Empregado a outros) | 20,0 | 5,7 | 2,0 | 7,8 |
| IAPEP | 6,0 | - | - | 1,1 |
| Recebe | | | | |
| INPS (FUNRURAL) | 8,0 | 11,4 | 18,0 | 12,1 |
| INPS (invalidez ou idade) | 2,0 | 0,6 | - | 1,9 |
| IAPEP | - | - | - | - |

Fonte: Pesquisa direta, fev-mar/82

à realidade de considerável parcela da população nordestina, pode-se destacar o fato de que cerca de metade dessas habitações possui paredes de taipa enquanto o simples piso de "chão batido" é verificado em cerca de um terço das residências da Zona Urbana, e em quase dois terços das situadas em áreas rurais.

O consumo semanal de carne foi outro aspecto que se procurou captar para a avaliação das condições de vida da população, vez que, para a área em estudo, a frequência de consumo desse componente alimentar revela-se como importante elemento balizador da dieta da população ali residente.

Em Pedro II, conforme dados da tabela 29, somente na sede municipal é que o consumo de carne pelos grupos familiares tem uma maior significação. Mesmo assim, cerca de um quarto dos grupos ali residentes a consomem no máximo uma vez por semana, situação em que se encontram 75,1% dos grupos da Zona Rural I e 84,0% dos grupos da Zona Rural II.

Deve-se ressaltar, ainda, o fato de que nas áreas rurais a maior parte da carne consumida provém de pequenos animais (suínos, caprinos, ovinos, aves), enquanto na Zona Urbana, pelas próprias facilidades de comercialização, predomina o consumo de carne bovina.

Um maior distanciamento da sede municipal, assim como uma menor vinculação à feira semanal que ali se verifica, seguramente concorrem para que o consumo da carne bovina na Zona Rural II, corresponda em termos relativos, a menos da metade dos grupos da Zona Rural I. Mas, de uma maneira geral fica caracterizado um padrão alimentar bastante precário no município

constando predominantemente do feijão, arroz e farinha de mandioca.

Por, também, se constituírem em elementos que podem dar pistas sobre as condições de vida dos grupos familiares, procurou-se ver as posses dos mesmos, em relação a bens imóveis, bem de consumo duráveis, rebanhos e fontes de renda como extrativismo vegetal. Nas tabelas 30 a 33 encontram-se os dados verificados para cada uma das áreas pesquisadas.

TABELA 28

Pedro II

DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS FAMILIARES, SEGUNDO AS CONDIÇÕES DA CASA DE RESIDÊNCIA

(Percentagens em relação aos respectivos totais)

| Característica das casas | URB. % | RUR.I % | RUR.II % | TOTAL % |
|--------------------------|-----------|------------|-------------|------------|
| Condição legal | | | | |
| própria | 66,0 | 47,8 | 40,0 | 49,8 |
| alugada | 10,0 | - | - | 1,9 |
| cedida | 24,0 | 52,2 | 60,0 | 48,3 |
| Número de cômodos | | | | |
| até 3 | 10,0 | 31,2 | 16,0 | 24,0 |
| 4 e mais | 90,0 | 68,8 | 84,0 | 76,0 |
| Cobertura de telha | 88,0 | 81,5 | 94,0 | 85,2 |
| Cobertura de palha | 12,0 | 18,5 | 6,0 | 14,8 |
| Parede de alvenarias | 2,0 | 1,0 | - | 0,8 |
| " de adobe | 50,0 | 45,9 | 56,0 | 48,7 |
| " de taipa | 46,0 | 52,9 | 44,0 | 49,8 |
| " de palha | 2,0 | 0,2 | - | 0,7 |
| Piso de cimento | 46,0 | 15,9 | 18,0 | 22,2 |
| " de tijolo | 20,0 | 18,5 | 16,0 | 18,3 |
| " de chão batido | 32,0 | 63,6 | 60,0 | 56,8 |
| " de outro tipo | 2,0 | 2,0 | 6,0 | 2,7 |
| Ligado à rede elétrica | 50,0 | - | - | 9,7 |

Fonte: Pesquisa direta, fev-mar/82

TABELA 29

Pedro II

DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS FAMILIARES, SEGUNDO CONSUMO
SEMANAL DE CARNE E TIPO CONSUMIDO (PERCENTAGENS)

| Consumo semanal e tipo consumido | URB. | RUR. I | RUR. II | TOTAL |
|---|------|--------|---------|-------|
| Consumo de carne | | | | |
| . mais de semana s/consu mir | 14,0 | 42,0 | 68,0 | 41,6 |
| . consome 1 dia/semana | 10,0 | 33,1 | 16,0 | 25,3 |
| . consome 2 a 3 dias/sema na | 54,0 | 21,7 | 12,0 | 26,1 |
| . consome 4 e mais dias / semana | 22,0 | 3,2 | 4,0 | 7,0 |
| Tipo mais comum de carne consumida | | | | |
| . bovinos | 96,0 | 39,5 | 18,0 | 46,3 |
| . suínos/caprinos/ovino | 4,0 | 52,9 | 80,0 | 48,6 |
| . aves | - | 7,0 | 2,0 | 4,7 |
| . outras | - | 0,6 | - | 0,4 |
| Total ambos os casos (100,0%) | (50) | (157) | (50) | (257) |

Fonte: Pesquisa direta, fev-mar/82.

TABELA 30

Pedro II

DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS FAMILIARES SEGUNDO A POSSE DE
BENS IMÓVEIS POR ZONA (PERCENTAGENS)

| Categorias de bens | URB. % | RUR. I % | RUR. II % | TOTAL % |
|---------------------------------------|-----------|-------------|--------------|------------|
| Casa de residência | 66,0 | 47,8 | 40,0 | 49,8 |
| Terreno na zona rural ⁽¹⁾ | | | | |
| — 2 ha | — | 2,5 | 2,0 | 2,0 |
| 2 — 5 ha | 4,0 | 4,5 | 4,0 | 5,3 |
| 6 — 10 ha | — | 6,4 | — | 3,9 |
| 11 — 20 ha | 2,0 | 5,7 | 2,0 | 4,3 |
| 21 — 50 ha | 4,0 | 5,7 | 10,0 | 6,2 |
| 51 — 100 ha | 2,0 | 0,6 | 6,0 | 1,9 |
| 101 — 201 ha | — | 0,6 | 2,0 | 0,8 |
| 201e + (mais) ha | — | 0,6 | 2,0 | 0,8 |
| Terreno na zona urbana ⁽¹⁾ | 4,0 | 1,9 | 2,0 | 2,3 |
| Casa na zona urbana ⁽¹⁾ | — | 0,6 | — | — |
| Casa na zona rural ⁽¹⁾ | — | 0,6 | — | 0,4 |
| Outros | — | 0,6 | — | 0,4 |
| Não possui imóveis | 18,0 | 21,9 | 30,0 | 22,9 |
| Total (100,0%) | (50) | (157) | (50) | (257) |

Fonte: Pesquisa direta, fev-mar/82

(1) Inclusive além da casa de residência

T A B E L A 31

Pedro II

DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS FAMILIARES, SEGUNDO A POSSE DE BENS DE CONSUMO DURÁVEIS

| Tipos mais comuns de bens duráveis | URBANA | RURAL I | RURAL II | TOTAL |
|------------------------------------|--------|---------|----------|-------|
| Bicicleta | 34,0 | 33,8 | 40,0 | 35,0 |
| Relógio de pulso | 64,0 | 55,4 | 66,0 | 59,6 |
| Rádio | 50,0 | 80,0 | 68,0 | 72,0 |
| TV | 38,0 | - | - | 7,4 |
| Conj. cadeira p/sala | 78,0 | 30,0 | 14,0 | 36,2 |
| Fogão a gás | 46,0 | 10,8 | 8,0 | 17,1 |

Fonte: Pesquisa direta, fev-mar/62.

TABELA 32

Pedro II

DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS FAMILIARES, SEGUNDO POSSES EM
CADA TIPO DE REBANHO (PERCENTAGENS)

| Rebanhos/quant. cabeça | URB. % | RUR.I % | RUR.II % | TOTAL % |
|------------------------|-----------|------------|-------------|------------|
| Nenhuma cabeça | | | | |
| bovinos | 98,0 | 85,4 | 66,0 | 84,0 |
| caprinos | 94,0 | 62,0 | 42,0 | 64,2 |
| ovinos | 98,0 | 88,5 | 78,0 | 88,3 |
| suínos | 76,0 | 35,0 | 52,0 | 46,3 |
| aves | 62,0 | 13,4 | 20,0 | 23,7 |
| 1 a 3 cabeças | | | | |
| bovinos | - | 5,7 | 8,0 | 5,1 |
| caprinos | - | 3,8 | 12,0 | 4,7 |
| ovinos | - | 3,2 | 4,0 | 2,7 |
| suínos | 20,0 | 34,4 | 24,0 | 29,6 |
| aves | 16,0 | 13,4 | 12,0 | 13,6 |
| 4 a 6 cabeças | | | | |
| bovinos | - | 2,5 | 16,0 | 4,7 |
| caprinos | 2,0 | 8,3 | 16,0 | 8,6 |
| ovinos | - | 1,9 | 4,0 | 1,9 |
| suínos | 2,0 | 15,3 | 10,0 | 11,7 |
| aves | 14,0 | 23,6 | 16,0 | 20,2 |
| 7 a 15 cabeças | | | | |
| bovinos | 2,0 | 4,5 | 8,0 | 4,7 |
| caprinos | 4,0 | 15,3 | 12,0 | 12,5 |
| ovinos | 2,0 | 3,8 | 6,0 | 3,9 |
| suínos | 2,0 | 13,4 | 14,0 | 11,3 |
| aves | 2,0 | 31,9 | 22,0 | 24,1 |
| 16 e mais cabeças | | | | |
| bovinos | - | 1,9 | 2,0 | 1,6 |
| caprinos | - | 10,8 | 18,0 | 10,1 |
| ovinos | - | 2,5 | 8,0 | 3,1 |
| suínos | 2,0 | 1,9 | - | 1,2 |
| aves | 6,0 | 17,8 | 30,0 | 17,9 |

Fonte: Pesquisa direta, fev-mar/82

TABELA 33

PERCENTAGENS DOS GRUPOS QUE ALFERIAM ALGUMA RENDA
COM PRODUTOS EXTRATIVOS VEGETAIS E IMPORTÂNCIA DO SETOR

(percentagens em relação aos respectivos totais)

| Produtos/importância | URB. | RUR. I | RUR. II | TOTAL |
|-----------------------------------|------|--------|---------|-------|
| Obtém ganhos c/ extrat. vegetais | | | | |
| . babaçu | - | 2,5 | - | 1,5 |
| . tucum | - | - | 6,0 | 1,2 |
| . carnaúba | - | - | 10,0 | 1,9 |
| . outros | 2,0 | 0,6 | 4,0 | 1,6 |
| ganho c/extrat.veg. é importante. | - | 1,3 | 4,0 | 1,6 |

Fonte: Pesquisa direta, fev-mar/82.

Na posse de bens imóveis (tabela 30), verificam-se algumas semelhanças e diferenças entre as áreas consideradas, podendo-se destacar:

- a) dois terços dos residentes na Zona Urbana possuem a casa de residência enquanto nas áreas rurais, em tal situação encontram-se 47,8% dos residentes na Zona Rural I e 40,0% dos grupos da Zona Rural II;
- b) em termos relativos, na Zona Rural I, os que possuem terreno, predominam em relação à Zona Rural II até na faixa dos 20 ha, ficando muito

abaixo quando se trata de terrenos maiores, denotando assim uma maior incidência de mini fúndios na primeira que na segunda.

Quanto ao consumo de bens imóveis duráveis (tabela 31), vale destacar a existência de aparelho de TV em 38,0 % dos grupos familiares da Zona Urbana, e, as grandes diferenças, para menos, entre a Zona Rural II e as demais quanto à posse de conjunto de cadeiras para sala.

Antes de se examinar a posse de rebanhos, cabe lembrar que, pelas próprias condições da edificação da maioria das casas, sobretudo na zona rural, o consumo de outros bens duráveis, (peças móveis para casa, por exemplo) é quase inexistente. Limita-se, não raro, a, uma pequena mesa, alguns tamborettes ou bancos para sentar (para o que, às vezes, também é usado um simples tronco de árvore), uma peça como suporte para os potes de água para beber - que às vezes é constituída por um simples tronco de árvore em formato de forquilha com três galhos - e um pequeno caixão para guardar certos utensílios pequenos.

A situação dos grupos familiares quanto à posse de rebanhos, constante na tabela 32, vem demonstrar a supremacia da Zona Rural II sobre a Zona Rural I quanto ao aspecto da atividade pecuária, fato já referido anteriormente e que agora se confirma. Somente os rebanhos de suínos e de aves apresentam maior expressão nesta que naquela. Embora a criação de bovinos, caprinos e ovinos, principais rebanhos da atividade criatória local, existia com certa importância na Zona Rural I, em termos gerais, é na Zona Rural II que se verifica maior engajamento dos grupos familiares em tal atividade. Em termos relativos, os

grupos da Zona Rural II que possuem bovinos e caprinos, superam em 20,0% os da Zona Rural I, nos respectivos rebanhos e em 10,0% no rebanho de ovinos (tabela 32, item "nenhuma cabeça"). Embora haja pequena vantagem da Zona Rural I nos rebanhos de caprinos e ovinos na classe de 7 a 15 cabeças, o que vem evidenciar o predomínio de pequenos produtores na área, no geral sobressai-se mesmo é a Zona Rural II, além do que é aí que se localiza a maioria das fazendas de criação, sobretudo de gado bovino dos grandes proprietários residentes na sede municipal, ou em outros centros urbanos.

A importância do extrativismo vegetal para o município de Pedro II será melhor avaliado quando da análise da produção de origem vegetal que se levará a efeito em outra parte deste trabalho.

Entretanto, como no momento se está enfocando as condições de vida dos grupos familiares, achou-se por bem ver, também, a vinculação dos mesmos às atividades extrativas vegetais. Como bem demonstram os dados da tabela 33, as atividades ligadas ao setor são adquirem alguma expressão na Zona Rural II. É que ali a carnaúba, mesmo com as baixas cotações que vem alcançando junto ao mercado consumidor, é abundante o que, de certa forma contribui na manutenção da população local. Já na Zona Rural I, o baixíssimo número de grupos com vinculação ao setor, sobretudo na exploração do babaçu, deve-se à escassez deste, que só existe ali em pequenas manchas, cuja produção, conforme já se mencionou, destina-se ao mercado local.

Dentro da análise do contexto das condições sociais, incluiu-se a escolaridade das pessoas de cinco anos e mais.

O analfabetismo é característico do município, pois, conforme revelou a pesquisa de campo, em tal situação encontravam-se 37,8% dos residentes na Zona Urbana, 55,5% dos residentes na Zona Rural I e 65,2% dos habitantes da Zona Rural II. Do restante, a maioria tinha o 1º Grau incompleto. Fica, pois, caracterizado que há alto índice de analfabetismo, sobretudo na Zona Rural II, onde não só a maior distância da sede municipal, mas também a grande dispersão da população ali residente concorrem para tal situação.

Cabe destacar aqui o papel representado em Pedro II, pela Igreja Católica, ali representada por uma missão religiosa ligada a instituições da Alemanha Ocidental, a qual tem subsidiado alimentos, roupas, remédios e aquisição de lotes de terrenos com a respectiva construção da casa de morada, chegando, também ao ponto de comprar redes nos dias de feira fraca. Com isso, consegue minimizar um pouco, o impacto dos poucos recursos que numerosos grupos familiares ali residentes, consegue em suas atividades econômicas.

5. PARTICIPAÇÃO DOS ELEMENTOS CARACTERIZADORES DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS TRADICIONAIS

Tendo em vista o pressuposto do presente trabalho, de que a atividade de confecção de redes em Pedro II funciona como uma fonte complementar da renda dos grupos familiares, estando, por conseguinte, estreitamente associada às demais atividades econômicas ali desenvolvidas, procurar-se-á, nesta parte do trabalho oferecer elementos que possibilitem uma melhor ava

liação de como se estrutura e/ou se comportam essas atividades. Para tanto, lançar-se-á mão de dados fornecidos pelos Censos E conômicos de 1970, 1975 e 1980, e dos obtidos na pesquisa de campo, conforme seja o caso, pois assim se terá uma noção de como vêm evoluindo. Também será feita uma comparação com a situação estadual, sempre que se achar conveniente, e as fontes dos dados sejam suficientes.

5.1. Produção agropecuária e extrativa vegetal

Objetivando situar Pedro II no plano da produção agropecuária e extrativa vegetal, será examinado inicialmente o valor da produção dos segmentos que compõem tal setor, a fim de que se possa obter a importância relativa dos mesmos. Em seguida, será visto os diversos aspectos relativos ao setor.

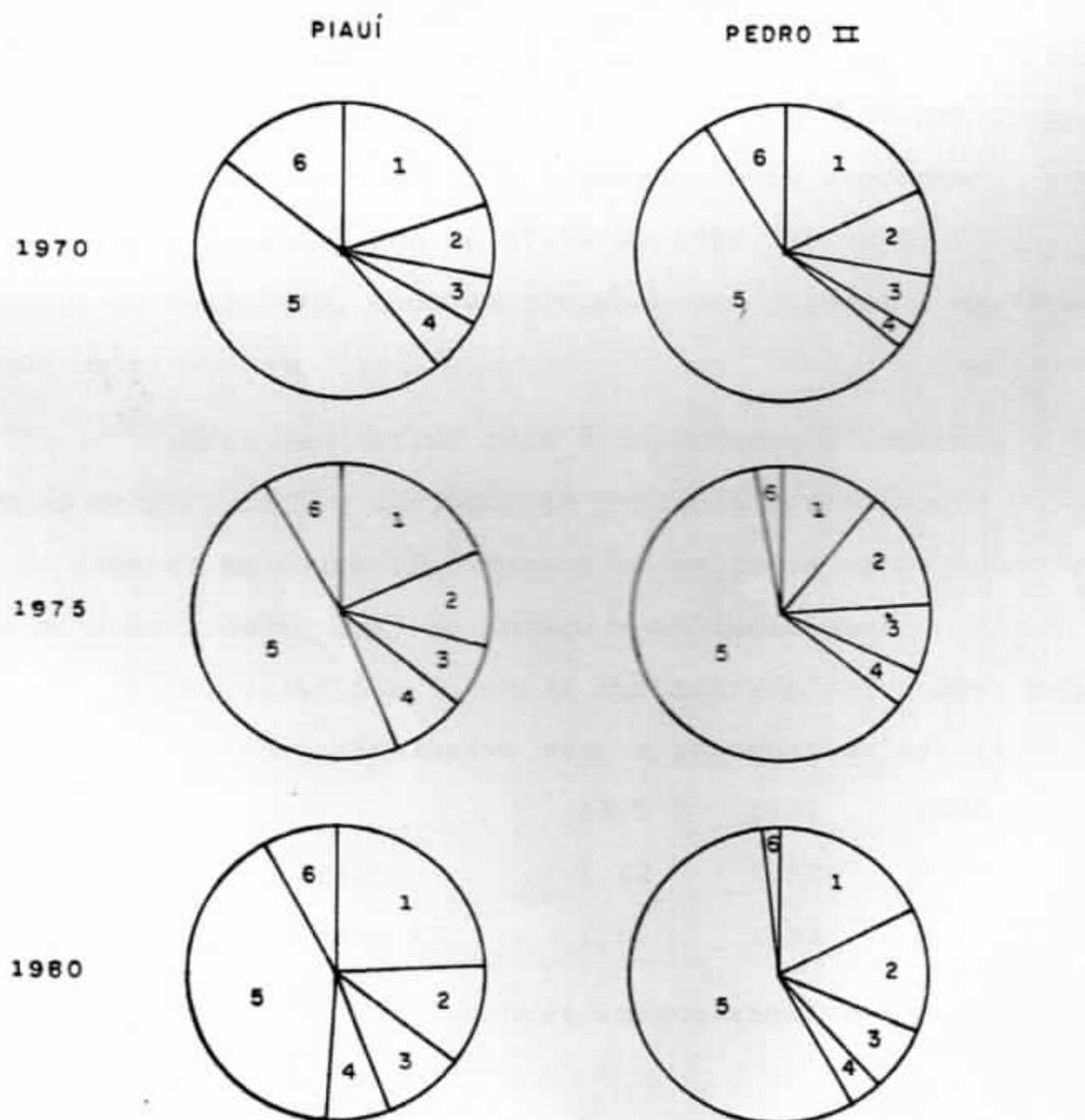
5.1.1. Valor da produção

Verificando-se os dados referentes aos valores da produção dos diversos segmentos que compõem a atividade produtiva animal e vegetal no município de Pedro II e no Piauí, nos anos de 1970, 1975 e 1980 (figura 15), constata-se que, embora na estrutura geral do setor haja uma certa semelhança entre ambos, Pedro II apresenta diferenças dignas de nota em alguns segmentos, tanto na estrutura geral como na evolução verificada no período.

Excetuando-se os itens "horticultura e floricultura" e "silvicultura", ambos sem tradição de exploração no Piauí, todos os outros têm relativa importância para o conjunto do Estado, o que não é verdadeiro para Pedro II.

As lavouras temporárias sobressaem-se como o prin

FIGURA 15
VALOR DA PRODUÇÃO ANIMAL E VEGETAL: PIAUÍ E PEDRO II - 1970, 1975 e 1980



LEGENDA

- | | | |
|---------------------------------|----------------------------------|----------------------------------|
| 1 ANIMAL DE GRANDE PORTE | 2 ANIMAL DE PEQUENO PORTE | 3 AVES E PEQUENOS ANIMAIS |
| 4 LAVOURAS PERMANENTES | 5 LAVOURAS TEMPORARIAS | 6 EXTRATIVISMO VEGETAL |

FUNDAÇÃO IBGE. Censo Agropecuário, Piauí 1970.

FUNDAÇÃO IBGE. Censo Agropecuário, Piauí 1975.

FUNDAÇÃO IBGE. Censo Agropecuário, Piauí 1980.

principal segmento da produção agropecuária e extrativa vegetal , tanto para o conjunto do Estado como para o do município (figura 15), sendo porém, de maior importância para este último, onde, durante a década de setenta, representava mais da metade do valor da produção do setor. No Estado, sua participação não atingia a metade do valor da produção do setor, chegando a apresentar mesmo um declínio durante a década, pois enquanto em 1970 seu valor relativo era de 47,0% em 1980 foi de 41,1%, ao contrário do município, onde se observou uma ligeira ascensão (figura 15).

Para demonstrar quão é importante o segmento de lavouras temporárias no conjunto da produção agropecuária e extrativa vegetal em Pedro II, veja-se as relações entre seu valor e os demais segmentos, no Estado e no município:

a) valor das lavouras temporárias/valor dos rebanhos (inclusive aves e pequenos animais):

| | 1970 | 1975 | 1980 |
|----------|------|------|------|
| Piauí | 1,42 | 1,33 | 0,93 |
| Pedro II | 1,66 | 1,93 | 1,47 |

b) valor das lavouras temporárias/valor das lavouras permanentes:

| | 1970 | 1975 | 1980 |
|----------|-------|-------|-------|
| Piauí | 8,10 | 5,79 | 6,04 |
| Pedro II | 22,08 | 16,65 | 18,15 |

c) valor das lavouras temporárias/valor do extrativismo vegetal:

| | 1970 | 1975 | 1980 |
|----------|------|-------|-------|
| Piauí | 3,31 | 5,52 | 5,34 |
| Pedro II | 6,07 | 22,81 | 33,29 |

Como se pode notar pelos números acima, somente na relação entre lavouras temporárias e o conjunto dos rebanhos (inclusive aves e pequenos animais) é que o município tende a se assemelhar à realidade estadual. Mesmo assim, existe uma considerável diferença, pois enquanto no Estado, em 1980 há um certo equilíbrio entre os valores gerados nos dois setores, em Pedro II o valor das lavouras temporárias supera em 47,0% o valor dos rebanhos.

Nas outras duas comparações acima (b e c), ficam evidenciadas grandes diferenças entre o que se verifica no Estado e em Pedro II, quando a importância relativa do segmento de lavouras temporárias torna-se muito mais acentuada neste.

Pedro II apresenta-se, pois, com produção agropecuária baseada sobretudo nas lavouras temporárias e no criatório⁽⁷⁾.

Os produtos que propiciam tal performance de Pedro II, nas lavouras temporárias, são, principalmente, o feijão, o milho e a mandioca e seus derivados (tabela 34), com especial destaque para os dois primeiros, que em 1975 e em 1980 apresentavam participações relativas superiores em torno de 50,0% do que se verificava para o Estado. Deve-se ressaltar ainda o fato de que milho e feijão são os produtos mais disseminados entre os produtores, com pequena diferença entre o número dos que os cultivam, revelando assim, o consorciamento das duas culturas. O arroz, embora seja um produto bastante disseminado entre os agricultores de Pedro II, superando mesmo o número dos que cultivam mandioca, não tem, porém, importância relativa no montante da produção. A não ser no caso excepcional de 1975 de

VALOR DA PRODUÇÃO DE ORIGEM VEGETAL - PIAUÍ E PEDRO II, 1970, 1975 E 1980

| Produtos | PIAUI | | | | | | PEDRO II | | | | | |
|-----------------------------|----------------------|---------|---------|---------------------|---------------------|---------------------|----------------------|-------|-------|---------------------|----------|----------|
| | Total de informações | | | Valor produção (%) | | | Total de informações | | | Valor produção (%) | | |
| | (a) | (b) | (c) | (a) | (b) | (c) | (a) | (b) | (c) | (a) | (b) | (c) |
| Arroz em casca | 78.475 | 117.663 | 104.155 | 12,4 | 28,0 | 17,9 | 1.098 | 2.700 | 1.003 | 4,5 | 22,4 | 5,2 |
| Felção em grão | 99.904 | 113.477 | 132.952 | 15,8 | 14,1 | 23,4 | 4.406 | 4.318 | 4.083 | 25,4 | 28,0 | 36,6 |
| Mandioca e derivados | 42.480 | 44.751 | 30.711 | 19,1 | 11,4 | 12,8 | 1.009 | 1.079 | 694 | 19,1 | 9,0 | 26,4 |
| Milho em grão | 115.530 | 156.956 | 143.106 | 9,4 | 13,6 | 11,8 | 4.339 | 4.745 | 4.207 | 9,0 | 20,5 | 17,2 |
| Babaçu | 7.319 | 7.717 | 20.638 | 5,7 | 3,6 | 3,7 | 28 | 5 | 35 | 0,2 | 0,0 | 0,5 |
| Carnaúba - cera e pó | 9.911 | 6.117 | 3.438 | 3,9 | 4,5 | 2,4 | 170 | 115 | 35 | 3,6 | 3,4 | 1,4 |
| Alumim | 4.860 | 4.824 | 5.004 | 0,9 | 0,9 | 0,7 | 25 | 20 | 4 | 0,1 | 0,1 | 0,0 |
| Outros (1) | - | - | - | 32,8 ⁽²⁾ | 23,9 ⁽³⁾ | 23,7 ⁽³⁾ | - | - | - | 38,1 ⁽⁴⁾ | 15,8 | 12,7 |
| Totais Cr\$ 1000,0 (100,0%) | - | - | - | (149.801) | (649.799) | (6.246.099) | - | - | - | (2.630) | (10.128) | (89.522) |

FUNDAÇÃO IBGE, Censo Agropecuário, Piauí, 1970

FUNDAÇÃO IBGE, Censo Agropecuário, Piauí, 1975

FUNDAÇÃO IBGE, Censo Agropecuário, Piauí, 1980

(a) 1970; (b) 1975; (c) 1980

(1) Demais produto de cultivo, extrativos vegetais e da Indústria Rural

(2) Sobressaem-se entre os demais: algodão arbóreo, com 33%; cana-de-açúcar, com 40%; melancia, com 62%; lenha, com 40% e rapadura, com 3,5%

(3) Algodão arbóreo sobressaem-se dos demais produtos, vez que representa 8,4% em 1975 e 7,3% em 1980

(4) Fumo, lenha e rapadura, sobressaem-se dos demais, pois concorrem com 14,6%; 6,0% e 6,8%, respectivamente.

que não se tem elementos esclarecedores, representa pequena parcela dos demais produtos dessa categoria em Pedro II, além de estar longe do que se verifica para o Estado.

A inclusão na tabela 34 dos principais produtos do extrativismo vegetal (babaçu, carnaúba e tucum) tradicionalmente conhecidos no Estado, é, para mais uma vez demonstrar a inexpressividade dos mesmos para Pedro II, até mesmo no número de informantes. Contudo, como se pode observar, tal situação foi agravada pelas progressivas baixas nas cotações da cera de carnaúba.

No tocante à produção animal, deve ser ressaltada a importância dos animais de pequeno porte em Pedro II (figura 15).

O valor relativo de tal rebanho frente ao de animais de grande porte (relação entre o primeiro e o segundo), assim se comportou na década de setenta:

| | 1970 | 1975 | 1980 |
|----------|-------|--------|-------|
| Piauí | 36,9% | 54,8% | 44,5% |
| Pedro II | 50,0% | 118,9% | 75,7% |

São números, pois, que atestam a importância dos pequenos animais para as populações locais, pois, como já se viu, constituem-se na principal fonte da carne consumida pelos que habitavam a zona rural, onde se situa a maior parte da população do município.

Pelo que se pode observar na tabela 35, excetuando-se as aves, o rebanho de caprino constituía-se em 1980, no mais numeroso, tanto em Pedro II como no Piauí. Porém sua liderança frente aos demais é muito superior no município que no Es

PRINCIPAIS REBANHOS DO PIAUÍ E PEDRO II, EM 1970, 1975 E 1980

| Rebanhos | PIAUÍ | | | | | | PEDRO II | | | | | | | | | |
|-----------------------|------------------------|-------|-------|------------------|-----|------|----------------------------|-----|-----|-----------------------|------|-----|------------------|--------|-----|----------------------------|
| | Efetivos (mil cabeças) | | | Cabeça/habitante | | | Variação efetivo 1970-1980 | | | Efetivo (mil cabeças) | | | Cabeça/habitante | | | Variação efetivo 1970-1980 |
| | (a) | (b) | (c) | (a) | (b) | (c) | (a) | (b) | (c) | (a) | (b) | (c) | (a) | (b) | (c) | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Bovinos | 1.195 | 1.331 | 1.556 | 0,71 | - | 0,73 | + 30% | 14 | 16 | 19 | 0,45 | - | 0,49 | + 36% | | |
| Ovinos | 743 | 793 | 1.032 | 0,44 | - | 0,48 | + 39% | 9 | 10 | 12 | 0,29 | - | 0,31 | + 33% | | |
| Caprinos | 1.122 | 1.313 | 1.747 | 0,67 | - | 0,82 | + 56% | 19 | 27 | 43 | 0,61 | - | 1,11 | + 126% | | |
| Suínos | 1.195 | 1.861 | 1.243 | 0,71 | - | 0,58 | + 4% | 24 | 45 | 23 | 0,77 | - | 0,59 | - 4% | | |
| Animais de tração (1) | 470 | 442 | 416 | 0,28 | - | 0,29 | - 12% | 6 | 6 | 6 | 0,19 | - | 0,15 | 0 | | |
| Aves (galinhas) | 3.290 | 4.497 | 4.780 | 1,96 | - | 2,23 | + 45% | 83 | 115 | 93 | 2,67 | - | 2,40 | + 12% | | |

FUNDAÇÃO IBGE, Censo Agropecuário, Piauí, 1970

FUNDAÇÃO IBGE, Censo Agropecuário, Piauí, 1975

FUNDAÇÃO IBGE, Censo Agropecuário, Piauí, 1980

(1) Equínos, Asininos e Muas

(a) 1970; (b) 1975 (c) 1980

tado, fato que se torna mais evidente ao se observar a relação cabeça/habitante. O rebanho suíno que até 1975 era o mais numeroso caiu vertiginosamente em 1980, fato que deve estar ligado ao extermínio de parte de tal rebanho quando da campanha de erradicação da "peste suína", em 1977/1978.

Em Pedro II, a criação de caprinos, assim como a de suínos e aves, também são atividades exercidas, como afirma MELO (1983),

[...] pela enorme massa das famílias rurais de baixa renda [...] que complementa o valor, sempre exíguo da parcela conseguida pelo pequeno agricultor em sua atividade de lavoura e de extrativismo vegetal. (p. 107)

5.1.2. Estrutura fundiária

No estudo da distribuição da terra em Pedro II são utilizados dados da FIBGE (Censos Agropecuários) - que fornece estatísticas referentes aos estabelecimentos agrícolas, - e do INCRA (Recadastramento Municipal) - que fornece dados relativos aos imóveis rurais. Tal procedimento deve-se ao fato que, conforme afirma ANDRADE (1982),

[...] antes o IBGE [...] vinha fazendo os censos econômicos levando em conta, como unidade básica, não o imóvel - unidade jurídica de propriedade -, mas o estabelecimento (unidade de exploração); como em um imóvel existem, muitas vezes, vários estabelecimentos, torna-se difícil emitir opiniões precisas sobre a estrutura fundiária dominante ... (p. 20) em um dado lugar no Brasil.

Considerando importante que se tenha uma visão

dos dois lados da questão, procurou-se obter informações sobre os imóveis, cujos dados foram obtidos, e, portanto far-se-á uso dos mesmos.

No estudo da distribuição da terra segundo os imóveis rurais, tem-se que considerar a possibilidade de uma mesma pessoa possuir mais de um imóvel (fato, aliás, comum em Pedro II), assim como um mesmo imóvel pertencer a mais de uma pessoa (quando em espólio), o que não se verificou em muitos casos.

Com base na observação precedente, organizou-se a tabela 36, onde se tem um perfil da situação de como se encontra distribuída a terra em Pedro II, segundo o cadastramento do INCRA (1978). De imediato, observa-se que o número de imóveis é bem superior ao de proprietários, fato que demonstra um processo de divisão de propriedade e aquisição de parcelas das mesmas por pessoas que já possuem terras.

Observando a distribuição da terra ao nível de proprietários, constata-se que há em Pedro II uma intensa concentração da mesma. Com efeito, apenas 6,1% dos proprietários, parcela relativa aos que possuíam 500 e mais ha, absorvia 63,6% da área total; já os pequenos proprietários, - considerando-se como tais os que possuem menos de 50 ha, vez que o Módulo Rural do município é de 30 ha - que representam 58,3% do total, possuíam apenas 6,4% da área (tabela 36).

Os números relativos à distribuição dos imóveis por categorias dimensionais, servem, mais uma vez, para demonstrar a concentração acima referida. Na primeira categoria, que corresponde aos que têm menos de 5 ha, há 275 imóveis mas apenas 96 proprietários, o que significa dizer que cerca de dois

DISTRIBUIÇÃO DOS IMÓVEIS RURAIS E DOS SEUS PROPRIETÁRIOS, SEGUNDO GRUPOS DE ÁREA

| Grupos de área (ha) | Proprietários | | | | | | Imóveis Rurais | | |
|------------------------|---------------|-------|---------|--------------------|-------|-------|----------------|-------|---|
| | Total | | | Área possuída (ha) | | | Total | | |
| | Nº | % | Nº | % | Nº | % | Nº | % | % |
| 5 | 96 | 7,8 | 253 | 0,1 | 275 | 13,3 | 687 | 0,3 | |
| 5 | 332 | 26,8 | 3.649 | 1,8 | 661 | 31,9 | 7.127 | 3,4 | |
| 20 | 293 | 23,7 | 9.187 | 4,5 | 468 | 22,6 | 14.227 | 6,9 | |
| 50 | 207 | 16,7 | 14.230 | 6,9 | 288 | 13,9 | 19.697 | 9,6 | |
| 100 | 150 | 12,1 | 21.004 | 10,2 | 171 | 8,2 | 23.637 | 11,5 | |
| 200 | 84 | 6,8 | 26.447 | 12,9 | 120 | 5,8 | 38.930 | 19,0 | |
| 500 e + (mais) | 76 | 6,1 | 130.264 | 63,6 | 89 | 4,3 | 100.999 | 49,3 | |
| Totais | 1.238 | 100,0 | 205.034 | 100,0 | 2.072 | 100,0 | 205.034 | 100,0 | |

INSTITUTO DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. Sistema Nacional de Cadastramento Rural; Recenseamento - 1978.

DISTRIBUIÇÃO DOS ESTABELECIAMENTOS AGRÍCOLAS, SEGUNDO GRUPOS DE ÁREA, PIAUÍ E PEDRO II, 1970, 1975 E 1980

| Grupos de Área (ha) | PIAUÍ | | | | | | PEDRO II | | | | | |
|---------------------|------------------|---------|---------|-----------|------------|------------|------------------|-------|-------|-----------|---------|--------|
| | Estabelecimentos | | | Área (ha) | | | Estabelecimentos | | | Área (ha) | | |
| | (a) | (b) | (c) | (a) | (b) | (c) | (a) | (b) | (c) | (a) | (b) | (c) |
| 5 | 63,7 | 64,1 | 63,8 | 2,1 | 2,1 | 2,3 | 82,0 | 76,2 | 83,1 | 5,4 | 6,7 | 9,0 |
| 20 | 13,5 | 13,7 | 15,1 | 3,1 | 2,8 | 3,2 | 7,0 | 11,6 | 8,7 | 3,6 | 4,6 | 5,0 |
| 50 | 8,5 | 8,3 | 8,3 | 6,1 | 5,4 | 5,8 | 4,6 | 5,4 | 3,5 | 7,3 | 7,8 | 7,3 |
| 100 | 5,7 | 5,8 | 5,4 | 8,8 | 8,1 | 8,2 | 2,8 | 3,0 | 1,9 | 9,5 | 9,5 | 9,0 |
| 200 | 3,8 | 3,9 | 3,7 | 11,8 | 11,0 | 11,2 | 1,4 | 1,6 | 1,3 | 9,7 | 9,6 | 11,8 |
| 500 e + (mais) | 2,7 | 2,8 | 2,4 | 18,4 | 16,6 | 15,9 | 0,9 | 1,0 | 0,7 | 14,3 | 13,8 | 15,0 |
| sem declaração | 0,6 | 0,0 | 0,0 | - | - | - | 0,8 | 0,8 | 0,6 | - | - | - |
| Totais (1) (100,0%) | (217,9) | (216,7) | (249,1) | (9.607,7) | (10.535,5) | (11.162,1) | (5,6) | (5,3) | (6,3) | (110,2) | (114,8) | (96,2) |

FUNDAÇÃO IBGE, Censo Agropecuário, Piauí, 1970

FUNDAÇÃO IBGE, Censo Agropecuário, Piauí, 1975

FUNDAÇÃO IBGE, Censo Agropecuário, Piauí, 1980

(1) mil unidades

(a) 1970; (b) 1975; (c) 1980

terços dos títulos pertencem a proprietários que já possuem outro(s) imóvel(is) de maior dimensão. O mesmo ocorre nas categorias subsequentes, embora com menor intensidade. (8)

Veja-se agora a distribuição da terra em Pedro II, através dos estabelecimentos, ou seja, das unidades de produção.

Conforme demonstram os dados da tabela 37, a utilização da terra como meio de produção tanto no Estado como em Pedro II é feita, predominantemente através de pequenas unidades. Contudo, em Pedro II a participação de pequenas unidades é muito superior ao que se verifica para o Estado. A participação relativa, ao longo da década de setenta, dos estabelecimentos com menos de 5 ha em Pedro II, superava em torno de 20,0% o que se verificava para o Estado. Nas demais classes de área, a participação relativa dos estabelecimentos de Pedro II correspondia a cerca de metade da situação estadual.

Como reflexo da situação exposta acima, os estabelecimentos com menos de 5 ha absorvem, em área, o correspondente, em termos relativos, ao que se verifica para o Estado, 2,43 vezes em 1970, 3,19 vezes em 1975 e 3,91 vezes em 1980. Na classe de 5 a menos de 20 ha, Pedro II, também apresenta uma situação bastante diferente da estadual vez que aí a participação relativa das áreas aproximam-se do dobro do que se verifica no Estado. Nas classes de área com estabelecimentos acima de 20 ha, as situações estadual e municipal tendem a ser semelhantes.

Pelas observações precedentes, tem-se que a situação de Pedro II frente à realidade estadual, quanto à distribuição dos estabelecimentos de produção agropecuária, por grupos de área, apresenta uma certa semelhança, sendo que no município

a incidência de pequenos estabelecimentos é bem superior, o que demonstrou ser o setor agropecuário empreendido predominantemente, por pequenos produtores que, como se verá a seguir, produzem para a sua subsistência.

Quando se observa os dados sobre a distribuição dos grupos de área de lavoura nas safras 1980/1981 e 1981/1982, constante na tabela 38, e as quantidades produzidas na safra 1980/1981, dos principais produtos produzidos localmente, constante na tabela 39, a predominância do pequeno produtor em Pedro II é evidenciada ainda com maior clareza, sobretudo nas áreas produtoras de rede.

Com efeito, enquanto nas zonas Urbana e Rural I, cerca de dois terços das parcelas de terra utilizadas com lavoura não atingem 2 ha, na Zona Rural II em tal classe de área estão apenas cerca de metade das parcelas utilizadas (tabela 38).

O montante da produção, ao nível de produtor, na safra 1980/1981, dos principais produtos de lavoura ali cultivados, o feijão, o milho, a mandioca (farinha) e o arroz, exposto na tabela 39, revela o quão é baixa a produção por grupo familiar, podendo-se destacar:

- a) no caso do feijão predomina a faixa de até 200 kg, sendo que na Zona Rural II, a faixa de 400 e mais kg é bem acentuada (23,9%, contra 4,3 % na Zona Rural I);
- b) no caso do milho, também predomina a faixa de até 200 kg, porém com os produtores das Zonas Urbana e Rural I apresentando considerável par

DISTRIBUIÇÃO DA TERRA UTILIZADA COM LAVOURAS, NAS SAFRAS 1980/81 E 1981/82, SEGUNDO CLASSES DE ÁREA (PERCENTAGENS)

| Classes de área (ha) | URBANA | | RURAL I | | RURAL II | | GERAL | |
|--------------------------------|--------|-------|---------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | 80/81 | 81/82 | 80/81 | 81/82 | 80/81 | 80/82 | 80/81 | 80/82 |
| 1 | 39,7 | 49,3 | 36,5 | 34,8 | 23,4 | 27,1 | 33,8 | 34,8 |
| 2 | 25,4 | 15,5 | 31,0 | 34,6 | 28,5 | 28,6 | 29,8 | 31,1 |
| 3 | 11,1 | 12,7 | 10,0 | 8,4 | 20,4 | 14,3 | 12,5 | 10,2 |
| 5 | 12,7 | 7,0 | 18,4 | 17,4 | 13,1 | 16,4 | 16,6 | 16,0 |
| 10 | 11,1 | 11,3 | 1,8 | 2,9 | 13,1 | 12,1 | 5,4 | 5,9 |
| 10 e + (mais) | - | 4,2 | 2,3 | 1,9 | 1,5 | 1,5 | 1,9 | 2,0 |
| Total parcelas (1) (100,0%) | (63) | (71) | (391) | (419) | (137) | (140) | (591) | (630) |

Fonte: Pesquisa direta, fev-mar/82.

(1) Compreende os diversos produtos, que explorados em consórcio, concorrem para esses totais.

DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS AGRICULTORES, SEGUNDO PRESENÇA⁽¹⁾ E PARTICIPAÇÃO NAS CLASSES DE QUANTIDADE PRODUZIDA, NOS PRINCIPAIS PRODUTOS CULTIVADOS NA SAFRA 1980/81

| Produtos/quantidade (kg) | URB. % | RUR. I % | RUR. II % | TOTAL % |
|--------------------------|-----------|-------------|--------------|------------|
| Feljão | 78,6 | 85,4 | 95,5 | 86,8 |
| _____ 50 | 25,0 | 28,3 | 15,2 | 25,0 |
| 51 _____ 100 | 25,0 | 18,8 | 6,5 | 17,0 |
| 101 _____ 200 | 17,9 | 23,9 | 39,1 | 26,4 |
| 201 _____ 300 | 3,6 | 4,3 | 6,5 | 4,7 |
| 301 _____ 400 | 7,1 | 5,8 | 4,3 | 5,7 |
| 401 e + (mais) | - | 4,3 | 23,9 | 8,0 |
| Milho | 71,4 | 71,8 | 69,5 | 71,2 |
| _____ 50 | 7,1 | 10,9 | 17,4 | 11,8 |
| 51 _____ 100 | 21,4 | 13,8 | 10,9 | 14,2 |
| 101 _____ 200 | 25,0 | 12,3 | 21,7 | 16,0 |
| 201 _____ 300 | - | 8,7 | 4,3 | 6,6 |
| 301 _____ 400 | 3,6 | 8,0 | 8,7 | 7,5 |
| 401 e + (mais) | 14,3 | 18,1 | 6,5 | 15,1 |
| Farinha mandioca | 9,2 | 29,8 | 39,1 | 28,6 |
| _____ 50 | - | 2,2 | - | 1,4 |
| 51 _____ 100 | - | 5,8 | 2,2 | 4,2 |
| 101 _____ 200 | 3,6 | 5,8 | 8,7 | 6,1 |
| 201 _____ 300 | - | 2,9 | 4,3 | 2,8 |
| 301 _____ 400 | - | 2,2 | 6,5 | 2,8 |
| 401 e + (mais) | 3,6 | 10,9 | 17,4 | 11,3 |
| Altoz | 3,6 | 24,0 | 26,0 | 21,7 |
| _____ 50 | - | 8,0 | 6,5 | 6,6 |
| 51 _____ 100 | - | 2,2 | 2,2 | 1,9 |
| 101 _____ 200 | - | 5,1 | 6,5 | 4,7 |
| 201 _____ 300 | - | 2,2 | 4,3 | 2,4 |
| 301 _____ 400 | - | 1,4 | - | 0,9 |
| 401 e + (mais) | 3,6 | 5,1 | 6,5 | 5,2 |

Fonte: Pesquisa direta, fev-mar/82

(1) Os números nas linhas correspondentes aos produtos representam a incidência dos mesmos entre os produtores, que no total são 28 na Zona Urbana, 138 na Zona Rural I e 46 na Zona Rural II. Os demais números, representam as parcelas de produtores (as percentagens aí são também em relação aos totais de produtores) em cada classe de quantidade produzida.

cela (14,3% e 18,1% respectivamente) na faixa de 400 e mais kg. O maior número de grupos com criação de suínos na Zona Rural I, visto anteriormente, está em estreita ligação com a situação ora vista;

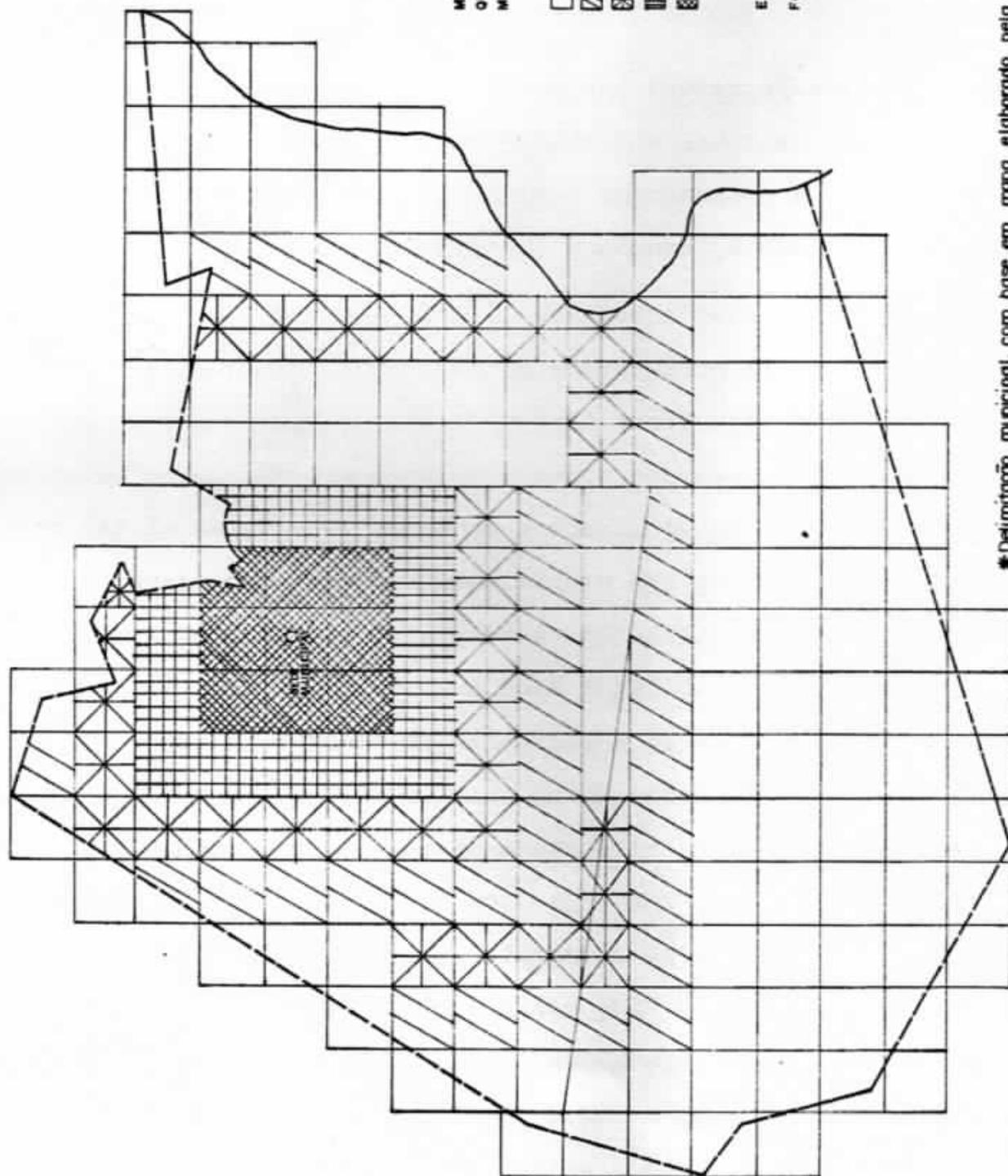
- c) nos casos da farinha de mandioca e do arroz a Zona Rural II situa-se melhor que as demais, não só no número relativo de produtores, como nas maiores quantidades obtidas.

Esta situação revela o caráter predominantemente de subsistência do setor, fato afirmado pelos próprios produtores, ao admitirem que, das parcelas utilizadas, 75,4% dos residentes na Zona Rural I e 80,9% dos residentes na Zona Rural II, destinavam-se ao cultivo de produtos, cujo principal objetivo era o autoconsumo, sendo que o restante ainda continha parte para o mesmo fim.

Torna-se, pois, imperativo para os grupos familiares a procura de outras alternativas de renda para prover suas necessidades. Numa população predominantemente rural, onde o extrativismo vegetal pouco ou nada representa economicamente, a confecção artesanal de algum produto de largo consumo, pode se constituir em uma dessas alternativas, o que se supõe ser o caso da confecção de redes em Pedro II, fato também verificado na Zona Urbana.

A distribuição dos imóveis rurais, segundo suas dimensões, pelo espaço municipal, conforme consta na figura 16, demonstra, também, que na área da rede, é onde estão concentrados os de menores dimensões. A alta concentração de população

FIGURA 16
DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL DOS TÍTULOS DE PROPRIEDADES TERRITORIAIS RURAIS EM PEDRO II* (1978).



* Delimitação municipal, com base em mapa elaborado pela SUCAM.

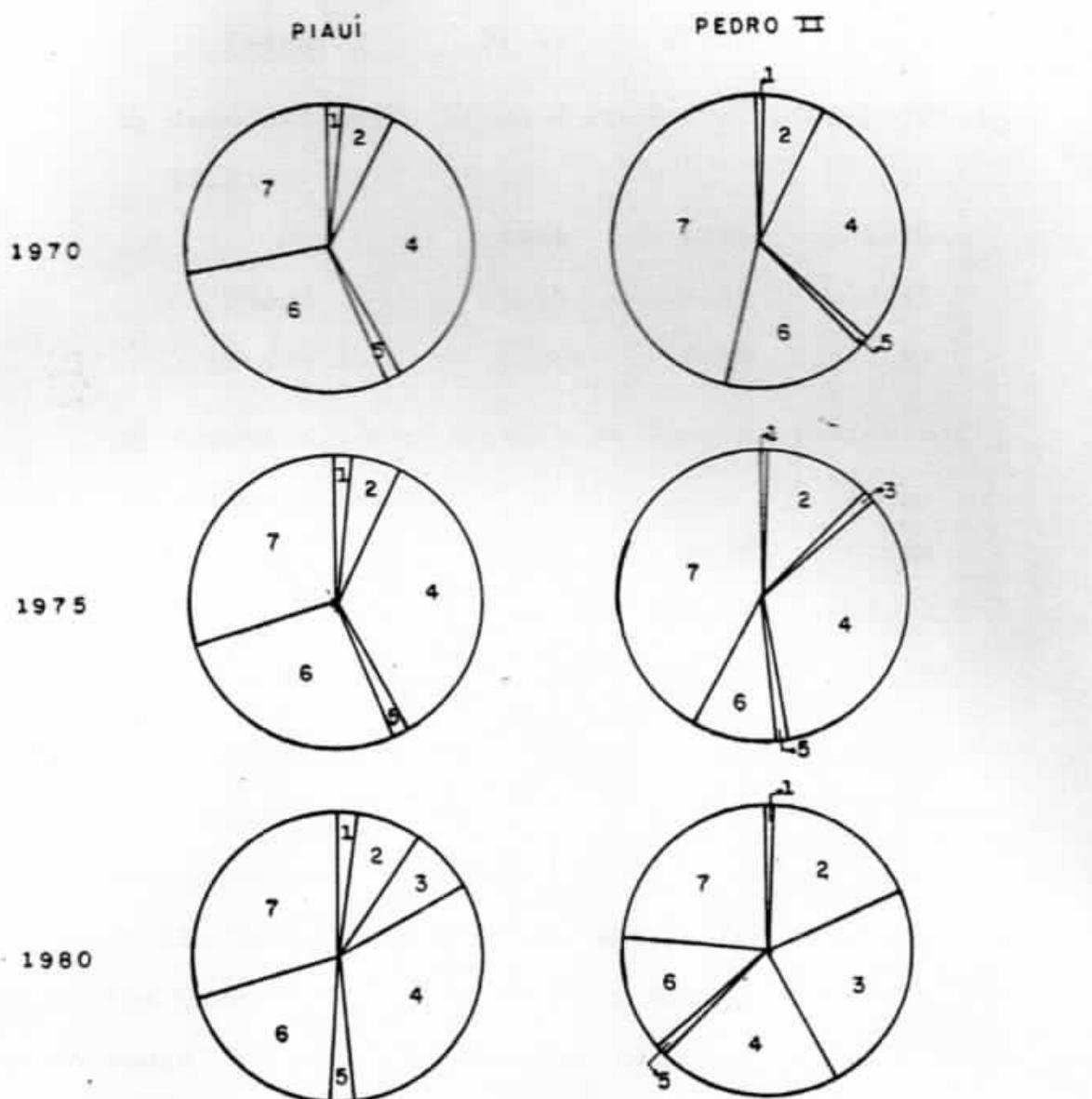
em tal área tem gerado um processo de divisão da terra, por heranças, verificando-se, assim, uma progressiva diminuição das partes destinadas aos herdeiros.

5.1.3. Utilização da terra

Quando se examina o uso das terras (figura 17), mais uma vez se evidencia a importância das lavouras temporárias, em Pedro II, segmento da produção, empreendido ali, predominantemente, por pequenos produtores, conforme já demonstrado.

Conforme os dados apresentados para a década de setenta, embora haja uma semelhança entre Pedro II e o que se verifica para o Estado, na distribuição geral das terras pelos diferentes segmentos que compõem o setor agropastoril, existem diferenças de magnitudes entre um e outro, ao nível de cada segmento, as quais evidenciam a importância que se dá à produção das lavouras temporárias em pequenas unidades de produção, vez que o dobro do que se verificava para o Estado, em 1975 e em 1980. Tal diferença torna-se ainda maior se se incorporarem as terras em descanso, as quais, como se constatou em visitas às áreas produtoras, destinam-se ao mesmo fim. Em 1980, a alta percentagem de terras em descanso verificado em Pedro II (23,9% das áreas dos estabelecimentos), frente à do Estado (7,4%) revela uma maior intensidade de uso, o que pode estar associado às aglomerações populacionais de localidades rurais onde se confeccionam redes, já que ali planta-se, sobretudo, feijão e milho, produtos mais cultivados em tais terras. Para uma melhor demonstração do problema veja-se as seguintes relações entre as percentagens das áreas empregadas nos segmentos mais representativos da produção no setor:

FIGURA 17
UTILIZAÇÃO DA TERRA: PIAUÍ E PEDRO II, 1970, 1975 e 1980.



LEGENDA

- | | | |
|------------------------------------|------------------------|------------------------------|
| 1 LAVOURAS PERMANENTES | 2 LAVOURAS TEMPORARIAS | 3 LAVOURAS EM DESCANSO |
| 4 PASTAGENS NATURAIS | 5 PASTAGENS PLANTADAS | 6 MATAS E FLORESTAS NATURAIS |
| 7 TERRAS PRODUTIVAS NÃO UTILIZADAS | | |

FUNDAÇÃO IBGE. Censo Agropecuário; Piauí 1970.
 FUNDAÇÃO IBGE. Censo Agropecuário; Piauí 1975.
 FUNDAÇÃO IBGE. Censo Agropecuário; Piauí 1980.

a) lavouras temporárias e em descanso/lavouras permanentes:

| | 1970 | 1975 | 1980 |
|----------|-------|-------|-------|
| Piauí | 3,31 | 3,56 | 6,59 |
| Pedro II | 25,33 | 27,00 | 59,14 |

b) lavouras temporárias e em descanso/pastagens naturais:

| | 1970 | 1975 | 1980 |
|----------|------|------|------|
| Piauí | 0,15 | 0,17 | 0,45 |
| Pedro II | 0,25 | 0,40 | 2,03 |

c) lavouras temporárias e em descanso/matras e florestas naturais:

| | 1970 | 1975 | 1980 |
|----------|------|------|------|
| Piauí | 0,18 | 0,21 | 0,74 |
| Pedro II | 0,49 | 1,50 | 3,09 |

Os números acima que indicam quantos ha destinam-se para lavouras temporárias (incluindo-se as áreas em descanso) para cada ha com outro uso, demonstram a supremacia de tais lavouras em Pedro II, face à realidade/estadual. Até mesmo frente aos segmentos tradicionais no Estado, o uso de terras com "pastagens naturais" e "matas e florestas naturais" (onde ocorre o extrativismo), os valores referentes a Pedro II são bem superiores aos do Estado, evidenciando, assim, a importância que assumem ali os produtos que compõem o segmento de lavouras temporárias, representados, principalmente por feijão, milho e mandioca cuja exploração é levada a efeito, predominantemente por pequenos produtores. Verifica-se também que essa foi uma tendência crescente durante a década de setenta, considerando-se como

significativo que em 1980, enquanto a relação entre terras de lavouras e terras de pastagens era de 0,45 para o Estado, em Pedro II era de 2,03 e que, durante a década, tal relação aumentou três vezes no Estado e oito vezes no município.

5.1.4. Condição do produtor

Já se demonstrou que as atividades agropastoris em Pedro II são empreendidas, predominantemente, por pequenos produtores. Observando-se agora a distribuição dos produtores locais, segundo a "condição de produtor" (tabelas 40 e 41) constatase que a maioria é composta de parceiros (produtor que paga o uso da terra com base na produção obtida, que, em Pedro II, varia de um terço a um quinto do total da mesma). Enquanto no Estado cerca de um quinto dos estabelecimentos são explorados nessa condição, em Pedro II representam mais da metade dos mesmos, o que em termos relativos representam mais que o dobro do que se verifica para o Estado. Nas áreas de terras utilizadas, a diferença entre Estado e município são ainda maiores, vez que neste último as terras utilizadas por parceiros superam, relativamente, as do primeiro, em cerca de quatro vezes em 1970 e em sete vezes em 1975 e 1980. Como a concentração de terras nas mãos dos proprietários em Pedro II é mais acentuada que no Estado, é de se supor que os parceiros só têm acesso a pequenas parcelas de terra, o que vem reforçar o que já foi exposto antes, sobre as condições econômicas dos mesmos, vez que as exíguas áreas exploradas lhes condicionam as baixas condições econômicas em que vivem. Tal fato evidencia-se ainda, quando se examinam os dados da tabela 41, onde se constata que, das parcelas de terra utilizadas, cerca de um quinto das exploradas por produtores residentes na sede municipal e um quarto das exploradas por produ

tores das áreas rurais, são disseminada por duas ou mais propriedades, fato que só concorre para diminuir a produtividade do trabalho dispendido, pois, assim, o agricultor tem que dividir sua atenção por dois ou mais "pedaços de roça", em locais diferentes e, às vezes, bem distantes entre si.

Outra categoria de produtor com certa expressão em Pedro II é a de ocupante, na qual também supera o Estado a partir de 1975. Deve-se atribuir a elevada parcela desta categoria em Pedro II (30,2 dos produtores em 1980), à existência de considerável porção da área do município com situação de apropriação indefinida. Considerando-se que o mesmo tem 3.019 km², e que os imóveis rurais cadastrados junto ao INCRA em 1978 só correspondiam a 205.034 ha (tabela 36), cerca de um terço de sua área encontrava-se à disposição dos posseiros ou ocupantes. Estes, também, são pequenos produtores, conforme revelam os dados relativos às áreas utilizadas.

A situação de predominância de exploração da terra em Pedro II por pequenos produtores, ser ainda mais acentuada que no Estado, é revelada também pelo número de pessoas empregadas por estabelecimento, vez que ali as atividades agropastoris são empreendidas com baixo nível tecnológico, conforme tão bem descreveu MELO (1983) para o caso do Meio Norte onde Pedro II está inserido. Pelo que consta na tabela 42 embora no geral a situação de Pedro II assemelha-se à do Estado, no primeiro o número relativo de estabelecimentos ocupando menos de cinco pessoas é bem superior, o que, por consequência se repete na distribuição das pessoas.

Pelo que se acaba de expor, fica caracterizado que

CONDICÃO DO PRODUTOR, SEGUNDO ESTABELECIMENTO E ÁREA - PIAUÍ E PEDRO II - 1970, 1985 E 1980 (PERCENTAGENS)

| Categorias de Produtores | P I A U Í | | | | | | P E D R O I I | | | | | |
|--------------------------|------------------|---------|---------|------------|------------|------------|------------------|-------|-------|-----------|---------|--------|
| | Estabelecimentos | | | Áreas (ha) | | | Estabelecimentos | | | Área (ha) | | |
| | (a) | (b) | (c) | (a) | (b) | (c) | (a) | (b) | (c) | (a) | (b) | (c) |
| Proprietário | 33,9 | 36,6 | 33,0 | 92,1 | 94,9 | 92,4 | 21,4 | 20,9 | 15,9 | 93,5 | 90,3 | 87,5 |
| Arrendatário | 23,2 | 25,1 | 19,4 | 2,5 | 1,6 | 1,1 | 0,3 | 0,2 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| Parcelero | 20,1 | 17,2 | 21,2 | 1,0 | 0,7 | 1,0 | 59,9 | 52,4 | 53,9 | 3,8 | 5,2 | 6,6 |
| Ocupante | 22,8 | 21,1 | 26,4 | 4,4 | 2,8 | 5,5 | 18,4 | 26,5 | 30,2 | 2,7 | 4,5 | 5,9 |
| Totais (1) | (217,9) | (216,7) | (249,1) | (9.606,7) | (10.519,5) | (11.162,1) | (5,6) | (5,3) | (6,3) | (110,1) | (114,8) | (96,2) |

FUNDAÇÃO IBGE, Censo Agropecuário, Piauí, 1970

FUNDAÇÃO IBGE, Censo Agropecuário, Piauí, 1975

FUNDAÇÃO IBGE, Censo Agropecuário, Piauí, 1980

(1) mil unidades

(a) 1970; (b) 1975; (c) 1980

TABELA 41
DISTRIBUIÇÃO DAS TERRAS CULTIVADAS SEGUNDO
CONDIÇÃO LEGAL, NA SAFRA 1981 - 1982
(Percentagens)

| Categorias de situação legal da terra | URB. | RUR. I | RUR. II | TOTAL |
|---------------------------------------|------|--------|---------|-------|
| Própria | 35,5 | 45,7 | 42,3 | 43,7 |
| Parceria c/1 proprietário | 43,4 | 25,5 | 32,9 | 29,3 |
| Parceria c/2 ou mais prop. | 21,1 | 23,3 | 23,5 | 23,1 |
| Arrend. c/1 proprietário | - | 4,1 | - | 2,7 |
| Arrend. c/2 ou mais prop. | - | - | - | - |
| Cedida sem ônus | - | 1,4 | 1,3 | 1,2 |
| Devolutas | - | - | - | - |
| Totais parcelas (100,0%) | (76) | (438) | (149) | (663) |

Fonte: Pesquisa direta, fev-mar/82.

em Pedro II o pequeno produtor, sobretudo o parceiro, ocupa, mais que no Estado, a vanguarda na produção agrícola.

Face as condições verificadas, e a alta concentração de população nas áreas rurais produtoras de rede, não se pode deixar de atribuir importante papel econômico à atividade de confecção desse bem.

5.2. Indústria, comércio e outros serviços

Além das atividades agropastoris e de confecção de redes, as outras atividades econômicas em Pedro II não al

cançam expressividade.

Dado a variabilidade de agregação dos diversos ramos de cada setor de produção, adotada nos Censos de 1970, 1975 e 1980, e ainda devido às poucas alterações na estrutura dos mesmos, verificada em Pedro II, optou-se pela utilização, apenas dos itens que tivessem alguma relevância para o conjunto do município em 1980, dispensando-se mesmos as comparações com o Estado.

No setor industrial, em 1980 Pedro II registrava 32 estabelecimentos, ocupando apenas 127 pessoas.⁽⁹⁾ Dentre tais estabelecimentos destacavam-se uma grande cerâmica, que exportava telhas e tijolos até para outros Estados. Os demais estabelecimentos restringiam-se a pequenas unidades de produção, compreendendo olarias (a maioria) padarias, moagem de café, pilagem de arroz, serraria e confecção de móveis. Ainda no ramo de cerâmica deve-se ressaltar a ocorrência de confecção artesanal de potes para água potável e outros utensílios domésticos, atividade empreendida, predominantemente, por mulheres, as quais enfrentam grandes dificuldades para desenvolvê-la. Destaca-se aí o transporte (em lombos de animais, por caminhos de difícil acesso) da matéria-prima (argila), cuja jazida encontrase a cerca de 10 a 15 km das casas dos artesãos.

Em Pedro II a extração mineral é representada pela exploração da opala, uma pedra semi-preciosa de alto valor no mercado internacional. Contudo, os resultados econômicos para o município em tal exploração são bastante limitados, não só pela legislação vigente, que centraliza os impostos arrecadados ao Governo Federal, mas também pelo reduzido número de pessoas envolvidas em tal atividade, além do que é praticamente monopo

GRUPOS DE PESSOAL OCUPADO NAS ATIVIDADES AGROPASTORIS - PIAUÍ E PEDRO II -
1970, 1975 E 1980 (PERCENTAGENS)

| Grupos de pessoal ocupado | P I A U Í | | | | | | P E D R O II | | | | | |
|------------------------------|------------------|---------|---------|---------|---------|---------|------------------|-------|-------|---------|-------|--------|
| | Estabelecimentos | | | Pessoas | | | Estabelecimentos | | | Pessoas | | |
| | (a) | (b) | (c) | (a) | (b) | (c) | (a) | (b) | (c) | (a) | (b) | (c) |
| 5 | 87,9 | 82,2 | 78,8 | 67,1 | 56,6 | 52,4 | 97,0 | 96,4 | 90,7 | 88,5 | 84,1 | 73,6 |
| 10 | 11,3 | 15,9 | 18,3 | 29,0 | 35,0 | 36,2 | 2,9 | 3,2 | 8,5 | 11,0 | 13,3 | 22,1 |
| 20 | 0,8 | 1,9 | 2,6 | 3,7 | 7,6 | 9,6 | 0,1 | 0,4 | 0,8 | 0,5 | 2,6 | 4,3 |
| 20 e + (mais) | 0,0 | 0,0 | 0,3 | 0,2 | 0,8 | 1,8 | - | - | - | - | - | - |
| Totais (1) | (217,9) | (216,7) | (249,1) | (518,7) | (613,5) | (790,3) | (5,6) | (5,3) | (6,3) | (8,5) | (8,1) | (14,6) |

FUNDAÇÃO IBGE, Censo Agropecuário, 1980.

(1) mil unidades

(a) 1970, (b) 1975 (c) 1980

lizada por estrangeiros.

No setor comercial, em 1980 Pedro II registrava 381 estabelecimentos ocupando apenas 638 pessoas.⁽¹⁰⁾ A maioria (349) era representada por pequenas mercearias dedicadas ao comércio de produtos alimentícios, bebidas e fumo. Em seguida vêm os estabelecimentos com tecidos e seus artefatos e artigos de armarinho, com 16 estabelecimentos. Pode-se destacar ainda a existência de três farmácias, dois postos de venda de combustíveis e lubrificantes, e os comerciantes de fio e/ou linha. A venda de eletrodomésticos era efetuada conjuntamente com tecidos em duas grandes lojas.

Nos outros serviços (exceto crédito, saúde e educação), havia apenas 98 estabelecimentos, ocupando somente 150 pessoas⁽¹¹⁾. Como se vê, trata-se de pequenas unidades, predominando as de alojamento e alimentação (68 estabelecimentos) os quais funcionavam em precaríssimas condições.⁽¹²⁾

Dentre os outros serviços destaca-se ainda o de comunicações, como o dos Correios, telefone com DDD e uma linha de ônibus com quatro saídas diárias para a Capital do Estado, a quem é ligada por estrada asfaltada.

No setor de crédito, Pedro II contava em 1982 com uma agência do Banco Brasileiro de Descontos - BRADESCO e um posto de serviço do Banco do Estado do Piauí - BEP. Também encontravam-se em andamento naquele ano os preparativos para a instalação de uma agência do Banco do Brasil S/A com quem o município já mantinha relações através da agência de Piripiri, assim como fazia com o Banco do Nordeste do Brasil - BNB.

No campo educacional, conforme as Informações Básicas da FIBGE - 1982, o município contava em 1981 com 131 unidades escolares de 1º Grau nas quais se encontravam matriculados 9.292 alunos, e, uma unidade de 2º Grau, com 152 alunos. Ressalte-se, contudo, que a maior parte das unidades escolares do 1º Grau estão situadas na zona rural, funcionando em precárias condições, quando, não raro, ocupando uma sala da residência do professor.

No setor da saúde Pedro II é um município privilegiado, vez que, graças à injeção de recursos provenientes da Alemanha Ocidental, através de uma missão religiosa que ali representa a Igreja Católica, foram instalados já ha alguns anos uma moderna maternidade, com 39 leitos e um hospital, com 66 leitos. Conta ainda a sede municipal com um Posto de Serviço do Instituto de Assistência e Previdência do Estado do Piauí-IAPEP com atendimento odontológico, e uma Unidade Mista de Saúde vinculada à Secretaria de Saúde do Estado. Na zona rural há três povoados que recebem, quinzenalmente, a visita de um médico e um dentista.

6. PARTICIPAÇÃO DA ATIVIDADE DE CONFECÇÃO ARTESANAL DE REDES-DE-DORMIR

Na abordagem dos problemas relativos às condições de vida da população pedrossegundense (parte 3, deste capítulo), de certa forma já se adiantaram elementos que revelam a

importância da atividade de confecção de redes para o município de Pedro II. A respeito de tal aspecto, SILVA, Oficial de Justiça, bastante conhecedor das condições gerais da população local, face as diligências que empreende por todo o município, e também, tecelão, prestou o seguinte depoimento:

Aqui eu calculo que sessenta por cento das mulheres vivem à custa do tear, fazendo rede. Muitas mulheres aqui trabalham dia e noite pra ajudar o marido, porque a lavoura não dá; você vê, apanha-se três quartas de legume [...] seis. [...] ele não pode vender porque ele fica sem nada. Então aí ela, porque o serviço da mulher aí é pra o café, a gordura, pra o querosene, pra até o remédio, roupa [...] eu acho que sessenta por cento das mulheres que trabalham de rede, dá de vestir o marido, também, ainda. Porque a coisa mais importante que tem aqui em Pedro II é a rede; é quem mais sustenta o pessoal. Aqui é do pobre ao rico, vive trabalhando de rede. Aqui o mais rico que tem tá mandando tecer rede, pra dar emprego ao seu fulano; mandam tecer o pano e fazem o acabamento. (comunicação pessoal)

Devido à forma como se estrutura a atividade de confecção de redes em Pedro II, praticamente não há registros oficiais sobre a mesma, o que dificulta uma melhor avaliação de sua evolução. Do ano de 1956, tem-se uma importante informação do então Inspetor, Benedito Afonso Lima, citado por CASCUDO (1959), vazada nos seguintes termos:

O município de Pedro II é o que mais conta com produtos de rede em todo o Estado. Ocorre, porém, que não há

ali fábricas especializadas. As redes são fabricadas à mão e têm todas as características da indústria caseira. São, contudo, as melhores redes que se fabricam no Piauí, tornando-se Pedro II o centro fornecedor de redes para quase todos os municípios do Estado e ainda para outros Estados. Redes de luxo, para presente, de perfeito acabamento são também fabricadas em Pedro II e adquiridas para pessoas residentes em São Paulo, no Rio de Janeiro, Bahia, Fortaleza e outras importantes cidades. (p. 144)

Em outras partes do presente trabalho ficou caracterizado, porém, que a atividade vem se desenrolando no município desde o século passado, haja vista que já em 1907 foi introduzido o fio de algodão industrializado. E, durante todo esse tempo vem se revelando como atividade importante para os que a praticam. Luiza COSTA, 92 anos de idade, reportando-se, também, sobre a importância da atividade, quando a exercia, afirma:

Comprarra o fio e ainda ficasse cum dez minrêis, prá comprá as coisã prá casa. Nesse tempo num se falava em milhão! Comprarra o fio por cinco minrêis; mias rede levarra três quilo de fio. Ficarra cum dez minrêis e cum esse din'eiro ficarra era alegue!

E sobre a importância desse ganho para o sustento da casa, prossegue:

Ora! sustentarra! As outa também fazia os mēi de vida [...] grade e rendia [...] a irmã qui tã aqui a riuva [...] juntarra o din'eiro gãnio da rede e das grade, comprarra aquelas coisã. Quando era outa semana [...] travê! Ô coisa prá sofrê é pobreza! Num é não? (com.pessoal)

A expansão da atividade vem se dando como que por cissiparidade, pois quase toda mulher que casa, originária de família tecelã vai constituir uma nova unidade de produção.

Procurando-se buscar elementos para a afirmação precedente, tem-se, a seguir, o depoimento de D. Francisca SOUZA, 67 anos de idade, filha de teceloa que, interrogada sobre quantos irmãos e/ou irmãs casadas possui, afirma:

Eu vō dizē ũa qui até rocē rai achã graça. A mamãe tē_r re rinte e sete filho! Morreu nove e criō dezoito. Ago_r ra os dezoito depois de criado já morreu ũa já casada. O resto tã tudo vivo, todos casado.

Pergunta-se: e nas casas de todos tecem redes?

Tece, mais tã tudo espaiado. A mamãe estã sozã na casa dela. Bem, delas qui num tece não!

Pergunta-se, mas por que não tecem?

Tem delas qui nunca teceram e delas qui deixaram. Aqu_e las casadas cum quem tã condição! Mais das dizessete tem mais de dez qui tece!

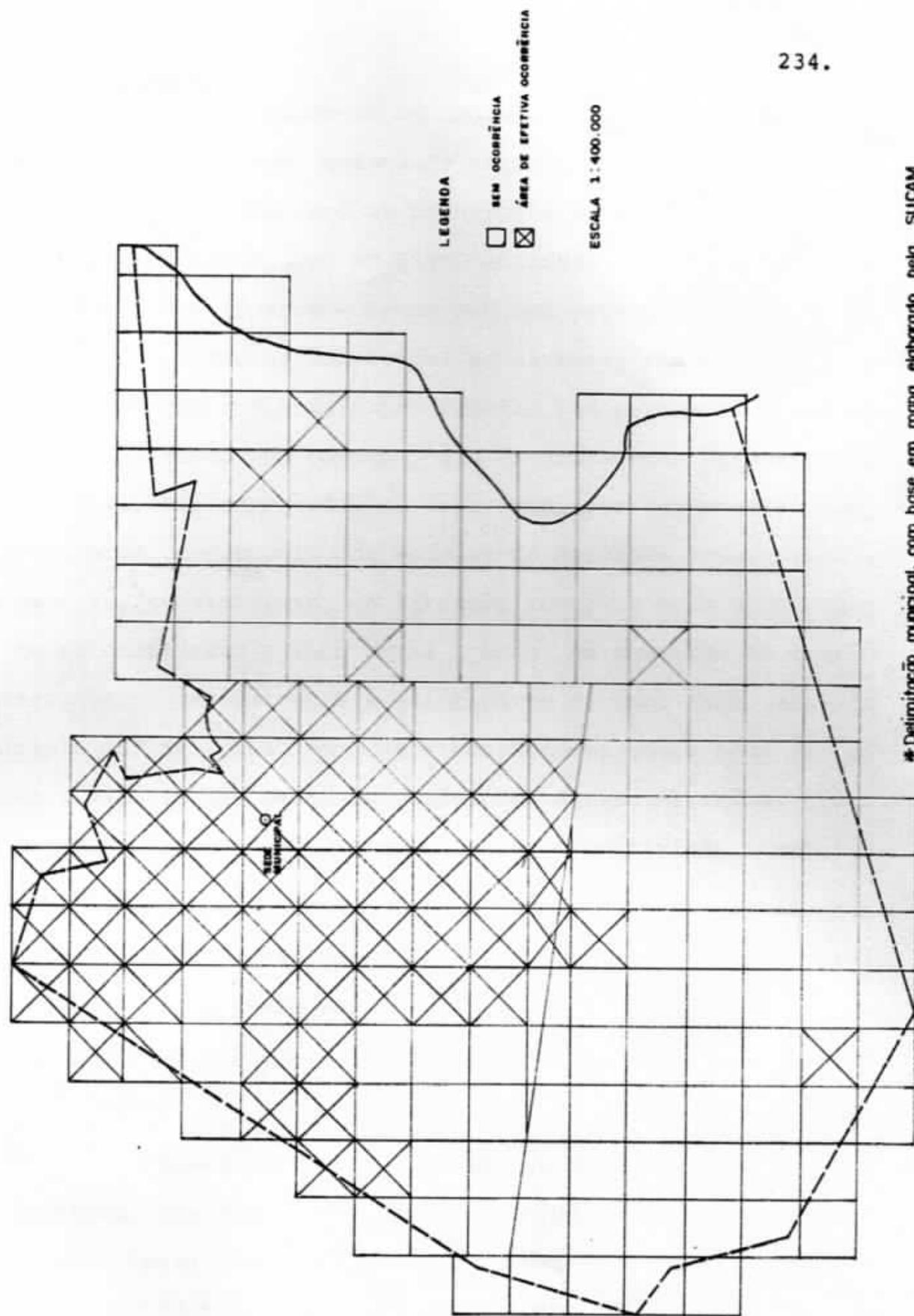
Suamãe ainda tece?

Não. mais agora era tã ajudano ũa rocã qui ela criō.

Ela sō num faz ē tecē, mais ajuda nos outo serviço. Aju_d da aprontã toda semana até sete rede. (comunicação pessoal)

A parte da zona rural onde realmente se concentra a atividade de confecção de redes (figura 18), coincide com a quase totalidade do que se denominou de Zona Rural I (figura 02) vez que na Zona Rural II há poucos focos da presença da atividade e, ainda assim, praticada, como já referido, por pesoas originárias da Zona Rural I.

FIGURA 18
IDENTIFICAÇÃO DAS ÁREAS DE EFETIVA OCORRÊNCIA DA ATIVIDADE DE CONFEÇÃO DE REDES.



Considerando-se os dados das fontes oficiais e os da pesquisa de campo, enfocando aspectos relativos às atividades econômicas tidas como as principais da área em que se insere o município, não são no plano estadual mas no contexto nordestino, Pedro II apresenta-se com uma economia baseada no setor primário, onde se sobressaem as lavouras temporárias e a criação, já que o extrativismo vegetal vem perdendo importância. Ficou evidenciado contudo, que as atividades agropastoris no município, são empreendidas, sobretudo, por pequenos e médios produtores, com resultados econômicos bastante comprometedores para sua subsistência. A situação torna-se mais aguda, ainda, se se considerar a Zona Rural I onde, em cerca de um quarto do território, se concentra a maior parte da população rural do município (67,5%), que, como já ficou demonstrado, é onde se encontra a maioria dos pequenos produtores agrícolas, além de, praticamente, não contar com produtos do extrativismo vegetal.

Na área urbana, as condições de sobrevivência são exíguas, devido às poucas oportunidades de trabalho que as atividades tradicionais desse meio ofereceu ali, observando-se mesmo que boa parte da sua população encontra-se, ainda, ligada às tarefas agrícolas.

Nesse contexto, é que surge a atividade de confecção de redes, que embora com baixíssima remuneração constitui-se, a nível local, uma das poucas alternativas, senão a única em certos períodos do ano, para muitos grupos familiares obterem alguma renda monetária, e assim poderem adquirir bens essenciais à sua sobrevivência.

Mas, para que a produção de um determinado bem

venha a se constituir num ramo de atividade econômica em um da do lugar, como é o caso de Pedro II, que para muitos no Piauí constitui-se em "sinônimo de rede", é necessária a conjugação de uma série de fatores, tais como: instrumentos de trabalho , matérias-primas, força de trabalho qualificada e mercado consumidor, além dos recursos financeiros para os investimentos, necessários à implantação da unidade produtiva e à aquisição dos insumos indispensáveis à elaboração do produto.

Pelo que se viu nos capítulos I, II e III, fica evidente que são mínimos os sites de recursos financeiros para iniciar e realizar a produção, tendo em vista as formas como se estrutura a atividade em tal fase, com a unidade de produção, confundindo-se com a própria moradia, utilizando instrumentos rudimentares, elaborados no local, e trabalho familiar, cuja aprendizagem não acarreta nenhum ônus, vez que é assimilada concomitadamente ao crescimento dos indivíduos.

As reduzidas dimensões das unidades produtoras de rede em Pedro II, poderiam dificultar o acesso às matérias-primas de que necessita o setor. Tal aspecto, porém, é resolvido pela estrutura de comercialização de insumos para rede, que ali se implantou desde o início do século, face a quantidade de unidades produtoras de rede no município. Da contribuição desde esse segmento, que compreende atualmente vários comerciantes de considerável peso para o comércio do município (Capítulo III) , pode-se destacar:

- a) possibilidade de os produtores de rede adquirirem a quantidade de fio e/ou linha que quiserem, ou puderem, vez que os comerciantes que

as revendem, não têm restrições quanto a esse aspecto, vendendo até mesmo 0,2 kg, se for o caso;

- b) possibilidade de aquisição do fio e/ou linha a prazo, já que há perspectiva de resgate da dívida na semana seguinte; as pequenas quantidades de matérias-primas envolvidas no negócio, assim como o curto prazo para pagamento, influem, positivamente, para a realização do mesmo;
- c) a forte ligação pessoal entre os vendedores de matérias-primas e os produtores de rede, o que não inibe estes últimos em solicitar a venda a prazo, caso sintam tal necessidade, e reforça a confiança por parte dos primeiros;
- d) um abastecimento regular de matérias-primas;
- e) a existência de vários comerciantes dedicados ao ramo. (13)

As reduzidas dimensões das unidades produtoras de rede em Pedro II, também poderiam influir negativamente quanto ao acesso do produto aos mercados consumidores. Mas pelo tempo que tal atividade já é praticada ali com o concurso de muitas unidades de produção garantindo, portanto uma oferta regular do produto, possibilitou a que pessoas se dedicassem à atividade de revendê-las, o que contribuiu para a conquista de mercados. Assim, pelo lado da comercialização do produto pode-se destacar os seguintes pontos, que, de certa forma vêm concorren

do, também, para a persistência da atividade ali:

- a) a longa tradição da boa qualidade das "redes de Pedro II";⁽¹⁴⁾
- b) a baixa remuneração a que estão sujeitas as tece-las torna-se um atrativo para os intermediários que, assim, têm possibilidade de vender as redes adquiridas em Pedro II, por um bom preço, até mesmo para outros intermediários;
- c) a longa tradição da atividade, criou no município, um certo "centro de produção", que atrai regularmente, compradores de outros centros, além de ter induzido a que pessoas residentes no município se dedicassem, total ou parcialmente ao comércio de redes.

Das observações precedentes, além do que consta nos itens 2 e 3 deste capítulo, ainda nos capítulos II e III, pode-se afirmar que a atividade de confecção artesanal de redes-de-dormir, constitui-se num dos ramos de atividade econômica do município de Pedro II, tendo, portanto, repercussões na sua organização sócio-econômica e espacial.

No plano de organização sócio-econômica, pode-se ressaltar que a atividade vem se constituindo em alternativa para a obtenção de renda adicional - em muitos casos, considerado como principal - a que recorrem mais da metade dos grupos familiares residentes na sede municipal e na porção rural onde efetivamente se faz presente (figura 18), com o fim de poderem ampliar seus níveis de consumo ou mesmo adquirir o mínimo necessário à sobrevivência, situação em que se encontra a maior parte

da população ali residente. Conforme SANTOS (1979), em atividades com padrão de organização como se verifica na confecção de redes em Pedro II,

[...] a acumulação de capital não constitui a primeira preocupação ou simplesmente não há essa preocupação. Trata-se, antes de tudo, de sobreviver e assegurar a vida cotidiana da família, bem como tomar parte, na medida do possível, de certas formas de consumo particulares à vida moderna. (p. 35)

Por outro lado, fez surgir um setor comercial de relativo peso para o município - os vendedores de fio e/ou linha - que vem se fortalecendo, tendo-se observado, inclusive, que um deles conta com estabelecimento comercial de redes, em Fortaleza - Ce, para onde leva "panos de rede" confeccionados em Pedro II para ali ser feito o acabamento, observando-se também, com relação aos demais, investimentos em outros setores, como a aquisição de propriedades rurais e/ou melhoramentos nas que já possuem, construção e/ou reforma de suas moradias, além da aquisição de veículos novos.

Ainda no plano da organização sócio-econômica do município, pode-se ressaltar que a atividade de confecção de redes em Pedro II, ao permitir a obtenção de uma renda adicional aos que a ela estão ligados, embora não os tire das precárias condições em que se encontram, funciona como uma esperança de que possam alcançar melhores dias. Contudo, conforme afirma HAGUETTE (1982), embora tratando da realidade urbana, atividades que se estruturam como ocorre no ramo de confecção de redes em Pedro II,

[...] tendem a fortalecer o capital e às redes do poder estabelecido, barateando a mão-de-obra e os serviços e aumentando a dependência desta população e o controle dos detentores de decisões na sociedade. Não há como ver estas famílias e esta população pobre em geral como marginais se por este turno se entende ser alheio à estrutura da sociedade. Se, por um lado, esta população, se encontra à margem dos benefícios do sistema, por outro, ela tem uma função essencial, embora ao mesmo tempo contraditória, na acumulação de capital que se processa na sociedade e que vem beneficiando as classes situadas no outro extremo da estrutura social. (p. 22)

Com efeito, de acordo com MARTINS e outros (1979), a sociedade piauiense, o que vale, também para a pedrossegundense, foi

[...] marcada por um grande distanciamento de dois blocos sociais distintos, por uma grande concentração de renda e por um ínfimo nível de vida para a maior parte da população. Tendo em vista a larga predominância do setor agrícola no Piauí, bem como o caráter da estrutura agrária onde prevaleceu um sistema fundiário amplamente baseado no latifúndio, o fulcro balizador das diferenciações sociais é fundamentalmente a condição de diversos setores sociais no acesso à posse da terra. Com efeito, em função da propriedade da terra, ficaram estabelecidos historicamente, no Piauí, dois blocos sociais nitidamente diferenciados: os grandes proprietários e a massa de trabalhadores direta ou indiretamente ligada

à produção agrícola. No decorrer do processo histórico, e, mais, incisivamente durante o século atual, com o surgimento/crescimento de novos setores da produção, a diferenciação social se tornou mais complexa. Porém essas alterações não foram suficientemente poderosas a ponto de descaracterizar a posse da terra como o maior diferenciador da organização social e, portanto, de diluir os dois blocos em questão. (p. 78)

Embora tenha sido revelado que a atividade de confecção de redes em Pedro II é exercida por pobres e ricos, na realidade estes últimos, representados pelas "senhoras ricas" funcionam como um dos elos de comercialização do produto, vez que, quando muito, fazem o acabamento das redes, subcontratando a confecção do pano, das varandas, dos punhos e das franjas. Assim, a atividade é fundada, sobretudo, naqueles que necessitam, a todo custo, aproveitar qualquer opção que se lhes apresente com possibilidade de obtenção de uma renda adicional que minimize as precárias condições que as demais atividades do município proporcionam à sua população.

Comparando-se as figuras 18, 11 e 16 vê-se que há coincidência entre as áreas de ocorrência da atividade de confecção de redes na zona rural e as de maior densidade populacional e de maior concentração de títulos de propriedade rural de diminutas dimensões, ocupavam uma área muito pequena e, portanto, convivendo com o latifúndio. Como nem sempre as pequenas propriedades têm área suficiente e/ou condições edáficas apropriadas para os cultivos que empreendem os pequenos e médios produtores, a saída é fazer parceria, se não em toda as áreas

cultivadas, pelos menos em parte, com os donos dos latifúndios, a quem, necessariamente também vai percorrer a imensa massa dos sem terra, recebendo, dessa maneira, não só parcela da produção obtida, como também se constituindo nos detentores do poder local, face as condições e os laços de dependência que daí decorrem.

Assim, a atividade de confecção artesanal de redes-de-dormir na zona rural de Pedro II "combina-se" com as atividades agrícolas da área, que nas condições existentes não proporcionam sequer as condições mínimas de subsistência, contribuindo, portanto, para minimizar a situação da população ali residente, não deixando, portanto, que a mesma venha a migrar em massa para outras áreas do Estado ou do País. A migração para a zona urbana do município não descaracteriza, totalmente, a situação anterior, vez que os laços de dependência para com os grandes proprietários continuam praticamente os mesmos, pois, as atividades agrícolas continuam tendo a mesma importância para a maioria dos grupos familiares que se mudaram para a sede municipal. Essa mudança, geralmente é para "colocar os filhos na escola" e não para procurar novo trabalho pois sabem das reduzidas possibilidades que esse meio oferece.

Nesse contexto, a atividade de confecção artesanal de redes-de-dormir em Pedro II ao "combinar-se" com a agricultura - fato constatado até mesmo na distribuição das moradias de grupos produtores em diversas localidades rurais, onde se observa sua localização "dentro" das áreas cultivadas anualmente, chegando as plantações a tocarem as paredes das casas - desempenha papel semelhante ao que MARTINS (1981) atribuiu às atividades de culturas de subsistência na implantação de fa

zendas de café no Estado de São Paulo no século passado. As diferenças estão apenas no "produto final". Enquanto naquele estado as culturas de subsistência permitiam ao colono trabalhar com baixos níveis de remuneração, implantando e "valorizando" as fazendas de café, cujo fim último era a produção desse produto por intermédio do qual se realizava a concentração do capital nas mãos dos fazendeiros, em Pedro II a atividade de confecção de redes, ao "combinar-se" com as atividades agropastoris, concorre não só para a reprodução de uma sociedade baseada na concentração da terra, e até mesmo de sua acentuação (nota 02 da parte 04 deste capítulo), como também para a valorização dessas terras. Além disso, a partir daí, os grandes proprietários saem fortalecidos econômica e politicamente, consubstanciando-se isso, na terra - como reserva de valor e fonte de rendas, - e nos homens, seus moradores ou quem mais precise utilizar essas terras - como reserva de eleitores, fundamentos maiores da propriedade territorial rural na sociedade piauiense.

Ao concorrer para a produção e reprodução da estrutura sócio-econômica do município, a atividade de confecção de redes em Pedro II, contribui para "inscrever no espaço" a realidade social ali vigente, ou seja, organizar o espaço conforme as condições de produção e da estrutura de classes sociais locais, fato que por sua vez vai criar, como que num círculo vicioso, as condições que induzirão os que pouco ou nada possuem, sobretudo os pequenos e médios produtores rurais, a procurarem uma outra atividade que ofereça a possibilidade de obter alguma fonte adicional de renda, com o fim de poderem adquirir bens para satisfação de suas necessidades. A confecção de redes, da

da a estrutura de produção e comercialização, das matérias-primas e do produto final, já existente ali, surge, pois, como alternativa viável para exercer aquele papel.

NOTAS

- (1) Com estoque de redes, predominantemente, oriundas de fábricas do Ceará e Paraíba, o que ocorre em outros depósitos de redes em Teresina, cuja origem dos proprietários é a mesma do entrevistado.
- (2) Conforme os dados da SUCAM, para 1980 (nas fichas de localidades) conseguiu-se apurar a seguinte distribuição da população:
- | | | |
|---------------|------------|---------|
| Zona Urbana | 9.329 hab | (24,9%) |
| Zona Rural I | 19.027 hab | (50,7%) |
| Zona Rural II | 9.174 hab | (24,4%) |
- (3) Para o caso de Pedro II, ver também o que consta na Tabela 2.
- (4) No Censo Demográfico de 1980, a FIBGE considera como população economicamente ativa os indivíduos com 10 anos e mais que, "durante todos os 12 meses anteriores à data do Censo (01.09.79 a 31.08.80) ou parte deles, exerceram trabalho remunerado, em dinheiro e/ou produtos ou mercadorias, inclusive licenciados, com remuneração, por doenças, com bolsas de estudo, etc., e as sem remuneração que trabalharam habitualmente 15 horas ou mais por semana numa atividade econômica, ajudando à pessoas com quem residiam ou a instituição de caridade, beneficente ou de cooperativismo ou, ainda, como aprendizes, estagiários, etc. Também foram consideradas nesta condição as pessoas de 10 anos ou mais que nos últimos dois meses anteriores à data do Censo houvessem tomado alguma providência para encontrar traba

lho.

- (5) FUNDAÇÃO IBGE, Censo Democrático, mão de obra; 1980.
- (6) O Censo revela, ainda, que entre os demais municípios inclusive a Capital, os que apresentam maior número de mulheres em indústrias (todos os tipos), são os que possuem os maiores centros urbanos do Estado, com exceção de Luís Corrêa. São eles: Teresina, com 2.022 (.1527 na indústria de transformação); Parnaíba, com 313; Campo Maior, com 317; Luís Corrêa, com 292; Picos, com 273; e Floriano, com 141.
- (7) Em MELO (1978:105), Pedro II é incluído na "Área do Sistema Agropastoril Extrativista", o que deve ser creditado ao critério adotado pelo referido autor, cuja unidade de oboservação é a Micro-Região Homogênea. Pedro II pertence à MRH de Campo Maior, que inclui vários municípios onde o extrativismo vegetal tem relativa importância, como é o caso de Campo Maior, Capitão de Campos, Barras, Batalha, Piripiri, etc.
- (8) Como exemplo dessa situação, pode-se citar os seguintes casos:
- a) proprietário X possui um total de 6.357 ha, distribuídos em imóveis com as seguintes áreas (em ha): 3; 9; 14; 20; 32; 33; 92; 100; 119; 151; 164; 440; 459; 600; 750; 1.551 e 2.000.
- b) proprietário Y possui um total de 8.621 ha, distribuídos em imóveis com as seguintes áreas (em ha): 30; 36; 75; 132; 140; 157; 181; 184; 195; 569; 586; 788; e 4.753.

- c) Proprietário 2 possui um total de 13.376 ha, distribuídos em imóveis com as seguintes áreas (em ha): 11: 15; 24; 25; 27; 28; 40; 44; 57; 62; 128; 140; 188; 208; 247; 322; 334; 440; 509; 525; 530; 560; 784; 1.000; 1.390 ; 1.743; 1.812 e 2.126.
- (9) FUNDAÇÃO IBGE, Censo Industrial - Piauí, 1980.
- (10) FUNDAÇÃO IBGE, Censo Comercial - Piauí, 1980.
- (11) FUNDAÇÃO IBGE, Censo dos Serviços - Piauí, 1980.
- (12) Em 1984 a Secretaria de Cultura Desportos e Turismo do Estado do Piauí, iniciou a construção de um hotel que ofereça boas condições de acomodação aos visitantes de Pedro II.
- (13) Constatou-se, inclusive, que no caso da linha os comerciantes ali estabelecidos, dado o volume que adquirem, revendem por preços mais acessórios que em outras cidades vizinhas, atacadista, assim, compradores.
- (14) Embora alguns achem que as redes confeccionadas em Pedro II estejam saindo de qualidade, sobretudo as de tipo popular (três panos e caroã, de fio), muitos a consideram, ainda mais resistente que as "redes de fábrica". Um viajante de redes informava em julho/82, que em Santa Inês (Ma), enquanto vendiam "rede de fábrica" (de São Bento - Pb) por Cr\$ 1.000, ele conseguia Cr\$ 2.500, por uma feita em Pedro II, sendo ambas de tipo popular. Como informa ROCHA (1979) até mesmo onde já se alcançou relativo grau de mecanização das atividades, como em São Bento (Pb), encontra-se ainda teares de fazer rede "três panos" devido ao aspecto de maior durabilidade que alcançam as redes confeccionadas em tais teares.

C O N C L U S Õ E S

Ao longo do trabalho procurou-se mostrar como a atividade de confecção de redes-de-dormir em Pedro II, vem se reproduzindo desde o século passado, em face das formas como se estrutura, e suas relações com as demais atividades econômicas do município.

Contudo, por tratar-se da produção de um bem essencial para a maior parte da população das Regiões Norte e Nordeste, e por ser considerada também como objeto de luxo e/ou de decoração em todo o País, as explicações para a existência e persistência dessa atividade não se reduzem apenas ao que se observa no município, vez que este está inserido em um contexto muito mais amplo relacionado com a evolução econômica e social da sociedade brasileira, especialmente a nordestina. Com efeito, ali criaram as condições culturais e materiais, sobretudo estas últimas, para o largo consumo da rede-de-dormir, como um bem essencial.

Dado o tipo de economia implantado quando da conquista do sertão nordestino, caracterizado pela autosubsistência e, seu posterior desdobramento, condicionando uma débil economia no interior, a forte concentração da propriedade e, portanto, da renda, inibia a expansão do mercado interno condicio

nando a existência de fracas relações comerciais internas. Nesse contexto, a rede-de-dormir, assim como outros bens de uso doméstico, passou durante muito tempo a ser "feita em casa", ou seja, quase não era comercializado pois quem não possuía tear, fiava o algodão e pagava para tecer o pano, fazendo em seguida o acabamento.

Ocorre que, com o crescimento populacional e o surgimento de outras atividades, como é o caso do extrativismo vegetal para exportação, que em algumas áreas gerou certa euforia econômica, do final do século passado a meados do atual, cabendo colocar aí o caso da porção centro-norte do Piauí - onde se insere Pedro II -, a rede passa a ser, paulatinamente, um produto cuja produção se concentra em alguns pontos, configurando-se, assim, uma certa divisão regional do trabalho.

O município de Pedro II, que no século passado se destacava na produção de fumo, rapadura e aguardente de cana, começa, também, a produzir redes com fins comerciais. Passam a ser comercializadas por vendedores de outros produtos, cuja área de atuação compreendia parte do Ceará, centro-norte do Piauí e norte do Maranhão. Observa-se, porém, que esta fase em que a rede confeccionada em Pedro II começa a ganhar mercado, junto aos consumidores de vastas extensões do Piauí e seus estados vizinhos, sobretudo na zona rural, coincide com a chegada do fio industrializado, originário de Sobral, no Ceará, além de possibilitar mais rápida confecção de redes, implicando em menores custos, concorreu para o abandono da prática secular de "fazer a rede em casa que passaram a ser compradas através dos cambociros de Pedro II".

Todavia, face aos desdobramentos que a atividade de confecção de redes tem experimentado ao longo do atual século, sobretudo nas últimas décadas, não só em Pedro II mas também em outros centros produtores do Nordeste, tornam-se pertinentes algumas questões, que foram investigadas na presente pesquisa, tais como:

- a) a produção artesanal de redes em Pedro II, se insere na problemática geral da situação nordestina?
- b) por que a crise econômica e a concorrência de outros centros produtores ainda não eliminaram a produção de redes em Pedro II?
- c) qual a relação da atividade de confecção de redes em Pedro II com o processo de organização do espaço na Região?

As conclusões a que se chegou foram interessantes.

Com relação à primeira questão, tem-se a considerar as precárias condições de vida de vasta camada da população nordestina, cuja situação financeira e, conseqüentemente, de habitação, têm na rede sua alternativa como leito de dormida. Por outro lado, essas mesmas condições induzem expressiva parcela da população a procurar fontes de renda alternativa, com que possa melhorar suas precárias condições de vida, face à baixa produtividade e/ou remuneração das atividades econômicas que exercem, caracterizadas como principais. Nesse contexto é que se verifica por todo o Nordeste a prática de atividades classificadas como artesanais, tidas, não raro, como "atividade complementar de renda", que, na verdade, configuram-se "como renda su

plementar" ou "renda adicional" como se adotou para o presente trabalho, vez que são insuficientes para cobrir as carências dos que praticam tais atividades. É de se ressaltar, todavia, que considerável parcela dessas atividades compreende a confecção de bens utilitários, não só como utensílios para o lar mas também como instrumentos de trabalho para atividades econômicas, face o nível em que se encontram as forças produtivas de vastas porções do território da Região, sobretudo em áreas rurais mais isoladas. Como se pode depreender, são atividades que concorrem para manter baixo o custo de reprodução da força de trabalho regional, o que em última análise vai beneficiar centros mais dinâmicos da economia regional ou nacional, não só pela utilização de algumas matérias-primas provenientes de tais áreas, como no caso da rede em Pedro II, mas também por fornecer força de trabalho, cumprindo, assim, seu papel na lógica de acumulação do capital em curso no País, que compreende diferentes formas de reprodução para atingir tal fim, como bem colocam OLIVEIRA (1977), e PRANDI (1978). A atividade de confecção de redes em Pedro II representa, pois, na sua plenitude, mais que em outras áreas do Nordeste, essa contradição do modelo de desenvolvimento capitalista implantado no Brasil, sobretudo a partir do pós-guerra, quando o Centro-Sul passa a se constituir no catalizador da riqueza gerada nos diferentes pontos do País, sobressaindo-se aí o caso do Nordeste que fica praticamente reproduzindo, a baixo custo, parte da força de trabalho a ser utilizada pelo capital nos pontos onde se faz necessária sua presença. Assim, somente a extrema pobreza de uma parte da população, que tal processo de acumulação produz, como é o caso de expressiva parcela dos residentes no município de Pe

dro II, pode explicar como uma atividade que requer, nas condições em que se estrutura ali, considerável volume de força de trabalho e de força física mesmo por parte das tecelões, pode explicar o empenho em produzir algo, mesmo que seja uma rede por semana. Com isso, poderá comprar o querosene para iluminar sua casa, ou mesmo o sal para temperar a escassa alimentação de que dispõe, ou ainda alguns produtos alimentícios para uma criança de poucos meses de vida. Somente com tal perspectiva, por parte da maioria dos grupos familiares produtores de rede, é que se pode encontrar explicações para a existência dessa atividade.

Quanto à segunda questão, ou seja, do que se refere à não interrupção da atividade de confecção de redes em Pedro II em meio à crise econômica por que vem atravessando o País, além da concorrência de outros centros produtores de rede no Nordeste, que conseguem inclusive, produzir redes populares a baixo custo, tem-se algumas indicações no trabalho que podem servir de pistas para respostas a tal indagação.

Em primeiro lugar, convém ressaltar que, contrariamente, as crises ampliam as possibilidades de adoção do uso da rede. O aumento do desemprego estimula a procura de alguma atividade que possibilite a sobrevivência. Portanto, tem-se na crise um fator de impulso à atividade em Pedro II, tanto pelo lado da oferta de força de trabalho, como pelo aumento da procura do produto ali confeccionado, face ao seu menor preço relativo e à durabilidade que caracteriza a "rede de Pedro II". A concorrência de outros centros tem sido compensada pela qualidade em termos de durabilidade; pelo sistema de comercializa-

ção que, combina diversas formas, contando, inclusive, com ven
dedores que viajam em animais por zonas rurais de difícil aces
so; pela diversificação da produção com a adoção do uso da li
nha e do brim, para a confecção de redes de luxo, segmento que
está em ascensão, desde 1978. Este último dado, referente às
redes de luxo, é interessante na medida em que revela, também,
facetas do modelo de desenvolvimento brasileiro, relativo à con
centração da renda, pois a rede vem se constituindo, em objeto
de decoração, sobretudo para as camadas mais abastadas, benefi
ciadas que foram com o processo de acumulação vigente. Com is
so, o setor em Pedro II é estimulado pelos diferentes segmentos
de consumo do produto.

Em relação ao terceiro ponto, ou seja, como a ati
vidade de confecção de rede em Pedro II concorre para o proces
so de organização espacial na Região, pode-se afirmar que, ao
produzir a baixo custo um bem essencial à maior parte da popula
ção, sobretudo das áreas que se constituem seus mercados privi
legiados, contribui para um baixo custo de reprodução da popula
ção ali residente. Neste sentido, a rede de Pedro II, princi
palmente a de tipo popular constitui em um dos elementos que
contribuíram e vêm contribuindo para a manutenção e mesmo acen
tuação, da estrutura econômico-social e conseqüentemente espaci
al vigente, cuja principal característica é a concentração da
renda e da terra.

Por outro lado, o exercício dessa atividade, ao
permitir a obtenção de uma renda adicional, funciona como um
amortecedor de emigrações no município, fato que, sem o concur
so de tal atividade, seria intenso, repercutindo pois, na orga

nização espacial do mesmo, sobretudo no meio rural, onde está presente nas áreas mais habitadas, concorrendo para intensificação do sistema minifúndio-latifúndio.

O tema está a merecer estudos de maior profundidade, especialmente por pesquisadores de outras áreas do conhecimento.

A N E X O S

LEVANTAMENTO DOMICILIAR NO MUNICÍPIO DE PEDRO II (PI) PARA FORNECER ELEMENTOS À ELABORAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA A SER DESENVOLVIDA POR JOSÉ LUIS LOPES ARAÚJO, PROFESSOR DA FUFPI, MESTRANDO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, COM ORIENTAÇÃO DA DRA. TÂNIA BACELAR DE ARAÚJO.

CARTÃO 01

QUESTIONÁRIO Nº

LOCALIDADE: _____ DATA: _____

1. Situação do domicílio:

1. () zona urbana
2. () zona rural I
3. () zona rural II

2. Tempo de formação do grupo familiar:

1. () menos de 2 anos
2. () 2 a 5 "
3. () 6 a 10 "
4. () 11 a 20 "
5. () 21 a 30 "
6. () 31 a 50 "
7. () 51 e mais "

3. Estado conjugal do(s) responsável(is) pelo grupo familiar:

1. () casado(a)
2. () viúvo(a)
3. () separado(a)
4. () solteiro(a)
5. () outros

| |
|---|
| <p>Sem efeito, por constar na ficha de caracteres demográficas e econômicas de cada pessoa.</p> |
|---|

4. Em caso de um dos cônjuges não ser originário de Pedro II, tempo de residência:
1. menos de 3 anos
 2. 3 a 5 "
 3. 6 a 10 "
 4. 11 e mais "
5. Em caso de o grupo residir na zona urbana, mas antes residia na zona rural de Pedro II, tempo que já decorreu da mudança:
1. menos de 2 anos
 2. 2 a 5 "
 3. 6 a 10 "
 4. 11 e mais "
6. No grupo familiar já morreu alguma criança com até um ano de vida?
1. Não
 2. Sim, apenas um
 3. Sim, duas ou três
 4. Sim, quatro e mais
7. Número de membros do grupo familiar:
1. menos de 05
 2. 05 a 08
 3. 09 e mais
- Mesmo caso da questão "3"
8. Número de cômodos e área da residência:
1. até 3 com menos de 25m²
 2. até 3 com 25 a 35m²
 3. até 3 com 35 e mais m²
 4. 4 e mais com menos de 35m²
 5. 4 e mais com 35 a menos de 50m²

6. () 4 e mais com 50 e mais m²

9. A cobertura da casa é de.

1. () telha
2. () palha
3. () outros

10. As paredes da casa, são de:

1. () alvenaria
2. () adobe
3. () taipa
4. () palha
5. () outros

11. A casa tem o piso de:

1. () cerâmica
2. () mosaico
3. () cimento
4. () tijolo
5. () chão batido
6. () outros

11. Condição legal da casa:

1. () própria quitada
2. () " financiada
3. () alugada
4. () cedida
5. () outros

13. Na casa há fossa?

1. () Sim
2. () Não

14. A água para o consumo doméstico é obtida em:

1. () poço tubular
2. () " cacimbão
3. () cacimba
4. () lagoa
5. () açude
6. () chafariz
7. () encanamento da Agespisa
8. () outros

15. Os responsáveis pelo grupo possuem algum outro bem imóvel ,
além da casa onde residam? (se for o caso)

1. () terreno na zona rural com menos de 2 ha
2. () idem, idem com 2 a 5 ha
3. () idem, idem com 6 a 10 ha
4. () idem, idem com 11 a 20 ha
5. () idem, idem com 21 a 50 ha
6. () idem, idem com 51 a 100 ha
7. () idem, idem com 101 a 200 ha
8. () idem, idem com 201 e mais ha
9. () terreno na zona urbana de Pedro II
10. () casa, idem, idem
11. () casa, na zona rural de Pedro II
12. () outros

17. O grupo possui carro?

- () Sim
() Não

18. O grupo possui bicicleta?

1. () Sim, apenas uma

2. () Sim, mais de uma
 3. () Não
19. No grupo há relógio de pulso?
1. () Sim, apenas um
 2. () Sim, mais de um
 3. () Não
20. O grupo possui rádio?
1. () Sim, apenas um
 2. () Sim, mais de um
 3. () Não
21. O grupo possui aparelho de TV?
1. () Sim
 2. () Não
22. Na casa há conjunto de cadeiras para sala e/ou mesa?
1. () Sim
 2. () Não
23. Na casa há fogão a gás?
1. () Sim, mas é pouco utilizado
 2. () Sim e é utilizado para a maioria das necessidades afins
 3. () Não
24. Normalmente, o grupo consome carne:
1. () todos os dias da semana
 2. () de 4 a 6 dias/semana
 3. () de 2 a 3 dias/semana
 4. () apenas um dia/semana
 5. () passa, às vezes, mais de uma semana sem comer carne
25. A maior frequência da carne consumida, é de origem:

1. () bovina
 2. () pequenos animais
 3. () aves
26. Com relação a consumo de leite "in natura" e/ou em pó, no grupo:
1. () é produto consumido diariamente por todos no grupo
 2. () destina-se a todas as crianças com até 8 anos
 3. () idem, idem até 5 anos
 4. () idem, idem até 3 "
 5. () idem, idem até 2 "
 6. () idem, idem até 1 ano
 7. () só é consumido por criança recém-nascida
27. Em caso de residir na zona urbana, a residência é ligada à rede de energia?
1. () Sim
 2. () Não
28. Seguros e/ou contribuições sociais do(s) chefe(s) de família:
1. () paga IAPAS (FUNRURAL)
 2. () " IAPAS (empregado ou outros casos)
 3. () " IAPEP
 4. () recebe pensão INPS (FUNRURAL)
 5. () idem do INPS (por invalidez ou por idade)
 6. () idem do IAPEP
 7. () nenhum caso
29. O grupo obtém alguma renda com outros produtos de origem vegetal (além de lavouras, se for o caso), como:
1. () babacu?
 2. () tucum?

3. () carnaúba?
 4. () cana?
 5. () frutas?
 6. () outros?

30. Em caso afirmativo em um ou mais dos itens da questão anterior, a renda auferida assume grande importância para a sobrevivência do grupo?

1. () Sim
 2. () Não

31. Rebanhos de posse do grupo (número de cabeças de cada tipo):

- 31.1. bovinos _____
 31.2. caprinos _____
 31.3. ovinos _____
 31.4. suínos _____
 31.5. aves _____

| CÓDIGO P/RESPOSTAS | |
|--------------------|-----|
| nenhuma | = 1 |
| 1 a 3 | = 2 |
| 4 a 6 | = 3 |
| 7 a 15 | = 4 |
| 16 e mais | = 5 |

32. Se explora lavouras, todo ano queima uma parcela para fazer uma roça?

1. () Sim
 2. () Não

33. Em lavouras, quando utiliza serviços de terceiros, a forma mais comum de pagamento, é através de:

1. () diárias
 2. () troca de serviços
 3. () outros

34. Quando vende produtos oriundos de lavoura (própria), a maior parte destes é adquirida por:

1. () consumidores na feira de Pedro II
 2. () idem, na localidade onde reside

3. () intermediários residentes na zona rural
 4. () idem, idem na zona urbana
 5. () consumidores e/ou intermediários em geral, conforme a ocasião
35. Em caso de ter explorado lavouras na safra 1980/81, que produto(s) dos citados abaixo, cultivou, mas que atualmente, o (s) está consumindo por aquisição através de compra?
1. () Feijão
 2. () Arroz
 3. () Farinha
 4. () Milho em grãos
 5. () Nenhum
36. Tem recorrido, regularmente, a financiamento bancário para custeio agrícola?
1. () Sim
 2. () Não
37. Cria animais para terceiros?
1. () Sim
 2. () Não
38. Com relação à participação das mulheres em atividades de lavoura:
1. () participam nas épocas de plantio e de colheita
 2. () participam somente em época de plantio
 3. () participam somente em época de colheita
 4. () participam em outras tarefas que não o plantio e a colheita
 5. () além de participarem de outras tarefas participam do plantio e/ou colheita

6. () não têm participação nos serviços de lavoura
39. Local de compra dos insumos para a confecção de redes:
1. () na sede do município de Pedro II
 2. () em estabelecimentos da zona rural
 3. () em outro município do Piauí
 4. () outros
40. Forma, mais comum, de pagamento dos insumos para redes:
1. () à vista
 2. () à vista e a prazo
 3. () paga com redes
41. Já recorreu a financiamento bancário para comprar insumos para a confecção de redes?
1. () Sim
 2. () Não
42. Se já recorreu a financiamento bancário para a tecelagem, continua com tal procedimento?
1. () Sim
 2. () Não
43. O principal caso como adquire os insumos para a confecção de redes é em:
1. () um mesmo comerciante, que, também compra a produção de redes
 2. () idem, que nem sempre compra a produção de redes
 3. () idem, que não compra a produção de redes
 4. () a mais de um comerciante, sendo que algum deles compra a produção de redes
 5. () a mais de um comerciante, sendo que nenhum deles compra a produção de redes

6. () à Cooperativa

44. Para a confecção de redes de fio de algodão, a quantidade de tal produto que adquire, regularmente, por semana, é de:

1. () até 5 kg

2. () 6 a 10 kg

3. () 11 a 20 kg

4. () 21 a 30 kg

5. () 31 e mais kg

45. Para a confecção de redes de linha, a quantidade de tal produto que adquire, normalmente, por mês, é de:

1. () até 5 kg

2. () 6 a 10 kg

3. () 11 a 15 kg

4. () 16 e mais kg

46. No decorrer do ano, há período em que a produção chega a cair?

1. () Sim

2. () Não

47. Em caso afirmativo na questão anterior, a diminuição é:

1. () grande (mais de 50%)

2. () média (entre 30 e 50%)

3. () pequena (menos de 30%)

48. Há pessoas de fora contratadas para serviços de confecção de redes?

1. () Sim

2. () Não

49. Em caso afirmativo, na questão anterior, o número de pessoas contratadas é de:

1. () até 2
 2. () 3 e mais
50. Ainda se for afirmativa a questão 48, as pessoas contratadas desempenham tarefas ligadas a:
1. () preparação dos insumos para tecer o pano
 2. () tecer no tear
 3. () acabamento
 4. () mais de uma das tarefas citadas
51. Ainda se for afirmativa a questão 48, a forma mais comum de pagamento das pessoas contratadas é através de:
1. () diárias
 2. () por produção
 3. () troca de serviços
 4. () outros
52. Quando uma tecelã do grupo familiar está em estado de gravidez, se for o caso, a mesma desempenha a tarefa de tecer o pano, normalmente, até (o):
1. () antes do 6º mês
 2. () 6º mês
 3. () 7º mês
 4. () 8º mês
 5. () 9º mês
53. Após o parto, se for o caso, a tecelã retorna à tarefa de tecer no tear:
1. () com menos de 30 dias
 2. () de 30 a 45 dias
 3. () com 45 dias e mais

54. Ainda em caso de parto, se for o caso, a tecelã retorna a outras tarefas da tecelagem, ligadas ao preparo dos insumos e/ou acabamento da rede:
1. () com menos de 30 dias
 2. () com 30 a 45 dias
 3. () com 45 dias e mais
55. Dentre as despesas familiares que são pagas com rendimentos obtidos na tecelagem de redes, destacam-se:
1. () roupas e calçados para mulheres acima de 12 anos
 2. () idem, idem para homens acima de 12 anos
 3. () idem, idem para crianças
 4. () açúcar, café, sabão, querozene e/ou conta de energia
56. Há algum membro do grupo familiar que executa tarefas de confecção de redes para outro grupo familiar?
1. () Sim
 2. () Não
57. Além da produção do grupo, compra redes de outros para revenda?
1. () Sim, algumas vezes
 2. () Sim, normalmente
 3. () Não
58. As duas principais formas como vende a produção de redes:
1. () diretamente ao consumidor, sem sair de casa
 2. () idem, idem, fora de casa, mas no Piauí
 3. () idem, idem, idem, em outra U.F.
 4. () a intermediários, por encomenda, para apenas um
 5. () idem, idem, para mais de um
 6. () a intermediários, sem sair de casa, para qualquer um

7. () idem, na feira de Pedro II
8. () a um mesmo comerciante de Pedro II (zona rural ou urbana) o qual vende insumos para redes
9. () a um mesmo comerciante de Pedro II (zona rural ou urbana) o qual não vende insumos para redes
10. () a mais de um comerciante de Pedro II (zona rural ou urbana) sendo que algum deles vende insumos para redes
11. () idem, idem, sendo que nenhum deles vende insumos para redes
12. () sai de Pedro II para ir vender a intermediários, no Piauí
13. () idem, idem, fora do Piauí
14. () através de Cooperativa
59. Algum dos atuais membros do grupo familiar, já saiu pelo menos uma vez para procurar trabalho em outras áreas?
1. () Sim, no Piauí
2. () Sim, em outra U.F.
3. () Não
60. Para a manutenção geral do grupo familiar, a renda auferida com a atividade de tecelagem de redes:
1. () é de grande importância
2. () divide tal importância com outra fonte de renda
3. () é de pequena importância
61. No ramo de produção de artigos para venda, o grupo:
1. () tece redes-de-dormir
2. () dedica-se a confeccionar outros produtos de fio e/ou linha de algodão não ligados à rede
3. () alterna as atividades, ora fazendo rede, ora outros

produtos

4. () confecciona artefatos com fibras e/ou outros materiais de origem extrativa vegetal
5. () conjuga os casos 1 e 4
6. () conjuga os casos 2 e 4
7. () produz outros artefatos não referidos nos itens anteriores
8. () não confecciona nada para venda, mas confecciona algum dos produtos citados para autoconsumo
9. () não confecciona nem para venda nem para autoconsumo

CONTINUA COM QUADROS QUE PROCURAM IDENTIFICAR:

- CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS E ECONÓMICAS DE CADA MEMBRO DO GRUPO FAMILIAR
- CARACTERÍSTICAS DE EX-MEMBROS DO GRUPO FAMILIAR
- DEMONSTRAÇÃO FINANCEIRA E DE PRODUÇÃO MENSAL DA TECELAGEM E/OU OUTROS ARTEFATOS
- DEMONSTRAÇÃO DAS ATIVIDADES DE LAVOURA NAS SAFRAS 1980/1981 e 1981/1982

CÓDIGOS PARA O CARTÃO "2"

PARA O QUADRO SOBRE AS CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS
E ECONÔMICAS DE CADA MEMBRO DO GRUPO FAMILIAR

I) PARA IDADE: lançar total anos

II) PARA O SEXO:

1. masculino
2. feminino

III) PARA O GRAU DE PARENTESCO:

1. chefe [espos(a) ou solteiro que constituiu o grupo]
2. filho(a)
3. irmão(ã)
4. genro/nora
5. sogro(a)
6. neto(a)
7. outros graus
8. outros não parentes

IV) PARA A ORIGEM:

1. Pedro II
2. outro município do Piauí
3. Ceará, mas já residia no Piauí
4. Ceará, vindo direto para Pedro II
5. outra U.F. (exceto o CE), mas já residia no Piauí
6. outra U.F., vindo direto para Pedro II

V) PARA O ESTADO CONJUGAL:

1. casado(a)
2. viúvo (a)

3. separado(a)
4. solteiro(a)
5. outros

VI) NÍVEL DE ESCOLARIDADE:

1. analfabeto (considerados, também, aqueles que só sabem assinar o próprio nome)
2. alfabetizado (considerados aqueles que sabem ler e escrever, mas sem nenhum grau, como nos itens seguintes)
3. 1º Grau incompleto
4. 1º Grau completo
5. 2º Grau incompleto
6. 2º Grau completo
7. outros

VII) PARA SE CONTINUA ESTUDANDO:

1. sim, na zona rural de Pedro II
2. sim, na zona urbana de Pedro II
3. sim, em Piripiri
4. sim, em Teresina
5. sim, outro local não citado
6. não

VIII) PARA A(S) ATIVIDADE(S) ECONÔMICA(S): PRINCIPAL/SECUNDÁRIA:

1. agricultura
2. tecelagem de redes-de-dormir
3. confecção de outros artefatos de fio e/ou linha de algodão
4. confecção de artefatos com fibras e/ou materiais de origem extrativa vegetal

5. comércio intermitente com produtos locais (pequenos ani mais e gêneros alimentícios)
6. comércio intermitente com redes-de-dormir
7. comércio de mercadorias
8. biscateiro
9. comerciário(a)
10. funcionário(a) público federal
11. idem, estadual
12. idem, municipal
13. outros

IX) PARA OS ANOS DEDICADOS À ATIVIDADE PRINCIPAL/SECUNDÁRIA:

Quando o entrevistado indicar que durante "toda a vida" tem atuado na atividade considerada, investigar desde quando começou a desempenhar alguma tarefa ligada ao processo da produção, para descontar da idade atual os anos que não tinha condições para tal. Feito isto, lançar o número de anos.

X) PARA AS HORAS DE TRABALHO/SEMANA:

1. menor de 10
2. 10 a menos de 20
3. 20 a menos de 30
4. 30 a menos de 40
5. 40 e mais

XI) PARA A RENDA MENSAL: lançar valor (sem centavos)

XII) PARA TAREFAS DESEMPENHADAS NA TECELAGEM DE REDES:

1. em todas as fases do processo de confecção
2. somente na primeira fase (compreende a preparação dos insumos e montagem no tear)

3. na primeira e segunda fases (a segunda fase compreende a tarefa de tecer no tear)
4. na segunda e terceira fases (a terceira fase compreende as tarefas de acabamento: confecção e montagem dos acessórios - mamucaba, grades, punhos, etc.)
5. somente na segunda fase
6. somente na terceira fase
7. na primeira e terceira fases
8. além de auxiliar no processo de confecção, ainda ocupa-se no transporte dos insumos e/ou do produto final para o local de confecção e/ou venda
9. somente no transporte dos insumos e/ou do produto final para o local de confecção e/ou venda

XIII) SOBRE O CASO DE TRABALHO NO PROGRAMA DE EMERGÊNCIA DA SECA:

1. se trabalhou nos períodos 1979/1980; 1980/1981 e 1981/1982
2. idem, idem, 1980/1981 e 1981/1982
3. idem, 1981/1982
4. idem, nos dois primeiros períodos (79/80 e 80/81)
5. idem, só em 70/80
6. não trabalhou

XIV) PARA O ESTADO DE INVALIDEZ:

1. sim
2. não

XV) PARA O CASO DE PENSÃO:

1. sim, do INPS (FUNRURAL)
2. sim, do INPS (por invalidez ou por idade)
3. Sim, do IAPEP
4. Não

CÓDIGOS PARA O CARTÃO "3"

PARA O QUADRO DA CARACTERIZAÇÃO DE EX-MEMBROS
DO GRUPO FAMILIAR

I) PARA O SEXO:

1. masculino
2. feminino

II) PARA A IDADE: lançar total anos, no momento da saída

III) MOTIVO DA SAÍDA:

1. casamento, mas para residir em Pedro II (zona rural ou urbana)
2. casamento, para residir em qualquer outro lugar
3. somente para trabalhar
4. estudar por conta própria
5. morte (quando com mais de um ano)
6. outros

IV) DESTINO:

| | | | | |
|--------|--------|--------|--------|--------|
| 01. AM | 07. MA | 13. AL | 19. SP | 25. GO |
| 02. AC | 08. PI | 14. SE | 20. PR | 26. DF |
| 03. PA | 09. CE | 15. BA | 21. SC | |
| 04. RO | 10. RN | 16. MG | 22. RS | |
| 05. RR | 11. PB | 17. ES | 23. MT | |
| 06. AP | 12. PE | 18. RJ | 24. MS | |

CÓDIGOS PARA O CARTÃO "4"

PARA A DEMONSTRAÇÃO FINANCEIRA E PRODUÇÃO MENSAL
DA ATIVIDADE DE TECELAGEM E/OU CONFECCÃO DE OU
TROS ARTEFATOS

I) PARA O TIPO DE PRODUTO:

1. rede "3 panos"
2. rede "caroã"
3. rede "tapuerana"
4. rede "de linha"
5. outros artefatos de fio e/ou linha de algodão
6. artefatos de fibras e/ou outros materiais de origem ex
trativa vegetal

II) PARA O PESO: lançar o peso, em kg, considerando uma casa
decimalIII) PARA O VALOR DOS INSUMOS: lançar o valor, sem centavos, dos
insumos necessários para confeccionar uma unidade do produ-
to de que se ocupa.IV) PARA O VALOR DOS SERVIÇOS DE TERCEIROS: lançar, sem centa-
vos, o valor pago a terceiros correspondente a serviços
por unidade do produto de que se ocupa.V) PARA O TOTAL DOS CUSTOS: total de insumos mais serviços de
terceiros, se for o caso.VI) PARA O VALOR DA VENDA: lançar o valor da venda, sem centa-
vos.VII) LUCRO POR UNIDADE: diferença entre valor da venda e total
dos custos.

VIII) PARA UNIDADES PRODUZIDAS/MÊS (Fase boa e fase má, se for o caso)

CÓDIGOS PARA O CARTÃO "5"

DEMONSTRAÇÃO DAS ATIVIDADES DE LAVOURA NAS
SAFRAS 1980/1981 E 1981/1982

I) PARA O(S) PRODUTO(S) CULTIVADO(S):

1. feijão
2. milho
3. mandioca
4. arroz
5. algodão
6. mamona
7. fumo
8. outros

II) PARA A CONDIÇÃO LEGAL DA TERRA UTILIZADA (PRINCIPAL(IS) MODALIDADE(S) DE USO - CONSIDERAR ATÉ DUAS

1. própria (exclusiva)
2. própria em consórcio
3. parceria em uma só propriedade
4. parceria em mais de uma propriedade
5. arrendada em uma só propriedade
6. arrendada em mais de uma propriedade
7. cedida, sem pagar nenhum tipo de renda
8. devolutas (ocupadas) pelo próprio agricultor
9. outros

III) PARA TOTAL ÁREA UTILIZADA (1980/81 e 1981/82)

1. menos de 1 ha
2. 1 a menos de 2 ha

3. 2 a menos de 3 ha
4. 3 a menos de 5 ha
5. 5 a menos de 10 ha
6. 10 e mais ha

IV) PARA O PRINCIPAL OBJETIVO DO CULTIVO (1981/1982)

1. somente para o autoconsumo
2. para o autoconsumo e intenção de vender uma parte
3. venda

V) PARA SE CULTIVOU EM 1980/1981:

1. sim
2. não

VI) PARA COLHEITA EM 1981: lançar quantidade de kg

VII) PARA O VALOR DO KG EM JULHO/1981: lançar valor kg, sem cen-
tavos

VIII) PARA A RESIDÊNCIA DO PROPRIETÁRIO COM QUEM TENHA FEITO AR
RENDAMENTO OU PARCERIA (se foi o caso):

1. zona rural de Pedro II
2. zona rural de outro município do Piauí
3. zona rural de outra U.F.
4. zona urbana de Pedro II
5. zona urbana de Teresina
6. zona urbana de qualquer outro município, do Brasil

PESQUISA DE CAMPO - ZONA RURAL I

RELAÇÃO NOMINAL DAS LOCALIDADES VISITADAS, COM RESPEC
TIVA LOCALIZAÇÃO

| Denominações | Nº da Quadricula | Total casas | Nº casas a Pesquisar | Numeração dos Questionários |
|--------------------------|---------------------|----------------|-------------------------|-----------------------------------|
| Nazaré | 4 | 177 | 18 | 051/068 |
| Caranguejo | 7 | 022 | 02 | 069/970 |
| Mato Fino | 10 | 048 | 05 | 071/075 |
| Mato Grosso | 10 | 040 | 04 | 076/079 |
| Tribuna | 10 | 014 | 01 | 080 |
| Lagoa dos Cláudios | 10 | 170 | 17 | 081/097 |
| Escondido | 12 | 005 | 01 | 098 |
| Várzea | 12 | 017 | 02 | 099/100 |
| Coitados | 12 | 012 | 01 | 101 |
| Caiçara II | 15 | 005 | 01 | 102 |
| Canto do Urubu | 17 | 009 | 01 | 103 |
| Olho D'água dos Paulinos | 17 | 022 | 02 | 104/105 |
| Serra dos Matões | 20 | 140 | 14 | 106/119 |
| Bonsucesso | 20 | 006 | 01 | 120 |
| Santo Antonio II | 20 | 013 | 01 | 121 |
| Martins | 20 | 012 | 01 | 122 |
| Cantinho II | 20 | 016 | 02 | 125 |
| Revedor | 20 | 006 | 01 | 126 |
| Gameleira II | 20 | 014 | 01 | 126 |
| Terra Dura | 20 | 030 | 03 | 127/129 |
| Irapuã | 26 | 012 | 01 | 130 |

Cont.

| | | | | |
|-------------------|----|-----|----|---------|
| Lajeiro I | 26 | 011 | 01 | 135 |
| Lajeiro II | 29 | 025 | 03 | 136/138 |
| Aroeira I | 29 | 064 | 06 | 139/144 |
| Descoberta II | 29 | 015 | 02 | 145/146 |
| Santana | 29 | 023 | 02 | 147/148 |
| Torre | 29 | 024 | 02 | 149/150 |
| Morada Nova I | 33 | 013 | 01 | 151 |
| Lagoa do Sucuruju | 33 | 059 | 06 | 152/157 |
| Ingazeira II | 33 | 033 | 03 | 158/160 |
| Baixa dos Patis | 33 | 005 | 01 | 161 |
| Cipô I (fino) | 33 | 040 | 04 | 162/165 |
| Roça | 35 | 075 | 08 | 166/173 |
| Pajeū | 35 | 041 | 04 | 174/177 |
| Cajazeiras I | 44 | 032 | 03 | 178/180 |
| Rodrigues | 46 | 063 | 06 | 181/186 |
| Lambedor | 46 | 040 | 04 | 187/190 |
| Limão | 46 | 015 | 02 | 191/192 |
| Grota II | 46 | 015 | 02 | 193/194 |
| Araras I | 48 | 010 | 01 | 195 |
| Pé da Serra | 53 | 020 | 02 | 196/197 |
| Jitirana | 55 | 021 | 02 | 198/199 |
| Taboleiro I | 55 | 005 | 01 | 200 |
| Palmeiras | 55 | 012 | 01 | 201 |
| Bom Futuro | 64 | 005 | 01 | 202 |
| São João | 64 | 023 | 02 | 203/204 |
| Xique-Xique | 68 | 019 | 02 | 205/206 |
| Lagoa do Mato | 68 | 014 | 01 | 207 |

PESQUISA DE CAMPO - ZONA RURAL II

RELAÇÃO NOMINAL DAS LOCALIDADES VISITADAS, COM
RESPECTIVA LOCALIZAÇÃO

| Denominações | nº da Quadricula | total casa | nº casas a pesquisar | Numeração dos Questionários |
|------------------------|---------------------|---------------|-------------------------|-----------------------------------|
| Encantado I | 9 | 006 | 01 | 208 |
| Goiabeira II | 9 | 015 | 02 | 209/210 |
| Mufumbo I | 6 | 019 | 02 | 211/212 |
| Santo Antonio de Baixo | 6 | 011 | 01 | 213 |
| Santo Antonio de Cima | 14 | 027 | 03 | 214/216 |
| Esperança | 31 | 018 | 02 | 217/218 |
| Jurubeba II | 29 | 008 | 01 | 219 |
| Bom Princípio II | 52 | 018 | 02 | 220/221 |
| Capivara Velha | 51 | 025 | 03 | 222/224 |
| Carretão | 51 | 016 | 02 | 225/226 |
| Ilha | 51 | 010 | 01 | 227 |
| Santo Antonio III | 52 | 013 | 01 | 228 |
| São Gonçalo | 60 | 126 | 13 | 229/241 |
| Cacimba da Onça | 103 | 029 | 03 | 242/244 |
| Caldeirão III | 93 | 016 | 02 | 245/246 |
| Marfim | 103 | 021 | 02 | 247/248 |
| Tucuns IV | 100 | 019 | 02 | 249/250 |
| Todos os Santos | 89 | 021 | 02 | 251/252 |
| Pedro Miúda | 97 | 007 | 01 | 253 |
| Olho D'água Grande | 97 | 010 | 01 | 254 |
| Caldeirão I | 73 | 010 | 01 | 255 |
| Salina | 73 | 010 | 01 | 256 |
| Fazenda Nova | 73 | 006 | 01 | 257 |

BIBLIOGRAFIA

01. ANDRADE, Manuel Correia de. Geografia econômica do nordeste; (o espaço e a economia nordestina). 3. ed. São Paulo, Atlas, 1977.
02. _____. O Processo de ocupação do espaço regional do nordeste. 2. ed. Recife, SUDENE, 1979. (Brasil. SUDENE. Estudos regionais, 1).
03. _____. A Terra e o homem no nordeste. 4. ed. São Paulo, Ciências Humanas, 1980. (Brasil ontem e hoje, 10).
04. ARAÚJO, Tarcisio Patrício de et alii. A Pequena produção urbana, uma proposta conceitual. s. l. UFPe, 1981 (Curso de mestrado em economia, Texto para discussão, 101).
05. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, Normas ABNT sobre documentação. Rio de Janeiro, 1978.
06. BARROSO, Luiz Gonzaga. Comunicação pessoal, 1982.
07. BERNARDES, Nilo. Contribuição para uma discussão sobre problemas de habitat rural no Brasil. In: ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS, 10 São Paulo, 1958. Anais ... São Paulo, 1958.
08. BERRY Brian J. L. & BAKER, Alan M. Análise espacial. Rio de Janeiro, Instituto Panamericano de Geografia e História, s.d. (Textos básicos, 3).
09. BILAC, Elisabete Doria. Famílias de trabalhadores: estratégias de sobrevivência; a organização da vida familiar

- em uma cidade paulista. São Paulo, Símbolo, 1978. (Ensaio e memória, 9).
10. BLAY, Eva Alterman. Trabalho domesticado; a mulher na indústria paulista. São Paulo, Ática, 1978 (Ensaio, 35).
 11. CAMPELO, Francisco das Chagas. Comunicação pessoal, 1982.
 12. CAMPELO, Glauce Maria da Costa. A Atividade de confecções e a produção do Espaço em Santa Cruz do Capibaribe. Recife, UFPe, 1983 (tese).
 13. CASCUDO, Luis da Câmara. Rêde-de-dormir; uma pesquisa etnográfica. Rio de Janeiro, MEC, 1959.
 14. CAVALCANTI, Clóvis. Piauí: bolsão de miséria no nordeste do Brasil. In: BAER; Werner. Dimensão do desenvolvimento brasileiro. Rio de Janeiro, Campus, 1978.
 15. _____. Viabilidade do setor informal; a demanda de pequenos serviços no grande Recife. 2 ed. Recife, Massangana, 1983. (Estudos e Pesquisa, 11).
 16. CORRÊA, Roberto Lobato. O Espaço geográfico: algumas considerações. In: SANTOS, Milton. Novos rumos da geografia brasileira. São Paulo. HUCITEC, 1982.
 17. COSTA, Luiza Pinheiro da. Comunicação pessoal, 1982.
 18. COSTA, Tomaz Sotero. Comunicação pessoal, 1982.
 19. ECHEVARRIA; José Medina et alli. Subemprego, problema estrutural. Petrópolis, vozes, 1970. (Caminhos brasileiros, 4).
 20. FRANCO, José Patrício. O Município no Piauí; 1761 a 1961. Teresina, COMEPI, s.d.

21. FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Agrícola; Piauí e Maranhão. Rio de Janeiro, 1969 . Recenseamento Geral do Brasil, 1960, Série Regional, v. II, t. III, 2ª parte.
22. _____. Censo Demográfico; Piauí. Rio de Janeiro, 1972. Recenseamento Geral, 1970, Série Regional, v. 1, t. 6).
23. _____. Censo Agropecuário; Piauí. Rio de Janeiro, 1975. Recenseamento Geral do Brasil, 1970, Série Regional, v. III, t. VI).
24. _____. Censo Agropecuário; Piauí. Rio de Janeiro, 1979. (Censos econômicos 1975. Série Regional, v. 1, t.6).
25. _____. Censo Demográfico: dados gerais, migração, instrução, fecundidade, mortalidade; Piauí. Rio de Janeiro, 1982. (Recenseamento Geral do Brasil, 1980, 9, v.1, t.4)
26. _____. Censo Demográfico: dados distritais; Piauí. Rio de Janeiro, 1982. (Recenseamento Geral do Brasil. 1980, 9 v. 1, t. 3).
27. _____. Censo Agropecuário; Piauí. Rio de Janeiro, 1983. Recenseamento Geral do Brasil 1980. v. 2, t. 3).
28. _____. Censo Comercial; Piauí. Rio de Janeiro, 1984. (Recenseamento Geral do Brasil, 1980. v. 4, nº 8).
29. _____. Censo Industrial; Piauí. Rio de Janeiro, 1984. (Recenseamento Geral do Brasil, 1980). v. 3, t. 2, parte 1, nº 8).
30. _____. Censo dos Serviços; Piauí. Rio de Janeiro, 1984 . (Recenseamento Geral do Brasil, 1980. v. 5, nº 8).

31. FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. 15 ed. São Paulo, Nacional, 1977.
32. GUIMARÃES NETO, Leonardo et. alii. Considerações sobre pro-
posições de política para a "pequena produção urbana" na
região metropolitana do Recife" o.n.t. (fotocópia).
33. HAGUETTE, Teresa Maria Frota. O Mito das estratégias de
sobrevivência; um estudo sobre o trabalhador urbano e
sua família. Fortaleza, UFC, 1982.
34. HOLANDA, Sérgio Buarque. Redes e redeiras, In: - Caminhos
e fronteiras. 2. ed. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1971.
cap. 3.
35. HUBERMAN, Leo. História da riqueza do homem. 11. ed. Rio
de Janeiro, Zahar, 1976.
36. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo De-
mográfico, Censos Econômicos; Piauí. Rio de Janeiro ,
1951, (Recenseamento Geral do Brasil, 1940. Série Regio-
nal, parte V).
37. _____. Censos Demográfico e Econômicos; Piauí. Rio de Ja-
neiro, 1956. (Recenseamento Geral do Brasil, 1950. Série
Regional, V. XIII).
38. INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. Revi-
são Geral dos Cadastros - recadastramento - 78; Pedro
II-PI. Brasília, 1977.
39. KATZ, Frederico Jayme. A Sobrevivência das micro-empresas:-
o grande Recife como exemplo. Recife, UFPe, 1980 (tese).
40. KELLER, Elza Coelho de Souza. Estado atual dos conhecimen-

- tos sobre o "habitat" rural no Brasil. In: ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS, 10, São Paulo, 1958. Anais... São Paulo, 1958.
41. KOWARICK, Lúcio. Capitalismo e marginalidade na América Latina. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
42. LANGE, Oskar. Economia política. Lisboa, Prelo, 1979. c.l. (Biblioteca de economia, 30).
43. LIMA, Antonio Aquilino de Macedo & AZEVEDO, Ivanildo Mendes de. O Artesanato nordestino: características e problemática atual. Fortaleza, BNB, 192. (Estudos Econômicos e Sociais, 14).
44. LIMA, Heitor Ferreira. História político-econômica e industrial do Brasil. São Paulo, Nacional, 1973.
45. LIMA SOBRINHO, Barbosa. O Devassamento do Piauí. São Paulo, Nacional, 1946.
46. LOPES, Juarez Rubens Brandão. Desenvolvimento e mudança social: formação da sociedade urbano-industrial no Brasil. 3. ed. São Paulo, Nacional, 1976.
47. MARX, Karl. Formações econômicas pré-capitalistas. 3. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
48. _____. Processo de trabalho e processo de produzir mais valia. In: O Capital. 8 ed. São Paulo, Difel, 1982. cap. 5. p. 201-23.
49. MARTINS, José de Souza. O Cativo da terra. 2. ed. São Paulo, Ciências Humanas, 1981. (Brasil ontem e hoje, 6).
50. MELO, Mário Lacerda de. Aspectos do "habitat" rural no nor

deste do Brasil. In: ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS, 10. São Paulo, 1958. Anais ... São Paulo, 1958.

51. _____. Regionalização agrária do nordeste. Recife, SUDENE, 1978. (Brasil, SUDENE. Estudos regionais, 3).
52. _____. O Meio-norte. Recife, SUDENE, 1983 (Brasil. SUDENE. Estudos Regionais, 9).
53. MOURA, Hêlio Augusto de. Nordeste: migrações inter e intra-regionais. 1960/1970. Recife, SUDENE, 1975.
54. OLIVEIRA, Francisco de. Elegia para uma re(li)gião; SUDENE, Nordeste. Planejamento e conflitos de classes. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
55. _____. A Economia brasileira: crítica à razão dualista. 4. ed. Petrópolis, Vozes, 1981.
56. PENA, Maria Valéria Junho. Mulheres e trabalhadoras; presença feminina na constituição do sistema fabril. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981 (o mundo de hoje, 40).
57. PIAUÍ. Secretaria da Província. Notícia sobre as comarcas da província do Piauhy na conformidade dos avisos do Ministério da Justiça de 28 de setembro de 1883 a 14 de outubro de 1884 (manuscrito).
58. PRADO JÚNIOR, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo; colônia. 15 ed. São Paulo, Brasiliense, 1977.
59. PRANDI, José Reginaldo. O trabalhador por conta própria sob o capital. São Paulo, Símbolo, 1977 (Ensaio e memória, 14).
60. ROCHA, José Bolívar Vieira da. Manufatura de redes de dormir

um estudo de caso sobre a evolução das relações de produção capitalistas no nordeste. s.l. UNB. 1979 (tese).

61. SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. A Mulher na sociedade de classes: mito e realidade. Petrópolis, Vozes, 1976.
62. _____. O Trabalho feminino sob o capitalismo dependente: opressão e discriminação. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 1, Campos do Jordão, 1978, Anais... Campus do Jordão, 1978.
63. SANTANA, R. N. Monteiro de. Evolução histórica da economia piauiense. Teresina, Cultura, 1964.
64. SANTOS, Maria Francisca dos. Comunicação Pessoal, 1982.
65. SANTOS, Milton. Por uma geografia nova; da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo, HÚCITEC, 1978.
66. _____. O Espaço dividido; os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1979.
67. _____. Espaço e sociedade; ensaios. Petrópolis, Vozes, 1979.
68. SCHMITZ, Humbert. Emprego fabril e domiciliar no ramo de redes de Fortaleza. s.l. 1979. (Projeto de Planejamento de Recursos Humanos. Relatório técnico, 44).
69. _____. Restrições ao crescimento de indústrias de pequena escala nos países em desenvolvimento; uma revisão crítica. Pesquisa e Planejamento Econômico. Rio de Janeiro 12(1): 149-205, abr. 1982.
70. SILVA, João Campelo da. Comunicação pessoal, 1982.

71. SINGER, Paul Israel. Economia política do trabalho; elementos para uma análise histórico-estrutural do emprego e da força de trabalho no desenvolvimento capitalista . São Paulo, HUCITEC, 1977.
72. SOARES, Lúcio de Castro. Um tipo de "habitat" rural no litoral paraense. In: ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS, 10, São Paulo, 1958. Anais ... São Paulo, 1958.
73. SOUZA, Aldemir do Vale & ARAÚJO, Tarcísio Patrício de. As Atividades de microunidades de produção ao espaço urbano: um estudo na região metropolitana de Recife, PE, R. Adm. Emp., Rio de Janeiro 22 (4): 58-71, out./dez. 1982.
74. SOUZA, Francisca Maria de. Comunicação pessoal, 1982.
75. STEIN, Stanley J. Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil - 1850/1950. Rio de Janeiro, Campus, 1979.
76. TABUETAU, Michel. Considerações sobre o estudo do "habitat" rural no Brasil. In: ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS, 10, São Paulo, 1958. Anais ... São Paulo, 1958.

